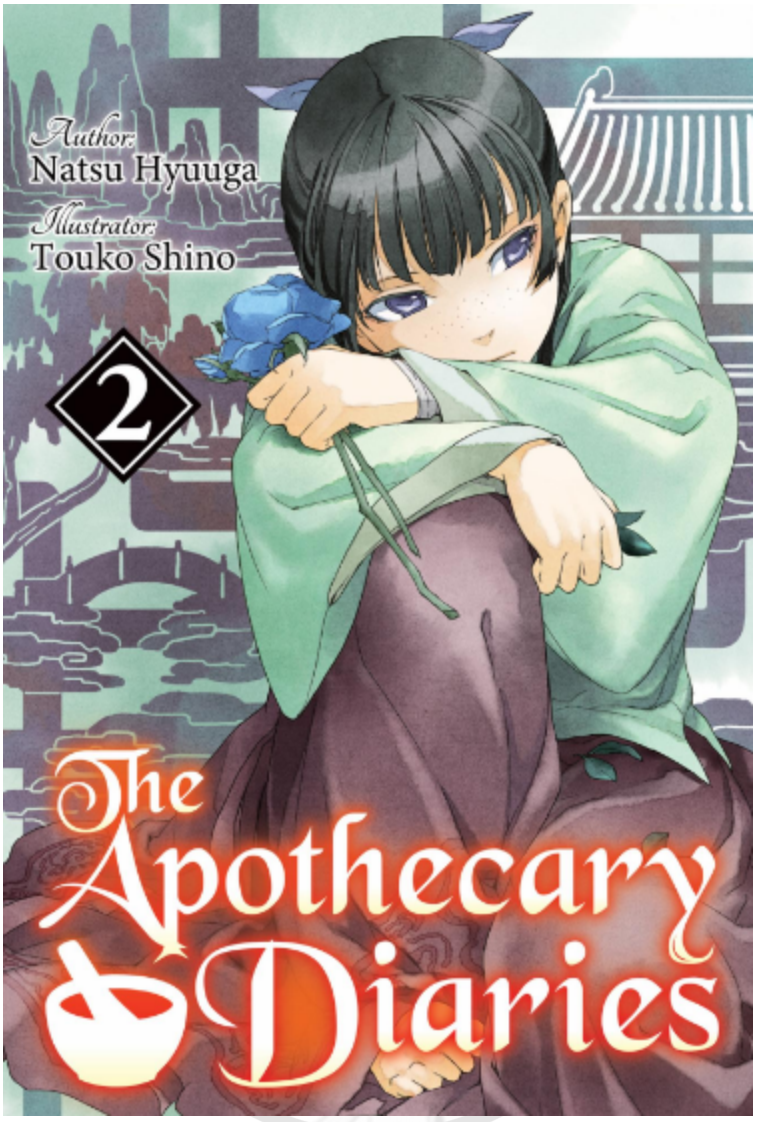
Olá, fãs de Kusuriya no Hitorigoto! Aqui é a página JinMao Diaries (https://x.com/jinmaok?s=20). Estamos com um projeto de traduzir todas as 10 novels da obra disponíveis no J novel para o português! E aqui começamos o projeto oficialmente.

Algumas considerações extremamente importantes:

- A novel foi traduzida pelo próprio dispositivo do google docs, mas foi revisada do inglês para o português **4 VEZES.** O docs traduziu o bruto, mas lemos a novel nos dois idiomas para ajustar a precisão da tradução;
- Caso tenha algum erro nos avisem na DM do twitter;
- Não considerem como tradução oficial, ela foi feita de fã para fã;
- Aproveitem!

Com carinho, JinMao Diaries!



Demitida do palácio interno, Maomao retorna ao serviço na corte externa, como serva pessoal de ninguém menos que Jinshi! Isso não a torna necessariamente popular entre as outras mulheres, mas um pouco de ciúme pode ser o menor dos seus problemas. Um misterioso incêndio em um armazém, um funcionário com um caso muito grave de intoxicação alimentar e o misterioso último testamento de um artesão falecido exigem sua atenção; mas serão esses casos realmente separados ou compartilham uma conexão preocupante? Depois, há o misterioso militar que visita Jinshi continuamente. Ele é estranho, talvez até um pouco distorcido... e parece muito interessado em Maomao.

The Apothecary Diaries

Introduction

She's On the Case!

The Apothecary Diaries: a simple story of a young girl, a food taster in a medieval palace who can solve the most perplexing mysteries. People loved it, and so comes this second volume.

In the last book, our heroine, Maomao, was let go from service in the rear palace. Now, though, she finds somewhere new to belong and gets back to solving cases. We're dialing the thrills up 300%—along with Maomao's Tsundere Ratio!

That's to say nothing of her relationship with the gorgeous eunuch Jinshi, which—well, let's just say you'll find yourself flipping the pages of this hotly anticipated second act as fast as you can!

Prólogo

"Você está falando sério?" Jinshi perguntou. À sua frente, um homem estava reclinado num sofá. Um governante de meia-idade com uma barba prodigiosa, que agora assentia lentamente.

Eles estavam em um pavilhão específico no pátio externo. Pequeno, mas com excelente visibilidade; um rato não poderia ter entrado sem que eles vissem. O governante recostou-se em seu sofá enfeitado de marfim e derramou vinho de uva em um recipiente de vidro. Embora estivesse sentado com o personagem mais augusto do país, Jinshi também estava bastante à vontade. Pelo menos, até um momento atrás.
O imperador coçou a barba e sorriu. Seria rude da parte de Jinshi sugerir que não gostou? Mas a barba ficava muito bem em Sua Majestade. Jinshi não poderia vencê-lo no departamento de pelos faciais.

“Então, o que você vai fazer agora, ó zelador do nosso jardim de lindas flores?”

Não querendo morder a isca de Sua Majestade, Jinshi conteve um sorriso irônico, em vez disso ofereceu um como o de uma ninfa celestial; uma expressão que poderia ter derretido qualquer coração que ele escolhesse. Pode não parecer muito humilde, mas Jinshi estava confiante em sua própria aparência, pelo menos em outra coisa.

Que grande ironia, então, é que a única coisa que ele realmente queria, ele não conseguiu. Não importa o quanto ele se esforçasse, suas aptidões não eram nada além do comum. No entanto, externamente, se não de outra forma, ele era absolutamente excepcional.

Sempre costumavam comer nele, mas ele passou a aceitá-los. Se sua inteligência e destreza física fossem irremediavelmente medianas, então ele faria tudo o que pudesse com a única vantagem que possuía. Assim, ele se tornou o lindo superintendente do palácio interno. Sua aparência, sua voz, pareciam doces demais para serem de qualquer homem, e ele as empregaria ao máximo.

“O que você desejar, senhor.” Jinshi, com um sorriso ao mesmo tempo gracioso e determinado, curvou-se diante do imperador.

O imperador tomou um gole de vinho e sorriu de uma forma que convidou Jinshi a fazer o seu pior. Jinshi sabia muito bem que não passava de uma criança. Uma criança dançando na grande palma da mão do imperador. Mas ele faria isso. Ah, sim, ele faria. Ele atenderia até mesmo aos desejos mais ultrajantes de Sua Majestade. Esse era o dever de Jinshi, bem como a sua aposta com o imperador.

Ele tinha que ganhar aquela aposta. Era a única maneira de Jinshi escolher seu próprio caminho. Talvez existissem outras maneiras. Mas um homem de inteligência comum como Jinshi não poderia imaginá-los.

Assim ele escolheu o caminho que agora seguia.

Jinshi levou a xícara aos lábios e sentiu o vinho doce da fruta molhar sua garganta, o sorriso celestial nunca escapando de seu rosto.

○●○

"Você vai aqui. Pegue isso e isso... ah, e você vai precisar de um desses.”

Maomao estremeceu com todas as coisas que realmente vieram voando em sua direção. Quem jogou o rouge (blush), o pó branqueador e as roupas em sua direção foi a cortesã Meimei. Elas estavam no quarto dela na Casa Verdigris.

"Mana, não preciso de nada disso", disse Maomao, pegando os cosméticos um por um e devolvendo-os às diversas prateleiras.

"É divertido, não faz isso", disse Meimei, exasperada. **"Todo mundo lá terá coisas ainda melhores do que isso. O mínimo que você pode fazer é tentar parecer decente."**

"Só as cortesãs preparam isso para ir trabalhar."

Maomao tinha apenas desviado o olhar, desejando em particular poder ir misturar as ervas que colhera no dia anterior, quando um maço de tiras de madeira para escrever veio voando em sua direção. Sua estimada irmã mais velha era solícita, mas às vezes mal-humorada. **"Você finalmente consegue um emprego que vale a pena ter e nem tenta agir como se pertencesse a esse lugar? Ouça, o mundo está cheio de pessoas que matariam para estar no seu lugar. Se você não for grato pelo que tem, sua clientela arduamente conquistada acabará com você!"**

"Ah, muito bem..." disse Maomao. Quer seja administrada pela senhora ou por Meimei, a educação na Casa Verdigris pode ser um pouco difícil. Mas havia verdade no que ela disse.

Maomao pegou as tiras de escrita com um pouco de mau humor. A madeira estava escura onde havia sido escrito e depois apagado repetidas vezes; atualmente, trazia a letra de uma canção, escrita com caligrafia delicada. Meimei tinha idade suficiente para pensar em se aposentar do trabalho de cortesã, mas sua inteligência fez com que sua popularidade continuasse a florescer. Ela poderia escrever canções, jogar Go e Shogi e, assim, entreter sua clientela. Ela era uma daquelas cortesãs que vendia não só o corpo como as suas realizações.

"Você tem um ótimo emprego agora. Economize todo o dinheiro que puder ganhar." A mulher que arremessava madeira de um momento atrás havia desaparecido, substituída pela doce e carinhosa irmã mais velha de Maomao. Ela

acariciou a bochecha de Maomao com a mão bem cuidada, colocando alguns cabelos soltos atrás da orelha.

Dez meses antes, Maomao havia sido sequestrada e vendida como empregada doméstica para o palácio interno. Nunca, em seus sonhos mais loucos, ela imaginou que, depois de retornar com sucesso ao distrito do prazer, voltaria a trabalhar lá. Para aqueles ao seu redor, deve ter parecido uma oportunidade única na vida. Daí o olhar severo nos olhos de Meimei.

"Sim, mana", Maomao disse obedientemente depois de um momento, e Meimei sorriu com seu sorriso gracioso de cortesã.

"Espero que você ganhe mais do que apenas dinheiro. Faça um bom par com um bom homem também, hein? Deve haver muitos deles cheios de dinheiro lá. Ah, e eu ficaria feliz se você trouxesse alguns deles para serem meus clientes." O sorriso desta vez não foi tão gracioso; havia um elemento distinto de cálculo frio nisso. Sua irmã mais velha, sorridente, parecia um pouco com a velha senhora que administrava o lugar, refletiu Maomao. Uma garota tinha que cuidar de si mesma para sobreviver nesse ramo de trabalho.

No final das contas, Maomao foi mandada embora com uma grande trouxa repleta de roupas e cosméticos. Ela voltou para sua casa simples, tropeçando sob o peso.

O dia em que o lindo nobre apareceu no distrito dos prazeres, duas semanas após a partida de Maomao do palácio interno, ainda estava fresco em sua memória. O eunuco, com suas inclinações muito particulares, tinha, felizmente, ouvido as palavras que Maomao dissera meio em tom de brincadeira e as levou a sério. Ele confrontou a senhora com dinheiro mais que suficiente para cobrir as dívidas de Maomao e ainda teve a decência de trazer de presente uma erva medicinal rara. Não demorou nem trinta minutos para carimbar o contrato.

Foi assim que Maomao retomou o seu emprego naquele mais renomado dos locais de trabalho. Ela estava um pouco relutante em deixar o pai novamente para ir viver no seu local de trabalho, mas as condições impostas pelo seu novo contrato eram, tanto quanto ela sabia, muito mais brandas do que antes. Além disso, desta vez, ela não estaria simplesmente desaparecendo sem deixar rastros. Seu pai disse a ela

com um sorriso gentil para fazer o que ela desejasse, mas então seu rosto escureceu brevemente quando ele olhou para o contrato dela. O que isso significava?

"Parece que eles foram muito generosos", observou o pai de Maomao, com um grande pote de ervas medicinais fervendo nas proximidades. Maomao finalmente largou a trouxa coberta de pano e esticou os ombros. A casa em ruínas era tão arejada que fazia frio mesmo com a lareira acesa, e ela e o pai usavam várias camadas de roupa. Ela o pegou esfregando o joelho, um sinal claro de que seu antigo ferimento estava doendo.

"Não posso levar muito comigo", disse Maomao, olhando para a carga que já havia preparado. *O almofariz e o pilão são essenciais e não posso ficar sem meu caderno. E estou um pouco preocupada de me livrar de mais roupas íntimas...*

Enquanto Maomao franzia a testa e resmungava, o pai tirou a panela do fogo e se aproximou. **"Minha Maomao, não tenho certeza se você pode levar isso com você"**, disse ele, e arrancou o almofariz e o pilão da trouxa, ganhando um olhar furioso. **"Você não é médica. Tente levá-los e eles poderão descobrir que você está planejando envenenar alguém. Vamos lá, não me olhe assim. Você tomou essa decisão e não pode voltar atrás agora."**

"Temos certeza disso?" Maomao caiu no chão de terra. Seu pai deduziu rapidamente o que ela realmente estava tentando dizer.

"Tudo bem agora, termine seus preparativos e depois vá para a cama. Você pode pedir a eles que lhe forneçam suas ferramentas, com o tempo. Seria rude não se concentrar no trabalho, pelo menos no primeiro dia."

"Sim, tudo bem..." Maomao devolveu a contragosto os instrumentos do apotecário à prateleira, depois pegou alguns dos presentes de despedida mais úteis que havia recebido e os colocou em sua mala. Ela fez uma careta para o pó clareador e a concha cheia de blush, mas acabou incluindo o último, que não ocupava muito espaço. Entre os presentes estava uma excelente jaqueta acolchoada de algodão. Talvez elas tenham aproveitado a oportunidade para dar a ela algo que um cliente havia esquecido; certamente não se parecia com nada que uma cortesã usaria.

Maomao observou o pai guardar a panela e colocar lenha no fogo. Depois foi mancando até a cama, uma simples esteira de junco, e deitou-se. Sua roupa de cama consistia apenas em outra esteira e um pobre manto externo.

“Quando você terminar, apagarei a luz”, disse ele, aproximando a lamparina de óleo de peixe. Maomao arrumou o resto de suas coisas e foi se aconchegar na cama do outro lado do quarto. Porém, ela foi apanhada por uma ideia passageira e arrastou o colchão de dormir até perto do pai.

“Bem, já faz um tempo desde que você fez isso. Achei que você não era mais uma criança.”

“Não, mas eu estou com frio." Foi um pouco óbvio o modo como Maomao desviou os olhos? Ela tinha, lembrou, cerca de dez anos quando começou a dormir sozinha. Já se passaram anos. Ela enfiou a nova jaqueta de algodão entre ela e o pai e deixou os olhos se fecharem. Ela rolou para o lado e curvou as costas, assumindo uma posição fetal.

“Ah, vai ser solitário por aqui de novo”, disse o pai calmamente.

“Não precisa ser. Desta vez posso voltar para casa quando quiser.” O tom de Maomao foi curto, mas ela não pôde deixar de notar o calor do braço do pai em suas costas.

"Sim claro. Volte a qualquer hora.” Uma mão bagunçou seu cabelo. Pai, ela o chamava, pai, papai, mas sua aparência era mais próxima da de um velho, e todos concordavam que seus modos eram maternais.

Maomao não tinha mãe. Não como tal. Mas ela tinha o pai que cuidava dela, a velha senhora queixosa e as irmãs mais velhas, sempre vivas.

E posso voltar e vê-los sempre que quiser. Ela podia sentir o calor da mão do pai, murcha como um galho velho, ainda acariciando seus cabelos enquanto sua respiração entrava no ritmo constante e uniforme do sono.

Capítulo 1: Servindo no Pátio Externo

“Tive a clara impressão de que voltaria para o palácio interno.” Maomao se viu vestindo uma roupa de algodão. Quando ela se lembrou do vestido rústico de cânhamo que lhe foi atribuído como empregada doméstica no palácio interno, ele lhe pareceu terrivelmente suntuoso.

“Você foi dispensada, infelizmente. Você não pode voltar atrás. Não, é aqui que você trabalhará de agora em diante.” Mostrando-lhe o palácio estava o assessor de Jinshi, Gaoshun, que a instruía sobre os nomes dos vários edifícios e dos escritórios que residiam neles. Dado o tamanho do palácio propriamente dito, seria um passeio estonteante.

O palácio interno fazia parte do pátio interno, onde residia a família imperial. Seu local de trabalho agora, porém, seria o pátio externo. Em suma, o mesmo lugar que todos os muitos funcionários que ocupavam todos os diversos órgãos administrativos.

“Ao leste daqui você encontrará muitos soldados e tipos militares, então eu sugeriria ficar longe.”

Maomao assentiu enquanto olhava para as plantas próximas. *Eu sabia. Há muito mais ingredientes crescendo no palácio interno.* Ela suspeitava que foi seu pai, Luomen, quem plantou uma grande variedade de ervas úteis durante seu mandato ali. Isso explicaria a profusão de plantas medicinais num espaço que de outra forma seria limitado.

Enquanto caminhavam, Gaoshun explicando isso, aquilo e outra coisa, Maomao sentiu um formigamento peculiar no pescoço. Ela lançou um olhar para trás e descobriu algumas das mulheres que serviam no pátio externo olhando para ela. Ou, mais propriamente, fuzilando ela.

Assim como há coisas entre os homens que só outros homens entendem, há certas coisas para as quais só as mulheres partilham um sentido. Os homens têm tendência a resolver as suas diferenças fisicamente, enquanto as mulheres

recorrem frequentemente a meios emocionais. Essas mulheres pareciam estar avaliando a recém-chegada.

Não gosto nem um pouco disso, Maomao pensou. Ela mostrou a língua para as outras mulheres e depois correu atrás de Gaoshun em direção ao próximo prédio.

Acontece que os deveres de Maomao no pátio externo seriam praticamente os mesmos que ela desempenhava no palácio interno: limpar os quartos que lhe mandassem limpar e realizar estranhas e pequenas tarefas quando e como lhe fosse instruída a fazê-la. Jinshi, ela concluiu, tinha planos maiores para ela, mas nunca teve a chance de implementá-los: Maomao falhou no teste.

"Como você pode ter falhado?!"

Por que eu deveria ter passado?

Jinshi e Gaoshun ficaram atordoados. Aparentemente, eles simplesmente presumiram que Maomao teria sucesso. Tendo sido criada no distrito da prostituição, Maomao sabia ler e escrever e recebeu pelo menos uma educação básica em cantar e tocar *erhu**. A prova em questão não era tão difícil quanto os concursos para o serviço público, então eles pareciam ter percebido que com um pouco de estudo ela passaria facilmente.

Nossa, desculpe-me por não corresponder às suas expectativas, Maomao pensou enquanto limpava com raiva o caixilho de uma janela. Ela estava no corredor do escritório de Jinshi. A arquitetura era mais simples do que a exposta no palácio interno, embora o edifício fosse talvez um pouco mais alto. As paredes laqueadas em vermelho-escarlate eram de um vermelho brilhante, evidentemente renovadas a cada ano.

A verdade é que Maomao não gostava de estudar e provavelmente era menos hábil do que a média em lembrar coisas que não lhe interessavam. Drogas, ervas e remédios eram uma coisa, mas por que alguém se daria ao trabalho de aprender história? Que bem isso lhes faria? E quanto à lei, ela mudava constantemente. Qual foi o sentido de memorizá-las? Maomao, infelizmente, foi incapaz de investir muito esforço nesse sentido. Era natural que ela falhasse no teste.

Ela, pelo menos, tinha aberto os materiais que lhe foram dados para estudar com toda a intenção de lê-los completamente, mas, assim que percebeu, já era de manhã. Isso aconteceu várias vezes seguidas. Então Maomao consolou-se com o fato de o resultado ter sido inevitável. Ela assentiu concordando com sua própria conclusão.

Não esperava que este lugar fosse tão sujo.

Por um lado, um espaço tão grande tinha muitos lugares de difícil acesso e fáceis de passar despercebido, mas, por outro lado, Maomao não deixou de suspeitar que pode ter havido um pouco de negligência envolvida. As mulheres que serviam aqui conquistavam seu lugar através do teste, muito diferentemente das criadas recrutadas, vendidas ou roubadas para servir no palácio interno. As mulheres daqui tinham família e educação, e o orgulho de acompanhá-las. Elas provavelmente viam o trabalho das empregadas domésticas como inferior a elas. Mesmo que notassem alguma poeira, era improvável que levantassem um dedo para fazer algo a respeito.

Para ser justa, não é o trabalho delas, pensou ela.

As damas da corte externa eram como secretárias. A limpeza certamente não fazia parte do seu portfólio e não havia necessidade de fazê-lo. Mas isso não significa que não deveria. O governo deixou de possuir escravos durante o tempo do antigo imperador, e os burocratas começaram a contratar criados e criadas para realizar tarefas diversas.

Maomao era agora uma criada, servindo diretamente sob o comando de Jinshi.

Na experiência de Maomao, as mulheres que serviam no palácio interno eram amplamente referidas como mulheres do palácio, enquanto aquelas que trabalhavam no pátio exterior eram frequentemente chamadas de damas da corte. Ela poderia ou não estar certa sobre isso, mas era uma distinção que Jinshi e outros como ele pareciam observar quando conversavam.

Certo, e agora? Ela virou em direção ao escritório de Jinshi. O quarto era grande, mas não luxuoso; na verdade, era bastante simples. Seu principal ocupante era um

homem ocupado; depois que saía do escritório, raramente voltava rapidamente. Isso facilitou a limpeza para Maomao, mas havia um problema.

“Com licença, mas o que exatamente você pensa que está fazendo?”

Ela percebeu que várias senhoras desconhecidas a cercaram. Todas eram maiores que Maomao; uma delas era pelo menos uma cabeça mais alta que ela.

Quanto melhor comem, maiores ficam, Maomao pensou, seu olhar inconscientemente avaliando a altura e o busto das meninas. Aquele que falou com ela era visivelmente alta, o que implica uma excelente educação.

"Você está me ouvindo?", a mulher exigiu enquanto Maomao alimentava esses pensamentos um tanto desagradáveis.

Em uma palavra, as senhoras ficaram chateadas porque Maomao estava servindo pessoalmente Jinshi; elas queriam saber por que ela deveria ter recebido tal privilégio. Infelizmente, ela não estava a par do funcionamento interno da mente de Jinshi; ela só sabia que ele a havia contratado. Se Maomao fosse uma nobre estrangeira bem relacionada como Gyokuyou, ou se fosse tão exuberante quanto Lihua ou tão sedutora quanto Pairin, ninguém teria objeções, nem teriam razões para isso. Mas Maomao parecia nada mais do que uma franga magricela e sardenta. As meninas não aguentaram. Elas ficaram loucas ao ver Maomao ao lado do lindo eunuco; elas teriam dado qualquer coisa para trocar de lugar com ela.

Hum, Maomao pensou, *o que fazer agora?* Ela não era exatamente a pessoa mais rápida para falar; muitas vezes, na verdade, ela pensaria bastante, mas acabaria mantendo a boca fechada. No entanto, o silêncio parecia provavelmente irritar essas senhoras tanto quanto qualquer coisa que Maomao pudesse dizer.

Ela decidiu ir direto ao assunto. **"Eu entendi corretamente que o que você está dizendo é que está com ciúmes de mim?"** Foi mais do que suficiente para irritar as mulheres. Foi só depois de levar um tapa na bochecha que Maomao começou a refletir que talvez ela tivesse escolhido as palavras erradas.

Havia cinco mulheres ao seu redor e Maomao esperava evitar que elas a matassem imediatamente. Mas elas a conduziram inexoravelmente para um canto escuro do corredor. Ela não tinha muito a perder neste momento, então Maomao decidiu ver se ela conseguia sair dessa situação. **“Você não pode pensar que estou recebendo tratamento especial de alguma forma, né?”**

Os rostos das senhoras distorceram-se ainda mais. Maomao continuou falando antes de sofrer outro golpe. **“Isso é um absurdo e todos nós sabemos disso. O que uma moça desagradável como eu poderia ter a ver com alguém que poderia muito bem ser uma das ninfas celestiais encarnadas?”** Ela olhou para o chão enquanto falava, mas a leve contração das bochechas das mulheres não passou despercebida. *Isso pode funcionar*, ela pensou. **“Esse homem nobre que você tanto deseja é uma pessoa de tão mau gosto? Quando carne de javali e abalone fino são colocados diante deles, quem desejaria deliberadamente roer um osso de galinha descartado? Seria necessário possuir tendências muito específicas.”**

Essas últimas palavras provocaram outro tremor nas mulheres.

“Eu mesmo não saberia, mas você acredita que alguém de tanta beleza, com seu sorriso etéreo, possuiria tais tendências? Eu entendi, então as tendências dele são-"

“N-Nada disso! Isso é ridículo!"

“Sim, ridículo!”

Houve um rebuliço geral entre as mulheres. Maomao pensou que ela havia escapado por um triz, mas uma das mulheres a observava com ceticismo. **“No entanto, nada disso muda o fato de você ter sido contratado, não é verdade?”.** A mulher relativamente calma disse. Ela era a mais alta delas, com o rosto calmo e sereno. Agora que Maomao pensou sobre isso, ela percebeu que essa mulher permaneceu desligada durante toda a discussão anterior. Tal como as outras mulheres, ela deu meio passo para trás, mas continuou a observar Maomao de perto. Ela parecia o tipo que seguiria uma multidão só para ver aonde ela ia, embora ela mesma não fizesse parte dela.

Bem, se isso não for suficiente para afastá-las... Maomao pensou e então disse: **"Este é o motivo".** Ela levantou o braço esquerdo e abaixou a manga. Então ela começou a desembrulhar a bandagem que ia do pulso até o cotovelo.

"Eca!", gritou uma das mulheres, e todas olharam para ela, sem palavras. Cicatrizes cruéis cobriram a pele de Maomao.

Esses experimentos com queimaduras que fiz recentemente também deixaram algumas boas e desagradáveis, Maomao pensou. As jovens aristocráticas devem ter ficado enojadas.

"O coração desse belíssimo objeto de seus afetos é tão celestial e puro quanto seu sorriso. Posso atestar isso, pois ele deu comida e comida até mesmo para alguém como eu." Maomao enrolou novamente o curativo enquanto falava. Ela teve o cuidado de acentuar seus comentários com um olhar recatado para o chão e um leve tremor de corpo.

"Vamos sair daqui", disse uma das mulheres. Completamente isentos de qualquer interesse em Maomao, elas partiram imediatamente. A mais alta olhou para ela, mas logo também desapareceu.

Pronto. Finalmente acabou, pensou Maomao consigo mesma. Ela estalou as juntas do pescoço e pegou novamente seu pano de limpeza. No momento em que estava prestes a procurar o próximo lugar que precisava de limpeza, ela notou um eunuco deslumbrante, com a cabeça pressionada contra a parede.

"Posso perguntar o que você está fazendo, Mestre Jinshi?"

"Nada. E você, elas estão sempre atrás de você? Esses tipos? Diga, você estava segurando o braço esquerdo?"

"Está tudo bem. Francamente, elas são menos problemáticas do que as garotas do palácio interno. Aliás, se posso perguntar, por que você está assim?"

Maomao ignorou a pergunta sobre seu braço. Parecia que Jinshi não conseguira ver tudo do seu ponto de vista. A posição que ele adotara não era particularmente

adequada para a nobreza, pensou Maomao. A julgar pela forma como ele segurava a cabeça entre as mãos, Gaoshun, atrás de Jinshi, parecia concordar.

"Se não se importa, cuidarei da minha limpeza, senhor." Com Jinshi de volta, não seria possível limpar o escritório. Ela teria que encontrar outro lugar que precisasse tirar o pó. Maomao saiu com seu pano e um balde, mas atrás dela ouviu Jinshi murmurar: **"Tendências..."**

Acho que não disse nada de errado, Maomao disse a si mesma. Mesmo que Jinshi tivesse testemunhado os últimos momentos daquele confronto, ela não via motivo especial para ele ficar chateado. Em vez disso, ela se concentrou na limpeza.

Não há muito por aqui no inverno, não é?

Sentada de pernas cruzadas em seu quarto, Maomao cruzou os braços sobre o peito e grunhiu para si mesma. Ela havia roubado um momento aqui e ali entre os trabalhos durante a tarde para coletar algumas ervas, mas as colheitas eram escassas e ela ainda não tinha o suficiente para trabalhar adequadamente. Sem muita escolha, ela simplesmente as limpou, enxugou o máximo de água que pôde e depois os pendurou na parede do quarto para secar. Ela vinha fazendo isso desde que chegou ao pátio externo, e o quarto de Maomao se transformou em um espetáculo e tanto de se ver. Ervas secas estavam penduradas por toda parte.

Ela havia sido designada para um quarto relativamente agradável para os aposentos de uma empregada doméstica, mas não havia como evitar o fato de que ainda era um pouco apertado. Na verdade, não é maior que seus aposentos no palácio interno. A diferença era que no Palácio de Jade ela pôde pedir permissão para usar a cozinha e, combinado com a abundância de recursos disponíveis, produzir suas misturas foi uma questão simples, tudo isso aliviou o tamanho do problema de suas acomodações.

O *que fazer*, *o que fazer*? Maomao olhou para o baú de *vime*** onde tinha colocado cuidadosamente o cofre de paulownia (árvore). Dentro do cofre, selado com um cordão de seda, estava a erva que crescia a partir de um inseto. Chamava-se dong chong xia cao, verme de inverno, erva de verão, às vezes também conhecido como fungo de lagarta, e Jinshi o trouxera consigo junto com o dinheiro quando veio para

o distrito de prazer. A simples visão disso havia induzido Maomao a assinar o contrato sem mais reflexão, mas agora ela se perguntava se não teria se vendido barato demais. No entanto, ela nunca poderia ter resistido ao desejo por essa erva misteriosa.

Ela abriu a tampa e olhou para o fungo dentro, e um sorriso inconsciente se espalhou por seu rosto. Tornou-se um sorriso e suas bochechas realmente começaram a se contorcer.

Não, não, devo parar. No dia anterior, ela deixou a contração se transformar em um latido tão forte que seus vizinhos, dois quartos adiante, bateram em sua porta para protestar. Aparentemente você não deveria gritar no meio da noite. Supostamente, as pessoas estavam tentando dormir ou algo assim.

Maomao pressionou os dedos nas bochechas para relaxar o sorriso e deitou-se na cama. O trabalho de serva começava cedo, antes mesmo do galo cantar. A pessoa a quem ela servia poderia estar com falta de alguma coisa muito importante, mas ele ainda era lindo e de alta posição. Não se deve desagradá-lo.

Maomao puxou o lençol fino junto com várias camadas de roupas externas que serviam de roupa de cama e fechou os olhos.

"O seu quarto atual não é um pouco pequeno?". O lindo eunuco perguntou durante o café da manhã.

Maomao piscou e respondeu: **"Atrevo-me a dizer que é mais do que generoso para uma serva como eu".** Até ela entendeu que dificilmente poderia expressar seus verdadeiros sentimentos. ("*Sim, é pequeno. Se possível, gostaria de solicitar um quarto com uma lareira generosa, localizado junto a um poço.*")

"É isso que você quer dizer?"

Desta vez ela simplesmente não disse nada.

O eunuco tinha acabado de acordar e ainda não estava totalmente preparado para o dia enquanto desfrutava do café da manhã. Seu cabelo despenteado estava preso com uma gravata simples. Foi um pouco problemático o quão chamativo parecia.

Gaoshun estava na sala junto com Maomao, assim como uma dama de companhia no início da velhice. Eles eram os únicos permitidos aqui e Maomao entendia por quê. Uma mulher pode enlouquecer de luxúria com o que Maomao estava vendo naquele momento, e até um homem pode esquecer os limites do gênero. Esse estimado personagem, concluiu ela, poderia ser totalmente pecaminoso.

Ele é como um inseto no cio. Algumas fêmeas de insetos produziam aromas exóticos para atrair parceiros. Uma única mulher poderia atrair dezenas ou centenas de homens. Sabe-se que a própria Maomao aproveitava essa característica para coletar os insetos de que precisava como ingredientes.

Dessa perspectiva, a constituição de Jinshi pode ser considerada extremamente interessante. *Se eu conseguisse capturar aquele aroma sutil e transformá-lo em incenso, aposto que venderia.* Tal foi a mentalidade com que Maomao considerou seu potencial ingrediente para a poção do amor; aham, isto é, Jinshi. Foi uma pena que quando Maomao estava focada num pensamento específico, algo que não tinha a ver com a situação em questão, a sua atenção tendesse a desviar-se do momento presente. Frequentemente, isso a impedia de acompanhar as conversas que aconteciam ao seu redor, uma tendência que era agravada por seu hábito de balançar a cabeça, estando ou não realmente ouvindo.

“Se desejar, prepararei um novo quarto para você.”

Huh?

Jinshi, parecendo extremamente satisfeito consigo mesmo, estava pedindo mais mingau para Suiren. Ela foi uma das poucas damas de companhia que serviu Jinshi. Pela sua aparência, Maomao calculou que ela já passava dos cinquenta. O rosto de Suiren permaneceu impassível enquanto ela distribuía uma nova tigela de mingau, cobrindo-a com vinagre preto.

Maomao não tinha acompanhado exatamente a conversa, mas Jinshi parecia estar dizendo que estava disposto a dar a ela um quarto melhor; isso ela entendeu. No entanto, seus olhos encontraram os de Gaoshun, que estava com a cabeça entre as mãos novamente. O sempre cansado ajudante de Jinshi parecia querer comunicar algo a Maomao, mas ela apenas ergueu uma sobrancelha em resposta.

Se ele quiser me dizer alguma coisa, ele tem que dizer, ela pensou. *Eu não sou uma leitora de mentes.* Ela se absteve de dizer isso em voz alta, porque sabia que ela mesma frequentemente não conseguia ser articulada o suficiente.

"Talvez um estábulo perto de um poço, então", ela ofereceu, e lá estava: seu verdadeiro desejo estava exposto.

"Um estábulo", repetiu Jinshi.

"Sim, senhor. Um estábulo."

Para ela, isso representava o lugar onde ela teria menos probabilidade de ser invadida enquanto preparava suas misturas, mas ela não pôde deixar de notar que Gaoshun estava balançando a cabeça e formando um X enfático com as duas mãos. *Então o cara tem um lado brincalhão*, Maomao o observou consigo mesma.

"Sem estábulos", disse Jinshi categoricamente.

Sim, uh, acho que faz sentido, Maomao pensou, mas ela disse apenas: **"Claro, senhor".**

Depois do café da manhã, Jinshi saiu para trabalhar. Ele estava frequentemente em seu escritório durante a manhã, e a limpeza de sua residência particular muitas vezes cabia a Maomao.

"Estou muito feliz que você veio, minha querida. Começo a sentir minha idade quando tenho que limpar todo esse lugar sozinha", disse Suiren, sorrindo abertamente. Antes da chegada de Maomao, ela era responsável por todo o grande edifício, mas aos cinquenta anos o corpo de uma pessoa começava a ficar dolorido. **"Você não é a primeira garota nova que tivemos aqui, devo acrescentar. Mas, bem,**

você sabe. Coisas acontecem e nenhuma delas jamais permaneceu. Acho que você vai ficar bem nesse ponto, Xiaomao." A alegre dama de companhia parecia ter aprendido o apelido de Gaoshun para Maomao.

Além de ser bastante falante, a vasta experiência de Suiren também a tornou uma trabalhadora rápida, e suas mãos pareciam nunca parar de se mover. Ela poliu alguns recipientes de prata rapidamente. A limpeza do quarto veio em seguida. Maomao foi impedi-la, tudo isso obviamente era trabalho de empregada doméstica, mas Suiren apenas disse: **"Bem, mas então nunca teríamos tempo para nossas tarefas da tarde".**

Aí está. Parecia que Suiren era a única responsável pela limpeza dos quartos desde alguns erros com as empregadas e damas de companhia anteriores.

Incidentes de roubo, talvez? Maomao pensou. E provavelmente não apenas por dinheiro, ela supôs; ela poderia facilmente imaginar outros alvos de tal atividade.

Segundo Suiren, as coisas não apenas desapareceram; às vezes ela descobria que de repente eles tinham mais posses do que antes. **"Qualquer um ficaria chateado se encontrasse roupas íntimas que não reconhecesse na cômoda"**, disse ela. Feitas de cabelo humano, aliás! E com um nome cuidadosamente bordado. Maomao ficou arrepiada. Esta não era bem a explicação que ela esperava. **"Isso deve ter sido muito difícil, senhora."**

"Eu te digo, fiquei traumatizada!"

Enquanto Maomao polia diligentemente outra moldura de janela, ela refletia como a vida poderia ser melhor se aquele eunuco usasse uma máscara sempre que saísse.

Elas terminaram de limpar os aposentos privados de Jinshi e fizeram uma refeição tardia. O próximo seria seu escritório. Isto era, em princípio, mais fácil do que limpar os seus aposentos pessoais porque a sala em si era menos elaborada. Mas como não podiam ser vistos sendo limpos e polidos por ninguém muito importante, era necessário um certo grau de discrição.

O *que devo fazer hoje*? Maomao se perguntou. Quando Jinshi recebia visitas em seu escritório, Maomao tinha tempo de sobra. Nesses momentos, ela frequentemente vagava pelos terrenos do pátio externo sob o pretexto de ter algum tipo de negócio. *Já cobri bem o lado oeste.*

Um mapa se desdobrou na mente de Maomao. Ela teria adorado dar uma olhada no lado leste, mas algo a impediu. Era onde os militares estavam alojados. Eles poderiam não sorrir para uma criada que farejava nos arbustos perto de seu acampamento. Ela poderia facilmente ser confundida com uma espiã e presa. E havia o fato de que Gaoshun recomendou especificamente que ela evitasse o lugar.

Além do mais, ela pensou, *falando em militares...* Involuntariamente, cada músculo de seu rosto ficou tenso em uma carranca. Era uma medida exata de quão forte era o motivo que ela tinha para ficar longe do local, mas, ao mesmo tempo, uma área inexplorada era uma área que ainda poderia esconder novas ervas.

Maomao estava parada com os braços cruzados, imersa em pensamentos, quando sentiu algo atingir sua nuca.

Que inferno? Ela se virou, esfregando a nuca e olhando furiosa, para encontrar uma senhora alta e refinada da corte externa. *Eu sinto que a vi em algum lugar*, pensou Maomao, e então se lembrou da mulher da multidão que a havia abordado alguns dias antes. Ela usava apenas um mínimo de maquiagem, mas Maomao notou que ela havia desenhado sobrancelhas grossas. Ela tinha lábios carnudos e amuados, mas apenas havia passado rouge. Sua aparência geral era organizada, mas estranhamente decepcionante.

Ela poderia fazer muito melhor, Maomao pensou. Ela tinha ossos perfeitos e um rosto lindo, mas a maquiagem a deixava menos notável do que era. Se ela deixasse as sobrancelhas mais finas, usasse bastante rouge claro nos lábios e prendesse o cabelo em um coque ostentoso, então ela poderia facilmente ter sido confundida com uma das flores do palácio interno. Então, novamente, a maioria das pessoas provavelmente não teria notado o potencial para tal beleza nessa mulher. Maomao, que passou a vida vendo garotas sujas de rua se transformarem em cativantes borboletas noturnas, percebeu as possibilidades.

“Pessoas como você não deveriam ir mais longe”, disse a mulher, muito franca, mas parecendo um tanto cansada. Maomao só desejou ter começado falando em vez de ser atacada.

Então a mulher passou, como que para comunicar que, como dama certificada da corte exterior, não tinha mais nada a dizer a uma empregada como Maomao. Nas mãos ela carregava um pequeno pacote embrulhado em pano, segurando-o protetoramente.

Huh? Maomao cheirou o ar. Havia o aroma de sândalo, acompanhado por um distinto odor amargo. Ela inclinou a cabeça com curiosidade, olhando na direção em que a mulher havia ido.

Talvez ela sirva a um dos soldados?, ela imaginou. A mulher veio da direção do acampamento militar. E, de fato, se ela estivesse passando algum tempo lá, então uma maquiagem modesta poderia ser a decisão acertada. O acampamento podia não ser tão perigoso quanto as ruas secundárias do distrito de lazer, mas havia muitos homens jovens (e não tão jovens) com sangue lá em cima, e uma jovem atraente faria bem em evitá-los.

O que Maomao estava realmente pensando era qual seria aquele cheiro. Seu devaneio foi interrompido pelo toque de uma campainha. *Acho que vou ter que esquecer isso por hoje*, ela pensou. Ela deu meia-volta e voltou para o escritório de Jinshi, esperando que o dono do lugar estivesse ausente quando ela chegasse.

Erhu: O erhu é um instrumento musical originário da China. Dotado de duas cordas, é tocado com um arco que, preferencialmente, deve ser feito de crina de cavalo, tal como os arcos de violinos.
****Vime:*** É um tipo de fibra natural, geralmente feita a partir de plantas como a videira, o bambu ou o junco. É amplamente utilizado na fabricação de móveis, cestos, acessórios de decoração e outros produtos.

Capítulo 2: O Cano

O lindo nobre, isto é, Jinshi, estava mais ocupado do que Maomao imaginava. Como eunuco, ela presumia que o palácio interno representava toda a sua carga de trabalho, mas parecia que ele também tinha muitos negócios na corte externa.

No momento, Jinshi estava fazendo careta para alguma papelada. Ele indicou que ficaria preso em seu escritório o dia inteiro, então Maomao não teve outra opção a não ser trabalhar perto dele enquanto limpava. Ela estava recolhendo pedaços de papel em um canto da sala. O papel era de excelente qualidade, mas cheio de sugestões horríveis, ideias que estavam no lixo porque não valiam a pena olhar. Por mais inúteis que fossem os estatutos sugeridos rabiscados neles, o papel em que foram escritos não poderia ser reutilizado; teve que ser queimado.

Pense nos trocados que isso traria se eu pudesse vendê-los, Maomao pensou. (Não foi uma ideia muito agradável.) Mesmo assim, ela reiterou para si mesma que esse era o seu trabalho; ela sabia que tinha que queimar a coisa. Havia uma fogueira para o lixo em um canto do grande complexo palaciano que cercava o escritório de Jinshi, perto dos campos de treinamento militar e de alguns armazéns.

Ah, os militares... Maomao pensou. Honestamente, ela não estava ansiosa para chegar perto deles, mas não tinha escolha. Ela estava se levantando, resignada com o fato de que esse era seu dever, quando sentiu algo se instalar em seus ombros.

"Está frio lá fora. Por favor, use isto." Gaoshun, mostrando seu lado atencioso, colocou uma jaqueta de algodão nas costas dela. Havia uma camada de neve no chão e ouvia-se o vento sacudindo os galhos ressecados das árvores. A sala quente, aquecida por vários braseiros, tornava fácil esquecer, mas ainda faltava um mês para o ano novo. Foi a estação mais fria de todas.

"Muito obrigada", disse Maomao. Ela realmente quis dizer isso. (Parecia um desperdício ter feito de Gaoshun um eunuco!) Essa camada extra de isolamento faria muita diferença. Ao passar os braços pelas mangas de algodão cru, ela percebeu que Jinshi a observava atentamente. Praticamente olhando para ela, na verdade.

Fiz algo de errado? Maomao inclinou a cabeça com curiosidade, mas então percebeu que não parecia ser para ela que Jinshi estava olhando, mas sim para Gaoshun. Gaoshun, percebendo o olhar também, estremeceu. **"Isto é do Mestre Jinshi, apresso-me em acrescentar. Eu sou apenas o mensageiro."** Por alguma razão, Gaoshun gesticulou amplamente enquanto falava. Basta dizer que ele não parecia totalmente convincente.

Ele está sendo repreendido por tomar muita iniciativa? Maomao perguntou-se, maravilhada por ter de obter permissão para algo tão simples como dar um casaco de algodão a uma empregada. Também não era fácil ser Gaoshun.

"É isso mesmo?", foi tudo o que Maomao disse. Ela fez uma reverência na direção de Jinshi, ergueu a cesta de pedaços de papel e foi até a fogueira.

Eu gostaria que você tivesse plantado algumas aqui também, pai. Maomao pensou consigo mesma com um suspiro. O pátio externo era muitas vezes maior que o palácio interno, mas ostentava muito menos ervas que poderiam ser ingredientes valiosos. Ela conseguiu encontrar pouco mais do que dentes-de-leão e artemísia.

Então, novamente, ela descobriu alguns lírios-aranha vermelhos também. Maomao gostava de comer bulbos de lírio-aranha vermelho embebidos em água. A única ressalva era que os bulbos eram venenosos e, se o veneno não fosse extraído com sucesso primeiro, poderia causar a mãe de todas as dores de barriga. Mais de uma vez a velha senhora a repreendeu para não comer coisas assim, mas era a natureza de Maomao, e isso não iria mudar.

Acho que isso é o melhor que posso esperar, ela pensou. A escassez de plantas no inverno tornava bastante difícil encontrar qualquer coisa; mesmo com uma pesquisa cuidadosa, ela não esperava encontrar muito mais do que conseguiu. Maomao começou a pensar em plantar algumas sementes às escondidas.

Ao voltar da lixeira, Maomao avistou alguém que reconheceu. Ele estava perto de uma fileira de depósitos de gesso, a alguma distância do escritório de Jinshi. Ele era um jovem oficial militar com um rosto forte e viril que, no entanto, mostrava uma decência óbvia, dando-lhe a aparência de um cachorro grande e amigável. Ah, sim:

Lihaku. A cor de sua faixa era diferente de antes. Maomao percebeu que devia ter progredido na vida.

Lihaku estava conversando com o que pareciam ser alguns subordinados ao lado dele. *Ele está trabalhando duro*, Maomao pensou. Parecia que toda vez que ele tinha uma pequena pausa, Lihaku podia ser encontrado na Casa Verdigris, conversando com as aprendizes enquanto tomavam chá. É claro que seu verdadeiro objetivo era a amada irmã de Maomao, Pairin, mas invocá-la exige quase tanta prata quanto um plebeu poderia ganhar em meio ano.

Oh, aí do homem que provou o néctar do céu; agora ele buscava até mesmo o mais ínfimo e oculto vislumbre do semblante daquela flor que crescia no alto da montanha.

Talvez Lihaku tenha sentido o olhar de pena de Maomao sobre ele, pois ele acenou para ela e veio correndo, saltando como o cachorro grande que era. Em vez de um rabo, o lenço que segurava seu cabelo balançava atrás dele. **"Ah! Que estranho ver você do lado de fora do palácio interno. Acompanhando sua cortesã em um dia de folga?"** Ele claramente não sabia que Maomao havia sido demitida do serviço em seu antigo local de trabalho. Ela estava de volta ao distrito do prazer há muito pouco tempo, então nunca encontrou Lihaku lá.

"Não", ela disse. **"Não sirvo mais no palácio interno, mas nos aposentos pessoais de um personagem em particular."** Seria muito trabalhoso, pensou Maomao, contar toda a história de sua demissão e recontratação, por isso ela reduziu a esta única frase.

"Aposentos pessoais? Quem? Alguém deve ter gostos muito estranhos."

"Sim, realmente estranhos."

Lihaku não sabia o quão insolente ele estava sendo, mas sua reação como tal foi compreensível. A maioria das pessoas não procuraria especificamente uma garota completamente sardenta e magra para ser sua atendente pessoal. Na verdade, Maomao não pretendia necessariamente continuar com suas sardas, mas Jinshi

ordenou que ela as mantivesse (embora ela não entendesse o motivo), e se seu mestre ordenasse, ela teria que obedecer.

Só não sei o que ele quer, aquele homem. Maomao concluiu que o pensamento dos nobres estava simplesmente além do seu alcance.

“Diga, ouvi dizer que um funcionário importante acabou de comprar uma cortesã de sua casa.”

"Assim parece."

Acho que não posso culpá-lo por isso, Maomao pensou. Quando o contrato de trabalho foi concluído e Maomao foi com Jinshi, suas irmãs super excitadas a embelezaram de todas as maneiras que sabiam, encontrando as roupas mais especiais para ela, arrumando seu cabelo e cobrindo-a com uma montanha de maquiagem, até que ela parecia tudo menos uma empregada comum indo para um posto comum. Ela se lembrou de seu pai, por algum motivo, observando-a partir como se estivesse observando um bezerro deixar seu celeiro.

Entrar no palácio parecendo uma cortesã mal-educada já era ruim o suficiente, mas a presença de Jinshi atraiu ainda mais atenção, e Maomao encontrou um número muito desconfortável de olhares sobre eles. Ela mudou assim que pôde, mas sem dúvida algumas pessoas a tinham visto antes disso. Ainda assim, ela ficou impressionada com o fato de Lihaku poder estar falando dela, para ela, e não ter ideia. Mas, ela supôs, o que mais se poderia esperar de um vira-lata idiota?

“Se assim posso dizer, você parece estar no meio de alguma coisa. Você realmente tem tempo para conversar comigo?”

“Ah, aham... Heh...”

Um dos subordinados de Lihaku estava vindo ver como ele estava. Ele pareceu feliz a princípio ao ver uma mulher ali; um homem que vivia com um salário tão baixo quanto o seu provavelmente sofreria com uma seca do sexo frágil. Mas quando viu Maomao, a sua decepção foi palpável. Ela estava acostumada com essa reação, mas

também mostrava um pouco do que tornava o superior superior e o subordinado... não.

"Houve um incêndio", disse Lihaku, apontando o polegar na direção dos armazéns. **"Não é um grande problema. Eles não são tão incomuns nesta época do ano."** Ainda assim, ele tinha que investigar a causa, que era o que estava fazendo atualmente.

Causa desconhecida, hein? Maomao pensou. Agora que ela percebeu a história, ela teria metido o nariz mesmo que alguém tivesse implorado para que ela não o fizesse. Maomao deslizou entre os dois e dirigiu-se ao pequeno prédio.

"Ei, é melhor manter distância!" Lihaku avisou.

"Eu entendi", disse Maomao, examinando o prédio e tudo ao seu redor. Havia fuligem em uma das paredes de gesso rachadas. Parecia que eles tiveram sorte de o fogo não ter se espalhado para nenhum dos outros armazéns.

Hum. Se fosse apenas um pequeno incêndio, então havia várias coisas incomuns nele. Por um lado, por que Lihaku resolveu lidar com isso pessoalmente se era tão comum? Certamente ele poderia ter ordenado a algum lacaio que fizesse isso. Além disso, o edifício parecia substancialmente danificado. Mais parecido com os efeitos de uma explosão do que com um incêndio de curta duração. *Talvez alguém tenha ficado ferido. Eles devem suspeitar de incêndio criminoso*, concluiu Maomao. Uma coisa seria queimar um armazém aleatório em algum lugar, mas nos próprios terrenos do palácio? Isso era outra coisa.

O país de Maomao era em grande parte pacífico, mas isso não quer dizer que ninguém tivesse quaisquer queixas contra o governo. Tribos bárbaras ocasionalmente conduziam ataques, e às vezes ocorriam secas e fome. As relações com outros estados eram em grande parte cordiais, mas não havia garantias de quanto tempo permaneceriam assim. E deve ter havido alguns habitantes entre os estados vassalos do país que estavam descontentes com o seu estatuto.

Acima de tudo, a prática anual do antigo imperador de "caça" às mulheres tinha deixado as aldeias agrícolas com uma grave escassez de potenciais noivas. Fazia apenas cinco anos desde que Sua Antiga Majestade partiu deste mundo, e deve ter

havido muitos que ainda se lembravam muito bem de seu governo. Quanto aos acontecimentos mais recentes, a escravatura foi abolida após a ascensão do atual imperador, privando sem dúvida mais do que alguns comerciantes da sua fonte de rendimento.

“Ei, o que você pensa que está fazendo? Eu disse para ficar longe.” Lihaku pegou o ombro de Maomao, carrancudo.

“Ah, eu só estava curiosa sobre uma coisa...” Maomao espiou por uma janela quebrada. Então ela escapou das mãos de Lihaku e correu para dentro do prédio. A loja estava queimada por toda parte. Pelas batatas rolando no chão, ela deduziu que aquele armazém tinha sido usado para armazenar comida. *Que pena*, pensou ela, que as batatas já tivessem passado do ponto de estarem bem cozidas e agora estivessem irremediavelmente enegrecidas.

Procurando por mais alguma coisa que pudesse ter caído no chão, Maomao descobriu uma espécie de graveto. No momento em que ela tocou, porém, ele virou cinzas, deixando apenas a ponta cuidadosamente trabalhada. *Isso é marfim*?, ela imaginou. Parece um cachimbo para fumar. Ela afastou o toco decorativo e o estudou.

“Escute, você não pode simplesmente passear por aqui”, disse Lihaku, finalmente (e compreensivelmente) começando a parecer zangado. Mas uma vez que Maomao investia em um problema, ela não conseguia deixá-lo passar. Ela cruzou os braços, tentando juntar as peças em sua cabeça. Uma explosão, um armazém cheio de comida e um cachimbo no chão.

"Me ouviu?"

"Eu te ouvi."

Sim, ela ouviu Lihaku; ela simplesmente não estava escutando ele. Maomao sabia que esse era um mau hábito dela. Ela saiu do armazém em direção ao armazém em frente, para onde foram transportadas as mercadorias salvas do incêndio.

“Esse armazém tem o mesmo tipo de coisas que aquele que queimou?” Maomao perguntou ao soldado de patente inferior.

"Sim, acho que sim. Aparentemente, as coisas mais antigas estão mais lá dentro.”

Maomao bateu em um saco de tecido bem tecido, produzindo uma nuvem de pó branco. *Farinha de trigo*, ela presumiu.

“Posso ficar com isso?” ela perguntou, apontando para uma caixa de madeira não utilizada. Era bem construída, com acessórios justos, provavelmente destinada ao armazenamento de frutas ou similares.

"Sim, eu acho. Mas o que você vai fazer com isso?” Lihaku lançou-lhe um olhar vazio.

"Eu vou explicar mais tarde. Ah, e vou levar isso também.” Maomao pegou uma tábua de madeira que parecia adequada para servir de tampa para a caixa. Agora ela tinha tudo que precisava. **“Você tem um martelo e serra em algum lugar? E pregos, vou precisar de pregos.”**

“O que exatamente você está planejando fazer?”

“Apenas uma pequena experiência.”

"Experiência?" Lihaku parecia confuso, mas sua curiosidade levou a melhor sobre ele. Aparentemente, ele iria cooperar com ela, embora ainda de má vontade. Seu subordinado estava olhando para Maomao como se dissesse: *Quem essa garota pensa que é?*. Mas quando ele viu que seu superior estava concordando com ela, ele não teve escolha senão conseguir o que ela pedia.

Com os suprimentos assim fornecidos, Maomao começou a organizar diligentemente seus materiais. Com a serra ela fez um furo na tábua de madeira e depois martelou-o no caixote vazio.

"Isso é estranho. É como se você já tivesse feito isso antes.” Lihaku, observando-a, demonstrou todo o interesse de um cachorro ao avistar um brinquedo novo.

“Cresci sem muito dinheiro, então aprendi a fazer o que não tinha.”

Seu velho também construiu uma série de coisas curiosas. Seu pai adotivo, que estudou no Ocidente na juventude, baseou-se nessas memórias antigas para criar ferramentas e dispositivos que ninguém jamais tinha visto neste país.

“Pronto, terminei”, disse Maomao depois de alguns momentos. **“Tudo o que precisa é de um pouco disso.”** Ela pegou um pouco da farinha do armazém e colocou na caixa. **“Você não teria um acendedor de fogo em mãos, teria?”**

Um dos subordinados de Lihaku se ofereceu para conseguir um. Enquanto estava fora, Maomao pegou um balde de água no poço. Lihaku, ainda totalmente perplexo com o que estava acontecendo, estava sentado na caixa, com o queixo apoiado nas mãos.

"Muito obrigada." Maomao acenou com a cabeça para o subordinado, que havia retornado com um pedaço de corda fumegante.

O subalterno podia fazer todas as caretas que quisesse, mas no final das contas estava curioso para saber o que Maomao iria fazer; ele se agachou à distância e os observou. Maomao foi e ficou na frente da caixa com seu pavio, mas por alguma razão, Lihaku estava ali ao lado dela.

Ela nivelou seu olhar para ele. **“Mestre Lihaku. Isso é perigoso. Posso pedir que você mantenha uma distância segura?”**

“Perigo, ha! Se uma jovem como você consegue fazer isso, certamente um guerreiro como eu não corre nenhum risco real.”

Ele estava obviamente decidido a agir da forma mais orgulhosa e viril que pudesse, então Maomao desistiu da discussão. Algumas pessoas simplesmente tinham que aprender através da experiência.

“Muito bem”, disse ela. **“Mas há riscos envolvidos, então, por favor, tome o devido cuidado. Esteja pronto para fugir imediatamente.”**

"Fugir? De que?"

Maomao ignorou o olhar incrédulo de Lihaku, puxando a manga do subordinado agachado e aconselhando-o a observar por trás do armazém. Quando tudo estava pronto, Maomao jogou a corda em chamas na caixa. Então ela cobriu a cabeça e correu.

Lihaku apenas a observou, perplexo.

Eu disse a ele! Eu disse a ele...

Um segundo depois, o fogo irrompeu da caixa, queimando com fome. **"Ahh!"** Lihaku evitou o pilar de chamas por centímetros. Ou pelo menos a maior parte dele fez isso; seu cabelo conseguiu alcançar a borda da conflagração. **“Apague isso!”** ele gritou, em pânico. Maomao pegou o balde d’água que ela havia preparado e encharcou-o com ele. O fogo se apagou, deixando apenas um pouco de fumaça e cheiro de cabelo chamuscado.

"Eu disse para você correr." Maomao olhou para Lihaku como se perguntasse se ele entendia o perigo agora. Enquanto Lihaku estava parado com ranho escorrendo do nariz, seu subordinado rapidamente jogou uma pele de animal nele. O homem parecia querer fazer algum tipo de comentário, mas não conseguiu fazê-lo.

“Talvez você pudesse fazer a gentileza de solicitar ao vigia do armazém que se abstivesse de fumar tabaco durante o serviço.” A avaliação de Maomao sobre a causa do incêndio foi na verdade especulação, mas ela se sentiu segura em tratá-la como um fato.

“Certo...” Lihaku respondeu, parecendo aliviado. Ele estava fantasmagoricamente pálido. Por mais forte que fosse, ele pegaria um resfriado se não se aquecesse logo. Ele deveria estar voltando correndo para seus aposentos para acender uma fogueira, mas em vez disso estava olhando fixamente para Maomao. **“Mas o que diabos foi isso?”** Ela praticamente podia ver o ponto de interrogação acima da cabeça dele. Seu subordinado também parecia confuso.

“Aqui está o seu culpado.” Maomao pegou um punhado de farinha de trigo. Uma rajada de vento surgiu e levou o pó branco embora. **“A farinha de trigo e a farinha de trigo sarraceno são altamente inflamáveis. Eles podem entrar em combustão se houver quantidade suficiente no ar.”**

A farinha explodiu: simples assim. Qualquer um poderia entender isso, uma vez que soubesse o que havia acontecido. Lihaku simplesmente não estava ciente da possibilidade.

Havia poucas coisas no mundo, se é que havia alguma, que fossem verdadeiramente inexplicáveis; o que uma pessoa considerava além da explicação era apenas um reflexo dos limites do seu próprio conhecimento.

“Estou muito impressionado por você saber disso”, disse Lihaku.

“Oh, eu costumava fazer isso com bastante frequência.”

“Costumava fazer o quê?” Lihaku e seu subordinado se entreolharam, confusos mais uma vez. É justo: eles nunca na vida tiveram que trabalhar em um espaço apertado e cheio de farinha. Enquanto isso, Maomao aprendeu a ter cuidado depois de ter sido atirada para trás do quarto que havia pego emprestado na Casa Verdigris.

Achei que a velha iria quebrar minha cabeça naquele dia. Só de pensar nisso foi o suficiente para lhe causar arrepios. Ela pensou que acabaria pendurada de cabeça para baixo no andar mais alto do bordel.

"Por favor, tome cuidado para não pegar um resfriado, senhor. Mas se você pegar um, deixe-me recomendar o remédio de um homem chamado Luomen, do distrito do prazer. É bastante eficaz."

Não se esqueça da promoção. Lihaku pode comprar o remédio de seu pai em uma de suas visitas a Pairin. O velho de Maomao era um vendedor tão terrível quanto um farmacêutico brilhante, então, se ela não fizesse pelo menos isso, ele poderia não ganhar o suficiente para se alimentar.

Isso demorou mais do que eu pretendia. Maomao pegou a cesta de papel e virou-se mais uma vez para a lixeira. Estava perto; ela apressaria o atendente e depois sairia de lá. *Ops*, ela pensou, *parece que levei uma lembrança sem querer.*

Ela percebeu que o item que pegou antes ainda estava na gola do seu roupão. O cano. Esta foi a razão pela qual ela disse para avisar o vigia sobre fumar. O toco em sua mão estava um pouco chamuscado, mas claramente de boa qualidade, uma peça bem melhor do que se esperaria estar na posse de um simples guarda de armazém.

Pode ser importante para ele, ela pensou. Um pouco de polimento e uma haste nova, e ficaria como novo. Dizia-se que houve feridos, mas nenhuma morte na explosão, o que significa que o dono do cano provavelmente estava se recuperando em algum lugar. Ele pode não querer mais aquilo, muitas lembranças ruins, mas, no mínimo, o tropeço seria vendido por um preço decente.

Por enquanto, Maomao enfiou a peça de marfim manchada de fuligem na parte superior do manto.

Vou ter que trabalhar até tarde esta noite, ela pensou enquanto entregava o lixo ao atendente da lixeira.

Capítulo 3: Ensinando no Palácio Interno

“O que diabos está acontecendo lá?”

"Nenhuma ideia."

A pergunta veio de Gaoshun; a resposta direta, de Jinshi. Eles estavam diante de uma sala de aula no palácio interno. Lá dentro, as consortes de mais alto escalão estavam tendo algum tipo de lição, supostamente no interesse de ajudá-las a cumprir seus deveres como concubinas.

Ao redor, eunucos e criadas de menor importância que haviam sido sumariamente expulsos do salão aguardavam, parecendo tão perplexos quanto Jinshi. Alguns até estavam com os ouvidos atentos à porta; nada deixa uma pessoa mais interessada em algo do que ouvir que é segredo. Mas qual poderia ser esse segredo?

Uma razão especial para a curiosidade arrebatadora era que a palestrante era uma criada jovem e sardenta. Ninguém sabia dizer exatamente o que ela estava fazendo ali.

Tudo começou cerca de dez dias antes...

○●○

Jinshi, ainda de pijama, observou Maomao limpar, apenas o prelúdio para mais um longo dia de trabalho duro. **“Se você está procurando seu café da manhã, Lady Suiren está preparando agora mesmo”**, disse ela. Uma pessoa era mais que suficiente para preparar a refeição matinal, então, enquanto Suiren fazia isso, Maomao começou a limpar o quarto. Qualquer perda de tempo significava que ela nunca terminaria todas as tarefas deste prédio antes do meio-dia. A velha dama certamente aproveitou ao máximo sua nova assistente.

Eu me pergunto se fiz algo para aborrecê-la, Maomao pensou. Se sim, provavelmente ela plantou discretamente as sementes de algumas ervas medicinais no jardim – mas ela não achava que alguém soubesse disso ainda. Seu coração acelerou mesmo assim. Então Jinshi disse: **“Quando a nova consorte Pura chegou, o palácio interno solicitou a educação das consortes.”**

A consorte Pura era uma das quatro damas de maior posição no palácio interno, e o título havia sido desocupado no final do ano anterior.

"É assim mesmo?" Maomao respondeu sem interesse enquanto continuava a tirar o pó. Ela passou o pano pelo chão com tanta força como se as madeiras tivessem matado seus pais e ela estivesse se vingando. Fazia parte de sua rotina diária desde que foi designada para o serviço pessoal de Jinshi. Provavelmente havia outros trabalhos que ela poderia estar fazendo, mas o trabalho de empregada doméstica era tudo o que ela conhecia e, francamente, ela não conseguia pensar em quais seriam esses outros trabalhos. Então, em vez disso, ela se dedicou à limpeza como se sua vida dependesse disso. Jinshi ocasionalmente lançava-lhe olhares de desaprovação, mas Maomao era da opinião de que, se não lhe desse instruções específicas, ela não teria obrigação de fazer nada em particular.

Agora Jinshi se agachou para que seu olhar ficasse no mesmo nível do de Maomao. Ele estava segurando algum tipo de pergaminho. **“Elas querem um professor.”**

"Oh? Elas têm alguém em mente?”

"Você."

Maomao olhou reflexivamente para Jinshi. Talvez não fosse ideal que uma faxineira olhasse para seu empregador direto como se estivesse olhando para alguma sujeira em um canto, mas velhos hábitos são difíceis de morrer. Isso provocou uma expressão inescrutável de Jinshi.

“Uma bela piada, senhor.”

“Quem está brincando?” Jinshi mostrou a ela o pergaminho que segurava. A expressão de Maomao escureceu enquanto ela lia, pois o que estava escrito ali era muito inconveniente. Na verdade, ela teria gostado de fingir que o pergaminho não existia.

“Você não pode sair dessa apenas fingindo que não viu.”

“O que você quer dizer?”

“Eu sei que você leu agora há pouco. Eu vi você lendo."

“Essa foi a sua imaginação, eu lhe garanto.”

Jinshi desenrolou o pergaminho e apontou diretamente para a parte mais inconveniente de todas. Ele empurrou a missiva para Maomao. *Muito teimoso.*

"Olhe aqui. Um endosso direto.”

Maomao ficou em silêncio. As palavras “Consorte Sábia, Lihua” pairavam diretamente ao lado do dedo de Jinshi.

Agora ela conseguiu, Maomao pensou. **“Não conte comigo”**, foi tudo o que ela disse, e assim, por hoje, o assunto foi encerrado. Mas não poderia durar...

No dia seguinte, chegou outro pergaminho com o mesmo pedido. Desta vez, o endosso foi fornecido pela consorte Gyokuyou. Com duas das grandes consortes afixando seus nomes nessas cartas, até mesmo Maomao não podia mais ignorá-las. Ela podia facilmente imaginar a concubina ruiva rindo alegremente para si mesma. Desta vez, o pedido estipulou ainda que seriam concedidos honorários apropriados.

Maomao estava agora resignada, embora com muitos suspiros e estremecimentos, por isso enviou uma carta para casa – um primeiro passo necessário na preparação para o trabalho que lhe fora pedido. Mas por “casa” ela não se referia a Luomen, mas às cortesãs que tinham sido como mães para ela.

Vários dias depois chegaram os itens que ela havia solicitado, junto com uma fatura da senhora. Maomao achou que a velha senhora havia inflacionado seriamente o preço, mas mesmo assim acrescentou discretamente um zero extra ao número antes de passar a conta para Jinshi. Ele examinou-o, mas parecia preparado para aceitar o custo, quando Suiren apareceu do nada e disse com uma risada: **“Acho que a tinta deste número tem um tom ligeiramente diferente do resto”**. Ela arrancou a fatura das mãos de Jinshi e devolveu-a a Maomao.

Velha astuta, Maomao pensou. Enquanto Suiren estivesse lá, seria uma tarefa difícil para qualquer um deixar uma marca em seu jovem e protegido mestre. Maomao não teve escolha senão admitir o preço original. Se eles quisessem, Jinshi e Suiren poderiam ter argumentado que Maomao deveria cobrir as despesas sozinha, então ela ficou igualmente feliz quando eles pagaram a quantia complacentemente.

Quando as mercadorias das cortesãs foram entregues, Maomao empurrou Gaoshun para o lado e pegou-as ela mesma. Jinshi estava tão interessado quanto um cachorrinho intrometido, mas Maomao recusou-se firmemente a quebrar qualquer um dos selos, requisitando rapidamente um carrinho e levando os itens embora.

"Eu devo ajudar você?" Gaoshun perguntou, mas Maomao recusou educadamente, levando suas aquisições para seu quarto. Jinshi exigiu ver o que ela havia recebido, mas ela arregalou os olhos o máximo que pôde e o encarou, e depois de um momento ele se retirou silenciosamente.

Ela dificilmente poderia mostrar a ele seus materiais didáticos tão importantes. Maomao havia decidido: se ela fosse fazer isso, faria certo.

Finalmente, o dia chegou. Pela primeira vez em muito tempo, Maomao pisou no palácio interno, no pátio interno. Ela achou a leve fragrância feminina que impregnava o lugar estranhamente calmante.

A sala de aula preparada para ela era na verdade bastante grande, o suficiente para acomodar centenas de pessoas. Eram dormitórios das criadas do imperador anterior, quando a população do palácio interno havia aumentado e os quartos individuais não podiam ser construídos com rapidez suficiente para acompanhar o ritmo. Agora, porém, praticamente não foi utilizado. Foi um desperdício total deixá-lo vazio, mas teria sido um desperdício ainda maior derrubá-lo. Na verdade, muitos desses edifícios pontilham os fundos do palácio.

Eu não preciso de todo esse espaço, Maomao pensou. Ela não estava ensinando nada particularmente importante, então por que havia uma multidão reunida? Consortes de classe média e baixa e suas comitivas cercavam a sala de aula, enquanto mais do que algumas criadas observavam à distância.

O tema da instrução nesta ocasião não foi de pouca importância para as consortes e concubinas. Em certo sentido, pode-se até dizer que isso afeta o futuro da nação – mas para Maomao, tudo o que fez foi provocar um longo suspiro.

“Tudo bem, ouça”, disse Jinshi. **“Apenas as altas consortes devem receber instrução.”**

Seria de se esperar decepção entre as consortes de baixo escalão com este pronunciamento, mas muito pelo contrário, muitas delas estavam aparentemente satisfeitas por terem visto Jinshi. Pelo menos metade aparentemente veio apenas para vê-lo ou mesmo ouvi-lo; elas se agarraram a pilares e grades ao redor. Parecia terrivelmente dramático para Maomao, mas muitas dessas mulheres estavam fazendo isso. Ela às vezes se perguntava se esse eunuco não era de fato algum espírito cruel que enfeitiçava as pessoas ao seu redor.

Quando chegou o momento, Maomao entrou na sala de aula e encontrou Jinshi trotando em seus calcanhares. Ela apertou a mandíbula e olhou para ele. **"O que?"** ele perguntou, mas Maomao apenas o empurrou para fora da sala. Sua figura esbelta desmentia quanto trabalho foi necessário para empurrá-lo porta afora.

"Mas por que?" ele disse.

“Porque o que vai acontecer aqui é secreto, confidencial e não é para estranhos. Pediram-me para instruir nossas honradas consortes e, desde a última vez que verifiquei, Mestre Jinshi, você não era uma delas.”

Então ela fechou e trancou a porta.

Ela soltou um longo suspiro e depois lançou um olhar avaliador ao redor da sala de aula. Estiveram presentes nove pessoas: as quatro altas consortes, com uma atendente cada, e Maomao.

Houve um murmúrio audível do outro lado da porta. Porque ela expulsou Jinshi, provavelmente. Ela teve a nítida sensação de que alguém, ou vários alguém, estava se esforçando para ouvir.

Maomao empurrou seu carrinho para o centro do corredor e abaixou lentamente a cabeça. **“Minhas cordiais saudações a vocês, honradas senhoras. Eu, Maomao, humildemente me apresento a você como sua instrutora.”**

Consorte Gyokuyou, tão adorável como sempre, deu um pequeno aceno amigável. Sua atendente, sua principal dama de companhia, Hongniang, observou isso com dúvida.

A consorte Lihua finalmente conseguiu recuperar a maior parte da carne e observava Maomao placidamente. O mesmo não se podia dizer da dama de companhia que a atendia, cujo rosto se contorceu ao ver Maomao. Maomao saboreou o momento.

Quanto à consorte Lishu, ela exalava o mesmo leve ar de nervosismo de sempre. Sem dúvida ela estava tentando tomar cuidado extra com as outras três grandes consortes ao redor. A dama de companhia que a acompanhava não parecia mais confortável do que a sua patroa, mas a forma como ela estava obviamente decidida a proteger a consorte trouxe um sorriso ao coração de Maomao.

Finalmente, a última das augustas damas. Um rosto que Maomao nunca tinha visto antes. A jovem que substituiu uma das antigas altas consortes tinha mais ou menos a idade de Maomao. Ela era Loulan, a nova consorte Pura. Ela tinha o cabelo preto amarrado no alto da cabeça e, no lugar do prendedor de cabelo, usava a pena de um pássaro do sul. Seu vestido sugeria que ela poderia ser uma princesa das terras do sul, mas sua fisionomia era mais a de uma nortista. A sua dama de companhia parecia a mesma e Maomao concluiu que o estilo de vestir devia ser uma preferência pessoal.

Loulan não era tão atraente quanto Gyokuyou, nem tão deslumbrante quanto Lihua. Ao contrário de Lishu, ela tinha idade apropriada para dividir a cama com o imperador, mas no momento não parecia que ela ameaçaria o delicado equilíbrio do palácio interno.

Esse traje, porém: fazia dela, de longe, a mais notável das quatro grandes consortes. Em particular, sua maquiagem acentuava os cantos dos olhos de forma tão enfática

que era impossível dizer como eles realmente eram. Maomao mal conseguia imaginar como a consorte deveria ficar sem cosméticos.

Não que isso importe para mim.

Com sua pequena introdução completa, Maomao tirou uma pilha de livros dentre seus suprimentos e começou a distribuí-los, um para cada consorte. Cada uma teve sua própria reação ao pegar seu exemplar: olhos arregalados, uma risada divertida, um rubor furioso nas bochechas, uma sobrancelha franzida. *É o que eu esperava*, Maomao pensou. Em seguida, ela mostrou uma coleção de ferramentas. Cerca de metade dos presentes olhavam-nos com confusão, enquanto a maioria dos outros parecia saber para que serviam. O grupo intermediário não sabia exatamente, mas pareceu adivinhar e corou.

"Gostaria de salientar que o que estou prestes a ensinar-vos são segredos comerciais do jardim das mulheres e não devem ser divulgados a estranhos", disse Maomao, e depois instruiu suas alunas a abrirem os seus livros na página três.

Cerca de duas horas depois, a palestra de Maomao finalmente terminou. *Talvez eu tenha tentado resolver muita coisa de uma vez*, ela pensou; até Maomao estava se sentindo um pouco exausta com isso. Ela foi até a porta da sala de aula e abriu a barra.

"Isso durou um tempo." O lindo eunuco entrou, parecendo bastante tranquilo. Ele parecia um pouco irritado e, por algum motivo, sua bochecha e orelha esquerda estavam vermelhas. Maomao foi pelo menos gentil o suficiente para não acusá-lo abertamente de espionagem.

Jinshi olhou para a sala em que havia entrado com mudo espanto.

"Aconteceu alguma coisa, senhor?"

"Você tirou as palavras da minha boca", disse ele, olhando atentamente para Maomao.

"Receio não saber o que você quer dizer." Ela apenas deu às consortes do palácio interno instruções sobre o conhecimento necessário, conforme lhe foi solicitado. Quanto as consortes individuais, as suas respostas à palestra de Maomao foram as seguintes:

Gyokuyou ficou entusiasmada. **"Finalmente, alguns truques novos"**, ela dizia. Hongniang atendeu-a com sua habitual expressão de cansaço. Ela também poderia ocasionalmente lançar olhares na direção de Maomao, mas a palestrante optou por ignorá-la.

As bochechas de Lihua estavam levemente coradas, mas seu dedo traçou a página enquanto ela revisava a lição. Ela parecia bastante satisfeita. A dama de companhia que estava com ela estava vermelha como uma beterraba e olhava firmemente para o chão, tremendo.

Lishu estava em um canto da sala com a testa encostada na parede, murmurando: **"Não posso. Eu não consigo. É impossível!"** Todo o sangue havia sumido de seu rosto. Sua atendente, recentemente promovida a sua principal dama de companhia (Maomao acreditava ter reconhecido a mulher como a ex-degustadora de comida de Lishu), deu-lhe um tapinha nas costas consoladoramente.

Quanto a Loulan, ela olhava para o espaço com uma expressão distante. Maomao não conseguia adivinhar o que ela poderia estar pensando. Sua atendente não sabia ao certo o que fazer com o livro que estava na frente delas; com algum embaraço, ela embrulhou-o num pano de transporte.

Eu não me importo com o que elas fazem com isso, Maomao pensou enquanto arrumava suas coisas e aceitava um copo de água fria. Ela soltou um suspiro. Ela estava cansada, mas a ideia do envelope cheio de dinheiro que receberia aliviaria seu cansaço.

Cada uma das consortes foi autorizada a guardar os materiais de instrução que recebeu. Alguns seguravam seus livros com amor, enquanto outros os tocavam apenas com evidente apreensão. Em qualquer caso, Maomao instou-as a embrulhar os artigos em panos de viagem para que não pudessem ser vistos e reiterou ainda

que não deveriam ser mostrados a ninguém. Jinshi e os outros que foram excluídos da palestra assistiram perplexos.

“O que exatamente você ensinou a elas?” Jinshi perguntou.

Maomao não olhou bem para ele, mas sim para algum lugar logo atrás dele. **“Da próxima vez que você encontrar o imperador, pergunte o que ele achou da minha lição”**, disse ela.

Quanto ao conteúdo de suas instruções, ela deixaria isso para a imaginação de Jinshi.

Capítulo 4: Peixe Cru

“Xiaomao, posso ter um momento seu?” Gaoshun perguntou quando Maomao estava prestes a voltar para seu quarto depois de terminar o trabalho do dia. Seu mestre compartilhado, Jinshi, evidentemente cansado de seus próprios esforços, foi tomar banho logo após comer.

"Qual o problema?" Maomao perguntou, Gaoshun hesitou por um momento – acariciando o queixo para se proteger – e finalmente soltou um longo suspiro. **“Há algo que eu gostaria que você olhasse.”** O assessor de Jinshi parecia ter ainda mais rugas na testa do que o normal hoje.

O que Gaoshun mostrou a Maomao foi algo escrito numa coleção encadernada de tiras de madeira, que ele desenrolou sobre uma mesa. Maomao olhou atentamente para eles. **“O registro de um incidente antigo”**, observou ela. As tiras contavam o caso de um comerciante que havia contraído uma intoxicação alimentar há cerca de dez anos. A vítima teria consumido baiacu.

Maomao engoliu em seco. *Argh, eu gostaria de poder comer um baiacu.*

Gaoshun estava olhando para ela, visivelmente irritado. Maomao balançou a cabeça e tirou o sorriso do rosto.

“Da próxima vez que tivermos uma chance, vou levá-la para comer algo desse tipo”, disse Gaoshun, embora tenha acrescentado incisivamente que fígado de baiacu não seria servido.

Maomao ficou um pouco chateada com isso (Os verdadeiros *gourmands*[1] sabem aproveitar aquele formigamento único!), mas, mesmo assim, não havia nada como a perspectiva de uma boa refeição para que ela investisse em um projeto. Ela começou a estudar os materiais de perto. **“Por que estamos olhando para isso, se posso perguntar?”**

“Há muito tempo, meu trabalho me envolveu na questão deste caso. Um ex-colega meu trouxe isso à tona novamente, porque um incidente muito semelhante ocorreu recentemente.”

Seria esse ex-colega, perguntou-se Maomao, alguém de antes de Gaoshun se tornar eunuco? Então ele realmente tinha sido um oficial militar ou algo assim.

"Muito semelhante?" Maomao disse. **"Como assim?"** Ela deixou mentalmente de lado a questão da história de seu companheiro. Ela estava, francamente, mais interessada neste caso de envenenamento do que em falar sobre o passado de Gaoshun.

“Um burocrata comeu um prato de baiacu cru desfiado e vegetais e agora está em coma.”

Coma? Maomao não gostou do som disso. Gaoshun nunca foi do tipo que mede palavras e ela duvidava que ele tivesse começado agora. Ela deu uma olhada discreta no rosto de Gaoshun. Ele tinha a mesma ruga na testa, a mesma expressão um tanto retorcida de sempre, mas também parecia estar estudando Maomao da mesma forma que ela o estudava.

“Minhas desculpas, Mestre Gaoshun, mas posso pedir mais detalhes?” Apesar de sua franqueza, Gaoshun não vacilou, apenas assentiu lentamente, com as mãos ainda apoiadas nas mangas.

"Sim, claro. Estou muito feliz em contar a você, Xiaomao. Tenho certeza de que você sabe onde está.” Ela não tinha certeza se isso era um elogio. O significado era bastante claro: mantenha a boca fechada. **“Além disso”**, continuou ele, **“será que posso realmente deixar a história de lado?”**

Que provocação. Ele sabia perfeitamente que a curiosidade de Maomao já seria despertada. **“Por favor, continue”**, disse Maomao, franzindo a testa ao ver como Gaoshun parecia divertido com sua repentina importância para ela.

Gaoshun apontou para as tiras de madeira e disse: **“No caso atual, o prato incluía pele e carne de baiacu, quase crua, apenas escaldada rapidamente. A vítima consumiu o prato e entrou em coma.”**

"Carne? Você quer dizer, não os órgãos internos?”

"Isso mesmo."

O veneno do baiacu não podia ser removido por aquecimento, mas o veneno estava concentrado nos órgãos do peixe, principalmente no fígado, e a carne propriamente dita era substancialmente menos perigosa. Maomao teria adivinhado que qualquer caso de coma por causa do veneno do baiacu quase envolveria o consumo do fígado. *Poderia tanta toxina realmente ter se acumulado na carne*?, ela imaginou. Dependendo da variedade exata do peixe e do ambiente em que foi criado, a carne pode, ocasionalmente, ser venenosa. Ela não tinha evidências suficientes para ter certeza de uma forma ou de outra, então não podia descartar a possibilidade.

Quando Maomao comia baiacu, sempre era a carne menos venenosa. Bom, quase sempre... de vez em quando ela colocava na cabeça um pedaço de fígado na boca, mas era um jogo perigoso. Ela se lembrava bem da senhora que a forçou a beber água até seu estômago praticamente virar do avesso.

“Para ser honesta, não ouvi nada de incomum até agora”, disse Maomao.

“Bem, há um detalhe que não mencionei”, disse Gaoshun, balançando a cabeça lentamente e coçando a nuca como se estivesse envergonhado. **“Os chefs envolvidos na preparação dos pratos insistem que não utilizaram baiacu. Nem nesta ocasião, nem no incidente há dez anos.”**

Gaoshun estava franzindo a testa abertamente agora, mas Maomao simplesmente passou a língua pelos lábios. Isso estava ficando mais interessante a cada minuto.

Houve vários pontos de semelhança entre os dois casos. Por um lado, tanto o burocrata do presente caso como o comerciante do caso mais antigo eram epicuristas com gosto por comida incomum. Nessas ocasiões, consumiam pratos de peixe cru desfiado e vegetais em que a carne era suavemente escaldada mergulhando-a brevemente em água a ferver, mas também estavam habituados a comer peixe completamente cru. O sabor fresco do peixe cru pode ser maravilhoso, mas a carne crua muitas vezes hospeda parasitas. A maioria das pessoas não gosta muito e, em algumas áreas, comer peixe cru era totalmente proibido.

Comedores aventureiros como as vítimas em questão estariam acostumados a consumir baiacu. E embora todos negassem isso publicamente, algumas dessas pessoas ocasionalmente deixavam deliberadamente um pouco de toxina em seus peixes, a fim de desfrutar da sensação de formigamento que ela produzia.

*E as pessoas os julgariam por isso! Filisteus**², Maomao pensou. Ela era da opinião de que as pessoas deveriam ser mais ou menos tolerantes com as preferências dos outros, pelo menos no que diz respeito à alimentação.

Nenhum dos chefs que prepararam a comida contaminada admitiria qualquer delito; ambos foram inflexíveis ao afirmar que não usaram baiacu na preparação de seus pratos. E, no entanto, os homens que comeram os referidos pratos sucumbiram à intoxicação alimentar. As entranhas e a pele do baiacu foram descobertas nos resíduos da cozinha e apresentadas como prova, mas o fato de os órgãos internos estarem completos e contabilizados foi considerado como prova de que nenhuma parte deles havia de fato sido consumida.

Na verdade, eles levaram esta investigação muito a sério, Maomao pensou, sentindo-se estranhamente impressionada. Ela sabia que havia muitos funcionários no mundo que ficariam felizes em atribuir o crime a alguém através de provas circunstanciais ou, se necessário, falsificadas.

Ambos os chefs afirmaram ter utilizado baiacu na sua cozinha na véspera dos respectivos incidentes, mas não no dia seguinte. Com a estação tão fria como estava agora, não era surpreendente que o lixo pudesse não ser retirado durante vários

dias seguidos – ao contrário, digamos, no verão, quando poderia ter sido eliminado com mais regularidade. O prato em questão foi preparado com um peixe diferente, cujos restos também foram descobertos no lixo.

Obviamente, isso não é uma configuração de algum oficial, Maomao refletiu, mas isso não significa necessariamente que os cozinheiros estejam dizendo a verdade. Infelizmente, não houve testemunhas oculares das refeições em questão. Com medo de irritar a esposa com suas escolhas culinárias extravagantes, o administrador frequentemente fazia as refeições sozinho. O cozinheiro trouxe o prato, mas o criado do funcionário só o viu comer à distância e não conseguiu identificar exatamente que peixe tinha sido utilizado na refeição.

Além disso, a vítima só sucumbiu depois de ter terminado de comer — quase meia hora após o término da refeição. Um criado que trazia chá descobriu o homem se contorcendo e mal respirando, com os lábios azuis.

Os sintomas certamente estão de acordo com o envenenamento por baiacu, Maomao pensou. A informação que Gaoshun lhe deu, simplesmente não foi suficiente. Ela decidiu desistir de pensar no problema por um tempo, até que pudesse obter mais detalhes do eunuco. Ela estava apenas murmurando para si mesma: **"O que poderia ter acontecido?"** quando um rosto irrepreensivelmente bonito apareceu ao lado dela. Maomao sentiu os músculos do rosto tensos por reflexo.

"Se você me der licença, talvez você pudesse não fazer caretas para mim de verdade? Isso me machuca." O cabelo de Jinshi ainda estava molhado; Suiren estava tentando enxugá-lo com uma toalha, exclamando: **"Oh, meu Deus"**, enquanto pingava para todo lado.

Maomao se forçou a retomar uma expressão normal. Parecia que ela estava quase vibrando de angústia.

"Você certamente estava atento a cada palavra que Gaoshun disse", comentou Jinshi. Ele não parecia divertido.

"Eu só fico tão engajada quanto qualquer pessoa quando um palestrante tem algo interessante a dizer."

Jinshi parecia escandalizado. **“Agora, só um momento. Quando eu falo, você nunca...”** Ele não conseguiu nem terminar a frase, mas no momento Maomao não se importou.

“Já ficou tarde”, disse ela. **"Se você não precisar de mim, senhor, eu voltarei."** Ela acenou educadamente para Suiren, ainda enxugando o cabelo de Jinshi, e saiu da sala. Jinshi parecia estar tentando dizer mais alguma coisa, mas Suiren retrucou: **“Não se mexa”**, e Maomao não ouviu mais nada dele. Ela estava um tanto exasperada consigo mesma, agindo tão desamparadamente fascinada pela questão da morte de uma pessoa. Ela se perguntou o que seu pai pensaria dela quando voltasse para seu quarto.

No dia seguinte, Gaoshun trouxe para ela um livro de receitas. **“São cópias de receitas que o chef normalmente preparava. Os servos testemunharam que a maior parte das refeições servidas ao seu senhor provinham desta coleção. Essa é a receita que o chef afirma ter seguido.”** Ele colocou o caderno sobre a mesa e abriu-o em uma página com instruções sobre peixe cru levemente escaldado e depois desfiado. Maomao olhou para ele, acariciando seu queixo.

A receita pedia que o peixe fosse acompanhado de legumes picados e levemente avinagrados. Algumas notas rabiscadas indicavam modificações no vinagre, mas no geral não havia nada de incomum. Vários molhos de vinagre diferentes foram listados, provavelmente para levar em conta a estação e os ingredientes disponíveis. Exatamente quais peixes e vegetais seriam usados não foram especificados em detalhes.

Hum. Maomao continuou acariciando seu queixo. **“Isso não responde à questão crucial sobre o que foi realmente usado”**, disse ela.

“Receio que isso seja verdade.”

Jinshi observava Maomao com curiosidade a uma curta distância, embora não parecesse estar se divertindo. Ele tinha frutas longan com ele, que ele abriu e comeu indiferentemente. As sementes escuras e secas surgiram com cada

rachadura. Longan eram como a lichia, mas menores, e normalmente eram uma fruta de verão. Quando seco, o fruto era muito valorizado na medicina tradicional.

"Você ainda não descobriu?" Jinshi disse, apoiando os cotovelos inquietos na mesa e olhando para Maomao. Ele claramente queria fazer parte da discussão. Gaoshun franziu a testa, mas não chegou ao ponto de repreendê-lo. *Alguém deveria dar-lhe um pedaço de sua mente*, Maomao pensou, olhando friamente para Jinshi enquanto ele se inclinava de maneira grosseira sobre a mesa. Naquele momento, alguém arrancou o longan da mão de Jinshi.

“Meninos que não conseguem se comportar como cavalheiros ficarão sem lanches”, disse Suiren, rindo abertamente de seu lugar logo atrás de Jinshi. Apesar da risada, Maomao sentiu uma carga no ar. Ela não conseguia se livrar da sensação de que podia ver nuvens de tempestade surgindo atrás de Suiren. Seria estranho descrever a dama de companhia como tendo a aura de uma guerreira experiente?

"Sim, sim." As sobrancelhas de Jinshi caíram, mas ele tirou os cotovelos da mesa e retomou a postura correta.

"Muito bom." Suiren assentiu, colocando a fruta de volta na mão. Aqui Maomao presumiu que Suiren era apenas uma senhora amorosa, mas aparentemente ela poderia ser uma defensora do decoro.

Mas eles estavam saindo do caminho. Era hora de trazer as coisas de volta ao assunto em questão.

“Este incidente ocorreu recentemente, não foi?” Maomao disse.

“Cerca de uma semana atrás”, respondeu Gaoshun. Durante a estação fria. Este prato normalmente usava pepino, mas nesta época do ano eles teriam que encontrar outra coisa.

“Posso adivinhar que foi preparado com daikon e cenoura?” Havia apenas alguns vegetais disponíveis no inverno. Para cada ingrediente havia uma estação, uma janela em que poderia ser melhor aproveitado.

“Aham... O chef disse que usou algas marinhas”, disse Gaoshun.

"Huh!" disse Maomao, abrindo a boca em uma expressão de surpresa. **“Você disse algas marinhas?”**

“Sim, algas marinhas”, respondeu Gaoshun. As algas marinhas também eram um ingrediente comum na medicina tradicional. E sim, faria algum sentido aparecer neste prato em particular.

Mas um *gourmand** como esse não iria querer qualquer alga marinha. Ele iria querer algo diferente. Especial. Maomao sentiu os cantos da boca se erguerem. Ela suspeitava que seus dentes da frente estavam aparecendo. Jinshi e os outros olharam para ela boquiabertos.

Maomao, ainda sorrindo, virou-se para Gaoshun. **“Talvez eu pudesse inspecionar a cozinha da casa em questão. Se isso for possível?”** Ela não tinha certeza se ele concordaria com a ideia, mas não custaria nada tentar.

Gaoshun agiu rapidamente e, no dia seguinte, Maomao tinha tudo o que precisava para entrar na cozinha onde o problema havia começado. Ela foi informada de que obter permissão havia sido uma questão simples, pois o inquérito oficial já estava concluído.

A propriedade estava situada no noroeste da capital. O quadrante norte da cidade era ocupado principalmente por funcionários de alto escalão, e a área estava repleta de casas lindas. Quando chegaram à mansão que queriam, a esposa da vítima (supostamente definhando de estresse) estava dormindo, então um criado mostrou-lhes a casa. A esposa já havia dado sua aprovação, disseram-lhes.

Um criado, Maomao refletiu enquanto entravam na cozinha. Gaoshun havia arranjado outro oficial para acompanhar Maomao, mas ele passava a maior parte do tempo olhando para ela em dúvida. Ele claramente não gostou dessa tarefa, mas Gaoshun lhe disse para fazê-la e, evidentemente, ele obedeceria, então não houve problema. Maomao não estava lá para fazer amizade com ele, então para ela era tudo igual.

O homem estava no exército, mas era jovem. Seu corpo não tinha a corpulência de um soldado de longa data, mas seus movimentos eram bruscos e eficientes. Sob a testa franzida havia um rosto viril, apesar dos traços remanescentes de juventude. *Ele parece estranhamente familiar*, pensou Maomao. Ela estava prestes a entrar na cozinha quando um homem veio correndo até ela, muito ressentido.

"O que você pensa que está fazendo? Você não pode simplesmente passear por esta casa! Saia daqui! Quem deixou essa ralé entrar?!" Ele pegou o criado pelo colarinho.

Maomao estava olhando para ele quando o jovem que a acompanhava deu um passo à frente. **"A dona da casa nos deu sua bênção. E este é um assunto oficial."** Maomao aplaudiu o tom calmo, mas firme, que adotou com o recém-chegado superaquecido.

"Isso é verdade?" O homem relaxou o pescoço do servo. Através de um ataque de tosse, o criado conseguiu confirmar que sim.

"Agora, podemos prosseguir? Ou há alguma razão pela qual não deveríamos?" perguntou o jovem oficial, ao que o homem fez um som de desgosto e cuspiu: **"Pfah! O que me importa?"**

O criado explicou-lhes mais tarde, desculpando-se, que o irmão mais novo do oficial em coma estava supervisionando sua propriedade no lugar da indisposta esposa do homem; foi ele quem os abordou.

Então é isso que está acontecendo, Maomao pensou, mas reconhecendo que seria impróprio inserir-se nos assuntos familiares de outra pessoa, ela deixou por isso mesmo. Em vez disso, ela olhou ao redor da cozinha. Como ela temia, o chef já havia lavado e limpo seus utensílios; porém, além do peixe, que foi descartado para não apodrecer, a maior parte dos ingredientes ainda permaneceu.

Ela começou a explorar o quarto e ali, numa prateleira perto da parede dos fundos, encontrou-o, ao ar livre. A descoberta de Maomao, salgada e guardada em uma pequena panela, trouxe um sorriso ao seu rosto. **"O que é isso?"** ela perguntou ao servo. Ele semicerrou os olhos para dentro da panela, seu rosto sugerindo que ele

não tinha certeza. Então Maomao pegou um pouco e jogou em uma jarra d'água. **“Você reconhece isso agora?”**

"Oh! É disso que o mestre gosta.” O servo informou-lhes que o senhor comia aquilo o tempo todo; não poderia estar envenenado. A patroa do servo evidentemente confiava nele e ele não parecia estar mentindo.

“Você ouviu o homem. Apresse-se e vá para casa”, retrucou o irmão mais novo. Ele já observava Maomao trabalhando há algum tempo. Em particular, ele parecia estar fixado no frasco que ela estava investigando. **“Sim, claro”**, disse Maomao, colocando o pote de volta onde o havia encontrado – e pegando um punhado do conteúdo ao fazê-lo, escondendo-o na manga. **“Nossas desculpas por incomodar você.”**

Ela saiu da cozinha, mas podia sentir os olhos do homem perfurando-a por trás.

“Por que você simplesmente fugiu assim? Você nem sequer se opôs”, disse o jovem militar a Maomao enquanto voltavam para casa na carruagem. Ela ficou surpresa por ele estar disposto a iniciar a conversa.

“Oh, dificilmente acho que fugi.” Maomao tirou da manga o pedaço de alga salgada e colocou-o delicadamente num lenço. A manga dela tinha ficado repugnantemente salgada, mas o jovem provavelmente ficaria chateado se ela tentasse sacudi-la ali mesmo. **“Isso é estranho”**, ela disse em vez disso. **“É um pouco cedo no ano para colher este tipo específico de alga marinha. Mas não creio que um pedaço curado com sal do ano passado teria durado tanto.”** Não, esse ingrediente estava bem fora de época.

“Isso leva-me a pensar que não foi colhido por aqui”, continuou Maomao. **“Que talvez tenha sido obtido em algum lugar do sul, através do comércio, por exemplo. Você não saberia de onde tal coisa poderia vir, não é?”**

Os olhos do jovem se arregalaram. Ele parecia entender o que ela estava pedindo a ele.

Isso apenas deixava a tarefa de Maomao cumprida.

No dia seguinte, a pedido dela, Gaoshun providenciou uma cozinha para ela usar. Ficava em um dos escritórios burocráticos do pátio externo e incluía acomodações para alguém pernoitar. Maomao preparou tudo na noite anterior; agora ela começou a cozinhar. Bem, cozinhar pode ser uma palavra forte. Ela estava apenas mergulhando as algas em um pouco de água para tirar o sal. Era um processo bastante simples, mas sendo as coisas como eram, ela imaginou que seria melhor não usar a cozinha do prédio de Jinshi, por isso pediu uma diferente.

Dois pratos estavam à sua frente, mostrando sua preparação. Ela dividiu as algas roubadas em duas porções e as molhou em água. A essa altura eles eram de um verde rico e profundo.

Também diante dela estavam Gaoshun e o oficial que o consultou sobre o caso, junto com o jovem soldado do dia anterior e, por algum motivo, Jinshi. Maomao achava que Suiren provavelmente o criticaria novamente por ser um *rubberneck**[3]

"Descobri que você estava certa", disse o soldado. As algas marinhas foram importadas do sul. **"Tentei perguntar ao criado que conhecemos sobre isso. Ele diz que, de fato, aquela alga nunca era comida no inverno. Perguntei aos outros servos também, mas as respostas foram todas as mesmas."**

O estranho na sala, o homem que consultou Gaoshun sobre o incidente, balançou a cabeça. **"Já falei com a cozinheira sobre isso. Ele diz que é o mesmo tipo de alga que ele sempre usa. Ele jura que não pode ser venenosa."**

Na verdade, Maomao concordou: era o mesmo tipo de alga marinha. Mas havia uma diferença. **"Uma delas ainda pode ser venenosa"**, disse ela. Com um par de pauzinhos, ela pegou um dos pedaços de alga do prato. **"Diga-me, as pessoas do sul normalmente comem esse tipo de alga? Ou será que um oficial *gourmand**[1] importou amostras secas da terra natal da planta, pensando que poderia ganhar dinheiro?"**

"E qual seria o problema se ele tivesse feito isso?" Jinshi perguntou. Hoje ele não tinha nada da qualidade solta e quase informal que às vezes demonstrava recentemente. Talvez fosse porque havia outras pessoas presentes. Gaoshun

parecia sereno como sempre, mas os outros dois oficiais pareciam um tanto desconfortáveis na presença do radiante eunuco.

Maomao girou os pauzinhos de brincadeira enquanto respondia: **"Existem maneiras de fazer com que um veneno não seja venenoso".**

Vários, na verdade. As enguias, por exemplo, normalmente eram venenosas, mas se drenássemos o sangue e as aquecermos o suficiente, elas se tornariam comestíveis. Para dar outro exemplo, este tipo específico de alga marinha, lembrou Maomao, tinha de ser curado com cal virgem. Uma das duas peças anteriores foi tratada com cal viva; o outro não era. No momento, Maomao segurava nos pauzinhos o pedaço que ela havia mergulhado numa solução de cal viva durante a noite. Ela deu uma grande mordida, angustiando os espectadores. Eles se aglomeraram e cuidaram dela.

"Vou ficar bem... eu acho", disse Maomao. Na verdade, ela só conhecia a teoria; ela não tinha certeza se uma única noite de maceração seria suficiente para neutralizar o veneno. Este foi outro teste importante para ela.

"Você acha?" Jinshi exigiu.

"Ah, acalme-se. Tenho um emético bem aqui." Ela mostrou-lhes a bolsa de fitoterápico pendurada em seu pescoço.

"Não estamos um pouco confiantes demais?!" Jinshi retrucou. Um momento depois, Gaoshun deu um abraço de urso em Maomao por trás enquanto seu mestre forçava o remédio em sua garganta. Assim ela encerrou sua manifestação vomitando na frente de quatro homens importantes. *Amável.* Que coisa para fazer com uma jovem que ainda não tinha se casado.

Pior ainda, o emético induzia o vômito por meio de seu sabor horrível, por isso era um péssimo *chaser** [4] de algas marinhas.

E aqui estava eu tentando provar que as algas marinhas eram seguras, Maomao pensou. Ela enxugou os sucos estomacais, recompôs-se e disse: **"Aqui está a questão, tal como a vejo: quem sugeriu ao comerciante a ideia de importar esta**

alga salgada?" O comerciante tinha ido para uma terra estrangeira, onde não havia costume de consumir esta planta, simplesmente para obtê-la. Presumivelmente, ele estava pelo menos ciente do perigo potencial. **"Pode-se dizer que o homem que entrou em coma por causa disso colheu o que semeou."**

Mas e se algo mais estivesse acontecendo? E se a possibilidade de veneno tivesse sido bem avaliada?

Aqui vou eu, especulando novamente.

Houve um caso semelhante dez anos antes. E se isso tivesse dado a alguém uma dica – inspiração? Maomao não tinha como dizer se os dois estavam realmente ligados. Mas no que diz respeito ao caso atual, ela confiou na sua intuição. Todos aqui nesta sala com ela eram inteligentes. Ela duvidava que precisasse dizer mais alguma coisa, e não pretendia fazê-lo. Maomao era uma pessoa de importância menor. Ela não desejava refletir sobre a culpa específica de ninguém.

"Entendi." Gaoshun assentiu lentamente, evidentemente compreendendo o que Maomao queria dizer.

Ela soltou um suspiro de alívio, então pegou a alga que estava na sua frente e comeu; desta vez, do outro prato.

E assim, pela segunda vez naquele dia, Maomao foi induzido a vomitar por Jinshi, de rosto pálido, e seus companheiros.

O culpado acabou sendo o irmão mais novo do burocrata em coma. Depois que descobriram onde ele havia comprado as algas, ele dificilmente poderia confessar rápido o suficiente. Então Maomao tinha razão em suspeitar do modo como a observava na cozinha. Ele poderia muito bem ter dito abertamente que havia algo que ele não queria que eles vissem ali.

Sua história era comum: com o filho mais velho vivo e bem, o mais novo foi esquecido. Maomao e os outros ficaram quase desapontados ao descobrirem um motivo tão comicamente prosaico em ação.

No entanto, um problema permaneceu. Aparentemente, o homem estava disposto a cometer assassinato por causa dessa simples queixa, mas como ele soube da alga venenosa? Ele alegou que um colega cliente de seu bar favorito mencionou isso durante uma conversa. E nem Maomao nem ninguém sabia na época se isso era um mero acaso ou se era mais profundo.

Maomao estava limpando, resmungando sobre o fato de nunca ter comido as algas tóxicas. Mas não adiantava chorar pelo leite derramado – ou pelas algas regurgitadas – então ela decidiu pensar em outra coisa.

Ahh, eu me pergunto para que vou usar meu precioso novo ingrediente. A erva bizarra brotando de um inseto dançava em sua cabeça. No momento em que isso ameaçava tomar conta de todos os seus pensamentos, ela balançou a cabeça: precisava manter o foco. Ela estava trabalhando. Mas ela não conseguiu evitar sorrir ao pensar naquele nojento inseto seco com um cogumelo acinzentado saindo dele. Ela ficou radiante só de pensar nas possibilidades: talvez ela fizesse disso um vinho medicinal ou transformasse em comprimidos.

A felicidade arrogante fez com que ela, para seu desgosto, cumprimentasse o dono da sala com um sorriso gigante no rosto. No momento em que ela registrou Jinshi – e o olhar chocado que ele estava lançando para ela. Maomao baixou os olhos para o chão.

Aposto que não foi muito atraente. Lentamente, desconfortavelmente, ela olhou para cima e descobriu que Jinshi de repente estava batendo a cabeça contra um pilar. Fez um barulho semelhante ao de um pica-pau. O barulho fez Gaoshun e Suiren correrem.

Gaoshun parecia estar encarando Maomao com um olhar furioso. *Não foi minha culpa!* Maomao protestou sem palavras. Seu mestre está errado da cabeça. Silenciosamente ela estava fazendo beicinho, mas tudo o que ela realmente disse foi: **“Bem-vindos de volta”**. Ela poderia pelo menos agir educadamente.

Jinshi vinha passando dias especialmente longos no trabalho ultimamente. Ele alegou que era porque havia muitas coisas que precisavam ser cuidadas. Nesse caso,

talvez ele devesse estar trabalhando outro dia, em vez de ficar olhando boquiaberto para o experimento de Maomao.

A avaliação de Jinshi sobre a pessoa que ele recentemente teve que entreter para realizar seu trabalho não foi nada lisonjeira: **"Você poderia dizer que não nos damos bem. Ou, pelo menos, que há uma grande diferença de opinião."** Agora ele suspirou ao aceitar um pouco de vinho de frutas de Suiren. Todos na sala tinham uma tolerância bem desenvolvida para Jinshi, então isso não os afetou, mas se alguma garota o visse assim, ela poderia ter desmaiado na hora. Um eunuco muito problemático, de fato.

Portanto, havia alguém por aí que poderia ter uma opinião diferente de Jinshi. Isso foi impressionante por si só.

"Há algumas pessoas com quem nem eu consigo lidar facilmente", disse Jinshi.

A pessoa em questão era evidentemente um oficial militar de alta patente, um homem de intelecto aguçado, mas de caráter pouco ortodoxo. Ele criticava, levava visitantes aos escritórios das pessoas, invadia, desafiava-os para um jogo de Shogi, distraía-os com brincadeiras simples e evitava que a papelada fosse carimbada pelo maior tempo possível.

E nesta ocasião, Jinshi era o seu alvo. Jinshi se viu obrigado a entreter o homem por boas duas horas todos os dias, o que significava que ele teria que compensar o tempo mais tarde.

O rosto de Maomao se contorceu. **"Que velho eremita desperdiçaria seu tempo assim?"**

"Velho eremita? Ele acabou de passar dos quarenta. O pior é que ele consegue terminar o trabalho dele antes de vir me incomodar."

Um oficial militar de quarenta e poucos anos, excêntrico e de alta patente? Essas características específicas lembravam para Maomao, mas ela tinha a nítida sensação de que lembrar exatamente o porquê não traria nada de bom, então decidiu

esquecê-las. Infelizmente, o esquecimento provavelmente não tornaria seu sentimento ruim menos preciso.

○●○

“Acredito que o assunto com o qual você estava preocupado já foi aprovado”, disse Jinshi, trazendo seu sorriso de ninfa para seu convidado indesejado. Foi preciso um esforço genuíno para não fazer cara feia.

“Claro que sim, mas ver flores é muito difícil no inverno. Achei que essa seria a próxima melhor coisa.”

Jinshi foi confrontado por um homem de meia-idade com a barba por fazer e um monóculo. Um vagabundo, se é que alguma vez existiu. Ele usava um uniforme militar, mas sua constituição era mais a de um oficial civil, e seus olhos semicerrados, como os de uma raposa, carregavam partes iguais de inteligência e loucura.

O nome do homem era Lakan e ele era comandante militar. Em alguma outra época, ele poderia ter sido considerado um dragão adormecido, uma grande mente militar esperando para ser descoberta, mas nos dias de hoje ele era apenas mais um

excêntrico. Ele vinha de uma boa origem familiar, mas ainda era solteiro aos mais de quarenta anos; ele adotou um sobrinho para supervisionar sua casa.

Lakan estava interessado em três coisas: Go, Shogi e fofoca. Ele envolveria qualquer pessoa em um desses, mesmo que não estivessem interessados. Quanto ao motivo pelo qual ele se tornou um incômodo tão grande para Jinshi recentemente, foi porque Jinshi contratou como empregada doméstica uma jovem com ligação à Casa Verdigris.

A situação era simplesmente o que era, mas não poderia parecer bom para a sociedade em geral tirar uma menina de um bordel. Sim, ela era nominalmente apenas sua empregada, mas o que as pessoas deveriam pensar? Este oficial amante dos boatos contou a história da jovem conhecida de Jinshi, até que os militares ficaram completamente convencidos de que o eunuco a havia comprado para sair da prostituição. E era difícil dizer exatamente que eles estavam errados.

Jinshi deixou a tagarelice do velhote (onde ele conseguiu todas essas histórias?) Entrar por um ouvido e sair pelo outro enquanto ele pisoteava os papéis que Gaoshun lhe trouxera.

Até o momento em que Lakan disse algo bastante inesperado. **"Eu tinha uma amiga na Casa Verdigris, você sabe. Alguém de quem eu era muito próximo."**

Jinshi nunca soube que ele demonstrasse qualquer interesse em coisas carnais.

“Uma cortesã? Como ela era?" ele perguntou, seu interesse despertado (para seu aborrecimento).

Lakan sorriu e serviu um pouco do suco de frutas que trouxe em um copo. Reclinado em um sofá, ele poderia estar relaxando em seu próprio quarto. **“Oh, ela era uma bela senhora. Excelente jogador de Go e Shogi. No Shogi eu conseguia me defender dela, mas no Go, ah, eu estava sempre perdendo.”**

Derrotar um comandante militar em um jogo de estratégia não era tarefa fácil, refletiu Jinshi.

“Pensei em comprar o contrato dela. Imaginei que nunca mais encontraria uma mulher tão interessante. Mas a vida nem sempre te dá o que você quer, cara. Apareceram alguns interessados, ambos muito ricos, e iniciaram uma guerra de lances. Aumentei o preço.”

"Bondoso."

Às vezes, comprar o contrato de uma cortesã podia custar tanto quanto construir um pequeno palácio. Por outras palavras, a guerra de licitações colocou a mulher fora do alcance de Lakan.

Mas por que ele estava contando isso a Jinshi?

“Ela era um pato estranho, aquela senhora. Vendeu suas artes, mas nunca seu corpo. Inferno, ela não parecia pensar em seus clientes como clientes. Quando você tomava chá com ela, ela nunca agia como se estivesse servindo seu mestre ou alguém importante. Não, não. Em vez disso, ela olharia para você, imperiosa, como se a realeza concedesse uma audiência ao camponês mais vil. Agora tem quem gosta desse tipo de tratamento e ficou louco por ela. Quero dizer, me escute – é preciso conhecê-las, hein? Ah, só de pensar me dá um arrepio na espinha!”

Jinshi, cada vez mais desconfortável com a conversa, tentou desviar o olhar de Lakan. Gaoshun estava parado em silêncio ao fundo. Sua boca estava puxada em uma linha única e reta e ele mordia o lábio com força.

Havia muitas pessoas neste mundo que compartilhavam das predileções de Lakan.

Jinshi não tinha certeza se Lakan percebeu o efeito que estava causando; de qualquer forma, o excêntrico prosseguiu: **“Ah, o que eu não teria dado para levá-la para a cama!”** Seu sorriso malicioso traiu um pequeno indício de loucura. **“Eu admito, no final eu simplesmente não consegui deixá-la ir. Recorri a um esquema um tanto dissimulado. Basta dizer que se ela fosse cara demais para eu pagar, tudo o que eu precisava fazer era torná-la mais barata, hum? Corte o prêmio, por assim dizer.”**

Atrás de seu monóculo, os olhos de raposa de Lakan brilhavam. **“Você não está curioso para saber o que eu fiz?”**

Jinshi viu-se inexoravelmente atraído pela história de Lakan. Foi isso que tornou o homem tão assustador. **“Chegamos até aqui. Suponho que seria um desperdício não ouvir pelo menos o final da sua história.”** Jinshi de repente percebeu que seu tom havia ficado frio. Lakan sorriu para ele.

“Não tenha tanta pressa, garoto. Tenho um pequeno favor a pedir primeiro.” Ele entrelaçou os dedos e se esticou vigorosamente.

"E o que poderia ser isso?"

“A criada que você recebeu recentemente... ouvi dizer que ela é um espécime bastante interessante.”

Jinshi estava prestes a soltar um suspiro de exasperação: Isso de novo? Mas o que Lakan disse a seguir o pegou de surpresa.

“Dizem que ela tem talento para resolver mistérios.” Lakan não perdeu a hesitação que isso provocou em Jinshi. **“Eu tenho um amigo”**, ele continuou. **“Um**

metalúrgico que produzia peças para o palácio. Mas ele chutou um pouco o balde para trás, viu? Ele teve três alunos, mas, engraçado, não designou um sucessor."

"**Oh?**" Jinshi disse educadamente, enquanto pensava em como era incomum para Lakan ter um artesão entre seus conhecidos.

"É uma coisa triste, um mestre artesão que não transmite seus segredos antes de transmitir a si mesmo. Fico pensando que ele deve ter deixado alguma dica, algo para garantir que sua arte não morresse, mas não estou encontrando."

"**Onde você quer chegar?**" Jinshi perguntou secamente. Lakan tirou o monóculo e disse: **"Oh, não é nada. Nada para falar. Só queria saber se poderia haver alguma maneira de descobrir quais segredos aquele velho levou consigo para o túmulo. Tal como fazer com que uma jovem empregada particularmente inteligente investigue o assunto."**

Jinshi não disse nada.

"Nosso amigo morto era um cara engraçado. Deixou um testamento, coisa muito portentosa. Faz um homem pensar que deve haver mais do que isso."

Jinshi ainda não disse nada. Ele fechou os olhos e soltou um suspiro. Tudo o que ele pôde fazer foi dizer: **"Não estou fazendo nenhuma promessa. Conte-me sobre o testamento."**

*[1] ***Gourmands***: é aquele que gosta da boa alimentação e come por prazer. Um gourmand raffiné, refinado, seria um gourmet: pessoa que aprecia a sofisticação na comida e na bebida
*[2] ***Filisteu***: uma pessoa que é hostil ou indiferente à cultura e às artes, ou que não as compreende.
"Sou um completo filisteu quando se trata de pinturas"
*[3] ***Rubberneck:*** Rubbernecking é um termo depreciativo usado principalmente para se referir a espectadores olhando para acidentes. De forma mais geral, pode se referir a qualquer pessoa que olha compulsivamente para algo de interesse cotidiano.
*[4] ***Chaser:*** Um gole de uma bebida que você toma após uma dose de algo com gosto ruim. Tira o gosto ruim da boca.

Capítulo 5: Liderar

Perto da noite, Jinshi veio até ela com uma história extraordinária. **“Sinto muito incomodá-la”**, ele começou, o que já era bastante impressionante por si só. Normalmente, ele não parecia se importar com quantos problemas estava causando a Maomao em determinado momento. O prefácio, porém, teve o efeito de despertar o interesse de Maomao.

Aparentemente, o assunto era uma disputa relacionada com um conhecido de um conhecido de Jinshi. Algo que foi quase, embora não exatamente, uma briga de família. Um artesão morreu sem transmitir seus segredos mais importantes aos seus discípulos – que também eram seus filhos. Entre esses segredos estava uma técnica nunca divulgada a ninguém de fora.

“Então tudo o que precisamos fazer é descobrir a arte mais secreta desse metalúrgico. Sim?" Maomao disse.

“Nossa, quando você coloca dessa forma, parece tão simples! Devo dizer, porém, que você parece incomumente ansiosa.”

“Eu?” Maomao perguntou, desviando os olhos.

Aqui está o que Jinshi disse a ela: O metalúrgico tinha três discípulos, todos filhos de sangue e todos artesãos respeitáveis por direito próprio. O pai deles havia recebido uma comissão especial do palácio e, com ele fora, corria o boato de que um de seus filhos poderia sucedê-lo. O pai havia deixado um testamento prevendo uma herança para cada um de seus filhos. O filho mais velho ganhou uma pequena oficina, o segundo mais velho um móvel decorado pelo pai e o terceiro um aquário com peixinhos dourados.

O testamento também continha uma sugestão enigmática: ***Gostaria que vocês, rapazes, se sentassem e tomassem chá juntos como costumavam fazer.***

“Que testamento final muito intrigante”, comentou Maomao. Ela não tinha ideia se a intenção era literal ou se havia algo mais em ação.

"Isso é. E evidentemente é tão opaco para os jovens como é para nós.”

Maomao assentiu pensativamente. **“Devo dizer que a divisão da herança não parece muito justa.”**

A casa principal da família ainda era ocupada pela mãe dos meninos, então não estava incluída no testamento, mas quando uma criança ganhava uma oficina, outra ganhava móveis e a terceira ganhava um aquário com peixinho dourado, bom, era difícil não achar que a última criança recebeu um tratamento injusto.

“Você sabe alguma coisa sobre esse aquário?”

“Receio que não. Mas se você estiver curiosa, você pode visitá-los. Eu tenho o endereço.” Que excelente preparação da parte de Jinshi. Ele deve ter presumido que chegaria a esse ponto.

“Então, talvez se eu pudesse ser dispensada por um tempo amanhã?” Maomao disse com um olhar discreto para Suiren. A velha dama de companhia acenou com a mão como se dissesse *Divirta-se*, mas Maomao suspeitava que a sua carga de trabalho aumentaria mais do que nunca nos próximos dias.

A casa dos artesãos ficava no final da grande via principal que atravessava a capital. Situado numa zona repleta de comércio, era um local imponente, com um grande castanheiro no quintal.

Jinshi e Gaoshun não estavam com Maomao; em vez disso, estava lá o mesmo jovem que a acompanhou quando ela investigava o caso do peixe venenoso. Seu nome era Basen.

Não parece que ele pensa muito de mim, pensou Maomao, observando como ele só falava o mínimo necessário com ela. Parecia menos reticência do que desdém ativo. Mas Maomao ficou perfeitamente feliz com isso, desde que não interferisse no seu trabalho. Não era trabalho deles fazer amizade.

“Falei com a família e eles estão dispostos a nos acomodar”, disse Basen. **“Externamente, porém, sou eu quem está aqui para fazer as perguntas. Você é minha assistente.”**

"Muito bem." *Melhor ainda*, pensou Maomao: isto era o ideal. Chegaram à casa, Maomao seguindo obedientemente Basen, e quando bateram à porta apareceu um membro da família, um homem de aspecto sombrio, com cerca de vinte anos de idade.

“Ouvi dizer que vocês estavam vindo”, disse o homem, conduzindo Maomao e Basen para dentro de casa educadamente, apesar de seu comportamento sombrio. Por dentro, a casa dava a mesma impressão que por fora, arrumada e bem conservada. Pequenos arranjos de flores foram colocados aqui e ali. Num recesso de uma parede havia um objeto incomum: o

que parecia ser um pedaço de rocha ornamentado com metal que parecia brilhar com um leve tom azulado.

Maomao estudou o objeto atentamente. **“Oh, aquela coisa”**, disse o homem taciturno, aproximando-se dela. **“Meu pai comprou isso quando estava pegando alguns materiais. Ele sempre teve uma queda por... coisas estranhas.”** Pela primeira vez, uma pitada de alegria apareceu no rosto do homem.

Saíram da casa principal e seguiram por uma passarela coberta. Perto de um edifício que Maomao considerou ser uma pequena oficina, encontraram mais dois homens. Um era alto, o outro um pouco redondo e ambos pareciam tão taciturnos quanto o primeiro.

“Aqui estão eles, queridos irmãos mais velhos”, disse o anfitrião. Pelo seu tom respeitoso, Maomao adivinhou que o guia era o irmão mais novo. Ele pelo menos teve a decência de agir de maneira educada; seus dois irmãos pareciam totalmente hostis. Quando Maomao e Basen se aproximaram, eles rapidamente concluíram uma conversa murmurada e conduziram os visitantes à oficina.

O interior da oficina era agradável, com todas as ferramentas arrumadas em seus lugares. Os homens disseram a Maomao e Basen que a verdadeira oficina ficava na casa principal; eles não usavam esse lugar há algum tempo. Agora era um repositório de ferramentas antigas onde os artesãos às vezes tomavam chá.

“Que arranjo estranho”, disse Basen, olhando ao redor da sala. Maomao concordou silenciosamente. Bata no meio do espaço era uma cômoda. Parecia que só poderia estar atrapalhando ali, mas uma inspeção mais detalhada revelou decorações delicadas. A forma geral também não era nada parecida com tudo o que Maomao já tinha visto, fazendo com que parecesse estar na vanguarda da moda de mobiliário. Quase fez o baú ficar bonito, ali no meio de tudo. Mesas foram colocadas em torno dele, todo o arranjo surpreendentemente unificado.

Os cantos do baú eram bem arredondados, com adornos de metal trabalhado. A parte superior das três fileiras de gavetas tinha fechaduras, assim como a gaveta central, cada uma decorada com um metal diferente. O irmão gordinho aproximou-se de Maomao, que estava estudando o baú atentamente, e disse em voz baixa: **“Você pode olhar, mas mantenha as mãos afastadas”.**

Ela baixou a cabeça em reconhecimento e deu um passo para trás. Ela lembrou que o testamento do artesão falecido incluía um legado de móveis ao segundo filho mais velho.

Seria esta a peça em questão? Presumivelmente, isso faria do seu interlocutor o próprio segundo filho.

Sua suposição logo foi reforçada: o filho mais novo apareceu segurando algo claro e redondo.

"Você realmente acha que pode entender essas coisas que nosso pai nos deixou?", o homem alto, provavelmente o filho mais velho, perguntou a Basen.

Basen deu uma olhada em Maomao, que assentiu e apontou na direção dos três irmãos. Ela não tinha certeza se ele entendia o que ela queria dizer, mas ele olhou para os rapazes e respondeu com toda a calma: **"Receio que não poderei dizer até ouvir um pouco mais".**

Então ele se sentou em uma cadeira. Maomao ficou atrás dele, aproveitando a oportunidade para dar uma nova olhada ao redor da sala. A *arquitetura é realmente estranha*, ela pensou. Por um lado, a janela estava num lugar incomum. Era incomumente alto (talvez devesse ser no estilo ocidental?), o que permitiria a entrada de mais do que muita luz solar no quarto. Só havia um problema: o castanheiro gigante lá fora bloqueava toda a luz. Somente o que conseguia passar por suas folhas entrava na sala, exceto em um ponto específico. Ela percebeu isso pela cor desbotada da prateleira pendurada na parede, embora houvesse um espaço quadrado ainda na cor original, denunciando que algo devia ter ficado ali por muito tempo, até recentemente.

Enquanto Maomao examinava a sala, o irmão mais velho e esguio entretinha Basen. **"Já contamos tudo o que há para saber"**, disse ele. **"Nosso pai partiu deste mundo sem nunca nos contar seu segredo mais profundo. E então ele me deixou com essa oficina."**

"E eu com essas gavetas", disse o segundo filho, batendo no baú de forma demonstrativa.

"E eu, só tenho isso." O filho mais novo estendeu a coisa clara e redonda. Agora podiam ver que era feito de vidro fino, com fundo plano. Jinshi disse que o filho mais novo ganhou um aquário, mas Maomao não imaginou algo feito de vidro. Ela imaginou algo principalmente de madeira, ou pelo menos de cerâmica. Agora ela podia ver que pelo menos cada um dos filhos havia recebido algo de algum valor. No entanto, mesmo assim parecia haver uma disparidade inequívoca, uma distância assustadora, entre os legados dos dois primeiros filhos e os do terceiro.

O *que está acontecendo aqui*? Maomao olhou de um homem para outro. Cada um tinha calos nas mãos, o que indicava que se tratava de um artesão, mas as mãos do filho mais novo

chamaram especialmente a atenção dela. Eles tinham uma sucessão de vergões vermelhos incomuns. Queimaduras começando a cicatrizar?

O segundo filho soltou um suspiro e passou a mão pela cômoda. **“Não sei o que o velho estava pensando. Ele me deixa esse baú inteiro, mas só tem uma chave... e ela não cabe em nenhuma fechadura!”**

Maomao seguiu o olhar do homem até vários fechos de metal na parte inferior do baú. Evidentemente estava preso ao chão. A chave parecia ir para a gaveta central, mas o homem insistiu que não cabia. As três gavetas restantes abriam-se todas com a mesma chave – uma que evidentemente não tinham.

“Olhe isso”, disse o segundo filho, irritado, indicando os fechos. **“Não posso levar isso a lugar nenhum. Então, o que devo fazer com ele preso na oficina do meu irmão?”**

O irmão mais velho assentiu como se quisesse dizer que sentia o mesmo. Apenas o irmão mais novo parecia inseguro. **“Mas o pai disse para tomarmos chá como costumávamos fazer, não foi?”**

Os outros dois olharam para ele como se já tivessem tido essa conversa antes. "**Fácil para você dizer. Você é o sortudo. Seu legado é como dinheiro no seu bolso.”**

“Sim, apenas sua sorte. Penhore essa coisa e você terá uma alimentação sofisticada por um bom tempo.”

Os dois irmãos mais velhos pareciam estar tentando afugentar um cachorro sarnento. Maomao considerou as coisas. Ela deu um tapinha suave em Basen para incentivá-lo a fazer outra pergunta. Ele franziu a testa, mas fez o que deveria fazer. **“Se me permitem”**, disse ele, virando-se para os irmãos, **“Vocês poderiam me contar novamente sobre a última mensagem que seu pai lhe enviou?”**

“Exatamente como o garoto disse”, respondeu um dos irmãos mais velhos.

“Sim, faça uma festa do chá, como costumávamos fazer. Seja lá o que diabos isso significa.”

Talvez tenha sido uma exortação para os três se darem bem. Seria um conselho muito paternal deixar para trás. Mas Maomao não tinha como ter certeza do que ele queria dizer, nem achava que eles chegariam a algum lugar simplesmente contemplando os três legados.

Ela estava pensando no que fazer quando a mãe dos rapazes apareceu com uma bandeja. Ela colocou xícaras de chá para cada um deles na longa mesa no centro da sala.

“Aqui está”, foi tudo o que ela disse antes de sair novamente. Três xícaras estavam alinhadas em um dos lados da longa mesa, com mais duas em frente delas, deixando aberto o espaço em frente à cômoda. As duas taças foram provavelmente para Maomao e Basen. Os irmãos sentaram-se, mas não no lugar mais próximo; cada um deles mudou-se para um local específico, sugerindo que já ocupavam esses assentos há muito tempo.

Hum, Maomao pensou. A luz entrava pela janela alta, estendendo-se em direção ao baú. O assento em frente estava vago – considerando a hora do dia, o sol estaria forte demais para que alguém se sentasse ali para tomar chá. Só mais um pouco e a luz do sol tocaria o baú, mas não havia sinal de desbotamento na madeira. Evidentemente o sol nunca chegou tão longe.

Sinais de desbotamento? Maomao levantou-se da cadeira e olhou pela janela. Com a grande árvore do lado de fora, a luz não entraria na sala por muito tempo. Ela ficou na frente da janela e olhou para a cômoda. A posição da fechadura a incomodava. Não as fechaduras das três gavetas superiores, mas a fileira do meio, onde apenas uma gaveta estava trancada.

Ela avançou em direção ao baú com curiosidade, atraindo olhares perplexos dos irmãos. Basen pressionou a mão na testa e olhou para baixo. O gesto era claramente familiar; Maomao percebeu de repente que ele se parecia muito com Gaoshun.

Basen suspirou e olhou para Maomao com indisfarçável descontentamento. **“Você encontrou uma pista?”**

“Aquela gaveta com fechadura não abre, certo?”

“Costumava, mas o pai mexeu tanto com isso que agora não abre”, respondeu o segundo filho.

“E há apenas uma chave?”

"É isso. E nosso velho nos disse, acho que vocês já devem saber como ele adorava dizer coisas que não faziam sentido. Ele disse que se quebrarmos a fechadura, o que quer que esteja dentro também quebrará. Portanto, não podemos simplesmente destruí-lo.”

Maomao posicionou-se em frente ao baú e examinou o buraco da fechadura. Ela teve a impressão de que algo estava embalado dentro.

Talvez haja uma razão para o baú estar preso no chão também, ela pensou, revirando o que sabia em sua mente. Os legados aos três irmãos: a oficina, o baú, a tigela. A gaveta que não abria. E...

Maomao olhou para o aquário do peixinho dourado do irmão mais novo. **“Perdoe minha pergunta, mas aquela tigela costumava ficar naquela prateleira ali?”** ela disse.

"**Er, sim, sim, aconteceu.**" O irmão mais novo foi até a janela, ainda segurando a tigela. Dobrou um lenço e colocou-o sobre o local desbotado, depois colocou a tigela em cima dele. **“Costumávamos manter um peixinho dourado aqui. Mas o frio matava, então no inverno a gente só colocava aqui ao meio-dia, quando estava mais quente. No entanto, não temos um peixinho dourado há anos. Esta tigela não passou de uma decoração.”** Ele sorriu, um pouco triste.

Hummm. Maomao lançou um olhar calculista para o arranjo e depois saiu da oficina.

“E-Ei, onde você está indo?” Basen exigiu.

“Só para pegar um pouco de água”, disse Maomao. Ela voltou logo depois e despejou a água no aquário do peixinho dourado. **“Presumo que já teve água, assim.”**

"**Sim, está certo. E o desenho lateral estava sempre apontado para nós, assim.”**

Pensei isso, Maomao disse para si mesma, olhando novamente para a tigela. A luz entrou pela janela e atingiu o aquário. A partir daí, focou-se em um único ponto: a cômoda. Especificamente, a fechadura central, que brilhava sob o raio de sol.

“Posso presumir ainda que esta é a hora exata do dia em que você costuma tomar chá?”

“E-Ei! O que está acontecendo aqui?", disse o segundo irmão mais velho, colocando-se entre a tigela e o baú.

"**Fique atrás!**" Maomao gritou, com mais veemência do que pretendia. Mas foi eficaz: o grande homem de repente pareceu ficar menor.

“Perdoe-me”, disse Maomao. **“Se o raio atingir seus olhos, você pode ficar cego. E preciso que este espaço esteja livre, então, por favor, mantenha distância. Caso contrário, a fechadura não abrirá.”** Ela observou os dois de perto, trancados e acesos, e esperou.

Ninguém sabia exatamente quanto tempo demorou; ninguém estava contando. A luz refletida no aquário moveu-se pouco a pouco, contornando a fechadura. Por fim, a luz desapareceu; bloqueado pelo castanheiro, supôs Maomao. Agora ela inspecionou a fechadura criticamente. O metal estava quente ao toque e ela detectou um odor estranho.

"Qual é o significado disto?" alguém perguntou, mas Maomao respondeu apenas: **"Por acaso o falecido sofria de anemia e dores de estômago?"**

"Sim, ele tinha..."

"E talvez você tenha observado vômitos e ataques de letargia?"

A forma como os três irmãos se entreolharam em resposta a esta pergunta convenceu Maomao de que ela estava certa. Então ela se lembrou do estranha peça de arte, o cristal.

"Não tenho muito conhecimento sobre metalurgia, mas a soldagem também foi feita aqui?"

"Sim..."

"Tudo bem. Por favor, abra a gaveta com a chave."

"Eu te disse, não cabe", resmungou o segundo filho, mas mesmo assim enfiou a chave na fechadura. Encaixou tão naturalmente quanto qualquer coisa. O homem, assustado, girou a chave e foi recompensado com um clique.

"O-o que aconteceu?", disse o filho mais velho, enquanto seus irmãos olhavam surpresos. Até Basen pareceu devidamente impressionado.

"Nada de especial", disse Maomao. **"Nós simplesmente seguimos o último pedido do seu pai. Todos vocês tomaram chá juntos, como costumavam fazer."** Depois tirou a gaveta da cômoda e colocou-a sobre a mesa onde todos pudessem vê-la. Continha um molde em forma de chave, que emitia um brilho opaco. Surpreendentemente, continha metal ainda quente. Maomao bateu no metal com o dedo, verificando a dureza. **"Posso remover isso?"** ela perguntou.

"S-Sim, claro..."

Com o consentimento dos irmãos, ela tirou a chave do molde, sentindo o resto do calor radiante em sua mão. Quando ela o experimentou na cômoda, ele encaixou perfeitamente nas fechaduras das três gavetas. Ela abriu cada um deles, provocando olhares mais perplexos e expressões de surpresa.

"O-o que é isso?"

As duas primeiras gavetas, todas de tamanhos variados, continham metal e algo que parecia cristal. Na gaveta maior havia uma joia azulada como a que enfeitava a entrada da casa.

"Receio não saber. Só fiz o que nos foi dito." Maomao balançou a cabeça e colocou os três pedaços sobre a mesa. Não havia mais nada para ela dizer.

"Droga. Sejam amigáveis uns com os outros, ele diz! Como o inferno! Papai simplesmente não resistiu em pregar uma última peça em nós!" O filho mais velho exclamou.

"Ele deve ter rido até o túmulo!" disse o segundo.

O terceiro homem, porém, o mais jovem, ficou em silêncio enquanto olhava para os três pedaços. Depois examinou as gavetas da cômoda. Maomao viu suas mãos novamente, com as queimaduras semi curadas. Seus irmãos mais velhos não tinham marcas nos dedos.

Aprendiz vê, aprendiz faz, talvez? ela imaginou. Ela se lembrou das palavras: foram ditas por alguém que visitou seu pai, alguém que tinha o inconfundível ar de um artesão. Ela também se lembrava de ter levado o conselho a sério, tentando misturar as ervas que seu pai trouxera, imitando o que ela pensava tê-lo visto fazer - e, por fim, envenenando-se. No futuro, insistiu seu pai, ela deveria perguntar a ele primeiro.

Maomao suspeitava que o filho mais novo fosse o único que via o que o velho artesão procurava. A soldagem envolvia a mistura de vários tipos diferentes de metal para que derretessem a uma temperatura mais baixa do que o normal. Maomao conhecia uma dessas combinações possíveis: chumbo e estanho. Por que diabos ela sabia disso? Porque o chumbo era venenoso, claro. Certa vez, ela viu um metalúrgico que se envenenou derretendo chumbo. Depois havia o pó clareador facial que era popular no palácio interno: seu pai lhe disse que era à base de chumbo.

E se dois dos três pedaços de metal fossem chumbo e estanho e, ao misturá-los com o terceiro pedaço, um metal inteiramente novo pudesse ser criado? O aquário tinha focado a luz, é verdade, mas não por muito tempo. O ponto de fusão do metal era evidentemente

muito baixo. E finalmente, talvez o mais importante, o velho artesão fez as gavetas de tamanhos diferentes, parecia deliberadamente.

Maomao tinha certeza de que não precisava dizer mais nada, mas havia uma coisa que ela queria acrescentar. Ela se aproximou e se dirigiu ao irmão mais novo. **“Em um estabelecimento chamado Casa Verdigris no bairro dos prazeres, há um apotecário chamado Luomen. Um curador de realizações substanciais. Se você não se sentir bem, por favor, deixe-me recomendar que você o visite.”**

“Ah... sim, obrigado”, disse o jovem, surpreso com o conselho não solicitado. Maomao baixou a cabeça lentamente; o irmão mais novo despediu-se educadamente enquanto os outros dois continuavam a discutir. Maomao deixou todos para trás.

Ela notou a expressão no rosto de Basen; ele não parecia mais satisfeito agora do que nunca. Ela percebeu que talvez tivesse exagerado e começou a andar atrás dele. O que quer que tenha acontecido depois disso não teve nada a ver com Maomao. Se o inteligente terceiro filho escolheu mostrar generosidade ou então manter o segredo arduamente conquistado para si mesmo, era a mesma coisa para ela.

Capítulo 6: Maquiagem

Maomao estava se preparando para o jantar quando Jinshi disse: **“Você sabe muito sobre maquiagem?”**

A pergunta surgiu completamente do nada. *Por que diabos ele está perguntando sobre isso?* Maomao pensou, sem fazer nenhum esforço para esconder sua confusão. Pela primeira vez em muito tempo, ela se viu olhando para ele como se estivesse estudando uma lagarta, não que realmente fosse sua intenção.

Jinshi tinha acabado de voltar do trabalho. Suiren o estava ajudando a trocar de roupa. E era isso que ele queria saber?

Era verdade que, crescendo no bairro do prazer, aprendia-se o básico da maquiagem por osmose, e às vezes Maomao inventava cosméticos além de remédios. Ela não podia negar que tinha bastante conhecimento sobre o assunto.

“Você deseja dar um presente para alguém?”

"Você não entendeu. É para mim."

Isso deixou Maomao muda. Seus olhos tornaram-se poços negros sem fundo, vagos e vazios. Ela nem parecia mais estar olhando para um inseto morto ou uma poça de lama.

“O que você está imaginando?” Jinshi retrucou. Bem, o que mais ela estaria imaginando? Jinshi maquiado. Foi ele quem tocou no assunto.

Ele não precisa de nenhuma maldita maquiagem! Maomao pensou. Ele já tinha a beleza de algum habitante do reino celestial. Um toque de vermelho ao redor dos olhos, um pouco de ruge nos lábios e uma marca de flor na testa seriam suficientes para deixar a nação de joelhos. A história estava repleta de guerras inúteis, e muitas delas foram causadas por uma bela mulher muito próxima da sede do poder.

E este homem tinha o potencial de transcender totalmente o gênero.

“Você quer destruir esse país?” Maomao perguntou categoricamente.

“O que diabos te deu essa ideia?!” Jinshi exclamou, vestindo sua jaqueta e sentando em uma cadeira. Maomao serviu-lhe mingau em uma panela de barro. Foi feito com abalone bom e salgado, e a mordida que ela deu para testar se havia veneno foi deliciosa. Ela sabia que quando Jinshi terminasse, Suiren dividiria as sobras com ela, então ela desejou que ele se apressasse e comesse antes que tudo esfriasse.

“Como você faz essas coisas que usa?” Jinshi perguntou, indicando seu nariz.

Ah... minhas sardas, Maomao pensou, e então lhe ocorreu. Sua beleza já era tão avassaladora que ele não precisava de nada para realçá-la. Mas talvez algo para atenuar isso. **“Eu dissolvo argila seca em óleo, senhor. Se eu quiser que o produto fique especialmente escuro, misturo carvão ou pigmento vermelho para os lábios.”**

"Hum. E você pode fazer isso em pouco tempo?”

Maomao tirou uma concha das dobras do seu manto. Dentro havia argila bem compactada. **“Isso é tudo que tenho comigo agora, mas me dê uma noite e posso facilmente fazer mais.”**

Jinshi pegou a concha, pegou um pouco do conteúdo com o dedo e esfregou nas costas da mão. *Está um pouco escuro demais*, pensou Maomao, *para sua pele quase de porcelana.* Ela teria que diluir a mistura.

“Você mesmo vai usá-lo, senhor?”

Jinshi riu baixinho. Não foi uma resposta verdadeira, mas Maomao imaginou que ela poderia interpretar isso como um sim.

“Se você conhece algum remédio que possa mudar o rosto de um homem, eu adoraria ouvir sobre ele”, disse ele levemente.

Ele estava brincando, mas Maomao respondeu: **“Essas coisas existem, mas você nunca seria capaz de mudar de volta”.** A laca, por exemplo, faria o trabalho com pressa.

“Suponho que sim”, disse Jinshi com um sorriso tenso. Ele não iria querer isso e nem ninguém por aqui. Maomao poderia facilmente se imaginar despedaçada e alimentada pelas feras se ousasse fazer tal coisa.

“Existem certas técnicas, senhor, que podem conseguir o mesmo efeito”, disse ela.

“Por favor, então.” Jinshi sorriu como se fosse isso que ele estava esperando e finalmente começou a comer seu mingau. Ele estava gostando tanto de uma carne de frango perfeitamente cozida que Maomao perdeu a esperança de conseguir sobras. Quando Suiren tirou a bandeja, só sobrou uma mordida nela.

“Quero que você me transforme em alguém totalmente diferente”, disse Jinshi.

Eu me pergunto o que ele está planejando, Maomao pensou, mas ela valorizava mais a vida do que pedir. Além disso, ela não tinha nada a ganhar sabendo. Ela só precisa fazer o que lhe foi dito. **“Muito bem”,** disse ela, e então observou Jinshi continuar seu jantar, instando-o silenciosamente a se apressar. *Aquele mingau de abalone parecia tão bom.*

No dia seguinte, Maomao preparou um pano com tudo o que precisava: um lote de maquiagem diluída e alguns outros itens que achou que poderiam ajudar. Ela chegou mais cedo do que o normal e encontrou as luzes já acesas nas salas pessoais de Jinshi. O dono do lugar havia terminado o banho e estava reclinado em um sofá enquanto Suiren secava o cabelo. Somente um nobre poderia conhecer ou esperar tal luxo. Sua roupa era mais simples do que o normal, mas cada movimento seu traía sua origem aristocrática.

“Bom dia”, disse Maomao, parecendo não achar nada muito bom.

“Bom dia”, Jinshi respondeu, por sua vez parecendo totalmente satisfeito; ele parecia que poderia começar a cantarolar a qualquer momento. **"Algum problema? Parece cedo para olhares tão tempestuosos.”**

“De jeito nenhum, senhor. Eu estava apenas pensando no fato de que você passará mais um dia perfeitamente lindo.”

"O que é isso? Alguma nova maneira de me atacar?”

Talvez parecesse, mas era apenas a verdade. O cabelo de Jinshi capturou a luz ao cair. *Da forma como brilha*, pensou Maomao, *poderia ter sido transformado num tecido bastante fino.*

“Não tem vontade de fazer seu trabalho hoje?” ele disse.

“Sim, senhor. Mas você tem certeza de que deseja se tornar outra pessoa? Inteiramente?”

"Sim. Eu disse isso ontem à noite.”

“Então, se você me perdoa...” Maomao se aproximou de Jinshi, agarrou as mangas de sua roupa e empurrou-as contra o rosto dela.

“Meu Deus”, disse Suiren. Ela parou de pentear o cabelo de Jinshi e saiu apressada da sala, levando Gaoshun com ela enquanto ele tentava entrar. (Mas eles não foram longe: certamente não tão longe que não pudessem observar silenciosamente o que estava acontecendo.)

“O-o que você pensa que está fazendo?” A voz de Jinshi ameaçou falhar.

Quando lhe era dada uma tarefa, Maomao só se sentia bem quando a executava ao máximo. Ela reuniu uma panóplia de ferramentas para ajudá-la a tornar Jinshi irreconhecível.

Ele não tem ideia, não é? Maomao pensou. **“Nenhum plebeu usaria um perfume tão fino”**, disse ela. A roupa que Jinshi escolheu foi a de um cidadão, ou talvez de um funcionário menor do governo. Não era o tipo de pessoa que teria qualquer contato ou ligação com navios que traziam madeiras exóticas e caras e perfumadas do além-mar. O olfato de Maomao era especialmente aguçado, apurado para distinguir ervas medicinais de venenosas. Ela detectou o perfume de Jinshi no momento em que entrou na sala, e foi isso que causou seu mau humor. Suiren provavelmente perfumou a roupa, tentando ser útil, mas, francamente, ela só piorou as coisas.

“Você sabe discernir os vários tipos de clientes de um bordel?”

"Eu não. Talvez pelo tipo de corpo ou pelas roupas?”

“Essas são possibilidades, mas há outra maneira. O cheiro."

Os clientes com excesso de peso que exalavam um odor adocicado estavam doentes, mas provavelmente eram ricos. Aqueles que usavam vários perfumes ao mesmo tempo, criando um miasma nocivo, frequentavam as prostitutas comuns e muito provavelmente tinham alguma doença sexual; enquanto um jovem que fedia como um animal indicou uma falta de higiene anti-higiênica.

A Casa Verdigris não tinha o hábito de aceitar clientes de primeira viagem sem apresentações, mas de vez em quando alguém prevalecia a velha senhora e conseguia entrar. O fato de essas pessoas quase sempre se tornarem excelentes clientes regulares mostrava que a velha sabia julgar sua clientela.

“De qualquer forma, a primeira coisa que precisamos é de uma roupa diferente. E algo mais." Maomao foi até a banheira e pegou um balde de água ainda quente, que levou para Jinshi. Suiren e Gaoshun observaram-na ansiosamente. Como ele estava lá, Maomao enviou Gaoshun para uma missão. Eles precisariam de roupas diferentes das que haviam sido preparadas.

Agora ela tirou uma pequena bolsa de couro da bolsa de pano. Ela mergulhou os dedos nele e eles saíram pingando um óleo viscoso, que ela dissolveu no balde de água.

“Uma coisa que os plebeus não fazem é tomar banho todos os dias”, ela o informou. Ela molhou a mão no balde e passou-a pelo cabelo de Jinshi. Com algumas passadas da mão de Maomao, seus cabelos brilhantes começaram a perder o brilho. Ela pensou que estava sendo cuidadosa, mas não tinha tanta experiência nisso quanto Suiren, e deve ter sido por isso que Jinshi parecia tão impaciente.

Tem que ter cuidado para não puxar o cabelo, Maomao pensou, ficando ela mesma um pouco nervosa. Era muito fácil esquecer, mas esse augusto personagem poderia causar uma ruptura permanente entre sua cabeça e seus ombros se ficasse muito descontente.

Quando os brilhantes fios de seda que antes adornavam a cabeça de Jinshi se transformaram em cânhamo fosco, Maomao amarrou o cabelo para trás. Ela não usava um laço de cabelo adequado, mas sim um pedaço de pano. Para sua nova persona, qualquer coisa serviria, desde que servisse ao seu propósito.

Quando Maomao guardou o balde e lavou as mãos, Gaoshun voltou com exatamente o que havia pedido. *Agora foi uma boa ajuda.*

"Você tem certeza disso?" Gaoshun perguntou, parecendo claramente desconfortável. Ao lado dele, Suiren não fazia nenhuma tentativa de esconder sua repugnância. Sem dúvida era difícil para uma dama de companhia de tanto tempo acreditar no que estava vendo.

Gaoshun havia adquirido uma roupa de plebeu grande e muito bem usada. Pelo menos tinha sido lavado, mas o tecido estava ficando mais fino em alguns lugares e o almíscar do proprietário original ainda estava grudado nele.

Maomao levou a roupa ao nariz e disse: **"Talvez eu tivesse preferido algo ainda um pouco mais fedorento"**. Agora Suiren parecia realmente surpresa, com as mãos nas bochechas. Ela parecia prestes a falar, mas Gaoshun a silenciou com um movimento de mão. Ainda assim, ele não conseguiu esconder o sulco em sua própria testa.

Maomao se sentiu mal por Suiren, mas ela ainda tinha muito o que fazer para testar o ânimo da mulher. **"Mestre Jinshi, por favor, tire a roupa."**

"Er... Sim. Certamente", disse Jinshi, embora não parecesse muito certo. Maomao não se importou com sua relutância, mas andou pela sala em busca de algo que servisse ao seu propósito. Ela encontrou vários lenços e depois tirou alguns panos de amarrar de sua bolsa.

"Posso pedir a vocês dois para me ajudarem?" ela perguntou aos espectadores nervosos. Ela puxou os dois para dentro, dando a Gaoshun um lenço para enrolar na pele de Jinshi. Ele poderia ter sido um homem de beleza quase celestial e poderia estar faltando uma parte importante que a maioria dos homens possuía, mas mesmo assim, o torso de Jinshi era razoavelmente musculoso. Ele deve ter pensado que sentiria frio vestindo apenas a roupa de baixo, pois havia deixado as calças. Maomao, que achou o quarto bastante quente, percebeu que talvez ela não tivesse sido muito generosa com ele e colocou algumas brasas no braseiro.

Gaoshun envolveu Jinshi com os lenços, Suiren segurou-os e Maomao prendeu-os no lugar com os panos. Quando terminaram, Jinshi adquiriu uma silhueta bastante corpulenta. As roupas um pouco grandes cabem agora. Maomao deu a Jinshi um tipo de corpo não muito comum, e os últimos vestígios de seu perfume logo seriam superados pelo odor nas roupas. O rosto de Jinshi, a única coisa que obviamente e inequivocamente ainda era seu, parecia muito estranho flutuando acima de seu novo corpo.

“Tudo bem, vamos passar para a próxima coisa então.” Maomao pegou o lote de maquiagem que preparou na noite anterior. Era um pouco mais escuro que o tom de pele de Jinshi. Ela começou a aplicá-lo delicadamente com os dedos. *Sim*, ela pensou, *estou literalmente perto o suficiente para tocá-lo e ele ainda é escandalosamente lindo.* Ele não só não tinha pêlos faciais; ele parecia não ter nenhum tipo de pêlo no corpo.

Depois de fazer uma aplicação completa da base, um pensamento malicioso lhe ocorreu. Afinal, quando ela teria essa chance novamente? Quando surgiria outra oportunidade de saciar sua curiosidade sobre o quão adorável Jinshi seria se fosse maquiado como uma menina?

Maomao pegou uma concha contendo pigmento vermelho dentre seus instrumentos. Ela mergulhou o dedo mindinho e passou um pouco cuidadosamente nos lábios de Jinshi.

Então Maomao ficou em silêncio. Gaoshun e Suiren, olhando, também ficaram sem palavras. Cada um deles pareceu primeiro desconfortável, depois profundamente em conflito, depois todos se entreolharam e assentiram.

"O que está acontecendo?" Jinshi perguntou, mas ninguém respondeu. Suas mentes estavam muito cheias de algo muito maior. Eles estavam claramente pensando a mesma coisa: era uma bênção que apenas os três estivessem presentes naquele momento. Se houvesse mais alguém por perto, fosse homem ou mulher, teria sido uma tragédia. Havia algumas coisas que, por mais transcendentes que fossem, o mundo não deveria ver. Foi assustador perceber que com

apenas um toque de cor nos lábios, Jinshi poderia possuir o poder de destruir pelo menos algumas pequenas aldeias.

“Não é nada, senhor”, disse Maomao, pegando o lenço que Suiren lhe ofereceu e esfregando-o nos lábios de Jinshi com força suficiente para ter certeza de que ela tiraria tudo.

“Aí, isso é desconfortável. O que diabos foi isso?”

“Como eu disse, senhor, não é nada.”

“Absolutamente nada, garanto a você”, acrescentou Suiren.

“Nada, senhor”, disse Gaoshun.

Jinshi estava cético em relação a essa súbita demonstração de concordância entre os três, mas não fez mais perguntas. Maomao tirou da cabeça a distração momentânea e voltou ao trabalho.

A próxima etapa exigia uma coloração um pouco mais escura. Ela espalhou um pouco do pigmento em seu rosto, criando bolsas sob seus olhos. Enquanto ela estava fazendo isso, ela foi em frente e experimentou uma verruga em cada bochecha. Suas sobrancelhas graciosamente arqueadas ela engrossou pouco a pouco, trabalhando cuidadosamente de um lado e depois do outro.

Havia maneiras de alterar os contornos do rosto, mas de perto seria óbvio que era maquiagem, então Maomao decidiu renunciar a essa etapa. Numa mulher, um pouco de maquiagem pode passar despercebida, mas no rosto de um homem levantaria suspeitas. Em vez disso, ela enfiou algodão nas bochechas de Jinshi para mudar seu perfil. Gaoshun e Suiren observaram, surpresos por ela ter ido tão longe, mas ela ainda não havia terminado. Ela pintou o pigmento restante aqui e ali para completar o efeito. Por exemplo, um pouco daquela coisa debaixo das unhas fazia com que ele parecesse positivamente imundo.

Não pode ter as mãos muito bonitas, ela pensou. As mãos de Jinshi, assim como seu torso, eram visivelmente masculinas. Maomao sempre o considerou alguém que nunca levantou nada mais pesado do que um par de pauzinhos ou um pincel para escrever, mas as palmas das mãos tinham calos detectáveis. Ele deu a entender que havia sido treinado com a espada, ou talvez com um bastão de combate, embora ela nunca o tivesse visto praticando. Não eram habilidades que um eunuco normalmente precisaria. Ela não conseguia reunir a curiosidade, porém, para se perguntar sobre algo tão trivial como por que Jinshi poderia ter

sido treinado nas artes de luta; em vez disso, ela continuou a sujar sistematicamente as mãos dele, transformando-as nas de um cidadão comum.

"Você já terminou?" Jinshi perguntou quando Maomao começou a empacotar seus cosméticos e ferramentas, enxugando um pouco de suor da testa. O lindo eunuco havia desaparecido, substituído por um desajeitado morador urbano que não parecia muito saudável. Seu rosto manteve sua simetria atraente, mas sua barriga protuberante, as manchas nas mãos e as bolsas escuras sob os olhos indicavam um estilo de vida pouco higiênico. O fato de ele ainda parecer alguém que poderia ter sido escalado como um mulherengo em alguma peça de teatro mostrava quantos problemas sua beleza natural poderia causar.

"Meu Deus, esse é realmente meu jovem mestre?" Suiren disse.

"Não me chame assim."

Suiren viu todo o processo do início ao fim e até ela ficou surpresa com a transformação. Agora, Jinshi poderia ter se movido sem ser reconhecido em quase qualquer lugar do palácio. Não reconhecido pela aparência, pelo menos.

Maomao tirou um cilindro de bambu da bolsa. Ela puxou a tampa, despejou parte do conteúdo em um copo e entregou a Jinshi. Ele olhou para ele em dúvida e franziu a testa. O odor característico e arrepiante, suspeitava Maomao. Era uma combinação de vários estimulantes diferentes e, honestamente, o sabor dificilmente poderia ser chamado de apetitoso.

"O que exatamente é isso?"

"Um rascunho especial de minha autoria. Beba devagar, para que chegue aos lábios, e depois engula. Deve causar inchaço nos lábios e na garganta, alterando assim a sua voz. Ah, você pode querer tirar o algodão da boca primeiro."

Jinshi podia parecer e até cheirar diferente, mas certas pessoas o reconheceriam instantaneamente se ouvissem aquela voz doce. Se Maomao fosse fazer alguma coisa, ela faria certo.

"É muito amargo", acrescentou Maomao, **"Mas não se preocupe. Não é venenoso."**

Um silêncio atordoado coletivo a cumprimentou. Maomao ignorou e voltou a limpar diligentemente seu espaço de trabalho. Ela obteve permissão para tirar o resto do dia de

folga. Pela primeira vez em muito tempo, ela poderia voltar ao bairro do prazer e, acima de tudo, fazer um pouco das misturas e criações que tanto amava. O pensamento a deixou extraordinariamente alegre, mas seu objetivo rapidamente foi atrapalhado.

“Xiaomao, você disse que iria para casa hoje, sim?”

“De fato, senhor. Pretendo partir agora mesmo”, disse ela. Gaoshun cumprimentou isso com um sorriso, como se dissesse que era perfeito. Foi uma expressão incomum do reticente assessor.

“Nesse caso, você seguirá o mesmo caminho que Mestre Jinshi”, disse ele.

Eca! Blargh! Maomao pensou imediatamente. Sua graça salvadora foi que ela não expressou seu desgosto, mas provavelmente estava escrito em seu rosto.

Gaoshun lançou um olhar furtivo para Jinshi, que parecia tão chocado quanto Maomao. Sua boca estava ligeiramente aberta. **“Você se deu ao trabalho de mudar sua aparência, senhor. Isso prejudicaria o efeito se você viajasse com o mesmo acompanhante de sempre.”**

“Meu Deus, eu não tinha pensado nisso”, disse Suiren com um aceno exagerado que sugeria que os dois haviam pensado muito nisso, antes do tempo.

“Você entende o que quero dizer, Mestre?” Gaoshun disse. Ele parecia incomumente ansioso por isso. Prazer em impingir Jinshi a outra pessoa pela primeira vez, provavelmente.

"Eu entendi. Sim, isso seria útil.” De repente, Jinshi também estava a bordo.

Agora, isso não vai funcionar, Maomao pensou. **“Sinto muito”,** disse ela, **“Mas temo que, mesmo na minha companhia, Mestre Jinshi tenha exatamente o mesmo problema”.**

Era verdade que, com sua aparência nova e menos notável, seria adequado para Jinshi ter uma atendente simples como Maomao, mas já era bem sabido em alguns lugares que ela era sua empregada pessoal. Seria melhor se eles não viajassem juntos, contra a menor chance de serem reconhecidos.

Ah, mas aquela astuta dama de companhia, Suiren: ela cumprimentou — e rejeitou — essa ideia com um sorriso. Ela se aproximou segurando uma caixa laqueada, da qual tirou uma pinça de sobrancelha e um palito de cabelo ornamental. **“Então acredito que você precisa**

de um disfarce, Xiaomao”, disse ela, e seus olhos sorridentes continham uma expressão afiada que impediu Maomao de fazer mais objeções.

Essa premonição incômoda, porém, foi ficando cada vez pior.

Capítulo 7: Um passeio pela cidade

Eles pegariam uma carruagem dos aposentos de Jinshi até o portão do pátio externo. A transformação dramática e bem-sucedida de Maomao em seu mestre foi uma faca de dois gumes: um homem que se parecia com Jinshi agora andando pelo palácio atrairia suspeitas. Até mesmo as empregadas domésticas e criados mais humildes recebiam roupas decentes aqui.

Pode ter parecido óbvio simplesmente vestir roupas mais refinadas para a viagem, mas considerando que o estômago de Jinshi estava artificialmente recheado, uma troca de roupa mais tarde teria sido complicada. Isso foi uma fonte de irritação para Maomao, que queria que tudo fosse perfeito e ficou bastante indignado com o fracasso de Jinshi em compreender sua própria beleza.

Eles desembarcaram da carruagem em um local tranquilo e, quase imediatamente, Maomao começou a lançar críticas a Jinshi.

“Mestre Jinshi, sua postura é boa demais. Relaxe um pouco!” No momento, Jinshi estava tão ereto como se houvesse uma corda prendendo sua cabeça aos céus.

“Bem, fale por si mesma”, ele resmungou. **“Um pouco pesado nas formalidades, não é? E não use meu nome, isso vai contra a ideia!”** Seu tom era áspero, assim como o homem que ele agora era ostensivamente.

Maomao admitiu em particular que estava certo. Mas nesse caso, como ela deveria chamá-lo? Ela estreitou os olhos e olhou atentamente para Jinshi. Embora não fosse sua intenção, parecia que ela estava estudando uma mariposa que voou até uma lanterna. A expressão de Jinshi mudou para algo difícil de descrever.

"**Como devo chamá-lo então, senhor?**" Maomao finalmente perguntou.

“Boa pergunta”, disse Jinshi, acariciando o queixo. Ele murmurou por um momento e depois disse: **“Me chame de Jinka”.**

O *demônio*? Maomao pensou. Não era particularmente estranho, e ela ficou feliz em usá-lo, mas a escolha deliberada do caractere ka, que significa "flor", era um tanto surpreendente em nome de um homem. Mas, novamente, "Jinshi" também não era o nome mais masculino do mundo. Maomao lamentou brevemente não ter simplesmente disfarçado Jinshi de mulher, mas então se lembrou daquele toque de rouge e pensou melhor. Ela balançou a cabeça: Jinshi nunca deve aparecer com roupas femininas, para que o próprio mundo não se desintegre.

"Muito bem então, Mestre Jinka..." Maomao começou, mas ela pegou Jinshi olhando para ela. Ah sim. A formalidade. **"Jinka, então."** Sem honoríficos, sem deferência. Maomao achava difícil navegar no modo ornamentado de discurso educado empregado no palácio, mas, em sua opinião, uma linguagem completamente casual era ainda mais difícil. E o que era aquele brilho nos olhos de Jinshi? Ela trabalhou tanto para fazê-lo parecer doente; ele derrubaria a ilusão se parecesse muito satisfeito.

"Excelente, senhora" ele disse, seu tom um tanto jocoso.

"Huh?" Maomao ficou boquiaberta e Jinshi sorriu amplamente.

"Acho que este modo de falar é o mais adequado, considerando as nossas respectivas aparências", disse ele, olhando Maomao de cima a baixo.

O disfarce de Maomao foi arranjado por Suiren, que a vestiu com roupas de segunda mão de sua própria filha. Havia um cheiro de cânfora neles, mas a marca e o material eram excelentes e o design cuidadoso, por isso não pareciam fora de moda. Seu cabelo estava cuidadosamente preso com um palito. Ela realmente apresentava a imagem de uma jovem rica.

Agora Maomao franziu os lábios e saiu trotando. **"Vamos acabar com isso."**

"Sim, senhora."

Maomao ficou profundamente desconfortável com essa inversão de papéis habituais, mas Jinshi parecia estar se divertindo muito.

O destino de Jinshi era um restaurante fora do distrito de lazer. Aparentemente ele teve uma reunião com algum conhecido lá, mas Maomao não pressionou para obter detalhes. Ela achava que não fazer muitas perguntas era frequentemente uma maneira sábia de sobreviver no mundo.

Ainda assim, ela não pôde deixar de se sentir usada por Jinshi e Gaoshun. *Talvez eu devesse agir um pouco mais indiferente*, ela pensou enquanto caminhava pela rua. Essa estrada abrigava um mercado movimentado com comerciantes vendendo seus produtos. Os vegetais de folhas verdes ainda eram poucos nesta época do ano, mas havia bastante daikon (rabanete branco) gordo. Maomao recebeu alguns trocados; ela estava pensando que talvez alguém pudesse torcer o pescoço de uma galinha para ela e cozinhá-la com um pouco de daikon quando alguém a agarrou pela gola.

"**O que é?**" ela perguntou. Jinshi estava olhando para ela com um sorriso muito angustiante no rosto.

"Você vai fazer compras?" ele disse.

"Eu vi algo que quero. Eu estava indo comprar."

"Parecendo assim?"

Ela entendeu o que ele queria dizer. Uma mulher que fosse rica o suficiente para ter um atendente com ela nunca sujaria as mãos comprando seus próprios produtos – muito menos mandando abater uma galinha. Maomao olhou ansiosamente para os vegetais. *Mas eu queria fazer isso para o meu velho...* ela pensou. Seu pai era médico e apotecário por excelência, mas tinha uma falha evidente: a total incapacidade de pesar lucros e perdas. Assim, embora o trabalho de apotecário devesse tê-lo mantido comendo alimentos luxuosos pelo resto da vida, ele morou em um barraco que parecia poder desabar com uma brisa forte. É claro que, se alguma vez parecesse que ele realmente iria morrer de fome por falta de comida, a velha senhora provavelmente teria canalizado isso para ele.

Maomao voltou a andar, agora fazendo beicinho. Jinshi ainda estava tentando fingir ser seu criado, mas ele tinha passos largos e, antes que ela percebesse, ele estava na frente dela. Maomao teve que acelerar o ritmo para acompanhá-lo. *Hum*, ela pensou, *ele tem um longo caminho a percorrer.*

Os olhos de Jinshi ainda brilhavam. Ele pelo menos conseguiu não ficar boquiaberto, mas obviamente estava gostando de onde estava e do que estava fazendo. Para um aristocrata mimado como ele, um mercado comum deve ter sido uma visão nova. Maomao ultrapassou Jinshi e olhou para ele. Ele pareceu perceber que tinha sido descuidado e pareceu castigado por um momento, mas depois começou a andar novamente como se nada tivesse acontecido. Pelo menos desta vez ele ficou atrás de Maomao.

Maomao não disse nada em voz alta, mas pensou consigo mesma: *Quando chegar em casa, tenho que ver como está o campo.* Ela torceu os dedos, contando enquanto imaginava quais ervas poderia encontrar ali. *Eu me pergunto se a artemísia já chegou. E quão fantástico seria se o carrapicho estivesse pronto para ser colhido*? Ainda assim ela não disse nada em voz alta. Ela estava se imaginando fritando carrapicho com um pouco de carne e missô (tempero) quando percebeu que Jinshi estava ao seu lado.

"**O que é isso, senhor?**" Maomao disse, olhando para Jinshi e inadvertidamente voltando à sua deferência habitual. Jinshi estava claramente ansioso para dizer alguma coisa.

"**Por que tão quieta?**", ele perguntou, adotando também a franqueza a que normalmente tinha direito.

Por que ela não estava dizendo nada? Bem, realmente poderia haver apenas um motivo, não poderia? **"Porque não tenho nada a dizer?"**

Ela só tinha falado a verdade, mas aparentemente isso foi um erro. Jinshi mordeu o lábio e uma expressão inescrutável cruzou seu rosto. Maomao não estava preocupada com a possibilidade de começar a chorar – ele não era um garotinho – mas ainda assim conseguiu parecer completamente patético.

Foi ele quem disse que eu deveria agir de forma mais brusca com ele! Maomao pensou. Ela normalmente não era do tipo que inicia uma conversa, de qualquer maneira. Então, quando ela não tinha nada em particular para conversar e ninguém lhe fazia perguntas específicas, ela tendia a manter a paz. Por que isso foi um choque tão grande para esse homem a deixou perplexa.

Ela estava coçando a nuca nervosamente, imaginando o que fazer, quando uma barraca de espetinhos de carne apareceu. Ela começou a trotar rapidamente e pediu dois espetos ao homem atrás do balcão. Só de olhar para a carne de frango perfeitamente crocante, ela ficou com água na boca.

"Experimente", disse ela, passando um dos espetos para Jinshi. Ele pegou-o lentamente, olhando para ele como se nunca tivesse visto um antes. **"Rápido, antes que esfrie."** Maomao os guiou até uma pequena rua lateral perto da estrada principal. Ela limpou um pouco de poeira de uma caixa de madeira e sentou-se em cima dela. Quando ela mordeu a carne grelhada, os sucos explodiram em sua boca e a perfumada pele do frango estalou audivelmente.

Deus, isso é bom. Maomao se inclinou para frente para evitar que o suco escorresse para suas roupas. Jinshi não estava comendo, apenas a observava.

“Não vai comer o seu? Como você pode ver, não está envenenado.”

“Não, não é com isso que estou preocupado”, disse Jinshi, batendo em sua bochecha.

“Ah.” Agora ela se lembrou: ela enfiou algodão na boca dele para ajudar a dar-lhe um perfil diferente. Maomao tirou um pedaço de papel e passou para ele; ele cuspiu as bolas de algodão e as jogou em uma cesta de lixo próxima. Um quadrado de papel versátil como aquele era muito valioso – apenas mais um toque atencioso de Suiren, junto com as roupas.

Não pensei em trazer nenhum algodão substituto, Maomao pensou. Isso irritou seu lado perfeccionista, mas ela duvidava que fosse algo que a maioria das pessoas realmente notaria. Ainda inspecionando o espeto com certa admiração, Jinshi o levou à boca. Deve ter sido um pouco quente para ele, porque ele soprou com força antes de mastigar e engolir.

"O que você acha, senhor?"

“Muito melhor do que o que serviram no acampamento. Bom e salgado”, disse Jinshi, limpando o suco dos lábios com os dedos. Maomao tirou um lenço da bolsa e entregou-lhe, mas ela estava pensando, *Bivouac*[*1]?

Os eunucos, até onde ela sabia, normalmente não serviam nas forças armadas, então ela não tinha certeza do que fazer com essa informação. Talvez uma pessoa como Jinshi estaria enfrentando dificuldades no deserto se uma guerra começasse ou algo assim, mas em circunstâncias normais? O que levaria um eunuco a passar as noites no campo?

Enquanto pensava na pergunta, Maomao estudou o rosto de Jinshi. Um pouco de maquiagem havia saído de sua boca, mas não era o suficiente para se preocupar; ela desviou o olhar. *Tudo bem, seja qual for o nosso negócio aqui, vamos acabar com isso*, ela pensou. Ela terminou a última carne no espeto e levantou-se da caixa. Ela estava determinada a voltar e comprar aquele daikon com frango depois de abandonar Jinshi.

Apesar da pressa, Jinshi insistiu em fazer tudo com movimentos lentos e elegantes, para grande aborrecimento de Maomao. **“Você tem certeza de que chegará a tempo para sua reunião, Jinka?”** ela perguntou incisivamente, usando seu nome falso.

“Acho que ainda temos alguns minutos.”

“Não seria melhor chegar cedo? É falta de educação fazer alguém esperar por você.”

Agora foi Jinshi quem parecia irritado. **“Se eu não soubesse melhor, pensaria que você estava tentando se livrar de mim.”**

"Você acha?" Maomao disse inocentemente, mas é claro que Jinshi acertou em cheio. Ele parecia um pouco taciturno, mas não reclamou mais. Em vez disso, ele mudou de assunto.

“Não consigo imaginar que a vida no palácio seja tão ruim. Certamente deve ser melhor do que aqui no bairro dos prazeres.”

Maomao tinha que admitir que não era terrível, especialmente agora que ela estava servindo lá por vontade própria. Ela tinha um quarto pequeno, mas limpo, e uma oferta para se mudar para outro quarto. Ela teve muita sorte, ela sentiu. Mas o estilo de vida não era a única razão pela qual ela poderia querer voltar para o distrito do prazer. **“Estou preocupada se meu velho está cuidando bem de si mesmo”**, disse ela. A boca de Jinshi praticamente ficou aberta. **"O que?"** Maomao perguntou.

"Não é nada; Eu só... nunca soube que você estava interessado em algo além de drogas e venenos.”

Maomao respondeu com um olhar furioso. Bastardo rude. “**Meu pai adotivo é meu professor em questões de medicina, então certamente espero que ele continue a viver por muito tempo.”** Então ela virou as costas decisivamente para Jinshi e começou a andar. Sim, ela tinha certeza agora: ela queria acabar logo com isso.

Jinshi, parecendo um pouco exausto, aproximou-se dela. **“Esse seu pai. Presumo que ele é realmente um apotecário talentoso.”**

Depois de um momento, Maomao respondeu hesitante: **“Ele é”.** Ela não achou justo da parte de Jinshi aproveitar a conversa sobre seu pai dessa maneira. **“Aparentemente ele estudou no oeste quando era jovem.”** Assim, ele estava familiarizado não apenas com a medicina tradicional da região, mas também com as técnicas médicas ocidentais. Ela ocasionalmente o via tomando notas em uma língua estrangeira, e de vez em quando ele usava palavras que lhe soavam bastante incomuns. Isso a fez pensar que ele devia estar há muito tempo naquela terra estrangeira.

"Realmente? Ele fez isso?" Jinshi perguntou. **“Ele deve ter sido algo especial, então. Acredito que as pessoas só são enviadas para esses estudos com o endosso do governo.”**

Seu espanto transparente apenas confirmou para Maomao que seu pai era uma pessoa excepcional.

“Sim, ele é bastante incrível. O velho provérbio diz que ‘O céu não dá dois presentes a um homem’, mas acho que há exceções à regra.” A excitação estava invadindo sua voz agora, e ela estava ficando mais loquaz do que o normal.

“Ele deve ter sido um homem e tanto, de fato...” Jinshi, por outro lado, parecia mais contido do que antes. Talvez ela tivesse falado demais e algo em sua enxurrada de palavras o tivesse perturbado.

Foi ele quem insistiu que eu falasse, ela pensou. Ela desejou que ele se decidisse.

Jinshi, desesperado para olhar para qualquer coisa que não fosse Maomao, deixou seu olhar vagar pelas lojas que ladeavam a rua. Os restaurantes e barracas de comida deram lugar a locais de venda de têxteis e acessórios. Os homens iam de um lado para o outro, escolhendo presentes para agradar suas borboletas noturnas.

“E o que uma pessoa tão distinta está fazendo administrando uma farmácia em um canto sem nome do bairro dos prazeres?” Havia um espinho escondido nas palavras de Jinshi.

“O céu lhe deu muitos presentes, mas a sorte não foi um deles. E por mais que lhe foi dado, algo também foi levado dele. Alguma coisa importante."

Má sorte: essa era a grande falha de Luomen, se é que ele tinha alguma. Seu estudo no Ocidente provou ser pretexto suficiente para que a mãe do ex-imperador - isto é, a ex-imperatriz viúva - fizesse dele um eunuco.

Jinshi observou Maomao em silêncio. No momento em que ela estava começando a temer que outra de suas piadas sobre o bairro da prostituição tivesse fracassado, ele disse: **“Você está me dizendo que o pai que adotou você é um eunuco?”**

“Sim, senhor”, disse Maomao, perguntando-se se ela não havia mencionado isso antes.

Jinshi começou a murmurar: **“Eunuco... Apotecário... Doutor...”**

Em meio a essas conversas e resmungos, eles chegaram ao seu destino. Maomao olhou para o bilhete que Gaoshun lhe dera. **“Acredito que seja isso, senhor”**, disse ela, apontando para um lugar na fronteira do distrito de prazer. O andar superior era uma pousada e o inferior um restaurante, um arranjo bastante padronizado.

“Sim, acho que você está certa. Mas ainda temos alguns minutos”, disse Jinshi, olhando em volta.

Ah, agora entendi, Maomao pensou, estreitando os olhos. Ela entendeu por que Jinshi se deu ao trabalho de se disfarçar e marchar pelo mercado da cidade. Sim, ela viu tudo agora.

Maomao soltou um longo suspiro. **“Temo que andar muito por aí faça com que sua maquiagem saia. Além disso, a pessoa que você vai conhecer pode já estar lá dentro. É melhor dar uma olhada do que correr o risco de fazê-los esperar, não é?”** Jinshi finalmente pareceu entender a dica. **"Vou me separar de você aqui então, senhor."**

"O que? Aqui?"

"Sim. Você se deu ao trabalho de se disfarçar. Estragaria tudo se eu entrasse com você.” Maomao acenou educadamente com a cabeça e voltou para o mercado. Enquanto caminhava, ela olhou por cima do ombro e viu Jinshi entrando no restaurante. *Acho que até os eunucos precisam de um dia de folga de vez em quando*, ela pensou. Ela cruzou os braços e assentiu. E então ela começou a pensar novamente. Se ele fosse vir até aqui, ele poderia muito bem ir para o distrito do prazer propriamente dito. Pois ela sabia que tipo de restaurante Jinshi acabara de entrar. Eles serviam as garçonetes junto com a comida.

Bem, espero que ele tenha uma boa noite, ela pensou um pouco causticamente, olhando para o restaurante com um olhar gelado.

*[1] ***Bivouac***: designa um acampamento rudimentar para passar a noite na natureza, e pode ser feito sobre uma tenda de campismo ou ao ar livre num saco de dormir.

Capítulo 8: O Veneno de Ameixa

Maomao acordou com o canto dos pardais. Ela sentou-se em sua cama escassa, o odor característico de remédio preparado formigando seu nariz.

“Bom dia”, disse uma voz calma e de avó. Pertencia ao pai dela.

Isso mesmo... estou de volta em casa, ela pensou. Essa foi sua primeira viagem de volta desde que começou a trabalhar no pátio externo. Normalmente, as empregadas em sua posição não tinham férias dignas de nota. Claro que não: mesmo que o seu mestre tirasse um dia de folga do trabalho, não era como se ele deixasse de viver a sua vida. A maioria dessas pessoas

tinha mais do que apenas um ou dois empregados, deixando uma pequena margem de manobra para um deles tirar uma folga. Mas as coisas eram diferentes com Jinshi; ele tinha tão poucos atendentes.

Não acredito que ela aguentou tanto tempo sozinha... Maomao só pôde tirar seu proverbial chapéu para a atendente de Jinshi, Suiren, cuja indulgência foi a única razão pela qual ela pôde fazer essa pausa. Embora Maomao pagasse por isso: no resto do tempo, Suiren trabalhava incansavelmente.

Maomao saiu da cama e sentou-se numa cadeira rústica. O pai dela trouxe-lhe um pouco de mingau quente numa tigela lascada. Ela tomou um gole: precisava de sal, mas seu pai pelo menos lhe deu um sabor bom e forte misturando algumas ervas aromáticas. Maomao acrescentou algumas gotas de vinagre e mexeu.

"Certifique-se de lavar o rosto", disse o pai.

"Sim, assim que eu comer."

Maomao continuou mexendo o mingau com a colher enquanto o pai preparava os ingredientes do remédio que estava preparando. **"O que você planeja fazer hoje?"** ele perguntou.

Maomao olhou para ele, quase um pouco confusa. **"Nada de especial",** disse ela.

"Nesse caso, talvez você pudesse ir até a Casa Verdigris por mim."

Houve um momento antes de Maomao dizer: **"Claro. Tudo bem."** Ela acrescentou outra pitada generosa de vinagre ao seu mingau.

A 'farmácia' de seu pai ficava dentro da Casa Verdigris, mas quando ele pediu para ela "ir" até lá, ele tinha outra coisa em mente. Quando Maomao chegou, ela cumprimentou o criado do lado de fora com um alô familiar e entrou. Ela passou pelo elegante átrio do hall de entrada e depois desceu por uma passarela coberta lateral. O pátio central era tão bonito quanto o de qualquer mansão aristocrata e à noite era iluminado por lanternas acesas. Era mantido em boa ordem para impressionar aqueles que ocasionalmente vinham tomar chá durante o dia.

Maomao, porém, não parou no pátio, mas continuou até um pequeno anexo solitário. Este não era lugar para clientes. Uma vez lá dentro, o cheiro de doença encheu suas narinas.

"Bom dia"

Uma mulher dormia lá dentro, com o cabelo desgrenhado. Ela parecia um esqueleto particularmente desagradável.

“Trouxe seu remédio”, continuou Maomao. A mulher, porém, não falou. Quase se poderia suspeitar que ela havia esquecido há muito tempo como. Ela costumava expulsar Maomao, aparentemente por puro ódio, mas nos últimos anos ela perdeu a energia para fazer até mesmo isso.

Maomao foi até onde a mulher estava deitada indolentemente de costas e ajudou-a a engolir o pó que trouxera. Era o que seu pai usava no lugar do mercúrio ou do arsênico. Menos venenoso, disse ele, e mais eficaz, mas no momento nem sequer servia para ajudar a sedar a mulher. No entanto, eles não tinham outra maneira de tratá-la, exceto dar-lhe esse pó.

A mulher sem nariz já tinha quase quarenta anos, mas já fora celebrada como uma borboleta, festejada como uma flor. A Casa Verdigris era um estabelecimento de prestígio suficiente para escolher os seus clientes agora, mas nem sempre foi assim. Nos anos que se seguiram ao nascimento de Maomao, houve uma época em que o nome do local tinha pouco mais do que uma placa manchada de lama. Foi nessa época que esta mulher era uma cortesã que recebia clientes e, para sua infelicidade, contraiu sífilis, conhecida na língua de Maomao como “Veneno de Ameixa”.

Se este medicamento estivesse disponível para ela nos estágios iniciais de sua doença, talvez ela pudesse ter sido curada, mas agora o estado de seu corpo mal dava para ser visto. A doença devastou não apenas sua aparência, mas também sua mente, deixando sua memória em frangalhos.

O tempo... o tempo era uma coisa cruel.

Quando Luomen viu a mulher pela primeira vez, a doença dela estava em fase latente. Se ela tivesse contado a ele sobre isso, em vez de se conter, as coisas poderiam não ter tomado um rumo tão brutal. Mas nem todos estavam dispostos a confiar imediatamente em um eunuco que apareceu aparentemente do nada, um pária do palácio interno. A simples realidade da vida de uma cortesã era que ela aceitava clientes ou não comia.

Quando as lesões recomeçaram, vários anos depois, os tumores se espalharam com uma velocidade surpreendente. Então a mulher ficou confinada nesta sala onde os clientes não a veriam. Sim, ela estava sendo varrida para debaixo do tapete, mas este ainda era, por um

padrão, um tratamento extraordinariamente compassivo. Uma cortesã que não conseguia mais trabalhar era normalmente expulsa do estabelecimento. A mulher teve sorte de não ter sido simplesmente untada com creme clareador e tinta para sobrancelhas e deixada em uma vala.

Maomao pegou um pano de uma pia e começou a limpar o corpo da mulher que estava ali deitada. *Talvez eu queime um pouco de incenso também*, ela pensou; a porta perpetuamente fechada encerrava o fedor na sala.

Havia algum incenso em mãos que a mulher havia recebido de um certo nobre. Coisas sofisticadas e um aroma que diziam que o próprio homem gostava, mas raramente era usado. Poderia ser um problema ao misturar medicamentos, muitos dos quais sofriam com a absorção de odores incomuns. As únicas vezes em que a coisa era queimada regularmente era quando o próprio homem aparecia, momento em que uma quantia simbólica era acesa. Maomao serviu-se de um pouco dessa coisa agora.

O incenso tinha um aroma levemente adocicado e, quando flutuou até ela, um leve sorriso passou pelo rosto da mulher. Ela começou a cantarolar uma canção infantil com a voz entrecortada. Parecia que ela havia regredido à infância. Esperançosamente, ela estava pelo menos revivendo uma lembrança agradável.

Maomao colocou o incensário num canto da sala para que a cortesã não o derrubasse acidentalmente. Só então, ela ouviu passos fortes do lado de fora.

"Bom Deus. O que é?"

Uma das aprendizes apareceu. Maomao parecia lembrar que ela servia a Meimei. A garota relutou em entrar na enfermaria, mas ficou parada na porta. Ela provavelmente estava com medo da mulher sem nariz.

“Hum, a mana disse para trazer uma mensagem para você”, disse a garota a Maomao. **“Ela disse que se eu encontrasse você aqui, seria melhor você ficar aqui por um tempo. Ela disse que tem um cara estranho com monóculo por aí.”**

“Ah”, disse Maomao. Ela entendeu o que a garota queria dizer. O estranho homem de óculos era um cliente de longa data da Casa Verdigris, mas não era alguém com quem Maomao desejasse cruzar. Entretanto, enquanto ela permanecesse neste quarto, ela estaria segura. A senhora nunca faria algo tão estúpido como mostrar a um cliente algo que ela se esforçou tanto para esconder.

“Tudo bem”, disse Maomao agora. **“Eu entendi. Você pode voltar.”**

Então ela soltou um suspiro. A mulher sem nariz parou de cantar e tirou um conjunto de bolinhas de gude feitas com pedrinhas coloridas. Ela começou a alinhá-los um ao lado do outro, como se tentasse organizar os pedaços esfarrapados de suas memórias.

Mulher tola, Maomao pensou. Ela foi até um canto da sala e se agachou.

Foi Meimei quem veio logo depois para avisar Maomao que a área estava limpa. Ao contrário de sua aprendiz, a cortesã entrou na sala sem hesitar, como se a conhecesse bem. **“Obrigada por cuidar dela hoje.”**

Maomao preparou um travesseiro redondo. Meimei sentou-se e sorriu para a mulher doente. O paciente não reagiu; ela havia adormecido em algum momento.

“Maomao”, disse Meimei. **“Eles conversaram sobre você sabe o que de novo.”**

Maomao realmente “sabia o quê”. O simples pensamento foi suficiente para lhe dar arrepios. **“Velho bastardo persistente, não é? Estou surpresa que você consiga suportá-lo, irmã.”**

“Ele é um bom cliente, se você puder aceitá-lo como ele é. E dado o que ele paga, a velha senhora não vai se opor.”

"Sim. E tenho certeza de que é por isso que ela deseja tanto que eu me torne uma cortesã.” O cliente em questão era o motivo pelo qual a senhora estava tão empenhada em contratar Maomao para seu emprego nos últimos anos. Se Maomao não tivesse sido contratada por Jinshi, havia uma grande chance de ela já ter sido vendida para esse cliente. **“Não quero nem pensar nisso”**, disse ela, com o rosto se contorcendo.

Meimei exalou incisivamente quando viu essa expressão. **“De uma perspectiva externa, pode parecer uma excelente oportunidade.”**

"Você só pode estar brincando."

“Não faça essa cara para mim.” (As cortesãs tinham uma ideia um pouco diferente da maioria das pessoas sobre o que constitui um bom casamento.) **“Você sabe como poucos de nós acabam com alguém que realmente desejamos?”**

"Eu sei. Porque para a senhora a atração pessoal não pesa nada, mas a prata pesa muito, muito.”

“Esse é o custo de uma passagem de barco para o céu”, disse Meimei com uma risada jovial. Ela passou os dedos pelos cabelos da mulher doente e depois sussurrou para Maomao: **“Acho que a velha senhora está decidida a vender um de nós um dia desses. Estamos chegando a essa idade.”**

Meimei ainda não tinha trinta anos, mas para uma cortesã era totalmente natural começar a pensar na aposentadoria nessa idade. Venda caro, por assim dizer; ou melhor, venda antes que sua aparência comece a desaparecer.

Maomao estudou silenciosamente o perfil de Meimei. Seu rosto, ainda lindo, parecia inundado de emoções, mas Maomao não queria pensar muito nelas. Esses eram sentimentos que ela ainda não entendia. Se o amor existisse, Maomao pensava tê-lo deixado no ventre da mulher que a deu à luz quando ela veio ao mundo.

“E se você abrisse seu próprio lugar?”

“Ah! A última coisa que eu quero é ser uma concorrente daquela velha bruxa.”

Meimei deve ter dinheiro suficiente para se libertar, pensou Maomao. Se ela optou por não abandonar a vida da cortesã, deve ter sido porque não estava preparada.

“Só mais um pouco”, disse Meimei com um sorriso. **“Não estarei neste ramo de trabalho para sempre.”**

○●○

Jinshi pressionou o carimbo em alguns papéis, com o rosto comprido. O passeio do dia anterior deve tê-lo cansado.

Suspirou: nunca imaginou que o estabelecimento onde acontecia o encontro seria uma extensão virtual do bairro do prazer. Ele não tinha ido lá para isso! Além do mais, o objetivo de seu disfarce era que era difícil para ele sair silenciosamente em público. No entanto, ele acabou acompanhado por Maomao praticamente até a porta de sua reunião. Outra coisa que ele não tinha imaginado. A ideia veio do assessor que organizava silenciosamente os papéis ao seu lado.

Este homem o serviu por muitos anos, mas talvez isso o tenha deixado muito disposto a resolver o problema por conta própria. Sem dúvida ele pensou que o que tinha feito era para o benefício de Jinshi, mas Jinshi poderia ter levantado uma série de objeções.

“Gaoshun... O que você está planejando?” Jinshi perguntou.

Gaoshun balançou a cabeça como se dissesse que a ideia de tramar algo nunca lhe ocorreu. **“Permita-me responder a uma pergunta com outra pergunta, senhor: como foi sua pequena visita à cidade?”**

“Ah, sim...” Jinshi não tinha certeza do que dizer sobre isso; ele tomou um gole de chá na esperança de protelar. Ele tinha certeza agora: Gaoshun pensava que estava ajudando, fosse como fosse. Jinshi procurou em sua mente alguma maneira de mudar de assunto. **“Aham. Eu descobri algo interessante. A garota... o pai adotivo dela é eunuco e já foi médico aqui.”**

“'A garota', você quer dizer Xiaomao? Se ela fosse ensinada por um médico do palácio, isso explicaria muito sobre o seu conhecimento médico. Um eunuco, no entanto...”

"Você me ouviu."

O simples fato era que nenhum médico do palácio interno seria provavelmente um homem de renome. Alguém que tivesse os recursos para se tornar um médico qualificado não precisava se tornar um eunuco para encontrar trabalho. Os únicos médicos que chegaram ao palácio interno foram aqueles com problemas.

“Poderia um praticante tão talentoso realmente estar entre os eunucos?” Gaoshun perguntou.

“Essa é a questão, não é?” Jinshi disse.

Gaoshan acariciou seu queixo. Jinshi sentiu que já havia dito o suficiente; seu assessor era um homem esperto o suficiente para conduzir a investigação a partir daqui.

Eles ouviram o toque nítido de uma campainha, um pequeno dispositivo configurado para que Jinshi ficasse imediatamente ciente de qualquer visitante em seu escritório. Gaoshun largou o trabalho e ficou na entrada, esperando o recém-chegado.

Outro dia, outra visita do esquisito com monóculo. Ele não tinha nenhum negócio específico; ele simplesmente relaxou em um sofá, bebendo suco. **“Obrigado por cuidar daquela coisinha outro dia. Uau, acabou sendo uma história e tanto, não foi?”** Lakan acariciou seu queixo e semicerrou os olhos para Jinshi, estreitando ainda mais seus olhos já estreitos.

“Parece que o mais novo desses irmãos era o mais capaz, afinal”, disse Jinshi enquanto folheava alguns papéis. Ele suspeitava que o comandante sempre soubesse. Após o incidente com a herança do pai, os três homens pareciam se reconciliar, mas não foi mais do que isso – uma aparência. O irmão mais novo revelou repentinamente uma habilidade até então não revelada, e houve até rumores de que em breve ele poderia trabalhar para o palácio. Jinshi tinha visto alguns de seus produtos e a delicadeza do acabamento impressionou até ele. Ele não sabia exatamente o que havia acontecido, mas suspeitava fortemente que a filha do apotecário sabia — e não disse nada sobre isso.

“Acho que se conseguirmos que aquele jovem cuide dos móveis para o ritual, isso resultaria na glória do nosso governante.”

"Sim, claro." Jinshi odiava a maneira como Lakan conseguia fazer praticamente qualquer coisa parecer importante. Um homem da estatura de Jinshi normalmente dificilmente ouviria falar de preparativos rituais.

“Depois, há o último trabalho que o pai deixou. Apenas acessórios de metal simples, mas tão finos que poderiam ser usados em rituais.”

“Acho que fico me perguntando, Mestre Estrategista, por que você acha que deve falar sobre com esses artesãos.”

Lakan podia ser desagradável, mas quando estava certo, estava certo. Mesmo que houvesse um motivo oculto para o que quer que ele estivesse dizendo. No mínimo, Lakan era um excelente juiz de talento. Não seria exagero dizer que foi essa habilidade que o fez ascender à posição que ocupava agora. Ele poderia parecer que estava relaxando naquele momento, mas na verdade seu trabalho estava sendo feito, e diligentemente, pelas várias pessoas que ele descobriu e empregou. Jinshi quase poderia estar com ciúmes dele.

“O que importa se ele é o irmão mais velho ou o mais novo? O creme deve subir até o topo!”

Ele fez tudo parecer tão simples. Essa tendência para a simplicidade tornou-o útil à sua maneira, mas ele tomou cuidado.

Jinshi endireitou seus papéis e os entregou a um funcionário que os levou embora.

“Aliás, eu queria te perguntar uma coisa. Aquilo sobre o qual conversamos antes”, disse Jinshi.

Ele se referia à cortesã de quem ouvira falar anteriormente. Lakan pretendia se fazer de bobo novamente?

O comandante colocou as mãos no rosto e sorriu. **“Se você quer saber mais sobre esse mundo, é melhor perguntar a alguém que vem dele.”** Então ele se levantou. O funcionário que o atendeu soltou um suspiro, aliviado por finalmente voltar para casa. **“Ha, vejo que é essa hora. Meus lacaios não me deixarão ouvir o fim se eu ficar com eles por muito tempo.”**

Ele terminou o resto do suco e colocou a outra garrafa que trouxera na mesa de Jinshi. **“Deixe suas garotinhas ficarem com isso ou algo assim. É bom para a garganta – não muito doce.”** O soldado de meia-idade acenou com a mão na direção de Jinshi. **"Vejo você amanhã."**

Então ele se foi.

Capítulo 9: Lakan

Na noite anterior, Maomao teve um sonho estranho. Ela havia sonhado há muito tempo – ou melhor, com algo que devia ter acontecido há muito tempo, pois não havia como ela ser capaz de se lembrar disso. Ela não tinha certeza se o que ela sonhou realmente aconteceu.

Deve ter sido a visita àquela mulher, pensou ela. Trouxe de volta memórias antigas.

No sonho, uma mulher adulta olhava para Maomao de cima. Seu cabelo desgrenhado caía em torno de um rosto tenso, e seus olhos brilhavam famintos enquanto ela olhava. Sua maquiagem estava descascando, o rouge em seus lábios começando a manchar.

A mulher estendeu a mão e agarrou a mão de Maomao. Sua pele estava pontilhada de minúsculos vergões, como uma folha no outono.

Na outra mão, a mulher segurava uma faca. A mão que segurava a de Maomao estava envolta em panos de algodão branqueados, camada após camada, todos pingando de vermelho. O algodão esvoaçante cheirava a ferrugem.

Algo parecido com o miado de um gatinho escapou das cordas vocais de Maomao. Ela percebeu que estava chorando.

A mão de Maomao estava pressionada contra a cama. A mulher ergueu a faca bem alto. Seus lábios estavam contorcidos e trêmulos, seus olhos vermelhos e inchados ainda cheios de lágrimas.

Mulher tola.

A mulher baixou a faca.

"Meu Deus, você está cansada? Receio que a hora de dormir ainda demore um pouco", disse Suiren enquanto Maomao bocejava. Ela parecia educada sobre isso, mas a velha senhora poderia ser uma verdadeira disciplinadora, então Maomao se endireitou e se concentrou em polir o recipiente de prata para comer. Ela estaria praticamente implorando por problemas se parecesse estar relaxando no mesmo dia após ter tirado uma folga. O fato de ser noite não era desculpa.

"Estou muito bem, senhora", disse Maomao. Foi apenas um sonho, estranho ou não. Ela presumiu que, se se entregasse à rotina de trabalho, logo esqueceria, mas ela se recusou a desaparecer o dia todo. *Isso não é típico de mim*, Maomao pensou, com um sorriso triste passando por seu rosto.

No momento em que ela estava empilhando os pratos de volta na prateleira (barulho, barulho), ela ouviu passos rápidos. As velas de mel estavam acesas na sala. Era hora de seu mestre retornar. Suiren pegou um prato que Maomao havia polido com perfeição e começou a preparar um lanche.

Jinshi saiu pela sala de estar e apareceu na cozinha. **"Um presente, de um esquisito. Compartilhe com Suiren."** Ele colocou uma espécie de garrafa sobre a mesa. O "esquisito" era um funcionário particularmente desagradável que ultimamente vinha se tornando um incômodo para Jinshi.

Maomao abriu a tampa e foi saudado por um cheiro azedo e cítrico. Algum tipo de suco, ela imaginou. **"Estamos aceitando presentes de esquisitos agora, não é?"** ela perguntou, sua voz completamente monótona. Jinshi já havia ido para a sala e estava descansando no sofá. Maomao colocou algumas brasas no braseiro.

Gaoshun observou que eles estavam acabando com o suprimento de carvão e saiu da sala. *Vou conseguir mais*, pensou Maomao. Agora havia um homem em quem você podia confiar.

Jinshi deu uma grande coçada na cabeça (muito grosseira) e olhou para Maomao. **"Você conhece os frequentadores da Casa Verdigris?"** ele perguntou.

Maomao inclinou a cabeça, surpresa com a pergunta. **“Se eles forem suficientemente visíveis sobre isso, sim.”**

“Que tipo de pessoa vai lá?”

“Isso é confidencial.”

Jinshi franziu a testa com a resposta brusca. Então ele pareceu perceber que estava fazendo o caminho errado e tentou outra coisa. **“Deixe-me perguntar uma coisa, então. Como alguém reduziria o preço de uma cortesã?”** Ele parecia incomumente cuidadoso ao escolher as palavras.

“Que assunto angustiante.” Maomao bufou. **“Mas existem várias maneiras. Especialmente quando se trata das mulheres mais bem classificadas.”**

As cortesãs mais renomadas, as mais procuradas, não trabalhavam constantemente. Na verdade, eles podem funcionar apenas algumas vezes por mês. Aceitar clientes todos os dias era para as “caminhantes noturnas”, as mulheres que precisavam trabalhar para sobreviver. Quanto mais bem conceituada era uma cortesã, menos ela gostava de ser vista. Esconder-se induziu os possíveis clientes a inflacionar por conta própria sua estimativa do valor dela.

Essas mulheres atraíam clientes em virtude de seu canto e dança, de suas habilidades musicais ou de outras facetas de sua educação. Na Casa Verdigris, as aprendizes recebiam instrução básica, depois divididas entre os que tinham aparência e perspectivas e as que não tinham. Essas últimas começavam a conquistar clientes assim que estreavam. Elas não estavam vendendo suas artes, mas seus corpos.

Já as que mostraram potencial começaram por partilhar o chá com os clientes. Aquelas adeptas de encantar os clientes com suas conversas ou arrebatá-los com sua inteligência aumentaram em valor. Então, ao evitar deliberadamente que uma cortesã popular visse muitas pessoas, você poderia produzir uma mulher que cobrasse um ano de salário em prata apenas para compartilhar uma bebida. Por este sistema, houve até mulheres que seguiram a carreira inteira, até ao dia em que os seus contratos foram liquidados, sem que um cliente alguma vez lhes tivesse posto as mãos. Isso por si só atendeu às fantasias dos homens; todos queriam ser os primeiros a colher tal flor.

“Uma flor é valiosa porque permanece intocada”, disse Maomao, acendendo um incenso calmante. Ela estava fazendo isso por Jinshi, que parecia cansado ultimamente, mas naquela

noite parecia que isso também poderia ajudá-la. **“Quando alguém escolhe, seu valor imediatamente cai pelo menos pela metade. Mas há mais...”** Ela deu um pequeno suspiro, depois cheirou profundamente o incenso. **“Se tal mulher engravidasse, seu valor seria praticamente nada.”** Esse mesmo tom sem emoção.

Foi tudo por causa daquele sonho estúpido.

○●○

Jinshi soltou um suspiro profundo enquanto pressionava seu carimbo em alguns papéis. Ele se perguntou o que estava acontecendo. Isso o incomodava, o que a filha do apotecário havia dito na noite anterior. Ela parecia tão solene.

E então, convenientemente, apareceu o homem com maior probabilidade de saber a resposta à pergunta particular de Jinshi.

"Olá, olá." A raposa sorridente bateu na porta e entrou sem esperar ser convidada. Ele veio, exatamente como havia prometido que faria ontem. Ele até fez um movimento subordinado ao longo de um sofá com uma almofada bonita e macia. Jinshi tentou resistir a fazer uma careta enquanto se perguntava quanto tempo o homem ficaria aqui hoje.

“Vamos continuar de onde paramos ontem?” Lakan perguntou, servindo um pouco de suco de uma garrafa que trouxera com ele. Ele até trouxe algum tipo de guloseima: colocou sobre a mesa cheia de papel um lanche assado que cheirava muito a manteiga. Os ocupantes do escritório desejavam que ele parasse de colocar comida diretamente na mesa; Gaoshun só conseguiu segurar a cabeça entre as mãos quando viu as manchas de óleo deixadas nos papéis.

“Parece, senhor, que você fez algo bastante repreensível”, disse Jinshi enquanto pressionava seu carimbo em outro pedaço de papel. Ele mal registrou o que dizia, mas Gaoshun, parado atrás dele, não falou nada, então provavelmente estava tudo bem.

Com base no que Maomao lhe dissera, ele tinha uma boa ideia do que aquele louco astuto devia ter feito. E depois desse pensamento veio outro, igualmente indesejável. Ou seja, que suas ações não eram incompreensíveis. Que eles tinham uma consistência. Até uma certa lógica. Jinshi pensou ter entendido por que Lakan havia começado a falar sobre a compra de um contrato na Casa Verdigris. Por que ele falou de seu antigo “amigo”. Mas Jinshi não queria admitir as implicações. Fazer isso apenas traria ainda mais problemas.

"Repreensível? Que rude. E a última coisa que quero ouvir de um pequeno ladrão." Os olhos de Lakan se estreitaram atrás do monóculo e então ele riu. **"Eu finalmente trouxe-a à velha senhora, você sabia disso? Levei dez anos de trabalho. E então você se aproxima e a arranca de mim... imagine como é isso**." Lakan gesticulou enfaticamente com sua xícara. O gelo flutuou no suco.

"Você está dizendo que eu deveria devolver sua bugiganga brilhante?"

Com isso, Jinshi se referia à jovem reticente.

"Não, fique com ela. Não quero ficar preso na mesma rotina de antes."

"E se eu não quiser?"

"Então o que eu poderia fazer? Eu poderia contar nos dedos de uma mão o número de pessoas que poderiam ir contra a sua vontade, milorde."

Lakan estava decidido a nunca dizer exatamente o que realmente queria dizer. Isso levou Jinshi à distração. Lakan sabia quem e o que era Jinshi; caso contrário, ele nunca teria dito o que disse. Mas a lógica estava lá, nas palavras dele.

Lakan tirou o monóculo, enxugou-o com um lenço e recolocou-o no lugar – na frente do outro olho. Então foi apenas uma afetação. Jinshi sempre soube que Lakan era estranho.

"Mas eu me pergunto o que minha, aham, *garotinha* pensará"

A maneira como ele enfatizou as palavras garotinha, *eca.* Então deve ser verdade. Por mais que Jinshi resistisse em admitir isso.

Lakan era o pai biológico de Maomao.

Jinshi finalmente parou de carimbar a papelada.

"Você poderia avisá-la que irei fazer uma visita um dia desses?" Lakan disse. Depois saiu do escritório, lambendo a manteiga dos dedos. Ele deixou o sofá onde estava, insinuando que voltaria.

Quase em uníssono, Jinshi e Gaoshun baixaram a cabeça e soltaram grandes suspiros.

“Conheci um funcionário que disse que gostaria de ver você”, disse Jinshi a Maomao assim que voltou para seu quarto. Percebendo que não adiantaria nada não dizer nada a ela, ele resolveu tirar isso do caminho.

“E quem é esse oficial?” ela perguntou. Jinshi pensou ter detectado um lampejo de desconforto por trás de sua expressão cuidadosamente indiferente, mas ela estava escondendo bem, sua voz tão inexpressiva como sempre.

“Aham. O nome dele é Lakan...”

Assim que as palavras saíram de sua boca, a expressão de Maomao mudou. Seus olhos se arregalaram e ela deu um passo para longe de Jinshi, quase, ao que parecia, involuntariamente. Até aquele momento, ela o olhava como um besouro, como uma minhoca seca, como lama, como poeira, como uma lesma e até mesmo como um sapo achatado - isto é, de muitas maneiras humilhantes e depreciativas -, mas ele percebeu que tudo isso era gentil e gentil em comparação com o olhar que ela lançava para ele agora.

Francamente, era difícil de descrever, mas até Jinshi sentiu que mal conseguiria sobreviver. Maomao parecia prestes a abrir seu coração e derramar metal derretido de modo que nem mesmo restassem cinzas.

Esse olhar comunicou claramente a Jinshi como a filha de Lakan se sentia em relação ao pai.

“Vou recusar. De alguma forma”, Jinshi conseguiu dizer, ainda um pouco atordoado. Foi uma maravilha que seu coração não tenha parado.

"**Obrigada, senhor.**" Maomao, por sua vez, recuperou o habitual afeto inexpressivo e depois retomou o trabalho.

Capítulo 10: Suirei

Então ele sabe. Ela tinha um pressentimento sobre a pessoa de quem Jinshi estava falando outro dia. Afinal, ele era parte do motivo pelo qual Maomao evitava diligentemente chegar perto do acampamento militar.

Ela soltou um suspiro. A forma como sua respiração embaçava o ar era prova suficiente de que o frio ainda estava presente e era responsável, os passos da primavera ainda distantes.

Não havia mais ninguém na sala. Jinshi e Gaoshun saíram logo pela manhã. Nos dois meses em que Maomao o serviu, ela começou a conhecer a rotina de Jinshi. Uma tarefa específica parecia surgir a cada duas semanas. No dia anterior, ele tomava um banho longo e lento e queimava incenso antes de sair. Maomao aproveitou esses dias para dar um polimento completo no chão, e era isso que ela estava fazendo hoje, passando um pano diligentemente no chão. Suas mãos estavam ficando dormentes de frio, mas com Suiren a observando, suave, mas implacável, Maomao não conseguia nem pensar em relaxar.

Depois que Maomao limpou metade do prédio, Suiren finalmente pareceu satisfeita e sugeriu que parassem para tomar chá. Elas puxaram duas cadeiras até uma mesa redonda na cozinha e sentaram-se com xícaras de chá quente nas mãos. As folhas eram sobras, não eram novas, mas eram de tão alta qualidade que a bebida ainda tinha um cheiro maravilhoso. Maomao saboreou o aroma doce enquanto comia uma bola de gergelim. *Gostaria que pudéssemos ter algo mais saboroso*, Maomao pensou, mas pareceria grosseiro dizer isso em voz alta. Ela suspeitava que Suiren havia preparado o lanche presumindo que uma jovem iria gostar de um doce. Então Maomao se sentiu compelida a parecer agradecida, mas então percebeu que a própria Suiren estava mastigando ruidosamente alguns biscoitos de arroz grelhados.

Maomao não disse nada por um momento.

“Ah, esse sabor salgado é como um vício”, disse Suiren. *Ela e Jinshi certamente são iguais, pensou Maomao.* Ela estendeu a mão para o prato de biscoitos, mas Suiren pegou o último

antes que pudesse pegá-lo. Agora Maomao tinha certeza de que ela estava fazendo isso de propósito. Muito desagradável, essa ajudante.

Maomao sempre acabava sendo ouvinte quando fazia um lanche com outras mulheres, e assim foi no chá com Suiren. Ao contrário das damas do distrito de prazer ou do palácio dos fundos, Suiren não gostava de fofocas, mas era dada a discursar sobre o dono da casa.

"A refeição desta noite é vegetariana, então certifique-se de não delatar carne ou peixe às escondidas", disse Suiren.

"**Sim, senhora.**" Maomao sabia que não deveria perguntar por que eles estavam comendo como se estivessem passando por algum tipo de purificação ritual, mas Suiren deu a entender apenas o suficiente com seu tom para que Maomao pudesse adivinhar. *Os eunucos podem realizar ofícios rituais*?, ela imaginou. A purificação era normalmente realizada por aqueles que participavam de rituais religiosos. Aqueles de origem aristocrática ou nobre poderiam presidir tais funções de tempos em tempos.

Havia uma série de coisas sobre Jinshi que Maomao não entendia. Por um lado, por que um homem de nascimento como o dele deveria ter se tornado um eunuco? Por outro lado, quando ela considerava a época da vida dele em que isso acontecera, fazia certo sentido. A ex-imperatriz viúva, que em sua época era vista como praticamente uma imperatriz por direito próprio, era uma mulher de habilidades consideráveis. Dizia-se que foi a sua influência, e não graças ao seu filho incompetente, que evitou que o país caísse no caos durante o reinado do antigo imperador. Mas o corolário natural desse fato foi que ela se baseou na sua própria autoridade para muitas das ações que tomou. Tal como transformar à força em eunuco um médico muito capaz que ela favorecia - o pai de Maomao. Seria razoável supor que Jinshi se tornou eunuco em circunstâncias semelhantes.

"Ah, e preciso que você faça uma pequena tarefa para mim esta tarde. Você terá que ir ao médico e pegar um remédio..."

"**Sim, senhora!**" Maomao deixou escapar antes que Suiren terminasse de falar.

"Eu gostaria que você estivesse sempre tão entusiasmada", disse ela, e enfiou o resto do biscoito de arroz na boca.

O consultório médico ficava no lado leste do palácio externo, próximo ao quartel-general militar. Talvez tenha sido conveniente para todos os ferimentos que os militares produziram. Maomao lembrou-se do que Jinshi havia dito sobre esse médico, mas também estava interessada nele por outros motivos. Certa vez, ela teve experiência em primeira

mão com um de seus remédios, e isso foi mais do que suficiente para convencê-la de que ele era um praticante talentoso. O palácio interno tinha um charlatão absoluto administrando seu consultório médico, um verdadeiro desperdício, mas Maomao estava extremamente curiosa para saber como as coisas eram feitas no pátio externo.

"Vim buscar alguns remédios", disse ela, apresentando a etiqueta que Suiren lhe deu. O médico, um homem de maçãs do rosto salientes, olhou para ela, pediu a Maomao que se sentasse e desapareceu em uma sala dos fundos.

Maomao sentou-se e respirou fundo. Uma profusão de cheiros acre e sabores amargos encheu seu nariz e boca. Na secretaria onde o médico estivera até à sua chegada, Maomao viu um almofariz e um pilão com algumas ervas meio esmagadas.

Com um supremo esforço de vontade, ela conseguiu controlar a vontade de virar o lugar de cabeça para baixo. Ela teria dado qualquer coisa para dar uma boa olhada no armário cheio de remédios na sala ao lado.

Não! ela implorou a si mesma. *Tenho que ficar forte...* Ela podia sentir seu corpo avançando em direção à outra sala, apesar de si mesma.

"Posso perguntar o que você está fazendo?" a voz fria de uma mulher disse. Maomao voltou à realidade, descobrindo atrás dela uma senhora da corte de aparência muito exasperada. Maomao lembrou-se dela: era a mulher alta. Maomao percebeu que ela devia parecer profundamente suspeita ao se esgueirar para a outra sala como estava e prontamente voltou para sua cadeira.

"Só esperando por um remédio", ela disse inocentemente. A outra mulher parecia querer dizer algo sobre isso, mas naquele momento o médico reapareceu com a receita. **"Ah, Suirei. Quando você chegou aqui?"** ele disse levemente.

A mulher que ele chamava de Suirei franziu a testa como se não gostasse do tom dele. **"Vim reabastecer os remédios que eles têm na guarita"**, disse ela. Ela devia estar se referindo a algum lugar do acampamento militar. Agora que Maomao pensou sobre isso, ela percebeu que a última vez que encontrou Suirei também foi nas proximidades da área militar. Na época, ela se sentiu estranhamente como se Suirei tivesse algo contra ela, e a atitude que ela viu da mulher agora apenas confirmou suas suspeitas. Suirei estava olhando para Maomao como se desejasse que a jovem serva estivesse em qualquer outro lugar.

No mínimo, Maomao agora entendia por que Suirei cheirava a ervas medicinais quando se conheceram.

“Eu tenho tudo aqui. Precisa de mais alguma coisa?”, o médico perguntou.

“Sem falar nisso. Desejo-lhe um bom dia.” Suirei recebeu o tom francamente insinuante do médico com quase indiferença. O médico parecia quase um pouco triste ao vê-la partir.

Então é assim, Maomao pensou, estudando o médico decepcionado e refletindo sobre como ele era fácil de ler. Quando ele percebeu que ela o estava observando, ele franziu a testa e entregou o remédio para ela.

“Essa mulher trabalha com os militares?” Maomao perguntou. Ela realmente não quis dizer nada com isso. Foi apenas um pensamento passageiro.

"Sim. Embora não haja necessidade de uma mulher qualificada da corte externa para lidar com esse tipo de coisa...” Maomao olhou para ele com expectativa, mas o médico não deu mais detalhes. Ele apenas balançou a cabeça e disse: **“Não é nada. De qualquer forma, aqui está o seu remédio!”** Ele empurrou o pacote para ela e depois fez um aceno de mão desdenhoso: Vá em frente, saia. Aparentemente Maomao havia dito algo que ela não deveria ter dito, mas exatamente lhe escapou.

Algo que uma senhora da corte normalmente não faria? ela repetiu para si mesma. Ela concluiu, porém, que não havia nenhuma necessidade especial de se preocupar com o portentoso pronunciamento; em vez disso, ela pegou o pacote e espiou dentro. Havia algum tipo de pó nele. Querendo saber o que seria, ela colocou a ponta de um dedo na língua. (Seu mau hábito.)

“Isso é... pó de batata?”

Ela saiu do consultório médico perplexa.

“Você precisa de alguma coisa do consultório médico hoje?” Maomao perguntou olhando para Suiren, mas a dama de companhia não se deixou enganar.

“Não quero que você relaxe”, disse ela com firmeza.

Eu não penso nisso como uma folga, Maomao respondeu mentalmente. Ela estava tão ansiosa por cheirar aquele rico aroma de remédio.

“Por falar nisso”, disse Suiren, secando as mãos, **“Presumo que você tem usado silenciosamente nosso depósito para guardar algumas ervas incomuns. Não quero que isso continue.”**

Ela nunca se esquece de *torcer a faca**[1]. O rosto de Maomao se contorceu em uma carranca enquanto ela apertava um pano e limpava o chão. Suiren era uma força muito mais temível do que as damas de companhia do Palácio de Jade. Talvez a idade realmente tenha trazido artimanhas.

“Se você acha que não tem espaço suficiente em seu quarto, talvez você possa falar com Mestre Jinshi. Temos quartos mais que suficientes aqui. Se você apenas perguntar, ficará surpreso com o quão complacente ele pode acabar sendo.” Suiren parecia excepcionalmente alegre.

Maomao se perguntou se isso era verdade. Afinal, Jinshi recusou seu pedido de um estábulo.

“Não, senhora”, ela disse agora. **“Eu nunca poderia transformar a residência de um nobre em armazenamento medicinal.”**

Suiren levou a mão surpresa à boca enquanto se sentava em uma cadeira. **“Você não parece o tipo que se importaria, Xiaomao, mas sempre acaba sendo muito cautelosa.”**

"Eu sou apenas uma jovem de origem humilde. Ninguém está mais surpresa do que eu em me encontrar aqui.”

“Eu posso entender isso. Mas...” Suiren tinha uma expressão distante nos olhos. Ela estava olhando pela janela. Breves rajadas de neve ocasionalmente caíam. **“Exorto-vos a não imaginarem que aqueles que são bem nascidos são criaturas fundamentalmente diferentes de vocês. Nenhum de nós, por mais principesco ou pobre que seja, sabe o que acontecerá em nossas vidas. Isso por si só nos une em todas as divisões.”**

“Você acha, senhora?”

“Eu realmente acho”, disse Suiren com um sorriso, levantando-se da cadeira. Então ela veio carregando uma grande cesta cheia de lixo até a borda. **“E agora é hora de trabalhar, Xiaomao. Você acha que poderia jogar isso fora por mim?”** Suiren exibia um sorriso plácido no rosto, mas a cesta chegava quase ao peito de Maomao e parecia muito pesada.

Não se podia confiar apenas em qualquer empregada ou criado aleatório para descartar o lixo no prédio de Jinshi. Havia um grande número de pessoas por aí que iriam vasculhá-lo com muita avidez para encontrar qualquer coisa que pudesse proporcionar uma vantagem estratégica.

"O caminho para a lixeira passa pelo consultório médico", disse Suiren. **"Você só tem que passar por lá, certamente não me importo."**

Isso não é um favor, isso é tortura, Maomao pensou franzindo a testa, mas mesmo assim colocou a cesta nas costas, balançando sob o peso.

Maomao estudou as marcas acentuadas que as alças da cesta haviam deixado em seus ombros, perguntando-se quanto havia ali. Bem! Pelo menos ninguém seria capaz de vasculhar o lixo deste nobre em particular agora. Tudo virou cinzas. Quanto a Maomao, tudo o que ela pôde fazer foi suspirar pela ignorância desse importante personagem sobre quantos problemas ele causava às pessoas ao seu redor.

Ela estava prestes a voltar quando algo chamou sua atenção. *É isso que eu acho!* Não muito longe da lixeira havia algum tipo de construção – pelo relincho dos cavalos, ela suspeitava que fosse um estábulo. A grama, natural e mal cuidada, crescia nas proximidades. Só que claramente, nem tudo que havia era forragem...

Maomao lançou um olhar furtivo em uma direção, depois na outra, depois correu e caiu sobre seu alvo. Para o olho destreinado, parecia uma simples grama seca. Cheirava a uma planta desperdiçada no inverno. Puxá-lo para fora do solo e ele mostrou raízes longas, junto com um crescimento pequeno, mas inconfundível, semelhante a um tubérculo.

Era uma planta silvestre frequentemente usada para dar sabor a remédios; por si só, não era tão incomum. O que foi incomum foi encontrá-lo crescendo aparentemente aleatoriamente entre um pedaço de outras gramíneas.

Muito fertilizante aqui atrás dos estábulos, talvez? Maomao pensou. Mas simplesmente não parecia o tipo de coisa que normalmente cresceria num lugar como este.

Maomao olhou em volta novamente. Havia uma colina modesta nas proximidades, onde crescia uma profusão de ervas que pareciam nitidamente medicinais. Ela largou a cesta e correu para o monte.

Ela encontrou um campo de solo macio e rico, repleto de flores e ervas de cheiro estranho – não eram produtos comuns de cozinha. Ainda estavam um pouco sem cor, por conta da

estação, mas foi mais que suficiente para fazer brilhar os olhos de Maomao. Exultante, ela começou a inspecionar cada planta, tentando determinar o que era – quando o som de passos, abafados pela terra fofa, se aproximou dela.

"E o que você está fazendo?" perguntou uma voz muito irritada. Maomao, ainda agachada no chão, olhou para trás e descobriu a mulher alta parada atrás dela. Numa das mãos ela segurava uma pequena cesta; no outro, uma foice. Suirei, foi assim que o médico a chamou.

Merda. Maomao sabia que ela deveria parecer suspeita aqui. Ela decidiu tentar se explicar, consciente de que a foice poderia cair sobre ela a qualquer momento. **"Por favor, senhora, não há motivo para alarme. Ainda não escolhi nada."**

"Significa que você estava prestes a fazer isso, acertei?" Suirei permaneceu impressionantemente calma. A foice não foi apontada para Maomao, mas sim colocada suavemente no chão junto com a cesta.

"Qualquer agricultor gostaria de inspecionar um campo tão bom", disse Maomao.

"E que palácio está povoado de agricultores?"

Ela estava com Maomao lá — mas Maomao achou que era uma frase inteligente. Onde havia campos, tinha que haver agricultores, certo? Infelizmente, Suirei não achou esta lógica tão coerente ou convincente como Maomao.

Em vez disso, a mulher suspirou**. "Não estou aqui para pendurar você pelos polegares ou algo assim. De qualquer forma, este jardim não é tecnicamente permitido. Porém, um aviso: o médico aparece aqui periodicamente, então eu não recomendaria fazer muitas visitas."** Ela começou a arrancar ervas daninhas enquanto falava.

"Então ele deixou você ficar no comando deste lugar?"

"Tipo isso. De qualquer forma, ele me deixa plantar o que eu gosto."

Aos ouvidos de Maomao, Suirei parecia notavelmente desinteressada. Maomao não transbordava exatamente de entusiasmo; parecia que ela havia encontrado uma alma gêmea. Suirei, porém, parecia ter senso social suficiente para se juntar às outras damas da corte quando elas implicavam com Maomao.

"E o que faz você gosta de plantar?"

Suirei olhou para Maomao sem dizer nada – mas apenas por um segundo. Então ela voltou seu olhar para o chão. **"Um remédio para reviver os mortos."**

Isso foi o suficiente para fazer o coração de Maomao bater forte. Ela quase agarrou Suirei e exigiu saber do que ela estava falando, mas a racionalidade tomou conta dela no último momento.

Suirei olhou para Maomao e disse a coisa mais cruel que se possa imaginar: **"Estou brincando"**. Maomao não respondeu, mas a devastação devia estar clara em seu rosto, pois a outra mulher deu uma risada sem humor. **"Dizem que você é uma apotecária"**

Maomao se perguntou onde ela tinha ouvido isso, mas assentiu. Suirei ficou mais uma vez sem expressão enquanto arrancava folhas mortas. Ela deixou raízes grossas, aparando as folhas com a foice. **"Eu me pergunto quão bom é uma apotecária"**, disse ela, e Maomao, se não estava enganada, ouviu uma farpa na voz de Suirei.

Ela olhou para Suirei e respondeu apenas: **"Boa pergunta."**

"Mm," Suirei disse, e se levantou. **"Eu planto ipomeias aqui todos os anos. Mas ainda não é a temporada."** Então ela pegou suas ervas e desceu a colina.

Um remédio para reviver os mortos...

Se tal coisa existisse, Maomao faria qualquer coisa para colocar as mãos nela. A humanidade procurou um meio de imortalidade praticamente ao longo de sua história. Poderia tal coisa existir? Maomao acreditava, na verdade, que a possibilidade não poderia ser descartada – mas balançou a cabeça diante da ideia de que seria apenas uma droga que trazia as pessoas de volta à vida.

Ela olhou ansiosamente para o campo por um momento, a parte dela que queria se servir de alguma coisinha e a parte que sabia que não deveria ficar discutindo. No final, a disputa mental só fez com que ela voltasse tarde.

A disciplina de Suiren era modesta, mas severa: Maomao viu-se limpando e polindo até as vigas do teto.

*[1] ***Twisted the knife = torcer a faca***: adicionando insulto à injúria; esfregar sal nas feridas; piorando uma situação ruim.

Capítulo 11: Chance ou algo mais

Maomao estava limpando um corredor em algum lugar do pátio externo, como fazia tantas vezes, quando ouviu uma história muito estranha.

Uma grande figura aproximou-se dela em leve pânico. Olhando mais de perto, descobriu-se que era o cachorro grande, Lihaku.

"O que está acontecendo?" Maomao perguntou, largando a toalha. O corpulento oficial militar não teria motivo para ir ao escritório de Jinshi – a menos que precisasse de algo de Maomao.

“Não há tempo para bate-papo! Há problemas!”

"E o que poderia ser isso?" Se ele veio até aqui, deve ser sério. Apesar da maneira como às vezes agia, Lihaku mal tinha tempo para matar.

“Você se lembra do incêndio naquele armazém? Mais tarde descobrimos que exatamente no mesmo dia houve um assalto em outro.” Ele coçou a cabeça enquanto falava. **“A única coisa que posso pensar é que alguém estava usando o fogo como diversão.”**

Maomao cruzou os braços: então essa foi a história. **“O que foi roubado, se posso perguntar?”**

Com isso, Lihaku caiu em um silêncio desconfortável. Ele bateu no ombro dela e gesticulou, aparentemente querendo ir a algum lugar onde não seriam ouvidos. Maomao deixou que ele a conduzisse para fora da galeria em direção ao jardim. Lihaku agachou-se à sombra de algumas árvores, bateu o dedo na lateral do nariz de forma conspiratória e disse: **“Alguns instrumentos de rituais desapareceram”.**

“Instrumentos de rituais?”

Uma coisa muito estranha de se roubar, pensou Maomao.

"Sim. Vários parecem ter desaparecido, mas infelizmente não sabemos exatamente o quê.” Lihaku balançou a cabeça desamparadamente.

“Você não sabe o que estava lá? O dono do armazém foi tão descuidado assim?”

“Não, não é assim... Não tem ninguém no comando do lugar no momento. Um funcionário importante que esteve intimamente envolvido com isso morreu no ano passado, e isso virou tudo de cabeça para baixo.”

Uma questão de novos superiores mexendo nas coisas, talvez.

“Talvez você pudesse perguntar a quem supervisionou isso antes dele, então?”

“Há uma ruga nisso também. Veja, ele não está em condições de voltar ao trabalho. Ele contraiu uma intoxicação alimentar há pouco tempo e... bem, ainda está inconsciente.” Lihaku soltou um suspiro como se quisesse enfatizar a situação difícil em que ele se encontrava.

Mas as palavras intoxicação alimentar fez a memória de Maomao funcionar. Não houve um caso assim logo após o incêndio? Na verdade, quase simultaneamente com isso...

“Esse não seria o balconista gourmand, seria?” ela perguntou.

Os olhos de Lihaku se arregalaram. **“Como você sabe disso?”**

"É uma longa história."

O incêndio, o roubo e a indisposição do balconista: seriam todos uma grande coincidência? Em algum nível, sempre foi possível – mas parecia profundamente improvável. Outra coisa que Lihaku disse chamou a atenção dela também.

“Você mencionou um funcionário importante que faleceu no ano passado. Que tipo de pessoa ele era?”

Lihaku colocou um dedo na testa e grunhiu. **“Lembro que ele era um velhote que sempre levava uma surra... er, quero dizer, sempre manteve os princípios. Qual era o nome dele? Caramba, está na ponta da minha língua! Eu sei que ele gostava muito de doces...”**

“Talvez você esteja pensando no Mestre Kounen”, disse Maomao, lembrando-se da pessoa sobre a qual Jinshi havia contado a ela no ano anterior. Um oficial puritano e guloso que morreu de overdose de sal.

"Sim! Foi isso! Espere... você também sabe sobre ele?”

"É uma longa história."

A surpresa de Lihaku foi compreensível. Maomao não era de forma alguma otimista o suficiente para presumir que todas essas coincidências poderiam ser, bem, mera coincidência. Cada um parecia um acidente isolado. Mas não havia garantias de que o que parecia ser um acidente fosse de fato acidental, como provou o caso do baiacu. Seria possível que todos esses incidentes tenham sido deliberados, visando algum objetivo maior?

Maomao olhou para Lihaku. **"Sinto muito, Mestre Lihaku, mas o que isso tem a ver comigo?"**

"**Certo! Foi sobre isso que vim falar com você!"** Ele vasculhou uma sacola e tirou algo que acabou sendo o cachimbo de marfim que Maomao havia descoberto no armazém queimado. Ela o entregou a ele não muito tempo atrás, depois de limpá-lo e reconstruí-lo. Ele disse que providenciaria para que ele voltasse ao vigia do armazém, mas ainda o tinha.

"Não é minha culpa", disse Lihaku agora. **"O vigia me disse para ficar com ele. Disse que não queria mais."**

O guarda foi demitido depois que a culpa pelo incêndio no armazém recaiu sobre ele. Maomao considerou o cachimbo uma compra potencialmente cara, mas evidentemente foi um presente. *Alguém foi muito generoso*, ela pensou.

"Ele disse que uma das damas da corte exterior deu a ele. Isso não lhe parece estranho? Por que um deles daria algo assim para um vigia aleatório?"

"Pode fazer sentido, dependendo da pessoa." Quando as cortesãs recebiam um presente de um cliente particularmente desprezado, elas imediatamente o vendiam por dinheiro ou o davam a outra pessoa. Mas Maomao também poderia pensar em outra possibilidade. **"Talvez ela soubesse que ele iria querer usar um presente tão rico imediatamente."**

Nem todos teriam esse impulso, mas muitos teriam. E se esse era o objetivo da mulher misteriosa... Ela deve ter adivinhado o desenrolar dos acontecimentos: o incêndio iria começar. As pessoas vinham correndo. A segurança seria mais leve em outros lugares – o momento perfeito para se esgueirar.

Lihaku, antecipando o que Maomao iria perguntar, disse: **"Infelizmente, ele disse que não conseguia ver o rosto da mulher que lhe deu o cachimbo. Estava muito escuro."**

Uma mulher andando no escuro? Isso também foi estranho. Mesmo o palácio não era um lugar onde uma mulher deveria andar sozinha à noite. O vigia do armazém encontrou a mulher fazendo exatamente isso e teve a gentileza de acompanhá-la até a saída, para sua segurança. Ela agradeceu dando-lhe o cachimbo. Estava frio e o rosto da mulher estava escondido por um colarinho alto.

“Ele disse que ela parecia incomumente alta para uma dama e que cheirava levemente a remédio.”

"Remédio?"

“Não se preocupe, eu sei que não foi você.” Ele disse alto. **“Mas eu apenas me perguntei. Parece alguém que você conhece?”**

Embora ele possa parecer um idiota, Lihaku pode ser bem esperto. *Não posso exatamente afirmar que não tenho ideia*, Maomao pensou. Talvez ela devesse simplesmente contar a ele exatamente o que suspeitava. Mas então o mantra de seu pai passou por sua mente: ***não tire conclusões com base em suposições***. Maomao refletiu sobre o assunto e decidiu chegar a um acordo.

“Aconteceu mais alguma coisa incomum além dos acidentes e incidentes que você mencionou?”

“Essa parece uma pergunta portentosa e tudo, mas eu nem teria conectado tantos pontos sem suas dicas”, disse Lihaku, cruzando os braços. **“Você está dizendo que há algo mais que eu deveria investigar?”**

"Possivelmente. Ou possivelmente não.”

"Qual é?" Lihaku disse, exasperado.

Maomao se agachou e pegou um pedaço de pau do chão, com o qual desenhou um círculo na terra. **“Duas coisas muitas vezes acontecem coincidentemente.”** Ela desenhou outro círculo, sobrepondo parcialmente o primeiro. **“Três coisas podem acontecer e ainda assim ser um acaso.”** Ela adicionou outro círculo. **“Mas você não concorda que em algum momento isso deixa de ser coincidência e passa a ser deliberado?”**

Ela preencheu o segmento no centro de seus três círculos sobrepostos. **“Suponha que esta senhora da corte exterior, se é isso que ela é, esteja no centro dessas coincidências deliberadas.”**

"Entendo!" Lihaku bateu palmas. Quanto a Maomao, uma imagem de Suirei passou por sua mente, mas ela sentiu que não estava aqui nem ali. **"Você é mais inteligente do que parece",** disse Lihaku, dando um tapinha no ombro dela com um sorriso enorme.

"Mas você é tão estupidamente forte quanto parece, Mestre Lihaku, então, por favor, tenha cuidado."

Lihaku sentiu um arrepio quando Maomao olhou para ele. Ele se virou para descobrir que ela não era a única olhando feio para ele.

"Estou feliz em ver que vocês estão se divertindo." A voz era linda, mas carregada de sarcasmo. Lihaku deu um passo intimidado para trás quando viu a quem pertencia.

"Não estou me divertindo muito", disse Maomao.

Jinshi ficou observando-os de perto, meio escondido pela sombra da árvore. Gaoshun estava atrás dele, com a testa franzida em sua habitual e perpétua expressão de desgosto.

O grande vira-lata prontamente foi para casa, deixando Maomao para lidar com Jinshi, que estava agindo de forma irritada por algum motivo.

"Você parece bastante amigável com aquele homem."

"Eu?" Ela serviu chá de um pequeno bule que colocou para ferver. Uma xícara de cerâmica poderia ser uma bebida mais saborosa, mas a maior parte da louça que Jinshi usava era de prata. Maomao ainda não estava totalmente clara sobre o lugar de Jinshi na hierarquia política. Ele era mais do que um eunuco que esvoaçava pelo palácio interno; ele também tinha negócios reais aqui no pátio externo.

"O que ele é, algum tipo de oficial militar?"

"De fato, senhor, como você pode ver. Ele veio falar comigo sobre algo que o estava incomodando."

Maomao colocou lanches para acompanhar o chá na mesa. Ela não tinha certeza se Jinshi poderia ter interesse no que Lihaku havia lhe contado. Afinal, Kounen estava de alguma forma conectado. Então Maomao ofereceu: **"Devo dizer exatamente o que ele estava perguntando?"**

Jinshi apenas tomou um gole de chá em silêncio.

Quando Maomao terminou uma explicação detalhada, Jinshi fechou os olhos e franziu a testa, parecendo um pouco angustiado. **“Uma teia emaranhada, de fato.”**

"Sim, senhor."

Jinshi não tocou nos lanches. Gaoshun estava parado na entrada do escritório, parecendo tão perturbado quanto seu mestre.

“E como você acha que está tudo relacionado?” Jinshi perguntou.

“Isso eu não sei”, ela disse honestamente. Ela não tinha ideia do que tudo isso pretendia realizar. Qualquer um dos casos pode ter sido acidental. A única coisa certa era que, enquanto parecessem que poderiam ser acidentes, era improvável que alguém juntasse as peças. **“Pessoalmente, acho que se parecem menos com um único grande esquema e mais com uma série de armadilhas, cujo sucesso de qualquer uma delas serviria aos propósitos de quem as armou.”**

Jinshi tomou outro gole de chá em resposta. A boca cheia esvaziou sua xícara, então Maomao começou a ferver mais.

“Devo concordar”, disse Jinshi. **“E isso significa que existe a possibilidade de que existam outras armadilhas.”**

“Não podemos ter certeza.” Até Maomao tinha apenas suas especulações para continuar. Se alguém lhe dissesse definitivamente que tudo tinha sido uma série de coincidências, ela só poderia ter balançado a cabeça e aceitado.

“Humph. Não está muito ansiosa com isso?

"Ansiosa, senhor?" ela disse. *E? Não é como se eu metesse o nariz nessas coisas por interesse pessoal.* Ela apenas tomou nota do que estava acontecendo ao seu redor. Havia muitas pessoas preparadas para envolvê-la em seus próprios negócios arriscados, esse era o problema. Maomao teria ficado perfeitamente feliz em viver uma vida tranquila como apotecária: sentada na varanda, tomando chá e fazendo experiências medicinais. **“Sou apenas uma empregada doméstica**”, disse ela. **“Eu simplesmente faço o trabalho que me é dado.”**

“Hmph,” Jinshi disse novamente, aparentemente achando a resposta sem brilho. Ele tocava semi conscientemente com um pincel na mão. Ele havia empurrado os lanches para um lado da mesa. Talvez ele não estivesse interessado neles. Maomao achou que ele parecia incomumente jovem. **“Que tal isso, então?”** ele disse. Ele chamou Gaoshun com um sorriso e sussurrou em seu ouvido. O que quer que ele tenha dito, Gaoshun claramente não estava entusiasmado com isso.

“Mestre Jinshi...” ele disse.

"Você me ouviu. Prepare tudo, por favor.”

Gaoshun assentiu sem convicção e, enquanto isso, Jinshi mergulhou o pincel com o qual estava brincando em um pouco de tinta e começou a escrever em um pedaço de papel com movimentos fluidos. **“Outro dia, quando eu estava visitando os comerciantes, ouvi falar de um item muito interessante. Acredito que esse era o nome.”**

Ele puxou o papel com um floreio e mostrou-o a Maomao. Seus olhos imediatamente começaram a brilhar.

Escritos no papel estavam dois caracteres, ***niu huang: calculus bovis. Bezoar de boi.***

"Você gostaria?"

"Eu gostaria!"

Quase antes de ela saber o que estava fazendo, Maomao correu até – e depois – para a mesa de Jinshi.

Bezoar de boi era um remédio, um cálculo biliar de vaca ou boi. Supostamente, apenas um em cada mil bovinos produzia um; foi considerado um dos suplementos medicinais mais raros e valiosos. Um pobre apotecário do distrito dos prazeres teria sorte de ver um durante sua vida. Era uma perspectiva de dar água na boca.

E esse eunuco estava dizendo – o quê? Ele realmente lhe daria um? Realmente e verdadeiramente?

Jinshi afastou-se ligeiramente de Maomao, que começou a se aproximar cada vez mais dele. Ela não percebeu o que estava fazendo até que Gaoshun puxou sua manga, trazendo-a de volta à realidade. Ela desceu lentamente da mesa e ajeitou a saia.

“Há essa motivação.”

“Posso realmente ficar com isso?” Maomao lançou um olhar cauteloso para Jinshi, mas agora ele parecia um pouco mais adulto do que antes. Maomao reconheceu isso como o olhar sedutor que ele frequentemente lançava sobre as criadas no palácio interno.

“Isso depende de quão duro você trabalha. Deixe-me começar dando todos os detalhes.” Jinshi começou a amassar o papel e jogou-o na cesta de lixo, com o familiar sorriso meloso no rosto. Maomao não poderia ter se importado menos com o sorriso, mas estava se oferecendo para recompensá-la com algo que ela desejava desesperadamente se fizesse um bom trabalho, e isso era tudo que ela precisava saber.

"Entendido. Você só precisa me dizer o que deseja, Mestre Jinshi.” E então Maomao retirou a xícara de chá e os salgadinhos intocados.

Capítulo 12: O Ritual

Conforme as instruções, Maomao fechou-se nos arquivos na tarde seguinte. O prédio continha pilhas de registros públicos e tinha um cheiro característico de mofo. Um oficial pálido trouxe braçadas de pergaminhos para Maomao. Ele foi a única pessoa que ela viu lá; a postagem parecia ser uma espécie de sinecura.

Não faria mal nenhum sair ao sol de vez em quando, no entanto, ela pensou.

Ela desenrolou um pergaminho após o outro, cada um feito de papel excelente. Eles listaram resumidamente os acidentes e crimes que ocorreram no complexo do palácio nos últimos anos. Esta não era uma informação confidencial; os pergaminhos eram bastante públicos e podiam ser vistos por qualquer pessoa que os solicitasse.

Ela olhou através deles com interesse. A maioria dos casos eram acidentes mundanos, mas alguns despertaram sua curiosidade. Casos de intoxicação alimentar, digamos...

Ela esperava que esses casos aumentassem durante o verão, mas também houve um número surpreendente no inverno. O outono pode trazer os seus próprios problemas, com pessoas comendo cogumelos não identificados ou inadequados.

Maomao pediu ao oficial outro pacote de pergaminhos. Ela esperava que ele a tratasse como um incômodo, mas ele parecia bastante satisfeito por finalmente ter a oportunidade de trabalhar. Parecia que ele não estava aqui só porque gostava de matar o tempo. Ele

estava claramente curioso sobre o que Maomao estava pesquisando, ocasionalmente lançando pequenos olhares enquanto ela trabalhava.

Maomao o ignorou, folheando os lençóis até encontrar o que queria: uma descrição do recente incidente de intoxicação alimentar. Maomao parou ao ver o órgão governamental ao qual a vítima estava associada.

O Conselho de Ritos?

Isso, pelo menos, era o que seu título oficial sugeria a ela. A lembrança de Maomao, tal como era, era que o Conselho de Ritos era responsável pela educação e pela diplomacia. *Talvez*, pensou ela, tivesse mais certeza se tivesse estudado mais para o exame para damas da corte.

"Está tendo problemas com alguma coisa?" o pálido funcionário perguntou a ela. Qualquer coisa para passar o tempo, talvez.

Maomao decidiu que agora não era hora de ficar envergonhado por sua ignorância. **"Sim",** ela disse. **"Não tenho certeza do que este título significa."** Ela suspeitava que a admissão a fazia parecer absolutamente estúpida.

"Ah. Essa pessoa supervisiona a observância do ritual", disse o homem, parecendo bastante satisfeito por fornecer esse conhecimento.

"Você disse ritual?"

Certo, a vítima da intoxicação alimentar estava encarregada dos instrumentos de rituais, não era?

"De fato. Eu ficaria feliz em buscar um livro mais detalhado sobre o assunto para você, se desejar", disse o funcionário, de maneira não indelicada. Maomao, porém, quase não o ouviu; as engrenagens estavam girando em seu cérebro. De repente, ela bateu na longa mesa à sua frente. O homem quase pulou fora de si.

"Você tem alguma coisa para escrever?" Maomao exigiu.

"Er, sim..."

Maomao examinou rapidamente o registro de incidentes que vinha examinando. Ela assumiu cargos e mandatos exatos.

Quando coincidências se acumulavam, sugeriam algo deliberado. E se ela expusesse todas essas aparentes coincidências, o lugar onde elas se sobrepunham lhe diria onde procurar.

“Observância do ritual... Instrumentos de rituais...”

Rituais como tais não eram incomuns; todos os tipos de ritos foram observados ao longo do ano. A realização de observâncias menores poderia ser feita por um chefe de aldeia, mas as cerimônias mais importantes eram realizadas pela família imperial. Os implementos roubados teriam sido pelo menos para uma cerimônia de nível intermediário, se não para algo ainda mais importante.

Uma cerimônia de nível médio, Maomao pensou consigo mesma. Ela se lembrou de Jinshi realizando um rito de purificação. Se ela tivesse alguma dúvida sobre algo relacionado a rituais, talvez fosse mais rápido perguntar ao eunuco.

“Você está interessado em assuntos rituais?” O funcionário, que se mostrava não apenas entediado, mas também bastante amigável, aproximou-se com uma espécie de desenho grande.

“Huh...” disse Maomao. Era uma ilustração bastante detalhada dos locais do ritual. Um altar ficava no centro, com uma bandeira tremulando acima dele. Uma grande panela foi colocada ao pé do altar, talvez para acender o fogo.

“Lugar bastante incomum, não é?” disse o funcionário.

"Então é..."

Certamente parecia elegante e imponente. O banner parecia ter algum tipo de escrita – eles mudavam cada vez que havia uma celebração?

Parece muito difícil subir e descer toda vez, pensou Maomao, sempre prático. O estandarte estava alto o suficiente para que até subir uma escada fosse uma dor de cabeça.

“Eles têm uma engenhoca especial lá”, disse o funcionário. **“Uma grande viga pendia do teto. Ela pode ser levantada e abaixada para que eles possam escrever a inscrição ritual apropriada no estandarte.”**

“Você parece saber bastante sobre isso”, disse Maomao, estudando o homem pálido.

“Acredito que sim. Eu costumava fazer um trabalho mais digno do que marcar passo nos arquivos. Mas, tenho vergonha de admitir, devo ter cometido um deslize no momento errado ou ofendido a pessoa errada, porque ganhei o exílio nas pilhas.”

Ele havia, anteriormente, sido designado para o Conselho de Ritos, o que, Maomao percebeu, explicava por que ele estava tão interessado no que ela estava fazendo. E então o funcionário disse algo que realmente chamou a atenção dela: **“Eu estava preocupada se no início seria forte o suficiente. Estou tão feliz que não houve problemas.”**

“Você estava preocupado se o que seria forte o suficiente?”

"A viga. O sistema que o sustenta. Isso é uma coisa enorme. Mal ouso imaginar a tragédia que resultaria se ela caísse. Mas assim que levantei a questão, fui banido para esses arquivos.”

Maomao olhou para a foto em silêncio. Se a viga se soltasse do teto, quem correria maior perigo seria a pessoa diretamente abaixo dela: o oficiante da cerimônia. Potencialmente uma pessoa muito importante.

E ele está preocupado com o quão forte é o sistema, Maomao pensou. Para levantar e abaixar a viga, ela teria que estar presa a alguma coisa. E se os fechos quebrassem...

Quão forte é...

Havia uma fogueira nas imediações. Maomao foi subitamente tomado pela questão de quais instrumentos rituais haviam sido roubados. Ela deu outro tapa na mesa, provocando outra reação de espanto por parte do oficial. Ela se virou para ele, que estava rígido como uma tábua e disse: **“Sinto muito, mas quando será o próximo ritual?! E onde é o lugar mostrado nesta foto?!”**

“É uma estrutura chamada Altar do Céu Safira, na borda oeste do pátio externo. E quanto a quando será usado...” O funcionário folheou um calendário, coçando a orelha. **“Ora, há uma observância hoje.”**

Antes que o homem terminasse de falar, Maomao saiu correndo do prédio, sem nem mesmo endireitar os pergaminhos.

O Altar do Céu Safira, a oeste, ela pensou, tentando organizar seus pensamentos enquanto corria. Esse plano, ela suspeitava, estava sendo elaborado há muito tempo. Preparado com o entendimento de que algumas partes individuais poderiam ser frustradas, mas se apenas

algumas pudessem ser sobrepostas, isso proporcionaria a abertura que o conspirador desejava. *Ainda estou apenas adivinhando. Nada mais do que isso.* Mas era estonteante imaginar as consequências se o seu palpite estivesse certo.

Logo, ela avistou um pagode redondo. Prédios semelhantes flanqueavam-no de ambos os lados e havia uma fileira de funcionários na frente dele. Pelas roupas, ela imaginou que um ritual estava acontecendo naquele momento.

"**Ei, você!**" um deles chamou. "**O que você pensa que está fazendo?**"

Isso era de se esperar quando uma empregada imunda tentou passar por eles. Maomao estalou a língua. Ela não tinha tempo para isso. Se ela pudesse ter escolhido Jinshi ou Gaoshun, eles poderiam ter resolvido o problema para ela, mas ficariam fora o dia todo.

“Deixe-me passar, por favor”, disse ela.

"**Absolutamente não. Um ritual está sendo celebrado”**, disse um guerreiro segurando um porrete de guerra de aparência desagradável. Ele olhou furioso para Maomao, mas ela não podia culpá-lo por simplesmente querer fazer o seu trabalho. Em vez disso, ela se amaldiçoou por não falar bem.

"**É uma emergência. Você tem que me deixar entrar.”**

“Uma empregada como você ousaria se impor nos ritos sagrados?”

Ele a tinha lá. Maomao não passava de uma empregada doméstica. Ela não tinha autoridade. Se esse homem deixasse uma garota como ela entrar no local cerimonial só porque ela pediu, ele poderia muito bem dar um beijo de despedida em sua cabeça.

Infelizmente, Maomao também não pôde recuar.

Talvez nada aconteça, ela pensou. Mas se assim fosse, seria tarde demais para o "eu avisei". Quando percebemos que algo irrevogável aconteceu, já é tarde demais.

O soldado era muito mais alto que ela, mas ela o olhou bem de frente. Os funcionários próximos estavam começando a murmurar e olhar para eles.

“Não estou aqui simplesmente para atrapalhar o ritual”, disse Maomao. **“A vida de alguém está em perigo. Você tem que parar a cerimônia!”**

Um dos funcionários próximos falou. **“Isso não cabe a você decidir. Se você tem uma opinião que gostaria de compartilhar, temos uma caixa de sugestões.”** Ele estava zombando abertamente de Maomao, humilde serva que ela era.

“Você nunca veria isso a tempo. Deixe-me passar!"

"Não!"

Eles nunca chegariam a lugar nenhum discutindo como crianças. Talvez tivesse sido maduro para Maomao reconhecer que ela nunca conseguiria passar e simplesmente recuar. Mas ela não tinha isso dentro dela. Em vez disso, um sorriso sarcástico apareceu em seu rosto. **“Há uma falha fatal na construção desse altar. E acredito que alguém pode ter se aproveitado disso. Se você não me deixar passar neste minuto, acredite, você vai se arrepender. Meu Deus, mas tremo só de pensar no que vai acontecer com você quando descobrirem que eu avisei e você não ouviu!”** Ela levou a mão ao rosto numa expressão exagerada de surpresa. Aí ela disse: **“Espere... entendo. É isso que está acontecendo aqui?”** Ela bateu com o punho na palma da mão aberta como se tudo fizesse sentido agora. Seu sorriso se tornou cruel. **"Você quer, seja o que for que aconteça. Você está me atrasando aqui porque está aliado a quem quer que tenha armadilhado o...”**

Ela foi interrompida por um baque surdo vindo de sua própria cabeça. Quase antes de saber o que tinha acontecido, ela estava deitada no chão, com a visão turva.

Tenho que ficar consciente, ela pensou, mas desejar não iria fazer com que isso acontecesse. Ela ouviu a voz do soldado que a havia golpeado, mas parecia que ele estava a uma grande distância e ela não conseguia entender o que ele estava dizendo. Bem, pelo menos ela sabia que tinha a atenção deles. Qualquer soldado ficaria zangado com o abuso como esse por parte de uma menina como ela. Zangado o suficiente para levantar a mão sem pensar, talvez.

Ela não podia reclamar; ela mesma causou isso. Mas se ela desmaiasse agora, tudo estaria acabado.

Lentamente, Maomao sentou-se. Sua orelha queimava e sua visão ainda estava embaçada. À medida que a cor voltava ao seu mundo, ela percebeu o soldado, com o braço ainda levantado, seus companheiros o restringindo.

Pensei que começar uma briga poderia ajudar, mas... não adianta...

Não houve comoção suficiente para interromper a cerimônia; ela ainda podia ouvir música vinda da direção do altar. O show estava acontecendo.

Por fim ela colocou o corpo em pé. Algumas manchas vermelhas pontilhavam o chão à sua frente. *Sangramento nasal*, ela pensou. Não é algo para se preocupar. O golpe pareceu acertá-la na orelha, mas apenas queimou; não houve dor. Maomao pressionou o polegar na lateral do nariz e soprou o sangue. Um murmúrio percorreu os funcionários reunidos. Maomao percebeu que talvez não fosse apropriado derramar sangue no local de um ritual, mas mal teve tempo de se desculpar.

"Você está bastante satisfeito?" ela disse. Com sua visão ainda confusa, ela não conseguia ver exatamente que resposta recebia; ela apenas ouviu o zumbido geral de vozes ao seu redor. Não havia tempo para esses jogos. Havia algo que Maomao precisava fazer.

A voz dela subiu uma oitava: **"Deixe-me passar!"**

Eu tenho que entrar lá!

Seria tarde demais, quando tudo acabasse. Tarde demais. Se ela não entrasse lá agora...

Nunca vou pegar meu bezoar de boi!

Sua cabeça estava girando e sua visão ainda estava turva, mas esse pensamento lhe deu motivação para permanecer de pé.

Maomao olhou atentamente para as pessoas ao seu redor. **"Não estou pedindo para você interromper a cerimônia. Apenas para me deixar passar. Digamos que um rato entrou quando você não estava olhando."** O atual Imperador era um homem compassivo; ela não achava que a cabeça de alguém iria rolar por isso. Exceto possivelmente a dela. Ela só poderia implorar a Jinshi que intercedesse em seu nome. Ou, pelo menos, deixá-la morrer envenenada. **"O que você fará se algo acontecer e você me detiver aqui? Eu sei que tem que ser alguém importante lá dentro celebrando o ritual. Então vocês vão pagar com suas vidas!"**

Ela não sabia quem estava oficializando, apenas que tudo sobre a situação implicava que era alguém de alto escalão.

Alguns guardas se entreolharam como se estivessem abalados com as palavras dela, mas estava claro que não estavam dispostos a se afastar.

“Por que deveríamos ouvir uma garotinha ninguém como você?” o soldado perguntou.

Essa era a verdadeira questão, não era? Maomao não teve resposta, apenas ficou olhando fixamente para o homem.

Foi então que ouviram um rápido estalar de sapatos. **“Talvez você me escute, então?”** alguém disse, quase brincando. Maomao praticamente podia ouvir o sorriso na voz. E ela sabia a quem pertencia.

O soldado que bloqueava o caminho de Maomao deu meio passo para trás. Os funcionários reunidos ficaram pálidos, como se estivessem diante de algo que esperavam nunca ver.

Maomao não olhou para trás. Tudo o que ela pôde fazer foi evitar que sua carranca ficasse ainda mais profunda. Suas têmporas já estavam começando a tremer.

“De qualquer forma, ninguém, menina ou não, não tenho certeza se posso tolerar bater em uma jovem. Olha, ela está ferida. Quem fez isso? Confessem!" Um toque frio entrou na voz. Todos olharam inconscientemente para o homem com o clube de guerra. Seu rosto estava tenso.

“Para começar”, retomou a voz, **“Por que você não faz o que a garota diz? Assumirei total responsabilidade por tudo o que acontecer.”**

Quem quer que estava atrás dela, ele não poderia ter tido um timing melhor se tivesse tentado. Maomao cerrou os dentes. *Não consigo pensar nisso agora*, ela pensou. Ela ainda não olhou para trás. Em vez disso, ela lançou um último olhar para as pessoas ao seu redor e então correu para o altar.

Ela decidiu que não se importava a quem pertencia a voz.

Os aromas de fumaça e incenso vagavam pela arena. O tilintar dos instrumentos musicais era acompanhado pelo bater da bandeira pendurada na viga do teto. A oração dos celebrantes estava escrita nele em letras lindas e fluidas, expostas no alto na esperança de que pudesse chegar ao céu.

A aparição de uma jovem encardida neste espaço sagrado fez a multidão resmungar. *Eu devo estar horrível*, Maomao pensou. Ela sujou o uniforme correndo e agora seu rosto estava manchado de sangue seco do nariz. Ela estava determinada a tomar um bom e demorado banho quando tudo isso acabasse. Ela seria morta se fosse pega tomando banho

na residência de Jinshi, no entanto. Talvez ela pudesse convencer Gaoshun a deixá-la usar o dele.

Isso, é claro, desde que sua cabeça ainda estivesse presa ao corpo quando ela chegasse a esse ponto.

Na extremidade de um tapete escarlate estava um homem vestido de preto. Em sua cabeça havia um distintivo boné de escritório pendurado com pingentes de contas. Ele estava entoando algo em voz alta e clara.

A enorme panela de fogo estava na frente dele, queimando intensamente. E ali, acima de sua cabeça, estava a trave com a bandeira ondulante. E fixar a viga no teto foi...

Maomao pensou ter ouvido um rangido distinto. Tinha que ser imaginação dela; não havia como ela ter ouvido aquela distância. Mesmo assim, ela continuou se movendo. Ela podia sentir o material macio do tapete sob seus pés enquanto dirigia em direção a ele o mais rápido que podia.

O oficiante notou Maomao e se virou. Ela não se importou, mas se jogou contra ele, passando os braços em volta de seu estômago e puxando-o para o chão.

Quase no mesmo instante, houve um estrondo ensurdecedor. Uma sensação quente e aguda subiu por sua perna. Ela olhou para trás e descobriu uma grande viga de metal prendendo sua perna. Conseguiu cortar a pele.

Isso vai precisar de pontos, ela pensou. Ela estendeu a mão para as dobras do seu roupão, onde sempre carregava alguns remédios e suprimentos médicos simples – mas uma mão grande agarrou a sua e segurou-a. Ela olhou para cima e sua visão foi preenchida com as contas penduradas no chapéu. Em algum lugar além deles flutuava um par de olhos tão escuros quanto obsidiana.

"E como nos encontramos assim?" A voz soou quase celestial.

A viga que caiu do teto estava no chão. Se o dono da voz estivesse diretamente abaixo dela quando ela caiu, ele certamente teria morrido instantaneamente.

"Mestre Jinshi... Posso... Posso ter meu bezoar agora?" Maomao perguntou ao lindo eunuco que, ela descobriu agora, também era o oficiante da cerimônia. Mas por que, ela se perguntou, ele estava aqui?

“É uma boa coisa para se pensar em um momento como esse”, disse Jinshi, franzindo o rosto como se tivesse mordido algo azedo. Sua grande mão roçou o rosto de Maomao. A ponta do polegar traçou seu caminho ao longo de sua bochecha**. “Olhe para o seu rosto.”** Ele estremeceu. Por que ele faria isso?

Maomao estava mais interessada em resolver o problema em questão. Sua perna. **“Você me deixaria costurar minha perna?”** Não doeu tanto quanto queimou. Ela se virou para tentar dar uma olhada no ferimento, mas em vez disso seu corpo estremeceu.

“E-Ei, agora—!”

A voz de Jinshi parecia distante. *Uh-oh*, ela pensou. Foi aquela pancada na cabeça.

Sua força a deixou abruptamente. Sua visão ficou acinzentada novamente, e então Jinshi a sacudiu, gritando alguma coisa, e ela não sabia dizer o quê, mas, ah, como ela gostaria que ele ficasse quieto.

Capítulo 13: Espinheiro

Era agradável, como se o corpo dela estivesse balançando suavemente. Um leve cheiro de incenso fino fez cócegas em seu nariz. O balanço fez com que ela se sentisse como uma criança no berço, mas depois de um momento cessou e ela sentiu que estava sendo deitada sobre algo macio.

Então o tempo passou, mas ela não sabia quanto.

Onde estou? Maomao pensou ao acordar. Quando seus olhos se abriram, ela encontrou um dossel glorioso acima de sua cabeça. Ela o reconheceu, porque tinha que espaná-lo todos os dias.

Ela sentiu o cheiro do incenso novamente, o melhor sândalo. Este era o quarto de Jinshi, e isso faria com que Maomao estivesse dormindo em sua cama.

"Ah, você está acordada", disse uma voz calma e gentil. Veio de uma assistente no início da velhice, reclinado em um sofá próximo. Ela se levantou e pegou uma jarra de água de uma mesa redonda, servindo generosamente em uma xícara. **"Mestre Jinshi trouxe você aqui, você sabia? Ele não suportou deixar você descansar no consultório médico."** Suiren riu e passou a xícara para Maomao.

Maomao levou-a aos lábios. Ela estava com roupas de dormir. (*Quando isso aconteceu*?) Uma dor aguda percorreu sua cabeça e, enquanto isso, parecia que sua perna poderia ter cãibras.

"Agora, não se esforce. Você precisou de quinze pontos."

Maomao puxou as cobertas para encontrar uma bandagem enrolada em sua perna esquerda. A qualidade incômoda da dor sugeria que ela havia recebido algum tipo de analgésico. Ela tocou a cabeça: mais bandagens.

"Lamento perguntar isso quando você acabou de acordar, mas posso trazer os outros para vê-la agora? Podemos lhe dar alguns minutos se quiser trocar de roupa."

Maomao viu que sua roupa normal estava cuidadosamente dobrada ao lado da cama. Ela acenou com a cabeça em compreensão.

Suiren liderou Jinshi e Gaoshun, acompanhados por Basen. Maomao vestiu com sucesso suas roupas diárias; ela os acolheu, mas permaneceu sentada. Uma quebra de etiqueta, ela sabia, mas Suiren deu sua aprovação e Maomao decidiu, neste caso, aceitá-la.

Basen foi o primeiro a abrir a boca: **“O que diabos está acontecendo aqui?”** Ele estava olhando diretamente para Maomao, parecendo estranhamente zangado.

“Basen”, disse Gaoshun severamente. O soldado apenas estalou a língua e sentou-se. Jinshi se posicionou no sofá, sua expressão cuidadosamente neutra.

Afinal, seu mestre estava em perigo considerável. Maomao pensou. Mas ela não tinha feito nada que justificasse gritar com ela, então ela simplesmente tomou um gole de água morna, com uma expressão tão fria quanto sua bebida.

Jinshi olhou para Maomao, com as mãos enfiadas nas mangas. **“Gostaria que você explicasse algumas coisas para mim. O que o trouxe àquele lugar naquela hora? Como você sabia que aquela viga iria cair? Diga-me."**

"Muito bem, senhor." Maomao largou a água e respirou fundo. **“Em primeiro lugar, estes acontecimentos residem na confluência de uma série de coincidências. Quando um número suficiente de coincidências desse tipo ocorre ao mesmo tempo, pode-se suspeitar que elas não são de forma alguma um acaso. Portanto, talvez isso não tenha sido um acidente, mas um incidente.”**

Maomao já tinha conhecimento de vários casos relacionados. Houve a morte de Kounen no ano anterior. Então, aquele incêndio irrompeu no armazém e, ao mesmo tempo, instrumentos de rituais foram roubados. Finalmente, o próprio funcionário que supervisionava esses instrumentos adoeceu rapidamente com uma intoxicação alimentar.

“Então você acredita que alguém causou todas essas coisas deliberadamente?”

“Sim, senhor, eu acredito. E acredito que há mais uma conexão, que eu havia esquecido anteriormente.”

Maomao não sabia exatamente o que havia sido roubado, mas teria sido algo apropriado para a celebração de um ritual importante. Algo sem dúvida produzido por um mestre artesão. E aconteceu de ela ter ouvido falar de um desses recentemente...

“Você não está dizendo... a família do metalúrgico?” Jinshi disse, surpreso. Maomao sabia que ele era rápido.

“Isso mesmo”, disse ela.

Ela tinha uma boa ideia do que havia matado o velho artesão. Envenenamento por chumbo, ela suspeitava. Seria bastante fácil descartá-lo como um risco profissional, mas sempre havia a possibilidade de que fosse algo mais. Era concebível que isso também fosse deliberado. Dê-lhe um pouco de vinho e um copo de chumbo como presente e espere que ele definhe. De qualquer forma, essa seria uma maneira de fazer isso; havia outras.

“O velho não ensinou pessoalmente a seus aprendizes – seus filhos – sobre sua descoberta mais secreta. É possível que a arte tenha ido com ele para o túmulo, um enigma que ninguém mais resolveu. Alguém pode ter achado isso muito conveniente.”

Isso implicaria que quem quer que fosse já entendia a técnica em questão. Eles não precisariam saber exatamente como funcionava, apenas o que fazia.

“Então você acredita que os instrumentos roubados foram produzidos pelo artesão morto?” Jinshi perguntou, mas Maomao balançou a cabeça.

"Não, senhor. Na verdade, acredito no contrário: que os instrumentos roubados foram substituídos por algo produzido por aquele artesão.”

Maomao pegou papel e um pincel e rapidamente fez um esboço. No centro havia um grande altar acompanhado por uma panela de ferro, enquanto uma viga pendia do teto acima. Cordas foram enroladas em cada extremidade da viga. Eles passavam por roldanas no teto e eram presos ao chão com fechos de metal.

“Se vários instrumentos de rituais desapareceram, talvez possamos presumir que várias outras partes foram junto com eles. Peças elaboradas, eu suspeito.”

“Essa parece ser uma possibilidade provável”, disse Gaoshun, mas não parecia completamente certo. Ele provavelmente não tinha todas as informações sobre o assunto – afinal, isso estava fora da jurisdição de Jinshi.

“Pelo que me lembro, os fios que sustentavam a viga passavam diretamente pelo braseiro. Suponhamos que os fechos que os mantinham no lugar fossem feitos para ceder quando aquecidos...”

“Ridículo,” Basen bufou. **“Nós saberíamos disso há muito tempo. Eles nunca usariam nada que pudesse pegar fogo perto do altar.”**

“E mesmo assim a viga caiu”, respondeu Maomao. **“Precisamente porque os fechos quebraram.”**

Jinshi concordou com Basen: **“Eles não deveriam quebrar, não importa o quão quentes fiquem. Eles foram feitos para resistir a um pouco de calor!”**

“Eles quebraram”, reiterou Maomao. **“Ou mais especificamente, eles derreteram.”**

Todos olharam para ela.

Maomao decidiu divulgar o que havia descoberto sobre a arte mais secreta do falecido artesão. **“Muitos metais por si só derretem apenas em altas temperaturas. Mas misturando-os, acredite ou não, é possível criar uma substância que derrete a um calor mais baixo.”**

A técnica já existia há muito tempo, mas tais substâncias ainda exigiam calor substancial para derreter. Esse foi o ponto crucial da descoberta do velho artesão: a proporção que ele aperfeiçoou derreteu o metal a uma temperatura consideravelmente mais baixa do que o normal. Bastaria, por exemplo, que o metal estivesse perto de uma fogueira acesa...

O silêncio desceu sobre a sala. O único som era de Suiren, preparando chá alegremente.

Os construtores do altar devem ter jurado que a viga do teto nunca, jamais, cairia. Caso contrário, tal construção nunca teria sido aprovada. Afinal, pessoas importantes ficavam sob aquela viga para realizar cerimônias. Se Maomao não tivesse ligado os pontos, havia uma chance muito real de Jinshi estar morto agora. Não que ela esperasse que fosse ele quem ela encontraria ali.

Quem é esse cara?, ela se perguntou. Mas ela sentiu que sua posição não era alta o suficiente para realmente fazer a pergunta em voz alta, então ficou quieta. Além disso, ela suspeitava que saber a resposta só causaria mais problemas.

Ela achou mais razoável presumir que havia alguma conexão, por mais remota que fosse, entre todas essas coisas. Direta ou indiretamente, alguém estava mexendo os cordelinhos.

“Eu disse tudo o que posso dizer”, ela disse a eles. Agora que eles tinham a informação, ela presumiu que Jinshi e os outros iriam expulsar quem quer que estivesse envolvido. Havia uma chance de Lihaku já estar trabalhando nisso.

A imagem da senhora alta passou pela mente de Maomao.

Nada a ver comigo, ela pensou, balançando lentamente a cabeça e olhando para o chão. Mesmo assim, ela não conseguia se livrar da lembrança da expressão indiferente da mulher: era como se ela não se importasse mais com o que acontecesse, desde que algo acontecesse. Maomao também ainda estava incomodada com o que a mulher lhe dissera quando estavam naquele pequeno canteiro de jardim.

Um remédio para reviver os mortos...

Eles tiveram notícias de Lihaku pouco depois. Como Maomao esperava, sua mensagem dizia respeito à senhora Suirei.

Acontece que Suirei tomou veneno e morreu.

Maomao ficou surpresa com o fim abrupto da vida da mulher; de alguma forma, isso não funcionou para ela. Quando o Conselho de Justiça – os funcionários responsáveis por cumprir a lei – reuniu as provas e invadiu o quarto de Suirei, eles a descobriram desmaiada na cama. Foi confirmado que uma taça de vinho virada continha veneno. O médico foi solicitado a realizar o inquérito e atestou devidamente o óbito.

Como criminosa, Suirei seria punida em seu caixão, pois não poderia ser em vida. Depois de um dia e uma noite, ela seria queimada – isto é, cremada. No momento, ela aguardava a punição no mesmo lugar daqueles que morreram na prisão.

Maomao não sabia se o Conselho de Justiça tinha conseguido agir tão rapidamente porque Lihaku tinha feito um trabalho tão minucioso de recolha de provas, ou se já vinham a investigar este caso há algum tempo. Mas no final das contas, Suirei foi a única conspiradora nomeada. Maomao se perguntou isso: Ela realmente implementou um enredo tão elaborado sozinha? A ideia carecia de certa persuasão.

Talvez ela fosse um bode expiatório, então? Talvez. Mas algo mais básico incomodava Maomao. Suirei realmente aceitaria isso? Elas não se conheciam muito bem. Maomao não era uma leitora tão boa de pessoas a ponto de poder entender quem realmente era uma pessoa após um relacionamento tão curto. Sempre foi possível que o jeito apático de Suirei resultasse da falta de vontade de viver.

Mesmo assim, algo incomodava Maomao. Foi o tom que Suirei adotou quando falou, como se estivesse testando Maomao. *Não, não posso simplesmente seguir a intuição. Eu tenho que*

ter certeza. Mas Maomao não tinha como ter certeza; tudo o que ela podia fazer era voltar silenciosamente às suas tarefas diárias. Esse era o destino de uma empregada na vida.

Supostamente, de qualquer maneira...

Mas sua curiosidade levou a melhor sobre ela.

"Mestre Jinshi, tenho um favor a lhe pedir." Esta foi sua jogada inicial. **"Gostaria de falar com o médico que realizou o inquérito."** No necrotério, de preferência.

Para grande perplexidade de Jinshi, o rosto de Maomao ao dizer isso ameaçou se transformar em um sorriso.

O necrotério estava escuro, impregnado pelo fedor da morte. De acordo com a lei do país, ninguém que morresse na prisão poderia ser enterrado, mas deveria ser cremado. Vários caixões estavam empilhados em um canto, abrigando criminosos esperando para encontrar seu destino. O caixão de Suirei estava ligeiramente afastado dos outros e havia uma etiqueta preta e branca pendurada nele.

Jinshi e Gaoshun estavam presentes. Gaoshun não parecia gostar de Jinshi estar no necrotério, mas se ele quisesse estar lá, Gaoshun não poderia impedi-lo.

O médico, quando convocado, exibia uma expressão tão sombria quanto o próprio necrotério. Maomao não o culpava: uma senhora com quem ele mantinha boas relações estava morta, tratada como criminosa, nada menos. *Mas isso é tudo*? ela imaginou. Se foi ele quem fez o inquérito, então poderia saber de algo que ninguém mais sabia. E Maomao tinha uma ideia do que poderia ser.

Ela foi direto ao ponto: **"O veneno que aquela mulher bebeu. Por acaso os ingredientes incluíam espinheiro?"** Ela estudou o médico da cadeira onde estava sentada; Gaoshun preparou tudo para ela por causa da perna machucada. Uma enxada estava encostada na parede ao lado do médico. Isso também foi preparado por Gaoshun a pedido de Maomao. Jinshi continuou espiando como se estivesse se perguntando para que servia, mas teria demorado muito para explicar, então ela o ignorou.

O médico ficou pálido quase antes de poder dizer qualquer coisa. Ainda assim, ele se recusou a ser explícito, balançando a cabeça. **"O veneno continha vários ingredientes e é difícil determinar o que era um deles. Pela condição do corpo, eu diria que a possibilidade é distinta, mas não posso ter certeza."** A resposta foi surpreendentemente confiante e serena, considerando a forma como ele empalideceu com a sugestão. E *ele*

estava dizendo a verdade, pensou Maomao. Ela também não sabia quais ingredientes estavam envolvidos na mistura quando a avaliou.

“Há um campo numa pequena colina atrás dos estábulos, como acho que você deve saber. Não tem espinheiro plantado aí? Pode não estar na estação agora, mas não consigo imaginar que sua farmácia não tenha estoque disso.”

Espinheiro era altamente venenoso, mas em doses moderadas poderia atuar como anestésico. Suponha que Suirei tivesse pegado alguns no consultório médico.

O próprio médico permaneceu em silêncio. Este homem era um excelente médico, concluiu Maomao. Mas não um mentiroso talentoso.

Espinheiro tinha outro nome: Glória da Manhã. Maomao pensou no afeto de Suirei quando ela disse a Maomao que plantava ipomeias naquele campo.

“Vamos então descobrir com certeza se essa toxina específica estava envolvida”, disse Maomao. Então ela pegou a enxada e avançou até o caixão com a etiqueta preta e branca.

"O que você pensa que está fazendo?"

"Isso!"

Ela enfiou a enxada sob a tampa do caixão e empurrou a haste. Um dos pregos que seguravam a tampa apareceu. Os outros observaram com espanto enquanto Maomao trabalhava. Quando todos os pregos foram soltos, levantaram a tampa e descobriram o cadáver de uma mulher. Parecia ser algum infeliz caminhante noturno que morrera debaixo de uma ponte.

“Não é... não é Suirei?” disse o médico, olhando dentro do caixão. Ele estava claramente abalado; sua mão tremia ao tocar a caixa.

Se ele está fingindo estar surpreso, então ele é um ótimo ator, Maomao pensou.

“Essa mulher, Suirei, você tem certeza de que ela estava morta?”

"Sim. O amador mais inexperiente poderia ter visto isso. Ela ainda era tão adorável quanto era quando estava viva. Mas o coração por trás daquela beleza não batia mais.” O rosto do médico ainda estava branco. Ele havia tratado o cadáver de Suirei com cuidado, suspeitava Maomao. Ela também suspeitava que Suirei contava com isso. Ela sabia que ele

não sentiria necessidade de cortá-la para descobrir exatamente qual veneno ela havia tomado.

"Em outras palavras, senhor, ela usou você."

O médico passou de pálido a visivelmente fervendo. Assim como parecia que ele poderia perder o controle e atacar Maomao, Gaoshun o agarrou por trás.

Suirei usou espinheiro em seu veneno. E ela também teve acesso a uma ampla gama de outros medicamentos, caso os desejasse. Se verificassem as lojas do consultório médico, era provável que encontrassem discrepâncias com o inventário listado. A pior coisa de que o médico poderia ser acusado era não ter monitorizado de perto os seus fornecimentos, supôs Maomao.

“Explique isso”, disse Jinshi, estreitando os olhos. “**Por que não está aí o corpo da condenada?”**

“Porque as pessoas ficariam desconfiadas se não houvesse algo no caixão, mesmo que fosse para ser queimado”, disse Maomao.

Havia vários caixões no necrotério. Alguns deles eram sem dúvida corpos destinados a serem queimados, assim como Suirei deveria ter sido. Presumivelmente, novos caixões também viriam com eles. Atividade suficiente para que um cadáver substituto pudesse ser preparado e os dois trocados.

“Então o que aconteceu com o corpo de Suirei? Não pode ter sido levado embora; alguém teria notado.”

“Não precisava ser. Ela saiu sozinha.”

O choque silenciou o público de Maomao.

“Você poderia fazer a gentileza de me ajudar a verificar aqueles caixões ali?” ela disse para Gaoshun. Ela queria fazer isso sozinha, mas sua perna latejava. Gaoshun nem sequer vacilou ao considerar as caixas vazias. Alerta como estava, ele percebeu que algo estava errado com um dos caixões; ele tirou o que estava acima para libertar o caixão suspeito. A coisa normalmente levaria pelo menos dois homens para se mover, mas Gaoshun era forte o suficiente para deslizá-la sozinho.

Maomao foi até o caixão que Gaoshun havia libertado, arrastando o pé enquanto se movia. **"Você pode ver uma marca de prego aqui",** observou ela. **"Suspeito que este seja o caixão em que Suirei estava. Ela estava deitada aqui, aguardando resgate."**

Quando a ajuda dela chegou, Suirei estava respirando novamente. Depois que ela estivesse livre, eles teriam trocado os caixões, e então Suirei teria fugido do necrotério vestida como uma daquelas que entregam os mortos. As pessoas faziam de tudo para evitar prestar atenção àqueles que faziam esse tipo de trabalho impuro, e a incomumente alta Suirei poderia facilmente ter se passado por um homem.

Agora Maomao perguntou ao médico: **"Você sabia que existem medicamentos que podem fazer uma pessoa parecer morta?"**

Ele abriu a boca, brevemente estupefato, mas finalmente disse: **"Ouvi dizer. Mas não tenho ideia de como fazê-los."**

Teria sido fácil descartar a ideia de um "remédio da ressurreição" como pura fantasia, mas isso não era totalmente verdade. Existiam certas substâncias que podiam produzir um efeito muito semelhante ao de voltar dos mortos.

"Lamento ouvir isso", disse Maomao, **"Pois eu mesmo não conheço os detalhes. No entanto, ouvi dizer que os ingredientes incluem veneno de espinheiro e baiacu."**

Uma vez — apenas uma vez — seu pai lhe contou uma história. Num país distante, disse ele, havia um medicamento que podia matar uma pessoa e depois trazê-la de volta à vida. Foram necessárias várias outras toxinas além do veneno de espinheiro e baiacu. Essas substâncias, normalmente imensamente venenosas, de alguma forma neutralizaram-se mutuamente, de modo que, após um breve período, o sujeito começou a respirar novamente.

Naturalmente, o pai de Maomao nunca tinha feito esta droga e não estava disposto a dizer a Maomao como fazê-la. Até o fato de ela saber sobre o espinheiro e o baiacu só se devia ao fato de ter lido secretamente o livro do pai. Evidentemente, ele nunca imaginou que ela pudesse ler os escritos daquele país distante e estranho. Foi culpa dele subestimá-la, ou pelo menos sua obsessão por venenos. Ela persuadiu um cliente ocasional daquelas terras a ensiná-la e gradualmente adquiriu um conhecimento prático do idioma. Infelizmente, seu pai descobriu o subterfúgio antes que ela tivesse lido tudo e simplesmente queimou o livro.

"Você realmente acha que Suirei teria usado um método tão incerto?", o médico perguntou.

“O que ela tinha a perder? Ela estava enfrentando a pena de morte. Se eu estivesse no lugar dela, seria uma aposta que aceitaria com prazer.”

“Eu não acho que seria necessária uma desgraça iminente para fazer você fazer isso.” Por que Jinshi parecia tão ansioso para se intrometer? Maomao o ignorou para não atrapalhar a conversa.

“O fato de não haver ninguém aqui sugere que ela ganhou a aposta. Se ninguém tivesse pensado em olhar até depois da cremação, a vitória dela teria sido completa.”

Eu simplesmente não deixei ela escapar impune, Maomao pensou. Ela sorriu enquanto olhava para o caixão. Lá dentro estava uma mulher anônima, morta sabe-se lá como. Não parecia muito motivo para sorrir. *Ela foi desleixada.* Maomao não foi tão gentil a ponto de lamentar a morte de um completo estranho. Havia coisas mais importantes com que se preocupar.

A risada borbulhou do fundo de sua barriga, *heh heh heh.* Algo estava surgindo dentro dela, algo que ameaçava tomar conta de todo o seu corpo. **“Se ela estiver viva, adoraria conhecê-la”**, disse Maomao a ninguém em particular. Não, não para que ela pudesse prender a mulher. Outra razão inteiramente.

Foi a inteligência que Suirei deve ter tido para fazer tantos casos parecerem acidentes, e a coragem de fazer isso. E acima de tudo, ela teve a coragem de apostar a própria vida na esperança de enganar a todos. *Que desperdício seria*, pensou Maomao, *se tal pessoa simplesmente chutasse o balde.* Sim, houve vítimas por causa dela, mas Maomao não podia negar o que estava sentindo.

A droga da ressurreição. Devo saber como fazer isso!

O pensamento quase a dominou. Talvez fosse por isso que ela estava gargalhando de repente. Os três homens na sala olharam para ela em dúvida.

Por fim, Maomao pigarreou e olhou para o médico. **“Perdoe-me, mas posso incomodá-lo para costurar minha perna? Parece que reabri a ferida.”** Maomao roçou a perna dela como se ela não a tivesse arrastado todo esse tempo. As bandagens estavam encharcadas de sangue.

“Diga-nos isso antes de você desaparecer na hilaridade! Antes!" Jinshi exclamou, sua voz agitada enchendo o necrotério.

Capítulo 14: Gaoshun

Jinshi havia terminado o banho e saboreava uma taça de vinho. Parecia que tudo o que acontecia nesses dias era uma nova dor de cabeça. Ele estava meio perdido. Como se não bastasse todo o resto que disputava sua atenção, outro dia ele quase foi morto.

Depois do que aprenderam no necrotério, o assunto de Suirei foi tratado com a maior cautela. Isso foi o mais conveniente para todos. Ele questionou os funcionários do necrotério que supostamente haviam trazido caixões enquanto o corpo de Suirei estava lá, mas, estranhamente, eles alegaram não ter recebido nenhum pedido desse tipo.

Sobre a própria dama da corte Suirei, muita coisa permanecia incerta. A razão pela qual ela era tão próxima do médico era porque seu tutor era o professor do próprio médico. Aparentemente, esse professor percebeu o talento de Suirei para a medicina e a adotou como filha há alguns anos, mas pouco mais se sabia do que isso.

Jinshi percebeu que essa situação provavelmente não desapareceria tão cedo, mas isso não era novidade. Houve muitos problemas que ficaram sem solução, simplesmente se acumulando. O máximo que ele poderia fazer com essas questões era mantê-las em mente para o futuro. Ele tinha que se concentrar no que poderia fazer neste momento.

Jinshi ficou surpreso com o crepitar do carvão, mas quando olhou para fora viu que o mundo havia ficado branco de neve. Estava ficando frio. Ele pegou o roupão do sofá onde estava e o vestiu.

Um tilintar metálico veio da entrada; o edifício foi projetado para que pudesse ser ouvido de quase qualquer lugar. Jinshi sabia quem provavelmente seria.

Como ele esperava, seu ajudante, com a testa sempre franzida, entrou na sala.

“Ela está de volta em segurança”, disse Gaoshun.

“Desculpe por causar tantos problemas para você o tempo todo.”

Jinshi instruiu Gaoshun a ver Maomao voltar sempre que chegasse tarde. Afinal, foi para salvar Jinshi que ela machucou a perna. Ele temia que, se a deixasse sozinha, a ferida se abrisse novamente.

Essa não era a única coisa que o preocupava. Havia também o excêntrico Lakan. Pelo que Jinshi sabia, o homem estava dizendo a verdade sobre ser o pai biológico de Maomao, mas a atitude de Maomao sobre o assunto deixou mais do que claro que o relacionamento deles não era o habitual. O consenso geral no palácio era que nunca se poderia ter certeza do que Lakan poderia fazer, e Jinshi preferia não correr riscos.

Lakan também teve algo a ver com o fato de Maomao ter chegado ao altar durante o ritual. Sem dúvida, o soldado que a golpeou estava agora profundamente arrependido de suas ações.

Uma das graças salvadoras de Jinshi foi que, ao contrário de outras pessoas da corte, Gaoshun conseguia lê-lo bem o suficiente para saber quando deixá-lo sozinho para fazer seu trabalho. Afinal, aquele era o homem designado para Jinshi como tutor praticamente desde o momento em que foi desmamado. Apesar de uma breve separação quando Gaoshun foi enviado para fazer outro trabalho, ele certamente estava entre aqueles que melhor conheciam Jinshi. Quando ele considerou que a própria esposa de Gaoshun tinha sido sua ama de leite, Jinshi percebeu que nunca poderia sobreviver à sua dívida para com este homem.

“Estaremos no palácio interno amanhã.”

"**Sim, senhor.**" Gaoshun trouxe duas tigelas e uma panela. Estava cheio de um líquido enjoativo e doce; eles tinham que beber todos os dias para que fizesse efeito total.

Gaoshun despejou o conteúdo da panela nas duas tigelas de prata e então tomou o primeiro gole. Era um papel que Maomao poderia ter assumido com entusiasmo, mas não faria sentido que ela o experimentasse. Não tinha efeito sobre as mulheres. Gaoshun franziu a testa ainda mais enquanto bebia a bebida e então esperou alguns momentos.

“Acho que está tudo bem. Nada incomum.”

Nada incomum – exceto que o sabor sempre foi incomum. A mistura continha uma variedade de batata em pó importada de outro país, com um efeito colateral muito particular.

A farinha de batata era apenas um dos vários ingredientes que Jinshi e Gaoshun ingeriam diariamente.

"Muito bem." Jinshi pegou sua tigela, apertou o nariz e bebeu tudo de um só gole. Ele limpou manchas de líquido da boca com as costas da mão e aceitou um copo de água fria de Suiren. Cinco anos bebendo essas coisas e ele nunca se acostumou.

“Você não deveria tapar o nariz assim quando as pessoas estão assistindo”, disse Suiren.

"Eu sei."

“Quando você faz isso, você parece um garotinho.”

"Eu sei." Jinshi sentou-se no sofá, fazendo beicinho. O seu tom de voz, a forma como falava, a forma como andava e se movia: tinha que estar constantemente atento a tudo isso.

O eunuco Jinshi tinha vinte e quatro anos. Ele se endireitou, esforçando-se para fazer sua melhor cara oficial, mas o gosto do remédio ainda permanecia em sua boca, fazendo seus lábios se curvarem.

Gaoshun franziu a testa. **“Você não precisa beber, senhor, se você detesta tanto.”**

“Isso é o que me torna quem eu sou. Como um eunuco.”

Já se passaram cinco anos desde que o atual imperador assumiu o palácio interno. Cinco anos – agora quase seis – que Jinshi continuou a usar essa máscara distorcida. Ano após ano tomando o remédio que fez dele não homem. Ele fez isso, embora o imperador lhe tivesse dito que ele poderia fazer o que quisesse com as consortes de posição inferior e com quaisquer damas de menos prestígio que elas.

Gaoshun tocou as rugas da testa com a mão. **“Se você fizer isso por tempo suficiente, nunca recuperará a função.”**

Jinshi cuspiu água com isso. Ele colocou a mão na boca com um olhar de reprovação para Gaoshun. Gaoshun olhou para ele, como se quisesse comunicar que de vez em quando ele teria uma palavra a dizer.

“Bem, o mesmo se aplica a você!” Jinshi disse.

"Não tanto. Ora, no mês passado, um neto nasceu para mim.” O argumento de Gaoshun parecia ser que seus filhos já eram adultos; ele não tinha necessidade de produzir mais descendentes.

"Quantos anos você tem mesmo?"

"Trinta e sete."

Se Jinshi entendesse bem os fatos, Gaoshun se casou aos dezesseis anos e o casal teve um filho por ano durante os três anos seguintes. Os irmãos de leite de Jinshi. Ele era particularmente próximo do filho mais novo de Gaoshun. Na verdade, o rapaz se mostrou útil outro dia, durante o caso de intoxicação alimentar envolvendo algas marinhas. O jovem que acompanhou Maomao à casa do oficial era ele.

“Qual dos dois irmãos mais velhos é?”

“Meu filho mais velho. E acho que meu filho mais novo poderá encontrar uma esposa em breve.”

“Ele tem apenas dezenove anos.”

"Sim. Exatamente como você, milorde.”

Gaoshun evitou especificamente usar o nome Jinshi. era um homem de 24 anos que se tornara eunuco cinco anos antes. Ele não poderia ter dezenove anos.

Gaoshun claramente pensou que ele estava defendendo algum tipo de argumento, observou Jinshi. Talvez ele achasse que Jinshi deveria se apressar e conseguir algumas companheiras, como o imperador havia feito. Jinshi cruzou as pernas e olhou para Gaoshun da maneira mais inocente que pôde.

“Eu quero segurar meu neto. Logo." Então vamos terminar esta tarefa rapidamente, ele parecia estar dizendo.

"Verei o que posso fazer."

Gaoshun aceitou um chá quente de Suiren e tomou um gole. Jinshi, ignorando o olhar sinistro de seu ajudante, bebeu o resto da água.

Outra rodada rotineira de visitas às damas do imperador transcorreu sem problemas. A consorte Loulan parecia estar se integrando ao palácio interno sem nenhum problema. O movimento para trazê-la foi um tanto contundente, então não teria sido surpreendente se sua presença tivesse causado discórdia, mas nem a consorte Gyokuyou nem a consorte Lihua foram mal-humorados o suficiente para deixar a nova garota chegar até elas. Sim,

houve desentendimentos entre as duas após o nascimento dos respectivos filhos, mas isso foi excepcional; desde então mantiveram um relacionamento distante, mas cordial.

Quanto a consorte Lishu, ela era muito retraída para iniciar qualquer briga. Mas sempre era possível que suas damas de companhia pudessem incitá-la a isso; ele teria que ficar de olho na situação.

A residência do antigo consorte Ah-Duo tornou-se uma visão lamentável para ele sob a sua nova ocupante. Sob a antiga senhora, não havia nenhum mobiliário frívolo à vista, mas agora que a nova se mudou, o palácio tornou-se uma profusão de exibições ostensivas de dar água nos olhos.

O pai da consorte Loulan era um homem de quem o antigo imperador - ou melhor, mais precisamente, a antiga imperatriz viúva - gostava muito; foi sob ele que o número de mulheres do palácio aumentou para três mil.

No momento, a consorte Gyokuyou era a primeira nas afeições de Sua Majestade, e a consorte Lihua em seguida, mas como governante ele não podia limitar suas visitas noturnas apenas às concubinas que ele mais favorecia. Se o palácio interno ajudasse a manter o equilíbrio de poder dentro da corte imperial, também poderia perturbar esse equilíbrio. O imperador não podia se dar ao luxo de lidar mal com Loulan e (Jinshi foi informado) tomava o cuidado de visitá-la pelo menos uma vez a cada dez dias.

Isso não poderia deixar de desanimar as outras consortes. Sim, Sua Majestade as visitava com mais frequência do que Loulan, mas quem sabia quem iria conceber um filho e quando, e quem não iria?

Mesmo assim, a compatibilidade significava alguma coisa, e estava claro que Loulan não despertava o interesse do imperador da mesma forma que algumas de suas outras damas. Olhando para ela, Jinshi pensou que talvez pudesse entender o porquê. Na época em que a filha do apotecário deu sua “aula”, Loulan foi enfeitada com um acessório inesperado, um ornamento estranho com as plumas de um pássaro das terras do sul. Mas embora às vezes Loulan se vestisse no estilo das terras do sul, outras vezes ela usava roupas das tribos do norte. Assim que ela vestiu as roupas do Oriente, ela as trocou por um vestido do Ocidente. E a cada vez, seu cabelo e maquiagem mudavam para complementar sua roupa. Foi o suficiente para fazer o imperador sentir que estava vendo uma pessoa diferente cada vez que o visitava. Nessas circunstâncias, afirmou ele, era difícil para ele entrar no clima.

Consorte Lishu foi outra que representou um desafio ao "humor", mas por razões diferentes. O imperador rejeitou visceralmente as preferências do pai e recusou-se a tocar, e muito menos a dormir com uma menina que ainda poderia passar por criança.

A barriga da imperatriz viúva apresentava uma grande cicatriz, pois ela dera à luz Sua Atual Majestade muito jovem, seu corpo era pequeno demais para a tarefa. O canal do parto era muito estreito e a criança nasceu através de um corte. Era questionável se a mãe sobreviveria ao parto, mas ela e o filho saíram em segurança. A cirurgia, ao que parece, foi realizada por um médico recém-chegado de terras estrangeiras. Na verdade, a sua habilidade tinha sido tão superlativa que, embora ela estivesse com cicatrizes, a capacidade da imperatriz viúva de ter filhos permaneceu intacta e, mais de dez anos depois, ela concebeu e deu à luz novamente. Até o fim de sua vida, esses foram os únicos descendentes que o ex-imperador teve.

Houve, no entanto, uma complicação. O médico que assistiu ao primeiro parto da imperatriz viúva (então consorte) viu-se atendendo quase exclusivamente a Sua Majestade, precisamente por causa de suas ações durante aquele primeiro e difícil parto.

Uma criança nascida da consorte do príncipe herdeiro na mesma época foi negligenciada, com consequências trágicas.

Como poderia Jinshi não se perguntar como seriam as coisas agora se o primeiro filho do atual imperador tivesse vivido?

Ele balançou a cabeça: não havia nada a ganhar com fantasias sem sentido. E ele ainda pensou que Sua Majestade deveria se apressar e começar a produzir um novo príncipe herdeiro. Nesse ponto, ele e Gaoshun concordavam. Após a "palestra", as visitas do imperador aumentaram substancialmente. *As frutas dos trabalhos de Maomao poderão ocorrer mais cedo do que o esperado.*

Durante a visita de Jinshi, a principal dama de companhia da consorte Gyokuyou, Hongniang, confessou algo a ele com preocupação. O imperador havia visitado o Palácio de Jade mais uma vez no dia anterior, e sua senhora parecia bastante cansada. Hongniang se preocupou com ela. A aparência desgrenhada de seus cabelos negros indicava o grande esforço que a dama de companhia estava fazendo. Gaoshun parecia se identificar com ela. Hongniang, por sua vez, não parecia nem um pouco avessa a Gaoshun, mas como ele já tinha uma esposa para cuidar e beijá-lo (cada um conforme necessário), eles teriam que desiludi-la de qualquer interesse, mais cedo ou mais tarde.

Tudo isso levou Jinshi a acreditar que tinha a solução perfeita. Gyokuyou concordou sem pensar duas vezes. Hongniang fez questão de parecer humilhada, mas calmamente pareceu acolher bem a ideia. Ela disse isso às três damas de companhia que estavam escutando na porta.

Parecia que Jinshi havia feito a escolha certa.

○●○

“O palácio interno, senhor?”

"Isso mesmo. De volta ao seu trabalho favorito.”

Maomao estava polindo um recipiente de prata para obter um brilho espelhado. Quando teve certeza de que não havia nenhuma mancha, colocou-o de volta na prateleira. Sua perna ainda não estava muito melhor, então ela fazia muito trabalho sentada em uma cadeira, mas Suiren se certificou de que ela tivesse trabalho a fazer. Uma verdadeira defensora, aquela mulher era.

Jinshi estava comendo uma tangerina. Literalmente: ele nem mesmo estava descascando. Suiren fez isso, removendo cuidadosamente a casca fina e colocando cada pedaço em um prato à sua frente. Que criança mimada.

A velha assistente parecia ter o hábito de agradar Jinshi. Ela o embrulhava em uma jaqueta de algodão quando estava frio, ou esfriava seu chá porque estava quente. Um homem adulto deveria ter vergonha de ser tratado daquela forma.

“Parece que a consorte Gyokuyou deixou de trilhar o caminho da lua.”

O “caminho da lua” era um termo educado para designar menstruação. *Então ela pode estar grávida*, Maomao pensou. Duas tentativas distintas foram feitas para envenenar a consorte enquanto ela estava grávida da princesa Lingli. O culpado nunca foi encontrado. Maomao conseguia entender por que Jinshi estava desconfortável.

“E quando devo começar minha nova tarefa?”

“Hoje seria possível?”

"Possível? Eu definitivamente preferiria.”

Como os homens não eram permitidos no palácio inerno, ela estaria livre de qualquer possibilidade de esbarrar na única pessoa que não queria conhecer — cujo nome ela nem queria ouvir. Talvez Jinshi tenha organizado essa mudança de local de trabalho por consideração a ela, ou talvez tenha sido simplesmente uma coincidência oportuna para ele. Maomao decidiu que não se importava com isso.

Ela pensou que estava exercendo um autocontrole admirável, mas então Suiren disse: **"Ah, boas notícias, minha querida?"** Aparentemente Maomao não estava escondendo tão bem quanto ela pensava.

"Nada para falar.", disse ela.

"Que pena para mim. Achei que finalmente tinha encontrado uma protegida digna do meu treinamento."

Maomao, um pouco aterrorizada pela sorridente Suiren, determinada a terminar seu trabalho o mais rápido que pudesse.

Capítulo 15: Voltando ao Palácio Interno

Eu costumava pensar que não gostava deste lugar, mas acho que estava errada. Maomao pensou surpresa. Ela estava encontrando vida no palácio interno, agora que finalmente estava de volta, bastante agradável. Ela cresceu em outro lugar cheio de mulheres, então talvez o palácio interno simplesmente combinasse com ela.

Seus dias mais uma vez consistiam em provar comida, misturar remédios e fazer pequenas caminhadas. Sua perna ainda não estava curada e ela recebeu instruções explícitas para não sair muito, mas em sua opinião ela estava bem, desde que evitasse qualquer coisa extenuante que pudesse abrir a ferida novamente. Francamente, seu braço esquerdo provava que ela não era nem de longe tão delicada.

A questão da gravidez de Gyokuyou ainda não foi definitivamente resolvida. Quando ela estava grávida da princesa Lingli, ela não sofreu nenhum enjôo matinal grave e suas preferências alimentares quase não mudaram. Além do atraso na menstruação, não havia nenhuma evidência de uma forma ou de outra.

Mesmo assim, foi imposta uma ordem de silêncio ao Palácio de Jade, para não correr riscos. Se houvesse alguém que não desejasse ver a consorte Gyokuyou com uma criança, certamente iria querer atacar durante os estágios iniciais, quando a gravidez seria mais vulnerável. O veneno era apenas uma das muitas preocupações.

Para garantir, o velho louco por sexo (ou seja, o imperador) foi desencorajado de atividades noturnas no Palácio de de Jade por enquanto. Normalmente isso não teria sido um problema, mas desde que a consorte Gyokuyou começou a colocar em prática as coisas que aprendeu no seminário das consortes, "normal" não parecia mais se aplicar. Não havia como dizer o que poderia acontecer.

Talvez eu devesse ter pegado um pouco mais leve nas aulas, Maomao pensou. Mas não. Então Gyokuyou e até mesmo o imperador teriam ficado insatisfeitos. Mesmo que o resultado final de sua abordagem tenha sido aterrorizar a consorte Lishu e fazer com que as mulheres da consorte Lihua vissem Maomao ainda mais como um monstro.

Maomao naturalmente hesitou em abordar o assunto com o próprio imperador - dificilmente era algo para uma empregada abordar com Sua Majestade - então ela se comunicou através de Jinshi. Embora ela não conseguisse fazer a sugestão explicitamente, sua esperança era que o governante continuasse a visitar Gyokuyou exatamente com a mesma frequência que fazia antes, nem mais nem menos. Afinal, embora Gyokuyou não fosse a única consorte de Sua Majestade, se ele a visitasse de repente com menos frequência, alguma alma observadora poderia farejar a verdade.

Para sua surpresa, o imperador continuou a visitá-la tão fielmente como sempre, brincando com sua adorável filha e passando o tempo conversando com Gyokuyou. Maomao foi lembrada, como havia acontecido com a história de Ah-Duo, de que talvez não devesse considerar o imperador simplesmente louco por sexo. Ou ainda, talvez Sua Majestade tenha compreendido as implicações de suas ações melhor do que ela acreditava. Algumas pessoas consideravam o governante atual uma espécie de rei sábio e, embora parte disso se devesse ao fato de quase qualquer um parecer competente depois do bufão que o imperador anterior havia sido, Maomao acreditava que o governante atual tinha o juízo sobre ele.

Não que isso realmente importe para mim, ela pensou. Contanto que ele deixasse a vida seguir e não cobrasse impostos exorbitantes, ela seria feliz. Alguns diziam que a verdadeira diferença entre um governante tolo e um governante brilhante era que um governante tolo pensava que o povo era inesgotável, enquanto um governante brilhante percebia que tinha os seus limites. Se fosse assim, bem, o atual imperador certamente era o último. Ainda assim, ela viu os rostos solitários que ele ocasionalmente fazia, então decidiu passar adiante o resto do material didático. Eles o ajudariam a passar o tempo, pelo menos. (Não é preciso

dizer exatamente que tipo de material didático eles eram.) Ela se certificou de ter vários livros diferentes em mãos, só para garantir, mas infelizmente nenhuma das damas de companhia estava interessada neles.

Ele apenas terá que se contentar com duas dimensões... Maomao colocou os materiais onde seriam discretos, mas visíveis, e felizmente ele aparentemente os avistou.

Quando, alguns dias depois, ela recebeu a ordem de preparar mais "materiais" desse tipo, ela decidiu que talvez "louco por sexo" fosse a maneira correta de descrevê-lo, afinal.

Havia uma tendência para espalhar boatos no palácio interno, provavelmente atribuível ao tédio gerado pela rotina interminável e pela escassez perene do sexo oposto. Assim, quando as damas de companhia não tinham muito o que fazer, elas se encontravam conversando na cozinha. Como lanche, eles comeram os restos da última festa do chá – hoje foi *longxutang*, doce de barba de dragão, uma guloseima feita de fibras delicadas que derretiam na boca. Tinha folhas de chá misturadas, dando-lhe um leve aroma.

"Eu não pude acreditar naquela roupa, e você?" Yinghua, uma das damas de companhia do Palácio de Jade, disse com a boca cheia de doces. Ela era uma mulher controlada, mais do que disposta a dizer o que pensava.

"É verdade. Mas aquela coisa que ela usou há pouco, eu achei legal. Roupas ocidentais são tão legais, não é?" disse Guiyuan em tom suave. Ela estava sorrindo, feliz só por estar saboreando um doce.

"Roupas como essa escolhem quem as usa", observou Ailan. **"Mas os dela nunca pareceram ruins para ela."** A esbelta dama de companhia não gostava muito de doces e estava simplesmente tomando um pouco de chá no momento.

Yinghua, parecendo magoada pela falta de fé dos seus amigos, recorreu ao seu último refúgio, Maomao. **"Sim, claro"**, disse Maomao, balançando a cabeça e pensando em particular como ela odiava ser arrastada para essas brigas. Isso foi o máximo que seu envolvimento na conversa foi.

Yinghua, com suas esperanças de reforço frustradas, estufou as bochechas. **"Bem, achei que a consorte Ah-Duo era muito mais legal."** Ela tomou um gole de chá com raiva, sem nunca encolher as bochechas. Guiyuan e Ailan sorriram uma para a outra.

"Bem! Então você esteva no time Ah-Duo todo esse tempo, Yinghua!"

“Eu... eu não estava!” Yinghua exclamou.

Ailan apenas sorriu. **“Você não precisa esconder isso. Eu sei que servimos Lady Gyokuyou, mas ninguém culparia você por se sentir assim.”**

“Eu não me sinto assim!”

Maomao ouviu a conversa das meninas enquanto bebia o resto do chá. Ela preferia guloseimas salgadas; o algodão doce era doce demais para ela. Ela adoraria comer alguns biscoitos de arroz salgados para refrescar o paladar.

Quanto a quem exatamente Yinghua e as outras garotas estavam falando, era a consorte recém-chegado, Loulan. Ela tinha uma qualidade incomum, que era mais que suficiente para inspirar uma conversa. Qual qualidade? As roupas dela. Praticamente toda vez que ela aparecia, ela usava uma roupa com personalidade diferente. Um dia ela poderia estar com um vestido ocidental; no próximo, ela estaria equipada como um cavaleiro de uma das tribos.

Eu me pergunto qual é a história dela, Maomao pensou. Talvez ela simplesmente tivesse muito dinheiro. Se ela continuasse trocando de roupa nesse ritmo, logo seu palácio estaria abarrotado de roupas. O anteriormente austero Palácio de Granada já havia mudado irreconhecível, como se a nova residente tivesse a intenção de banir o espírito de Ah-Duo.

Foi a coisa certa e errada a fazer. Por um lado, o palácio interno era um mundo em que se avançava destacando-se; mas por outro lado, o prego que ficasse saliente, como diziam, seria derrubado. Loulan poderia ter se tornado um prego em circunstâncias normais, mas seu pai era um conselheiro importante desde os tempos do ex-imperador, então não havia, por assim dizer, nenhum martelo grande o suficiente para o trabalho.

Isso explica muito, Maomao pensou. Isso seria motivo mais que suficiente para expulsar Ah-Duo. Considerando a idade de Loulan, pode até ter parecido um pouco tardio.

Então Maomao teve uma ideia. Não teria sido mais conveniente para o imperador, em alguns aspectos, se Ah-Duo tivesse permanecido no palácio interno? Como ela nunca poderia ser mãe do país, seus olhos estavam fixos na frente; ela era tão perspicaz e inteligente que alguém poderia desejar ter nascido homem. E agora, de um só golpe, o imperador perdera um excelente conselheiro e ganhara uma jovem que poderia influenciar não só o palácio interno, mas também a própria corte maior. Talvez não lhe parecesse a troca mais vantajosa.

Ele não podia simplesmente ignorá-la, mas não seria necessariamente benéfico para ele ficar muito amigo de Loulan e fazê-la conceber um filho. O apoiador de uma consorte só era realmente poderoso durante a minoria de uma criança. Depois que o menino se tornasse imperador - e até tivesse um filho - essa pessoa poderia se tornar totalmente estranha.

Então, o que isso significa? Maomao cogitou as possibilidades enquanto se servia de outra xícara do pequeno bule de chá.

Capítulo 16: Papel

Quando Maomao fez a sua primeira visita em muito tempo ao consultório médico do palácio interno, encontrou o eunuco residente tão tranquilo como sempre.

“Ah, faz um tempo que não vejo você, mocinha”, disse o médico charlatão, servindo chá alegremente. **“Está muito mais quente hoje em dia, não é?”** Ele educadamente trouxe uma bebida para ela, usando um tratado/diploma médico em vez de uma bandeja. Maomao pegou o chá e o tratado ao mesmo tempo, desejando poder lhe dizer o que pensava por abusar tão descaradamente de um objeto tão inestimável.

Como sempre, o charlatão era o único no escritório. Ela não conseguia acreditar como ele parecia trabalhar pouco ali. Ele tinha sorte de ainda ter um emprego.

“Ah, ainda está muito frio”, disse Maomao, colocando um cesto de roupa suja em cima da mesa.

Sim, ainda havia um frio no ar. Estava frio o suficiente para que o carrapicho hesitasse em mostrar o rosto. Talvez o médico só tenha achado que estava mais quente porque ele estava muito gordinho.

Maomao teria que colher muitas ervas à medida que a nova estação chegasse, mas havia algo que ela queria fazer antes que isso acontecesse, e foi isso que a trouxe aqui hoje. Normalmente, essa não seria uma tarefa urgente, mas ela era quem era — e o charlatão era quem ele era.

“Meu Deus, mocinha, você acabou de chegar. O que você está fazendo?" o médico perguntou enquanto Maomao tirava algo do cesto de roupa suja.

"**Que pergunta.**" Da cesta, Maomao tirou um conjunto de produtos de limpeza e todo o carvão de bambu que conseguiu colocar ali. **"Nós vamos limpar. Esse cômodo.**" Seus olhos brilharam. Aparentemente, dois meses de disciplina de Suiren passaram para ela. Sem nada para fazer no Palácio de Jade, Maomao chegou ao único lugar onde tinha rédea solta. Ela sempre achou que o consultório médico era uma espécie de chiqueiro; agora o fogo estava aceso e não havia como apagá-lo.

"Como é isso?" o médico perguntou, mas sua repentina carranca não pôde salvá-lo.

O charlatão não era uma pessoa má; na verdade, ele era muito bondoso. Mas isso, Maomao sabia, era algo totalmente diferente de ser bom no seu trabalho.

A sala ao lado do escritório principal continha armários cheios de remédios. Três paredes erguiam-se com gavetas, um verdadeiro paraíso na terra para Maomao, mas nem tudo era alegria e sol. Sim, pode haver muitos remédios lá, mas foi o charlatão quem os usou. Aqueles que ele não usava regularmente ficariam empoeirados ou poderiam ser comidos por insetos. E havia o maior inimigo da erva seca: a umidade. Baixe a guarda por um segundo e os materiais apodrecerão. Quanto mais quente ficava, mais úmido ficava. Eles tinham que limpar as coisas agora, antes que isso acontecesse, ou seria tarde demais.

Não que Maomao gostasse particularmente de limpar. Ela também não tinha nenhum motivo especial para ajudar aqui, pois muitas vezes, quando visitava o consultório médico, era apenas para matar o tempo. Mas ainda assim, ela sentiu que deveria. O senso de dever vibrava nela. (Assim como a sensação incômoda de que ela havia sido completamente corrompida por Suiren.)

"Você não precisa fazer tudo isso, mocinha. Certamente outra pessoa pode cuidar da limpeza", disse o médico, parecendo profundamente desmotivado. O tom de sua voz fez com que Maomao olhasse involuntariamente para ele de uma forma que ela normalmente reservava para Jinshi. Simplificando, era como se ela estivesse olhando para uma poça cheia de larvas de mosquitos.

"Ei!" O médico estremeceu até o bigode. Qualquer seriedade que ele pudesse ter desaparecido.

Droga, pare com isso, Maomao se repreendeu. Ele poderia ser um charlatão, mas ainda era superior a ela. Ela tinha que pelo menos agir respeitosamente com ele. Caso contrário, ele poderia não servir biscoitos de arroz na próxima vez que ela aparecesse. Havia muitos salgadinhos doces no palácio interno, mas não havia sal suficiente.

“Sim, poderíamos perguntar a outra pessoa”, disse Maomao, **“Mas e se ela trocasse acidentalmente alguns medicamentos enquanto trabalhava? O que faríamos então?”**

O médico ficou quieto. Não era exatamente apropriado Maomao aparecer quando quisesse e decidir fazer a limpeza, mas ele também ficou quieto sobre isso. Ele dificilmente poderia expulsá-la. O médico que era próximo de Suirei tinha de fato, segundo eles ouviram, sido punido pelo desaparecimento da maçã espinhosa. De acordo com Gaoshun, porém, o homem era talentoso demais para largar o cargo; em vez disso, ele apenas sofreu uma redução de salário.

Maomao começou a mexer nas prateleiras empoeiradas, abrindo as gavetas uma por uma e passando um pano nelas. Ela jogou fora tudo que obviamente estava estragado e escreveu o nome de cada item em uma etiqueta de madeira. Qualquer remédio que restasse ela colocou em novos saquinhos de papel e depois colocou cada um em seus devidos lugares.

Sempre que havia algo que exigia uma atividade particularmente extenuante, ela chamava o charlatão para fazê-lo. Sua perna ainda não estava completamente curada. E o médico estava um pouco acima do peso, de qualquer maneira; o exercício seria bom para ele.

Ele certamente usa papel fino aqui, ela observou. A maior parte do papel usado pela população era do tipo descartável e de baixa qualidade. O papel que duraria era muito caro para as pessoas comuns. Em vez disso, os plebeus escreviam a maior parte de suas escritas em tiras de madeira. Havia muita lenha flutuando, grande parte dela já cortada o suficiente para iniciar um incêndio. Foi isso que o povo usou. E quando terminaram, também serviram como uma fonte conveniente de lenha.

A nação já havia exportado papel uma vez, mas o ex-imperador – ou melhor, sua mãe, a ex-imperatriz viúva – proibiu o corte das árvores usadas para fazer o melhor papel. A restrição foi um pouco amenizada desde então, mas não o suficiente para atender à demanda. Por que a imperatriz viúva proibiu o corte das árvores? Não havia ninguém suficientemente descuidado com a sua vida para perguntar naquela altura, mas considerando que a colheita daquelas árvores ainda era limitada, Maomao imaginou que devia haver algum tipo de razão.

O resultado foi que hoje em dia, com exceção dos materiais mais finos, o papel era feito de outras árvores, ou de grama, ou de tecido velho. Esses recursos estavam menos disponíveis do que as árvores e demoravam para serem processados, tornando-os mais caros – e todo o tempo e problemas faziam com que os produtores tentassem encontrar atalhos, levando a um produto de baixa qualidade. Assim, o papel adquiriu uma reputação entre a população

por ser exorbitantemente caro, mas não valer a pena, e não conseguiu ganhar força, apesar de ser mais conveniente do que a madeira.

Maomao exalou: **“Ufa...”**

“Tudo terminado, mocinha?” o médico perguntou esperançoso.

"Não, apenas metade feito."

Seguiu-se um silêncio. Maomao, porém, percebeu que metade do trabalho era tudo o que ela poderia esperar fazer em um dia, considerando a escala da tarefa, e decidiu cuidar do resto no dia seguinte. Ela deixou o carvão no quarto para ajudar a absorver a umidade. Ela ainda não tinha o suficiente e pediu ao médico que solicitasse mais.

O médico massageou seus ombros enquanto preparava um lanche. Ele trouxe suco de frutas derramado em uma garrafa de cerâmica. **“Um doce, é isso que acontece quando você está cansado”**, disse ele, usando uma colher de bambu para colocar purê de castanha e batata-doce em um papel. Ele entregou uma das porções para Maomao.

O velho tem gostos ricos! Era difícil conseguir batata-doce nesta época do ano, o que tornava esse lanche uma indulgência especial; e ainda por cima, ele serviu em papel de alta qualidade, como se isso fosse completamente normal.

Maomao limpou a batata-doce com uma única mordida e depois olhou para o papel, agora manchado com impressões digitais redondas. O material tinha um brilho perceptível.

“Esse papel que você está usando é excelente”, ela comentou.

"Ah, você pode dizer?" Foi um comentário improvisado, mas pareceu ter chamado a atenção do médico. **“Minha família produz isso. Nós até fornecemos aqui para o tribunal. Impressionante, não?”**

"É de fato."

Isso explicaria como ele tinha alguns por aí. Não foi apenas bajulação; Maomao percebeu que se tratava realmente de um material de alta qualidade. Seu pai sempre escolheu o melhor do pior ao escolher entre a seleção de papéis descartáveis para seus pacotes de remédios. Era desejável material de qualidade para evitar a infiltração de umidade ou o derramamento de pó, mas os custos tinham que ser mantidos baixos em algum lugar – e para o bem dos pacientes, não poderiam ser nos próprios medicamentos. Mas era preciso fazer poupanças, para que os fornecimentos não consumissem todo o lucro e muito mais.

Talvez eu pudesse fazer com que ele me vendesse alguns, Maomao refletiu. *Você sabe, com um desconto amigável. Ah, a vantagem injusta.* Ela tomou um gole de suco enquanto pensava e ele desceu, doce e morno, por sua garganta. *Não é para mim*, pensou ela, e decidiu esquentar um pouco de água para o chá. Sempre havia fogo aceso no consultório médico, o que era muito conveniente em momentos como aquele.

“Toda a aldeia contribui para isso. Houve um tempo em que realmente pensamos em jogar a toalha, mas, felizmente, conseguimos sobreviver de alguma forma.”

Maomao não pediu a história de vida do médico, mas hoje parecia estar com vontade de conversar. No passado, fabricar papel era suficiente para obter lucro, por isso a sua família concentrou-se em cortar as árvores locais e raspá-las o mais finamente possível para fornecer o produto. Era mais lucrativo vender no estrangeiro do que no mercado interno, pelo que o seu papel tornou-se um bem comercial cada vez mais importante. Na sua infância, a aldeia era tão rica que o médico charlatão podia pedir doces sempre que quisesse e comer quantos quisesse.

Por uma razão ou outra, porém - talvez simplesmente tenham ficado grandes demais - a aldeia provocou a ira da ex-imperatriz viúva, que os proibiu de cortar as árvores que usavam para fazer o jornal. Eles foram forçados a encontrar outros materiais para produzir,

mas isso inevitavelmente significou um declínio na qualidade do seu produto. Agora as casas comerciais estavam furiosas com eles e pararam de fazer negócios com eles.

Os dias de salada da aldeia acabaram. O chefe – que, na verdade, era o pai do médico charlatão – foi assediado por aldeões que exigiam que ele fizesse alguma coisa. Ele viu o que estava escrito na proverbial parede: eles não poderiam mais continuar fazendo papel como faziam. No entanto, nem todos na aldeia foram capazes ou quiseram ver esta realidade, e muita raiva concentrou-se no chefe e na sua família.

Maomao ouviu pacientemente, despejando água fervida de um bule em uma xícara.

"Fiquei com o coração partido quando minha irmã mais velha veio aqui para o palácio interno."

A aldeia foi estabelecida num local ideal para fazer papel, mas não para muito mais. Eles decidiram realocar a aldeia, mas não tinham recursos. Naquela época, o palácio interno estava procurando por mais mulheres do palácio, e então a irmã mais velha do médico atendeu ao chamado.

"Ela riu e disse que da próxima vez que a visse seria uma mãe para o país, mas no final nunca mais a vi."

O que exatamente fazer com eles mesmos permaneceu uma questão na nova terra. Eram necessários mais recursos, e agora a irmã mais nova do charlatão se ofereceu para seguir a mais velha até o palácio interno.

"E finalmente decidi vir. Realmente não havia outra escolha", disse o charlatão. À medida que o palácio interno se expandia, havia inevitavelmente a necessidade de mais eunucos. Porém, a oferta era menor do que a das mulheres e, portanto, exigia um preço mais alto.

Ele teve uma vida mais difícil do que eu imaginava, Maomao pensou enquanto bebia o chá.

Quanto mais se limpava, mais se viam coisas que precisavam de limpeza. Maomao terminou com sucesso os armários de remédios no segundo dia, mas agora o quarto ao lado a incomodava. O charlatão fez uma limpeza básica, ao que parecia, mas não parecia ter atenção aos detalhes. Maomao passou o terceiro dia tirando teias de aranha do teto e limpando cuidadosamente as paredes, e depois quis organizar o equipamento. O charlatão tinha bastante, ela descobriu, e tudo o que ele não usava muito ele enfiava em um dos outros quartos.

Que desperdício, ela pensou enquanto examinava a sala ao lado. Ela foi informada de que não estava sendo usado, mas para Maomao era um tesouro. Ela e o charlatão abordaram uma série de tratados médicos, Maomao com um sorriso brilhante no rosto e o médico parecendo bastante taciturno. Dessa forma, apesar do beicinho do charlatão, passaram sete dias inteiros limpando. Maomao também estava fazendo degustação de comida para a consorte Gyokuyou naquela época, mas nada fora do comum aconteceu.

Foi nessa época, enquanto o médico polia a contragosto um almofariz e um pilão, que outro eunuco apareceu no consultório médico. O charlatão recebeu uma carta.

"Bem, agora, o que temos aqui?" o médico disse. Ele pegou a carta ansiosamente, vislumbrando uma chance de relaxar um pouco.

"De quem é?" Maomao perguntou. Em sua opinião, ela estava sendo puramente educada, mas o médico respondeu: **"É da minha irmã mais nova".** Ele mostrou-lhe a carta, escrita em papel rachado e irregular, o que fez Maomao se perguntar se ela seria produzida a partir de algas marinhas. Era basicamente o tipo de produto de baixa qualidade que uma pessoa comum poderia usar.

Eu pensei que ele disse que sua família fazia papel, ela refletiu. Talvez a irmã tenha pensado que um lote mal feito seria bom o suficiente para escrever para um membro da família.

Enquanto ele examinava a carta, porém, o rosto do médico assumiu uma expressão de choque, seus olhos cravados na página. Maomao aproximou-se dele, curioso para saber o que estava acontecendo, mas naquele exato momento os ombros do charlatão caíram. Ele deslizou fracamente em uma cadeira, abaixou a cabeça e deixou a carta cair sobre a mesa. Algumas palavras surgiram em Maomao:

"Nossa comissão imperial pode ser retirada."

Mas outro dia o médico estava se gabando para Maomao sobre como sua família forneceu papel ao tribunal!

"Eu me pergunto o que poderia estar acontecendo", disse o médico, quase para si mesmo. **"E só agora conseguimos começar a produzir mais suprimentos..."**

Uma comissão imperial – ou a falta dela – poderia ter consequências importantes para o rendimento da família. Os tipos arrogantes que compravam papel de alta qualidade nunca resistiram à ideia de que estavam usando o mesmo material que o imperador.

“Produzindo mais?” Maomao perguntou. **“Eles não começaram a economizar, não é?”** Ela tocou o papel áspero da carta.

“Eles nunca fariam isso. Eles estão mais entusiasmados para trabalhar do que nunca desde que ganharam aquele boi. Hoje em dia ele faz todas as coisas que sempre precisávamos que as pessoas fizessem. Por que isso deveria mudar alguma coisa?”

Fazer papel envolvia muito trabalho físico. O trabalho deveria ser mais fácil com um boi para fazer todo o trabalho pesado.

“E, no entanto, se esta amostra servir de base para julgar, posso ver por que o tribunal não estaria interessado.” Maomao pegou a carta e agitou-a para o charlatão. O papel de baixa qualidade se desintegraria se ficasse um pouco molhado. Além disso, a superfície irregular resultou em caracteres escritos horríveis.

O médico ficou em silêncio, como se admitisse tacitamente que sabia que o acabamento era de má qualidade. Finalmente, inclinou-se tanto para a frente que a cabeça ficou apoiada na mesa. **“Eu simplesmente não sei o que há de errado.”**

Maomao, reconhecendo que agora não era hora de limpar, estudou o papel atentamente. Grande parte do papel que circulava entre os plebeus era de pureza questionável, feito de fios de fibras de muitas plantas diferentes. Como as fibras não foram cortadas com cuidado, a cola endureceu de forma inconsistente, fazendo com que o papel ficasse em farrapos. Sua inspeção, porém, mostrou que as fibras desta amostra eram de tamanho uniforme e espessura medida diligentemente. No entanto, a superfície era irregular e um puxão suave foi suficiente para arrancar um canto da carta.

Maomao inclinou a cabeça com curiosidade, lendo a carta mais uma vez. Dizia que a família ainda empregava os métodos antigos de fazer papel e usava exatamente os mesmos materiais de sempre. A irmã mais nova implorou ao irmão que os aconselhasse sobre o que fazer, mas, infelizmente, o meio-homem que era seu irmão parecia ter perdido o juízo.

“Ela menciona uma maneira testada pelo tempo de fazer papel. Exatamente quais métodos você usa?” Maomao terminou de secar o almofariz e o pilão e colocou-os de volta na prateleira. Depois colocou uma chaleira no fogo para ajudá-los a relaxar.

“Os mesmos que todo mundo faz”, respondeu o charlatão. **“A diferença é que nossa família é muito exigente quanto à forma como decompomos os materiais e como fazemos a cola. Não posso dizer mais do que isso.”**

Não é tão tagarela sobre esse assunto, né? Maomao pensou. Ela puxou um recipiente com folhas de chá da prateleira. Ela estava vasculhando, tentando decidir o que seria bom, quando uma araruta praticamente saltou sobre ela. Ela o pegou e jogou em uma xícara de chá. Depois colocou a chaleira de volta no fogo para ferver.

“Você também é exigente com sua água?” ela perguntou.

"Hum. Usamos água mineral aquecida a uma temperatura muito precisa para que a cola endureça perfeitamente. Mas não posso te contar mais. Isso é um segredo comercial.”

Aquele era o médico charlatão que ela conhecia, pensou Maomao, enquanto pousava outra xícara de chá. Ela o encheu com água quente e mexeu assiduamente com uma colher antes que esfriasse, produzindo um mingau viscoso. Chá de araruta.

“E a cola, você ferve com a água que sobrou da lavagem do arroz?”

“Não, nós nos damos ao trabalho de dissolver a farinha de trigo nele, do jeito que você deveria fazer. Caso contrário, não adere bem.” No momento em que falou, o médico tapou a boca com a mão, mas pouco fez diferença para Maomao se usavam água de arroz, farinha de trigo ou qualquer outra coisa. Ela colocou o chá de araruta na frente do médico.

“Nesse caso, onde você guarda o boi?” ela disse.

“Receio não saber disso.” Ele olhou para ela como se perguntasse *‘Por que araruta?’* mas mesmo assim começou a lamber o líquido quente. Ele grudou na xícara de chá, dificultando a bebida. **“Mocinha, acredito que você confundiu as proporções aqui. É impossível beber isso.”**

Maomao passou-lhe uma colher. **"Me desculpe. Fico feliz em dizer a você como torná-lo potável. Quer dar uma chance?"**

"O que devo fazer?"

Maomao colocou a colher brevemente na boca, depois enfiou-a no chá e mexeu vigorosamente. Então ela fez isso de novo e de novo.

“Um tanto grosseiro”, comentou o charlatão franzindo a testa, mas fez o que ela lhe mostrou. À medida que ele colocava repetidamente a colher na boca e depois mexia, uma mudança começou a ocorrer. **“Está ficando menos amiláceo”,** observou ele.

“Eu deveria pensar assim.”

“Na verdade, está praticamente aguado agora.” O médico pareceu bastante impressionado.

“Araruta e cola são bastante semelhantes”, disse Maomao.

“Suponho que você poderia dizer isso... Será que a saliva dilui a cola da mesma forma que a araruta.”

"De fato."

A boca do médico se abriu. **“De fato o quê?”**

Ele não foi tão rápido na compreensão quanto Maomao gostaria. *Estou praticamente esfregando o nariz dele nisso*, ela pensou, mas decidiu dar-lhe mais uma dica.

“Acredito que os bois produzem muita baba.”

“Sim, agora que você mencionou, suponho que seja verdade.”

“E se você descobrisse onde o boi está bebendo água? Só pra ter certeza."

Maomao, decidido a não dizer mais nada, limpou as xícaras e voltou prontamente ao Palácio de Jade. O charlatão deve ter finalmente percebido, pois escreveu uma carta e saiu correndo do consultório médico para enviá-la.

Maomao contemplou o que faria quando terminasse a limpeza.

Mas é quando as coisas parecem mais calmas que o desastre muitas vezes se esconde.

Capítulo 17: Como comprar um contrato

“Então, quanto custa comprar o contrato de uma cortesã?” Lihaku perguntou. Ele e Maomao estavam sentados na sala que ligava o palácio interno ao mundo exterior. Quando Maomao ouviu a pergunta de Lihaku, seu queixo caiu. Como ele a chamou pessoalmente em vez de enviar uma carta, ela presumiu que ele tivesse alguma informação nova para lhe dar sobre o incidente. Mas isso era o que ele queria saber?

Eu simplesmente sabia que ele era um vira-lata grande e burro.

Lihaku agarrou a cabeça até que finalmente, incapaz de aguentar mais, bateu na mesa entre eles e exclamou: **"Você *precisa* me dizer, mocinha!"** Os eunucos que guardavam as entradas nas duas extremidades da sala observaram a comoção, mas claramente consideraram tudo uma dor de cabeça.

Evidentemente, numa visita recente à Casa Verdigris, Lihaku tinha ouvido falar de alguém que comprou um dos contratos das senhoras. Uma das três princesas, nada menos. Lihaku, que era realmente muito apaixonado por Pairin, uma das ditas princesas, não conseguia deixar o assunto passar.

"Há inúmeras respostas para essa pergunta", disse Maomao.

"Para uma das melhores cortesãs, então."

"Estou ouvindo", disse Maomao, estudando-o com os olhos semicerrados. Ela solicitou um pincel e uma pedra de tinta a um dos guardas, e Lihaku forneceu algum papel. **"O preço de mercado pode mudar num piscar de olhos, é claro, então considere isso apenas uma estimativa",** disse ela. Então ela escreveu o número 200 no papel. Essa era aproximadamente a quantidade de prata que um agricultor médio poderia esperar ganhar num ano. **"Uma cortesã boa e barata poderia ser adquirida por cerca de duas vezes esse valor."** Lihaku assentiu.

"Isso exclui o dinheiro da celebração", informou Maomao. O preço real de compra de uma cortesã pode ser influenciado por fatores como quanto tempo resta em seu contrato e quanto dinheiro ela deverá ganhar durante esse período, mas também é possível pagar quase o dobro desse valor novamente além da compra. Pois era costume do distrito de prazer despedir-se de suas damas com as mais grandiosas celebrações.

"Me fale diretamente. Quanto posso esperar pagar no total?"

Maomao ficou um tanto frustrada com o olhar comovente de Lihaku. *Não é uma pergunta fácil de responder*, ela pensou. Pairin conquistou muitos clientes e uma quantia proporcional de dinheiro desde que estreou no estabelecimento. Ela não devia nada ao bordel por roupas ou enfeites de cabelo e, na verdade, seu período de serviço já havia terminado há muito tempo. Ela permaneceu na Casa Verdigris – e continuou ganhando – porque suas preferências sexuais a tornaram perfeita para o trabalho de cortesã. Se o preço

de compra de uma mulher fosse apenas para compensar suas dívidas, bem, então o de Pairin teria sido praticamente nulo.

Quantos anos ela vai fazer esse ano? Maomao se perguntou. Pairin era a mais velha das três princesas, às quais pertencia desde antes do nascimento de Maomao. No entanto, sua pele ainda era brilhante e ela havia aperfeiçoado sua especialidade, a dança, ao longo de muitos anos. Sua aparência jovem às vezes gerava rumores de que ela permanecia jovem sugando a essência dos homens. Havia práticas – as chamadas *fangzhongshu*, ou "artes do quarto" – que supostamente permitiam que homens e mulheres mantivessem sua essência vital fazendo amor, e Maomao ocasionalmente se perguntava se Pairin havia aprendido essas habilidades.

A julgar estritamente pela idade, o valor de Pairin não deveria ser nada, mas sua beleza permaneceu inalterada, assim como suas energias. Ao mesmo tempo, a velha senhora não gostaria que suas três princesas estagnassem; ela estaria pensando em vender a mais velha delas - Pairin - um dia desses. Maomao a ouviu resmungando sobre isso em sua última visita a casa.

Pairin tinha sido uma cortesã modelo, apoiando a Casa Verdigris quando ela estava à beira do abismo, mas ela não poderia descansar sobre esses louros para sempre, nem a Casa Verdigris poderia descansar sobre ela. Teria de promover uma nova geração de rostos famosos enquanto estivesse em ascensão, para que a sua colheita atual não se revelasse um dia velha e poeirenta.

Maomao coçou a nuca e grunhiu pensativa. **"Se alguém fosse comprar o contrato da mana, quero dizer, Pairin, seria uma de duas pessoas."** Ela procurou em sua memória. Provavelmente era alguém que Pairin conhecia bem; a Casa Verdigris não conquistou tantos novos clientes.

Um dos candidatos era o chefe de um próspero negócio mercantil, um gastador generoso que tinha sido tão bom que continuou a patrocinar a Casa Verdigris mesmo quando esta passava por tempos difíceis. Um velho decente. Ele costumava dar doces a Maomao quando ela era pequena. Frequentemente, ele não vinha para passar a noite como tal, mas para tomar um gole de vinho e assistir a um ou dois bailes. Ele falou em comprar a Pairin mais de uma vez. A velha gananciosa tinha conseguido afastá-lo do assunto todas as vezes, mas se ele levantasse a possibilidade novamente agora, ela poderia ser mais receptiva.

A outra possibilidade era um funcionário de alto escalão que fosse um cliente regular. Ainda jovem, com pouco mais de trinta anos, Maomao não sabia exatamente que tipo de oficial ele era, mas quando ela se lembrou do ornamento de jóias que vira no punho de sua espada

alguns anos atrás, percebeu que naquela época ele já tinha uma classificação mais elevada do que Lihaku agora. Certamente o homem também havia sido promovido desde então. Ele parecia ser páreo para Pairin no que diz respeito às atividades noturnas: ela estava sempre de excelente humor depois de uma noite com ele.

Só uma coisa incomodava Maomao neste segundo pretendente. Comparada a infatigável Pairin, ele muitas vezes parecia um pouco... cansado.

Ela se preocupava com a forma como Pairin se daria depois de ser comprado por qualquer um desses homens.

Pairin era uma mulher bonita e uma dançarina excelente, mas, ao mesmo tempo, era conhecida por nunca ser a segunda melhor na cama. Dizia-se até que quando ela ficava muito frustrada, seu apetite poderia se estender não apenas aos criados do bordel, mas também às outras cortesãs e aprendizes... Em suma, ela era insaciável.

Foi isso que fez com que a senhora considerasse não apenas a possibilidade de vender o contrato de Pairin, mas, alternativamente, de deixá-la assumir a Casa Verdigris. Também era concebível que Pairin simplesmente deixasse o bordel, mas sua personalidade fazia com que isso parecesse improvável.

Mesmo que provavelmente fosse a solução mais pacífica para ela, Maomao pensou. Formalmente, ela se aposentaria, mas poderia receber clientes em casos especiais, enquanto em seu tempo livre poderia amar livremente. Ela teria muito mais liberdade do que jamais teve antes, o que provavelmente a agradaria infinitamente.

Hmmm... Maomao olhou Lihaku novamente. Ela imaginou que ele tinha vinte e poucos anos. Ele era tonificado e musculoso, seus braços musculosos eram exatamente o tipo de coisa que Pairin gostava. Sem mencionar que quando ele veio à Casa Verdigris pela primeira vez, ele e Pairin foram para o quarto dela e não saíram durante os dois dias inteiros que Maomao esteve em casa, mas Lihaku não pareceu exausto depois disso.

“Mestre Lihaku, quanto dinheiro você ganha?”

“Essa pergunta parece meio ousada”, disse Lihaku, um pouco apreensivo.

“Cerca de oitocentas pratas por ano?”

“Ei, não saia por aí tentando colocar números nas pessoas.” Lihaku estava carrancudo, mas não muito. Um pouco baixo, ela viu.

“Mil e duzentos, então?”

Desta vez ele não disse nada. Isso sugeria um número intermediário – cerca de mil pratas por ano, digamos. Uma renda bastante boa para sua idade. Para comprar uma cortesã de alto escalão, porém, o ideal seria ter pelo menos dez mil pratas em mãos. Afinal de contas, essas mulheres podiam receber cem pratas por uma xícara de chá ou trezentas por uma noite de companhia. Lihaku voltou para passar mais duas ou três noites com Pairin desde aquela primeira visita. Ele teria de aumentar o seu salário para sustentar esse hábito, mas Maomao suspeitava que a própria velha senhora estivesse por trás disto. Provavelmente usando Lihaku para ajudar a garantir que Pairin não ficasse muito frustrada.

"Insuficiente?" Lihaku perguntou.

"Receio que sim."

“E se eu prometesse devolver o dinheiro depois de ter sucesso no mundo?”

“Eles nunca permitiriam isso. Provavelmente esperarão pelo menos dez mil em dinheiro vivo.”

“D-Dez mil?!”

Lihaku estava enraizado em seu lugar. Maomao não sabia o que fazer. Se ele pudesse de alguma forma levantar o dinheiro, ele não seria um mau pretendente para Pairin. Ela sem dúvida apreciaria sua tremenda resistência.

Sim, ela apreciaria isso — mas isso constituía amor? Maomao não tinha certeza. *Hummm*, ela pensou novamente. Ela olhou para Lihaku, que estava claramente deprimido, e soltou um suspiro.

Ele parecia estar pensando da mesma forma que ela. Ele olhou para Maomao com incerteza e disse: **“Se, hipoteticamente, eu conseguisse juntar dez mil pratas, conseguiria comprar o contrato dela?”**

“Você está perguntando se a mana simplesmente recusaria você imediatamente?” Maomao disse friamente. No momento em que ela falou, os olhos de Lihaku ficaram um pouco mais vermelhos e ele rangeu os dentes. Ela apenas mencionou a possibilidade; ela não disse que isso aconteceria.

Ok, então, só há uma coisa a fazer, ela pensou. Maomao levantou-se e ficou na frente de Lihaku. **“Por favor, levante-se por um momento, senhor.”**

“Tudo bem...” Lihaku disse desanimado. Talvez um cão desapontado seja obediente, pois prontamente fez o que Maomao disse.

"Bom. Agora tire a camisa, levante os braços até a altura dos ombros e flexione.”

"Tudo bem." Lihaku começou a fazer o que lhe foi dito, mas parecia estar causando algum alarme entre os eunucos de guarda. Eles o pararam antes que ele pudesse tirar a camisa.

“Não se preocupe, nada de desagradável está acontecendo”, disse Maomao. **“Eu só quero dar uma olhada nele.”** Apesar de suas garantias, os eunucos não se moveram.

Ainda abertamente desapontado, Lihaku sentou-se formalmente na cadeira.

"Se eu tirar, ela não vai me rejeitar?"

“Se não sei mais nada, conheço os gostos de Pairin.”

“Vou tirá-la”, disse Lihaku prontamente, e então o fez. Ele reprimiu as objeções dos eunucos exibindo seu acessório de cargo.

Maomao circulou ao redor do posado Lihaku, examinando-o de todos os ângulos. Ocasionalmente, ela formava um quadrado com as palmas das mãos e os dedos indicadores e olhava para ele criticamente. Ele tinha o corpo cuidadosamente trabalhado de um oficial militar. Nada caía ou cedeu e os músculos cobriam praticamente tudo. Seu braço direito era ligeiramente maior que o esquerdo, sugerindo que ele era destro. Pairin estava faminta e devoraria quase tudo se não tivesse outra escolha, mas como qualquer outra pessoa, ela tinha suas preferências. Se ela estivesse aqui neste momento, ela estaria lambendo os lábios.

"Muito bem. Agora a metade inferior.”

“A metade inferior?” Lihaku disse queixoso.

"Eu insisto." A expressão de Maomao era perfeitamente séria.

Lihaku tirou as calças, embora não parecesse entusiasmado com isso, até que ficou ali apenas com uma tanga. O rosto de Maomao não mudou; ela continuou a estudá-lo com rigor quase científico.

As pernas e quadris de Lihaku eram tão robustos quanto o resto dele, demonstrando que não havia desequilíbrios em seu regime de treinamento. Não havia gordura nas coxas e os músculos fluíam suavemente em direção às articulações dos joelhos, depois inchavam novamente até as panturrilhas.

Estes são realmente músculos excepcionais, Maomao pensou. Ele não tinha a barriga cheia de vinho de tantos que frequentavam o bordel; sua pele tinha uma cor saudável. *É o tipo da mana.*

Maomao fez Lihaku fazer pose após pose, começando a pensar que ele poderia ter o que era necessário. À medida que Lihaku começou a se acostumar com o exercício, ele assumiu as posições com cada vez mais vigor.

Finalmente, Maomao estava pronta para inspecionar a parte mais importante. **"Agora, se você remover sua tan..."** ela começou, mas foi interrompida pela porta se abrindo. Lihaku, que parecia completamente entusiasmado há pouco, empalideceu. Os eunucos pareciam pensar que poderiam receber a pena de morte.

Quanto a Maomao, sua boca simplesmente ficou aberta.

"O que vocês estão fazendo aqui?" O superintendente do palácio interno (uma veia que se destacava em sua têmpora) estava parado na porta, acompanhado por seu ajudante. Um bando de mulheres do palácio que rondavam na esperança de chegar perto de Jinshi se espalharam e até desmaiaram como se tivessem visto algo insuportável.

"Bom dia para você, Mestre Jinshi", disse Maomao suavemente.

Algumas coisas no mundo são misteriosas, pensou Maomao. Por exemplo, por que ela estava sentada tão formalmente naquele momento? E por que Jinshi estava olhando para ela com tanto frio nos olhos?

Lihaku correu para casa, ainda mal vestido. Maomao achou toda a cena ridícula. Ela também sentiu que era um pouco injusto, mas fazer com que o soldado ficasse parecia que de alguma forma tornaria as coisas ainda mais complicadas do que já eram, então talvez fosse melhor ele ir.

"O que você estava fazendo?" Jinshi reiterou. Maomao olhou para ele, observando em particular que os belos são verdadeiramente assustadores quando despertados pela raiva. Jinshi cruzou os braços e ficou imponente na frente dela. Atrás dele, Gaoshun estava com as mãos juntas e a expressão impassível de um monge contemplando o vazio. Os eunucos, parecendo cansados, haviam retomado suas posições junto às portas, embora lançassem olhares ocasionais para seu glorioso chefe.

“Ele simplesmente veio me pedir conselhos”, disse Maomao. Ela informou Hongniang no Palácio de Jade, conforme protocolo. Ela havia lavado a roupa pela manhã e, como não havia chás planejados para hoje, não seria necessário uma provadora de comida. Maomao não tinha obrigações de trabalho até a noite.

“Conselho, né? Então o que ele estava fazendo daquele jeito?”

Ah, pensou Maomao, *então esse era o problema*. Apesar do fato de haver guardas presentes, era reconhecidamente mais do que problemático que um homem de fora do palácio interno fosse visto em tal estado. Ela prometeu resolver o que era obviamente um mal-entendido.

“Não foi nada inapropriado, senhor. Eu nunca toquei nele; Eu estava apenas dando uma boa olhada.” Ela tentou enfatizar esse ponto: ela não havia encostado um dedo nele. Isso era o que ela queria que Jinshi tirasse disso.

Jinshi, porém, reagiu mal; seus olhos se arregalaram e ele parecia que ia cair para trás. Gaoshun, entretanto, parecia estar avançando da contemplação do vazio para a realização da libertação. Maomao se perguntou por que ele estava olhando para ela com a compaixão imperturbável de um ***bodhisattva****[1].

"Uma olhada, você disse?”

"Sim, senhor. Eu estava apenas olhando.”

"Para qual finalidade?"

“Eu deveria pensar que isso era óbvio. Eu precisava ter certeza de que seu corpo seria satisfatório, e examiná-lo em carne e osso era o único caminho.”

Numa conversa sobre quem compraria o contrato de Pairin, Maomao queria ter a certeza de levar em consideração especial os sentimentos da irmã. Pairin era uma mulher que amava muito e com frequência, e seria ideal, na opinião de Maomao, se ela pudesse procurar um homem por quem realmente gostasse. Se Maomao pensasse que Lihaku estava

muito longe de ser o tipo de Pairin, ela certamente não lhe teria oferecido mais nenhum conselho. Ela não era tão suave assim.

Maomao cresceu na Casa Verdigris, pelo menos até ser arrancada do pai. Em sua juventude, foram as três princesas – Pairin, Meimei e Joka – junto com a velha senhora que cuidaram de sua educação.

Pairin era a única que, embora nunca tivesse dado à luz um filho, seus seios ainda produziam leite, e foi esse leite que alimentou Maomao quando criança. Quando Maomao nasceu, Pairin tinha acabado de se formar no aprendizado, mas já era bastante voluptuosa. Maomao sempre pensou em Pairin como "Irmã", mas na realidade era algo mais parecido com "Mãe". Aliás, ela adotou esse tom informal com Pairin para que Meimei e Joka não ficassem bravas com ela.

Maomao suspeitava que se Pairin fosse para uma das duas perspectivas de longa data, era improvável que ela tivesse a vida que realmente desejava. Mesmo assim, Maomao não tinha certeza se seria melhor para ela simplesmente seguir em frente e acabar como a velha senhora.

Muitas ex-cortesãs desistiram de ter filhos. O uso constante de medicamentos anticoncepcionais e abortivos roubou de seus úteros a força necessária para criar um filho. Maomao não sabia se esse era o caso de Pairin ou não. Mas quando ela se lembrou de sua juventude, sendo embalada para dormir nos braços de Pairin, ela pensou que seria uma pena para Pairin nunca ter seus próprios filhos. Ela era uma mulher de imenso apetite sexual, mas seu instinto maternal era igualmente forte.

Lihaku ficou completamente apaixonado pela cortesã Pairin. Ele sabia muito bem que, como cortesã, não era o único homem a quem ela oferecia seus serviços. No entanto, por mais que Lihaku às vezes pudesse ser um cachorrinho grande, no fundo ele era um homem sério e diligente, e sua determinação de ascender no mundo pelo bem de uma mulher era ao mesmo tempo boba e cativante.

A obstinação de Lihaku significava que era improvável que seu ardor diminuísse de repente, e mesmo que um dia ele deixasse de amar, Maomao suspeitava que ela poderia ajudar a lidar com os preparativos em torno de qualquer rompimento. O mais importante era que ele tinha uma resistência impecável.

E no momento em que ela estava avaliando esse espécime, Jinshi chegou. Como responsável por supervisionar os assuntos no palácio interno, ele provavelmente não ficou

feliz em ter uma de suas mulheres se encontrando com um homem aleatório de fora. *Ele escolheu*, pensou Maomao, *os momentos mais estranhos para se apaixonar pelo seu trabalho.*

“Seu corpo... satisfatório?!”

"Sim, senhor. A aparência é apenas uma parte de uma pessoa, mas certamente podemos esperar que seja do nosso agrado.”

Pelo que ela tinha visto, Maomao poderia dar marcas de passagem no corpo de Lihaku. Ela já estava tentando decidir como explicaria a Pairin que não teve a chance de avaliar a última e mais importante parte de todas.

Maomao dissera a Lihaku que seriam necessários dez mil em prata para comprar a parte de Pairin, mas dependendo de como o assunto fosse abordado, ele poderia sair pagando apenas metade disso. Dependeria em particular de como Pairin se sentia em relação a ele.

“A aparência externa é tão importante?” Jinshi finalmente parou de pairar sobre ela e sentou-se. Seu pé batia no chão inquieto; ele claramente ainda estava irritado.

“Eu deveria dizer isso”, respondeu Maomao, refletindo que achava estranhamente irritante que Jinshi, entre todas as pessoas, fizesse essa pergunta.

“Devo admitir que nunca esperei ouvir isso de você. Então? O que você achou da aparência dele?”

Ele está cheio de perguntas, Maomao pensou. Mas era responsabilidade de um subordinado responder a todas as perguntas daqueles que estavam acima dela.

“Seu corpo apresenta excelentes proporções. Ele é totalmente magro. É claro que ele tem uma base física excelente e acredito que seja justo presumir que ele é bastante dedicado. Ele deve trabalhar em seu treinamento e condicionamento físico todos os dias. Se eu tivesse que adivinhar, suspeitaria que ele é bastante capaz, mesmo para os padrões militares.”

Jinshi ficou entusiasmado com a proclamação de Maomao. Ela quase pensou que ele achou sua resposta surpreendente. Sua expressão rapidamente azedou até que ele pareceu completamente irado.

“Você pode realmente dizer que tipo de pessoa alguém é com base apenas na aparência de seu corpo?”

"Mais ou menos. Os frutos do hábito aparecem na carne, por assim dizer."

Ao fornecer medicamentos a um cliente que estava relutante em falar sobre si mesmo, era importante saber discernir com quem se estava a lidar. Qualquer apotecário que se preze adquiriria a habilidade, quer quisesse conscientemente ou não.

"E você seria capaz de me avaliar pelo meu corpo?"

"Huh?" Maomao disse apesar de si mesma. Ela quase pensou que havia um traço de mau humor no rosto de Jinshi.

Espere...

Será que ele estava com ciúmes de Lihaku? Isso explicaria por que ele parecia cada vez mais descontente ao longo da conversa. Tudo porque Maomao foi muito generosa ao elogiar as qualidades físicas do outro homem.

Não posso acreditar nesse cara, ela pensou com um suspiro mental. Ele só precisa ter certeza de que é o mais atraente.

Jinshi tinha um rosto lindo. Tão lindo, na verdade, que se ele fosse mulher, poderia ter o país enrolado em seu dedo mínimo; e suspeitava-se que, mesmo sendo homem, não teria sido impossível. E ainda assim, apesar de ter um semblante incomparável, agora ele queria se gabar de seu corpo também?

Quer dizer, acho que por mim está tudo bem, Maomao pensou. O vislumbre que ela teve do corpo de Jinshi mostrou alguém surpreendentemente musculoso e tonificado. Ela não precisou estudá-lo de perto para ver que ele era bastante atraente. Mas e daí? Ele estava tentando sugerir que ela deveria recomendar ele para Pairin se ela pensasse que ele superava Lihaku em beleza física? Pensando bem, ela alguma vez mencionou Pairin para Jinshi?

Enquanto Maomao pensava em tudo isso, Jinshi apoiou os cotovelos na mesa e a observou atentamente, com os lábios franzidos. Os eunucos que montavam guarda pareciam absolutamente intimidados, mas mesmo assim fascinados por seu rosto tempestuoso. Quanto a Gaoshun, olhou para Maomao com toda a tranquilidade de uma imagem do nirvana.

Maomao se sentiu um pouco mal por Jinshi, mas ela teria que deixar isso claro aqui e agora: faltava a Jinshi a única coisa que Pairin considerava mais importante do que qualquer outra em um homem. Não importa quão refinadas suas outras características físicas possam ser, sem essa coisa crucial, não adiantaria nem falar sobre isso.

“Eu vi seu corpo, Mestre Jinshi, mas infelizmente não faz sentido”, disse Maomao, embora com relutância. A atmosfera na sala congelou imediatamente. Gaoshun deixou de parecer um santo no nirvana e passou a parecer o criminoso Kandata (lenda japonesa) quando o fio da aranha se quebrou. **“Lamento ter que lhe dizer isso, senhor”,** continuou Maomao, **“mas você simplesmente não é páreo para minha mana”.**

"Huh?" Desta vez foi a vez de Jinshi parecer completamente confuso.

Gaoshun pressionou a testa contra a parede.

○●○

Lihaku só podia imaginar o que estava acontecendo no mundo. O eunuco que lhe dera o olhar mais furioso de sua vida por causa de seu pequeno erro no dia anterior estava agora aqui na frente dele – e em seu rosto inimaginavelmente adorável havia um sorriso.

O nome do homem era Jinshi, lembrou Lihaku. Jinshi parecia um pouco mais jovem que Lihaku, mas também era da confiança do imperador. Com aquele rosto lindo, ocasionalmente surgiam rumores de um namoro entre Jinshi e o imperador, mas pelo menos Jinshi parecia sério sobre seu trabalho; não havia nada do que reclamar a esse respeito. A maneira como ele poderia fazer com que praticamente qualquer pessoa, homem ou mulher, se apaixonasse por ele poderia ser um problema, mas fora isso, na opinião de Lihaku, não havia nada de questionável nele. Quanto a Lihaku, porém, ele não era do tipo que se interessava por outro homem, por mais adorável que fosse.

Mesmo assim, quando aquele homem apareceu praticamente do nada e começou a encará-lo atentamente, Lihaku ficou um pouco perdido sem saber o que fazer. Ele estava feliz por não haver mais ninguém por perto para vê-los. Eles estavam no prédio dos oficiais, que raramente ficava muito lotado. Um comandante particularmente excêntrico fez aqui a sua base de operações, uma pessoa com quem todos preferiam ter o mínimo de contacto.

Dizia-se que o excêntrico tinha estado fora de casa recentemente, e Lihaku pensou que talvez este eunuco tivesse sido pressionado para ajudar com alguma coisa por aqui. Lihaku apresentou sua papelada e tentou sair do prédio o mais rápido que pôde para não ser

arrastado para nada, mas assim que saía do escritório de Lakan, ele esbarrou neste eunuco. E agora ele estava diante daquele sorriso misterioso.

Falando em mistificação, o assessor que estava atrás de Jinshi era o homem que havia solicitado Lihaku para ser seu intermediário no bordel. Supostamente, ele era um velho conhecido de um dos superiores de Lihaku. Ele se perguntou como o homem conhecia a sardenta mulher do palácio, Maomao, mas agora estava começando a fazer sentido.

"Posso ter um momento do seu tempo?" Jinshi perguntou. Foi um pedido educado, mas Lihaku dificilmente estava em posição de recusar. Embora o outro homem fosse mais jovem que ele, o ornamento de jóias pendurado em seu quadril mostrava uma cor mais estimada que a de Lihaku. Se ele não fizesse o que lhe foi pedido, não havia como saber se algum dia conseguiria a promoção que procurava.

"Como quiser", foi tudo o que ele disse, e então seguiu os eunucos.

Eles estavam em um pátio do palácio, local onde os oficiais costumavam ir para aproveitar a brisa refrescante nas noites de verão. É certo que Lihaku não era um visitante frequente; ele nunca esteve muito sintonizado com a estética. Nesta estação o friozinho no ar foi além de refrescante; estava ficando completamente frio. Entre a época do ano e a hora do dia, eles podiam contar que não seriam incomodados.

No verão, flores chamadas hortênsias de folha grande produziriam flores tão grandes quanto bolas bordadas. Aparentemente eram flores incomuns trazidas de um país insular ao leste e, dependendo do dia, as flores podiam ser vermelhas ou azuis. O comandante fez de tudo para plantá-los aqui. As flores tinham alguma semelhança com lilases, mas no momento pareciam simplesmente arbustos grossos. Lihaku às vezes se perguntava se eles deram ao homem um pouco de discrição demais, mas ouvimos dizer que até o general tinha dificuldade em se afirmar com o homem de monóculo, então talvez não houvesse muito o que fazer.

Jinshi sentou-se em um pavilhão ao ar livre e gesticulou para que Lihaku fizesse o mesmo. Sem outra escolha, ele sentou-se de frente para o eunuco.

Jinshi apoiou o queixo nas mãos entrelaçadas e fixou Lihaku com um sorriso radiante. Seu ajudante, atrás dele, parecia totalmente acostumado com isso, mas Lihaku sentiu-se um tanto inquieto. Era ridículo, mas o sorriso era tão brilhante que ele quase teve vontade de desviar o olhar. Ele percebeu agora que toda a conversa sobre como Jinshi poderia ter deixado o país de joelhos se ele fosse mulher era mais do que fofoca inútil. Mas ele era um

homem. Mesmo que estivesse faltando algo normalmente considerado importante para alguém.

Alguém poderia ser enganado por seu sorriso de ninfa e cabelos sedosos, mas sua estatura e a largura de seus ombros o denunciavam. Ele não parecia muito frágil, mesmo comparado ao seu próprio ajudante, que parecia distintamente com um militar, e qualquer um que fosse induzido pelo sorriso delicado a pensar que poderia conseguir o que queria com essa pessoa provavelmente descobriria o contrário, e dolorosamente. Cada movimento que ele fazia era fascinantemente elegante, mas também totalmente eficiente e preciso. Lihaku pensava assim mesmo quando simplesmente seguia atrás do eunuco. Ele também achou que o homem parecia familiar, mas não conseguia identificá-lo. O pensamento o incomodava, embora ele só tivesse visto Jinshi de relance; ele nunca o tinha visto cara a cara. O que uma pessoa de tão alta posição queria com ele?

"Minha assistente me informou que você, meu rapaz, está interessado em alguém."

Seria pensar demais, perguntou-se Lihaku, se ele sentisse que a piada sobre "meu rapaz" era um giro desnecessário da faca? Demorou um segundo para ele entender o que Jinshi queria dizer com sua assistente, mas percebeu que, nesse contexto, só poderia ser a garota desgrenhada e sardenta. Pensando bem, ela aparentemente passou um período no palácio externo - Lihaku percebeu que ela estava trabalhando para esse eunuco, entre todas as pessoas. Ele colocou a mão no queixo inconscientemente.

Ele sempre pensou que seria necessário alguém com gostos muito particulares para contratar aquela mulher como sua serva pessoal. Ele nunca teria imaginado que esse lindo eunuco teria esses gostos.

Mesmo reconhecendo que a situação em que Jinshi os encontrou exigiria alguma explicação, Lihaku ficou um pouco surpreso ao perceber que havia contado a Jinshi sobre seu desejo de comprar o contrato de Pairin. Talvez tenha sido isso que inspirou o eunuco a sorrir tão intensamente para ele. Em sua tenra idade, aspirar a comprar uma das mais belas e reverenciadas cortesãs de todo o país era realmente engraçado.

E, francamente, Lihaku não se importava se Jinshi pensasse que ele era um palhaço. Deixe-o rir de Lihaku - mas se ele pretendia fazer pouco caso da amada Pairin de Lihaku, então as coisas poderiam ser diferentes.

Pairin era uma boa mulher. Não apenas uma boa cortesã, uma boa mulher. Ele a imaginou sorrindo para ele na cama. Vi-a dançar, segurando a bainha do roupão com dois dedos. Pensou na maneira como ela servia o chá com atenção a cada detalhe.

Alguns poderiam dizer que isso era exatamente o que uma cortesã deveria fazer, e com tais pessoas não haveria espaço para mais discussões. Mas Lihaku não se importou. Ele não se importava se era real ou não. Contanto que ele acreditasse nisso, não importava.

Ele tinha visto mais de um de seus colegas se perder em mulheres e jogos de azar, e para aqueles ao seu redor, talvez ele apenas parecesse mais uma causa perdida. Aqueles que lhe diriam que Pairin não era boa para ele, sem dúvida, queriam o melhor para ele. E por isso ele estava grato – mas desejava que eles não se intrometessem.

Lihaku foi para a Casa Verdigris por vontade própria. Frequentemente ele nem via Pairin, mas simplesmente recebia chá na sala da frente por uma aprendiz. E isso estava bom para ele. Fazia parte do trabalho de Pairin ser tão inalcançável quanto uma flor num pico distante. Se ela cobrasse um mês de prata por uma xícara de chá, quem poderia dizer que isso era ganancioso? Pairin se dedicou totalmente a ser uma cortesã; ela era uma mercadoria viva. Qualquer um que alegasse que ela era muito cara simplesmente não entendia.

Foi por isso que se o eunuco em frente a Lihaku tentasse menosprezar Pairin, Lihaku estava preparado para atacar fisicamente. Ele sabia perfeitamente que isso poderia lhe custar a cabeça, mas poderia conviver com isso, por assim dizer. Ele nunca comprometeu seus princípios, suas crenças; e esse modo de vida, tão direto e implacável quanto um animal em investida, sempre lhe convinha. Se aqueles ao seu redor pensassem que ele tinha enlouquecido por alguma mulher, deixe-os.

No momento, ele se controlou com esforço, apertando as mãos trêmulas e olhando para Jinshi. **“E se eu estiver, senhor?”**

Ele teve o cuidado de não acrescentar “*Não é da sua conta*” ou qualquer outra coisa desnecessariamente antagônica. Jinshi parecia não se importar com o olhar sombrio de Lihaku; o sorriso celestial permaneceu impassível. O que Jinshi disse a seguir chocou Lihaku. **“O que você faria se eu dissesse que arcaria com o custo da compra do contrato dela para você?”**

Lihaku recuperou o fôlego, levantou-se e bateu na mesa. A superfície de granito enviou um pouco da força de volta para ele. Somente quando o arrepio percorreu todo o seu corpo ele finalmente conseguiu falar. **"O que você quer dizer com isso?"**

“Precisamente o que eu disse. Quanto seria necessário para comprá-la? Vinte mil; você acha que isso seria suficiente?”

Era como se o número não significasse nada para Jinshi, mas fez Lihaku engolir em seco. Vinte mil não era uma quantia para simplesmente doar. Certamente não para um oficial que mal se conhecia. Jinshi já havia falado com Maomao sobre o custo provável? Ou a soma foi realmente uma reflexão tardia para este homem? Lihaku colocou a cabeça entre as mãos.

O pensamento passou pela sua cabeça: se este homem falasse de vinte mil como se não fossem nada, então metade disso seria menos que nada para ele. Mas ele resolveu não se perder numa fantasia ingênua.

"Estou muito feliz com suas palavras, senhor", disse ele, **"Mas devo me perguntar o que levaria a tal generosidade para com alguém que você mal conhece".**

Ofertas que eram boas demais para ser verdade sempre traziam uma dor no rabo. Até uma criança sabia disso, e Lihaku não era tolo o suficiente para esquecer essa regra básica. Ele recostou-se na cadeira e olhou para o homem à sua frente. A expressão do eunuco não mostrou nenhuma mudança, apesar de ter oferecido essa quantia impressionante de dinheiro, embora seu assessor, atrás dele, parecesse um pouco exasperado.

"Minha gata é muito cautelosa, mas ela não apenas estava disposta a falar com você, mas também parecia estar seriamente considerando você como um possível par para uma mulher que ela considera uma irmã mais velha."

A "gata" devia ser Maomao – era o significado do seu nome – e quando Lihaku pensou nisso, percebeu que ela poderia realmente ser parecida com um gato. Ela podia ser tão desconfiada dos outros quanto um gato de rua, mas quando havia comida disponível, ela chegava perto o suficiente para pegá-la, pegava o máximo que pudesse e então ia embora novamente.

Lihaku nunca quis um gato. Se ele fosse ter um animal, teria gostado de um cachorro, algo que pudesse caçar com ele.

Apesar da escolha da metáfora do eunuco, e apesar da atitude de Maomao, aparentemente ela confiava em Lihaku, pelo menos até certo ponto. É verdade que o desinteresse em seus olhos deixou claro que ela achava chato ter que responder às perguntas dele, mas ela respondeu. Em última análise, isso levou a esta conversa.

"Você está dizendo que quando um gato desconfiado se apega a alguém, isso é motivo suficiente para ter fé nele", disse Lihaku, recebendo uma leve hesitação de Jinshi. Ele se

perguntou se havia dito algo errado, mas o sorriso suave voltou ao rosto de Jinshi tão rapidamente que Lihaku se perguntou se teria sido sua imaginação.

"Eu perguntei um pouco sobre você", disse Jinshi. **"Descobri que você é filho de um funcionário da província. Subir na hierarquia na capital deve ter dado muito trabalho."**

"Uma quantidade razoável."

Havia panelinhas e facções em qualquer lugar que você fosse. Seu pai tinha sido funcionário público, sim, mas apenas administrador civil regional. Isso significou uma batalha difícil para Lihaku, e muito tempo antes que alguém realmente o levasse a sério.

"Dizem que você foi descoberto por um comandante com olho no talento e que lhe confiou uma unidade própria."

"Sim, senhor," Lihaku disse hesitante. Ele se perguntou o quanto esse homem havia aprendido sobre ele. Externamente, Lihaku deveria ter sido promovido depois que o comandante de uma pequena unidade deixou o serviço.

"E quem não gostaria de ter boas relações com um jovem soldado promissor?" Jinshi continuou.

Muitos poderiam, mas raramente no valor de vinte mil pratas.

Lihaku realmente só precisava de metade dessa quantia – ou na verdade, se alguém considerasse suas próprias contribuições e tudo o que pudesse assustar, mesmo que fosse apenas um quarto dela. Um quarto, ou cinco mil em prata. Esse homem realmente daria isso a ele? Lihaku estava quase doente de desejar isso, mas balançou a cabeça.

Ele olhou sério para Jinshi e disse: **"Eu realmente aprecio seu voto de confiança e confesso que estou quase fora de mim querendo aceitar sua oferta, mas não posso aceitar sua prata. Para você, ela pode ser simplesmente mais uma cortesã, mas para mim ela é uma mulher. Uma mulher que desejo tomar como esposa. E se eu não fizer isso com meu próprio dinheiro, então que tipo de homem sou eu?"**

Lihaku conseguiu dizer tudo isso a Jinshi, embora o cansasse ter que estar constantemente alerta ao teor de sua linguagem.

Ele pensou que Jinshi poderia ficar irritado com sua recusa, mas aquele sorriso de ninfa não mudou. Ele até pensou que poderia ter suavizado um pouco. Então o sorriso se

transformou em risada. **"Entendi! Receio ter sido muito rude."** O eunuco ficou de pé, totalmente elegante enquanto passava os dedos pelos cabelos. Parecendo ter saído de uma pintura de uma beleza clássica, ele ficou ali com um sorriso satisfeito no rosto. **"Acho que pode haver algo sobre o qual gostaria de falar com você mais tarde. Você não se importaria?"**

"O que você desejar, senhor." Lihaku também se levantou; ele apertou respeitosamente o punho na palma da mão aberta e fez uma reverência. O lindo eunuco respondeu com um breve aceno de cabeça e então ele e seu ajudante foram para casa. Lihaku observou Jinshi partir, quase confuso com sua elegância, até que eles sumiram de vista.

Finalmente ele murmurou: **"O que foi aquilo?"** e coçou a cabeça, realmente confuso. Seu coração caiu um pouco quando sentiu a careca que ainda permanecia onde seu cabelo havia sido chamuscado. Então ele sentou-se novamente, murmurando: **"O que eu vou fazer...?"**

Ele teria que tentar mostrar o seu melhor lado para seus superiores no próximo treino. Ou talvez ele pudesse trabalhar mais. Não, não, havia algo mais importante. Ele enviaria uma carta para a mulher com quem esperava se unir algum dia. Ele não iria simplesmente tomá-la unilateralmente. Ele queria saber como ela se sentia também. O que quer que ela dissesse em resposta poderia ser apenas uma questão de educação, mas ele depositaria sua fé nisso; seria o que o sustentaria.

"Certo." Lihaku enfiou as mãos nas mangas e saiu do pátio em um trote rápido. Ele se perguntou que tipo de ramo seria o melhor acompanhamento para sua carta.

○●○

"Maomao, você recebeu uma carta." Guiyuan estendeu um pacote de tiras de madeira para escrever. Maomao pegou-o e desfez a gravata, descobrindo que as tiras estavam cobertas com uma mão leve e fluida. Era uma resposta à mensagem que ela enviara à Casa Verdigris vários dias antes.

"A *velha pode dizer o que quiser, mas ainda estou ganhando muito.*"

A carta era de Pairin. Maomao praticamente podia ver sua sensual irmã mais velha estufando seu amplo peito.

"*Além disso, ainda estou esperando que um príncipe em seu cavalo branco venha me buscar.*"

Num país distante, dizia-se que os príncipes montavam cavalos brancos quando vinham resgatar jovens donzelas presas. Pairin ainda era uma mulher e tinha sonhos de mulher. Talvez fosse um pouco tarde para chamá-la de jovem donzela – ela já estivera com mais cavalheiros do que se podia contar com as duas mãos – mas ela não desistiu da fantasia. Talvez essa teimosia fosse parte do que preservou sua juventude por tanto tempo.

Eu meio que suspeitava, pensou Maomao. Se a perspectiva fosse alguém que a agradasse, ela nem precisava daquelas dez mil pratas. Ele só tinha que desempenhar o papel de seu "príncipe". O papel exigia força física e resistência absolutas, além de algo que a maioria dos homens tinha, mas os eunucos não. Adicione uma pitada de teatralidade e um pouco de dinheiro para comemorar, e isso resolveria o problema. Não, não seria necessário comprar a participação de Pairin como tal, mas a comunidade não ficaria sentada observando-a partir sem marcar a ocasião.

A própria velha senhora disse uma vez a Pairin: **"Se você quiser se aposentar, não vou impedi-lo. Mas vamos fazer a festa para acabar com todas as festas."** Foi um comentário bastante impressionante vindo de uma mulher que normalmente era tão fechada. Quando Pairin deixasse o palco, seria comemorado como convinha a uma das mais belas flores do bairro do prazer. Afinal, uma cortesã tinha seu orgulho. Assim, para um homem que impressionou Pairin adequadamente, mesmo a velha senhora não tentaria torcer muito. Mas certamente cinco mil ou mais para a celebração. Qualquer um que não conseguisse arranjar pelo menos tanto dinheiro não era adequado para Pairin – e se eles tivessem o dinheiro, mas se recusassem a gastá-lo, isso seria ainda pior.

Sim, mesmo que dez mil estejam fora de alcance, cinco mil deveriam bastar. Se Lihaku continuasse sua ascensão constante na hierarquia, ele deveria ser capaz de economizar tanto em questão de anos. O resto seria uma questão de sorte. Se Pairin sofresse uma lavagem cerebral pela velha, isso significaria o fim. Lihaku só precisava tirá-la de lá antes que isso acontecesse.

Não havia nenhum papel para Maomao desempenhar em nada disso. Havia apenas uma coisa que a preocupava. *Certamente ele não se endividaria para conseguir o dinheiro, não é?*, ela pensou. Se ele fizesse um empréstimo para conseguir o dinheiro, a senhora iria farejá-lo e pronto. ***"Como posso deixar Pairin ir para um homem atolado em dívidas?"*** ela exigiria. Maomao estava bastante confiante de que Lihaku não faria algo tão bobo, mas não tinha certeza.

Com esses pensamentos passando por sua cabeça, ela se viu no final da carta – onde descobriu algo muito preocupante.

"Um certo alguém estava falando sobre comprar um contrato. Acho que os aprendizes tiveram uma ideia errada."

Um certo alguém. *Certo*, pensou Maomao. Era incomum que Pairin fosse tão indireta, mas Maomao sabia perfeitamente de quem ela estava falando.

Maomao amarrou a carta novamente e colocou-a na prateleira do quarto. Quando ela saiu no corredor, descobriu que Jinshi estava visitando o Palácio de Jade pela primeira vez em vários dias. Ele parecia absolutamente tempestuoso na última vez que se separaram, mas hoje parecia animado. Maomao foi à cozinha preparar o chá, perguntando-se o que o deixou tão satisfeito.

[1] Bodhisattva: No Budismo, um bodisatva ou bodhisattva, é um ser iluminado. Tradicionalmente, um bodhisattva é qualquer pessoa que, movida por grande compaixão, gerou bodhicitta, que é o desejo espontâneo de atingir o mesmo status de Buda para o benefício de todos os seres sencientes.

Capítulo 18: Rosas Azuis

O frio estava gradualmente afrouxando seu controle sobre o mundo, e os primeiros sinais de primavera estavam no ar. Enquanto Maomao se levantava para secar a roupa de cama, ela sentiu que poderia sucumbir à tentação do sol quente e agradável, mas balançou a cabeça (*Não devo dormir no trabalho*!) e se forçou a se concentrar em seu trabalho.

O tempo passava rapidamente quando os dias eram plenos e satisfatórios. Mesmo que, de alguma forma, os dois meses que ela passou trabalhando para Jinshi tenham parecido interminavelmente longos.

Ela ainda ansiava às vezes pelas prateleiras repletas de remédios no consultório médico do palácio exterior, mas ela poderia corrigir esse problema aqui; ela poderia trabalhar com o médico charlatão para atualizar o consultório médico do palácio. Enquanto isso, ela poderia contar com Gaoshun para conseguir tudo o que precisasse dos arquivos. Teria sido ainda melhor se ela pudesse ter deixado o palácio interno à vontade, mas, bem, não se pode ter tudo. Enquanto ela estivesse servindo lá, ela não poderia esperar ir e vir quando quisesse.

A gravidez da consorte Gyokuyou estava se tornando cada vez mais certa. Sua menstruação ainda não havia recomeçado e agora ela também estava sentindo fadiga. Sua temperatura estava ligeiramente elevada e parecia que ela evacuava com mais frequência do que o normal. A princesa Lingli ocasionalmente colocava o rosto na barriga de Gyokuyou e sorria, como se quisesse dar a entender que sabia que havia algo ali.

Os *bebês podem saber*? Maomao se perguntou. Lingli estava dando tchau para a barriga de Gyokuyou enquanto Hongniang a levava para tirar uma soneca da tarde.

As crianças eram criaturas muito misteriosas.

A princesa começou a andar sozinha; o imperador deu a Lingli um par de sapatinhos vermelhos, enquanto ela, por sua vez, causava às damas de companhia sua cota de dores de cabeça. Ela também se tornou mais expressiva; se você desse a ela um coque bonito e macio, ela sorriria amplamente em troca. As damas de companhia do Palácio de Jade não tinham filhos, mas aparentemente tinham o instinto maternal, pois adoravam infinitamente a princesinha.

Hongniang costumava dizer **"Talvez eu tenha um para mim, mais cedo ou mais tarde",** mas as outras mulheres, incluindo Maomao, não sabiam como responder. Hongniang pareceu preocupada quando disse isso, mas ninguém esperava que a devotada dama de companhia se aposentasse de seu posto. Mesmo que houvesse uma oferta adequada, as outras mulheres provavelmente teriam feito qualquer coisa para impedir Hongniang de partir. Foi ela quem permitiu que o Palácio de Jade funcionasse com uma equipe tão pequena.

Ah, ser muito talentoso pode ter seus próprios desafios.

Maomao começou a entreter a princesa Lingli quando ela não tinha outro trabalho para fazer. A lesão na perna foi outro fator. Em vez de ter as outras damas de companhia ocupadas e saudáveis cuidando da princesa em cima de todos os seus outros deveres, não era mais eficiente ter a mulher sem nada para fazer além de provar a comida cuidando dela?

Assim, neste dia, Maomao se viu brincando mais uma vez com a Princesa Lingli, que fazia pilhas de blocos de madeira (construídos propositalmente com materiais leves) e depois os derrubava. Ela também demonstrou algum interesse em livros ilustrados, então Maomao copiava as imagens dos livros que ela pegava emprestado para Gaoshun, escrevendo as palavras abaixo de cada um. Lingli ainda tinha apenas dois anos, mas Maomao ouvira dizer que nunca era cedo para começar. Infelizmente, Hongniang pôs fim prematuro aos seus esforços educacionais quando confiscou as fotos.

"Desenhe flores como uma pessoa normal", ela instruiu, apontando para as flores no pátio. Aparentemente, por melhores que fossem as representações, as imagens de cogumelos venenosos estavam fora dos limites.

Foi assim que Maomao passou o tempo até que, um dia, um lindo eunuco apareceu pela primeira vez em muito tempo, trazendo problemas para ele.

"Rosas azuis, senhor?" Maomao perguntou, olhando para o eunuco com algum cansaço.

"Oh sim. Todo mundo está bastante interessado, você vê."

Jinshi parecia estar em uma situação difícil. Para as mulheres do palácio, ele parecia lindo mesmo em sua angústia e, nesse momento, três pares de olhos observavam pela fresta da porta. Maomao optou por ignorá-los. Pouco depois, Hongniang, também parecendo bastante exasperada, agarrou as donas dos olhos - com bastante agilidade, poderíamos acrescentar; duas com a mão direita, um com a esquerda - pelas orelhas e arrastou-as embora. Maomao também optou por ignorar isso.

"Um manejo tão competente", comentou Gaoshun, uma observação que Maomao guardaria para si mesma.

De volta ao assunto em questão.

"Todos gostariam de admirar algumas dessas flores", disse Jinshi. E por alguma razão, era ele quem deveria inventá-las.

Eu sabia que isso seria um problema, Maomao pensou.

"Você quer que eu encontre algumas?" ela perguntou.

"Achei que você pudesse saber algo sobre elas."

"Sou apotecária, não botânica."

"Parecia algo que poderia estar na sua casa..." Jinshi ofereceu fracamente.

"Oh, muito convincente, senhor," Consorte Gyokuyou disse alegremente de onde ela estava recostada em um sofá. A princesa estava ao lado dela, tomando um pouco de suco.

Alguém em algum lugar (Jinshi afirmou não saber quem) sugeriu que uma das damas de Gyokuyou poderia saber algo sobre o assunto. Isso pelo menos explicava por que ele estava aqui.

Foi o charlatão? Maomao se perguntou. Não era impossível. O velhote bem-humorado tinha o péssimo hábito de superestimar as habilidades dos outros. Foi profundamente frustrante.

Maomao não estava totalmente desprovida de conhecimento sobre rosas. Ela sabia que as pétalas produziam um óleo que servia como embelezador da pele – as cortesãs o usavam periodicamente. Ela ganhou alguns trocados cozinhando pétalas de rosas silvestres, com seu aroma poderoso, para fazer o produto.

"Fiquei sabendo que essas flores já floresceram nos terrenos do palácio", disse Jinshi, cruzando os braços. Hongniang, evidentemente tendo disciplinado as três bisbilhoteiras, entrou com chá fresco.

"Alguém estava vendo coisas, com certeza." *Argh*, *minha panturrilha coça*, pensou Maomao. Sua ferida a estava deixando louca enquanto curava. Pequenas bênçãos: seus pés estavam escondidos debaixo da mesa, para que ela pudesse coçá-la com os dedos do outro pé. Mas de alguma forma, isso pareceu inspirar coceira em outros lugares.

"Só ouvi uma pessoa dizer isso, mas após investigação descobri várias pessoas que testemunharam isso." A expressão de Jinshi era difícil de ler.

"O ópio já foi amplamente utilizado aqui?"

"Seria o fim do maldito país se produtos como o ópio circulassem!"

Consorte Gyokuyou e Hongniang olharam para Jinshi, com os olhos arregalados com a mudança repentina de tom. Gaoshun franziu a testa e tossiu educadamente. A raiva permaneceu no rosto de Jinshi por mais um instante, mas no segundo seguinte, o sorriso celestial retornou. Maomao olhou para ele quase suplicante. Ela simplesmente não lidou bem com aquele sorriso. Gyokuyou os observava com considerável diversão, embora a própria Maomao não estivesse nem um pouco divertida.

"Você não pode?" Jinshi disse.

Sim! Espaço pessoal! Maomao pensou. Ele continuou se inclinando, mas ela não o queria mais perto do que já estava. Finalmente, ela soltou um suspiro. **"O que você quer que eu faça, senhor?"**

"Gostaria que elas estivessem prontas até a festa no jardim no próximo mês."

Era hora da festa de primavera. Já fazia tanto tempo desde o último? As emoções de Maomao ameaçavam dominá-la quando ela pensava. *Huh? Próximo mês?*

“Mestre Jinshi, você está ciente?”

"Sobre o que?" Ele olhou para ela, curioso.

Ele não entendeu. Claro que não. Não haveria rosas azuis, e não poderia haver rosas azuis, e não era um problema de cor.

“Serão necessários pelo menos mais dois meses até que qualquer rosa floresça.”

O silêncio dele era a prova dela: ele não tinha ideia. Claro. Ela estava começando a ter um de seus sentimentos ruins. Ele iria insistir no assunto e ela não iria gostar.

“Vou recusar... de alguma forma.” Os ombros de Jinshi caíram.

“Posso perguntar uma coisa, senhor?” Maomao disse. Jinshi olhou para ela esperançoso. **“Será que esse pedido teria vindo de um certo comandante militar?”** Foi a única coisa em que conseguiu pensar, considerando as circunstâncias. *Isso explicaria a coceira*, ela pensou. Ela tinha suas suspeitas; e seu corpo reagiu numa demonstração de negação absoluta desse nome que ela não queria ouvir.

"De fato. Laka—”

Jinshi tapou a boca com as mãos antes que pudesse pronunciar o nome. Gyokuyou e Hongniang olharam para ele, perplexas.

Ele estava falando, é claro, sobre *ele*.

Então não há como evitar isso, pensou Maomao. Se ele estava envolvido, então ela tinha uma certa responsabilidade.

“Não sei se posso ajudá-lo”, disse ela, **“Mas vou tentar”.**

"Tem certeza?"

"Tenho certeza. Mas há algumas coisas – e um lugar – que vou precisar.”

Teria sido muito irritante simplesmente fugir do desafio. Nada lhe teria agradado mais do que arrancar o monóculo daquele rosto malicioso e quebrá-lo.

○●○

A festa primaveril no jardim aconteceria entre as peônias. Normalmente teria sido realizada um pouco mais cedo, mas as pessoas continuavam reclamando do frio, por isso foi adiada. Talvez devessem ter feito isso antes, mas o precedente era algo difícil de mudar.

Um tapete vermelho foi estendido e mesas compridas cercadas por cadeiras foram colocadas no jardim. Os intérpretes musicais afinavam incansavelmente seus instrumentos, prontos para tocar sempre que fosse necessário. As mulheres corriam de um lado para outro, certificando-se de que tudo estava em ordem, enquanto jovens militares acariciavam suas barbas ainda subdesenvolvidas e apreciavam a vista.

Uma cortina foi colocada atrás de todos como persiana, e alguém atrás dela estava fazendo barulho. Uma garota magra – praticamente emaciada, na verdade – segurava um vaso gigante de flores. Nele havia rosas coloridas, embora ainda fosse muito cedo para elas.

“Você realmente conseguiu”, disse Jinshi, olhando para as rosas, cujos botões ainda não haviam aberto. As flores eram vermelhas e amarelas, e brancas, e rosa, e sim, azuis – assim como pretas, roxas e até verdes. Quando Maomao prometeu tentar criar rosas azuis, ninguém imaginava esta panóplia de cores. Jinshi ficou atrás, imaginando como ela tinha feito isso.

“Posso te dizer, não foi fácil. Eu nem fiz com que florescessem”, disse Maomao com genuíno pesar. Ela não lamentou ter falhado com Jinshi, mas ficou desapontada por não ter sido capaz de fazer as coisas acontecerem exatamente como ela havia imaginado. Jinshi já sabia que ela era assim, mas isso ainda o irritava.

Isso o irritou muito.

"Não, isso está bom." Ele pegou uma rosa, com água pingando de seu caule. **“Hum?”** Algo parecia errado. No momento, porém, ele não se importou; ele colocou a rosa de volta no vaso.

Ele ficou surpreso porque, embora ela só tivesse concordado com rosas azuis, Maomao tivesse produzido um verdadeiro arco-íris. Seja como for, ela parecia prestes a desmaiar de puro cansaço. Ele a confiou aos cuidados das damas de companhia do Palácio de Jade, enquanto pegava o vaso e o colocava no assento de honra. Mesmo sendo botões, e não

flores, as rosas eram mais que suficientes para roubar o trovão das peônias; todos pareciam notá-las e todos ficaram surpresos.

Murmúrios se espalharam entre os funcionários reunidos, junto com alguns bufos irônicos: isso não era possível.

Jinshi era um eunuco nas boas graças de Sua Majestade. Além do mais, embora entendesse que parecia arrogância dizer isso, ele sabia que sua aparência era suficiente para tirar o fôlego de qualquer pessoa. Mas apesar de tudo isso, ele ainda tinha seus inimigos. Seria preciso ser praticamente desprovido de ambição para aproveitar a perspectiva de um jovem eunuco se esforçando ao lado do imperador — e a maioria dos funcionários era tudo menos isso. Jinshi nunca deixou seu sorriso de ninfa desaparecer, certificando-se de que sua postura estava perfeitamente reta enquanto se aproximava do estrado. O imperador com sua barba prodigiosa estava ali sentado, rodeado de belas mulheres.

Os olhares focados em Jinshi escondiam muitos pensamentos e sentimentos diferentes. A luxúria estava bem para ele – havia inúmeras maneiras de usá-la. Ciúme da mesma forma. Muito simples de explorar. O que quer que alguém esteja sentindo, desde que você saiba o que é, há maneiras de lidar com isso.

Muito mais problemático quando uma pessoa era difícil de ler. Jinshi olhou para o oficial sentado à esquerda do imperador. Bochechas cheias – e olhos que nunca revelavam o que ele estava pensando. Se Jinshi se sentia um pouco desconfortável perto dele, quem poderia culpá-lo?

Para esse homem, Jinshi era apenas um jovem arrivista e, ainda por cima, um eunuco. Em determinado momento, ele parecia estar estudando Jinshi atentamente; no seguinte, era como se estivesse olhando para o vazio. O sorriso do homem era ambíguo, desafiando a interpretação exata.

Ele era Shishou, o pai de uma das consortes atualmente no palácio interno – Loulan. Ele teve o afeto imperial durante o reinado anterior – não do imperador, mas de sua mãe, a imperatriz viúva – e continuou a dominar o governante atual.

Não foi uma coisa boa.

Mesmo assim, Jinshi nunca deixou seu sorriso escapar...

Pelo menos, não intencionalmente.

Então seu olhar foi de Shishou, à esquerda do imperador, para o homem sentado à direita do imperador, e seus olhos se encontraram. Este homem usava um monóculo em um de seus olhos de raposa e comia uma asa de frango sem se preocupar com o decoro. Ele parecia pensar que estava sendo sutil, mas dava uma mordida, guardava a comida na manga e depois dava outra mordida antes de escondê-la novamente.

No momento, este era o homem que Jinshi considerava mais perigoso: Lakan. Ele parecia estar estudando a cabeça do alto funcionário que estava ao seu lado. Então, como se a asa de frango não bastasse, ele estendeu a mão e arrancou o boné do oficial. O que ele poderia estar pensando?

Por alguma razão, um chumaço de penugem preta estava preso na parte de baixo do boné. Lakan fingiu uma expressão de espanto. Quando perceberam que podiam ver a cabeça descoberta do homem, três funcionários à sua frente ficaram em silêncio.

Foi uma brincadeira cruel, expondo a peruca (reconhecidamente bem feita) do homem. Algumas pessoas riram da travessura infantil, algumas ficaram abertamente exasperadas e algumas estavam ocupadas tentando controlar uma onda de raiva. Jinshi não foi o único que não conseguiu manter uma expressão impassível.

Não seria bom para ele cair na gargalhada, então ele de alguma forma dominou seu rosto e, em vez disso, se ajoelhou no tapete. Ofereceu o vaso de rosas ao imperador, que coçou a barba e assentiu com indisfarçável prazer. Jinshi evitou suspirar enquanto se retirava respeitosamente.

Lakan inspecionou as rosas teatralmente, desta vez com uma uva seca nos dedos. Jinshi não pôde deixar de se perguntar por que nada acontecia com suas falhas de civilidade.

○●○

“Você não deve mais ir ao Palácio de Cristal.”

A cabeça de Maomao descansou nos joelhos de Yinghua. Eles estavam em um pavilhão ao ar livre, a alguma distância do banquete. Yinghua estava bastante preocupada com Maomao e estava de olho nela.

Com sua gravidez começando a aparecer, a consorte Gyokuyou se ausentou deste evento sob o pretexto de que estava dando seu lugar a Loulan, a nova consorte Pura para quem foi na verdade uma estreia pública.

Por que Maomao ficou tão magra a ponto de alarmar Yinghua? Parecia que toda vez que ela ia ao Palácio de Cristal, ela acabava devastada pelo cansaço.

Foi lá que ela esteve durante o último mês ou mais; ela pediu a Jinshi que fizesse os preparativos. As damas de companhia do Palácio de Cristal continuaram a olhar para ela como se pensassem que ela era algum tipo de espírito maligno, mas ela não lhes deu atenção. Havia algo que ela precisava para fazer suas rosas azuis.

O "lugar" que ela solicitou a Jinshi foi a sauna do Palácio de Cristal, que ela pediu para construir quando a consorte Lihua estava convalescendo. Maomao sabia que, apesar do alto status da consorte, Lihua poderia ser uma pessoa muito generosa, então ela percebeu que não faria mal nenhum perguntar se ela poderia emprestar a banheira. E, de fato, Lihua concordou sem hesitação.

Maomao ainda se sentia mal por usar o lugar de graça, então ela trouxe um livro que obteve recentemente na Casa Verdigris. **"Este é o material de leitura favorito de Sua Majestade",** disse ela ao entregá-lo a Lihua. O imperador havia solicitado "textos" novos e diferentes, então um deles poderia muito bem vir de Lihua.

Quando a consorte percebeu que tipo de livro era, ela calmamente o guardou em seus aposentos privados, mantendo seu comportamento elegante o tempo todo. Suas damas de companhia sussurravam entre si enquanto observavam sua dama ir para seu quarto.

Maomao olhou para elas com um olhar distante; ninguém jamais imaginaria que uma mulher tão aristocrática teria um livro como esse enfiado na manga.

Tendo assim conquistado a boa vontade da dona da casa, Maomao recebeu autorização para construir um pequeno barracão no pátio, para onde fluiria o vapor da sauna. O prédio parecia um tanto estranho: tinha grandes janelas, inclusive uma bem no telhado. Assim como a sauna em si, era cara — bem, cara para Jinshi, que pagou por ela do próprio bolso. Nenhuma pele no nariz de Maomao. Ainda assim, ela não podia deixar de se perguntar quanto de salário ele deveria receber para pagar coisas como essa.

Ela trouxe rosas para o prédio. Não apenas um ou alguns, mas dezenas, centenas. Ela os cultivava em meio ao calor do vapor, certificando-se de que recebessem bastante luz e levando-os para fora quando o tempo estava bom. Em qualquer noite fria o suficiente para ameaçar geada, ela ficava acordada com as flores a noite toda, derramando água sobre as pedras quentes para mantê-las aquecidas.

Mais de uma vez, todas as idas e vindas fizeram com que o ferimento em sua perna se abrisse. Quando Gaoshun descobriu isso, ele insistiu em designar outra empregada para cuidar de Maomao. Xiaolan, entre todas as pessoas, foi quem chegou. (Como Gaoshun sabia sobre ela?) Foi simples o suficiente para motivar Xiaolan: quando ela descobriu que não apenas poderia pular suas tarefas, mas também receber lanches, ela ficou emocionada em fazê-lo. Ela provavelmente foi a única coisa que impediu Maomao de desmaiar por excesso de trabalho.

O objetivo de Maomao em todas essas manobras elaboradas era confundir as rosas. As flores desabrocham de acordo com a estação, mas de vez em quando, por qualquer motivo, podem florescer em uma época diferente do ano. Era isso que Maomao esperava: fazer com que as rosas pensassem que era hora de florescer.

Ela trouxe um grande número de plantas sabendo que nem todas produziriam botões. Ela escolheu uma espécie que floresceu cedo, e nem todas as rosas de sua coleção eram da mesma variedade. Com apenas um mês para trabalhar, ela não podia garantir o sucesso – por isso ficou muito feliz quando viu os primeiros botões. Ela sabia que esse seria o verdadeiro desafio, muito mais difícil do que conseguir a cor certa. Ela conseguiu vários ajudantes eunucos de Jinshi, mas as sutilezas de manter a temperatura correta eram algo que só ela poderia supervisionar. Se houvesse o menor erro e as rosas morressem, tudo seria em vão.

De vez em quando, as mulheres do Palácio de Cristal ficavam por ali, por pura curiosidade ou pelo desejo de testar sua coragem contra o simples medo de ver Maomao. Elas

começaram a irritá-la, então Maomao decidiu arranjar outra coisa para prender a atenção deles. Mas o que? A ideia surgiu quando ela estava olhando para os dedos, pensando no que fazer.

Ela pegou um pouco de rouge e pintou nas unhas, depois poliu cuidadosamente com um pano. Era uma manicure simples, o tipo de coisa que faziam o tempo todo no bairro do prazer, mas era incomum no palácio interno. Tal decoração atrapalharia o trabalho – mas atraiu imediatamente o interesse das senhoras do Palácio de Cristal, que, para começar, não trabalharam muito. Maomao certificou-se de que as outras mulheres "por acaso" avistassem suas unhas, fazendo com que elas corressem para seus próprios quartos para desenterrar o rouge.

Isso funcionou muito bem, Maomao pensou, e então ela teve uma ideia um pouco perversa. Ela decidiu sugerir uma manicure para a consorte Lihua também.

O palácio interno tinha suas próprias tendências, e as criadoras de tendências eram frequentemente as damas que estavam sob os olhos do imperador. E como até mesmo uma empregada, caso se tornasse companheira de cama de Sua Majestade, poderia ser elevada ao status de consorte, era natural que todas as mulheres do palácio interno quisessem imitar qualquer coisa que pudesse agradar ao imperador.

No momento, era inquestionavelmente Loulan quem estava na vanguarda da moda no palácio interno, mas ela trocava de roupa com tanta frequência que nenhum de seus looks conseguia se firmar como uma tendência genuína. Quando Maomao voltou ao Palácio de Jade para fazer a degustação da comida de Gyokuyou, ela mostrou sua manicure a Preciosa consorte e às outras damas de companhia. Hongniang vociferou sobre a ineficiência disso, mas as outras ficaram todas muito impressionadas.

Gostaria de ter algumas plantas de bálsamo ou azeda. O bálsamo, que às vezes era chamado simplesmente de "avermelhador de unhas", podia ser triturado junto com azedinha (às vezes chamada de "pata de gato" na língua de Maomao) e aplicado nas unhas. A azeda ajudou a realçar a cor vermelha do bálsamo.

Mais ou menos na mesma época em que a mania das manicures começou a tomar conta no palácio interno, os botões das rosas começaram a inchar e a brotar, uma profusão de pétalas brancas. Todas as rosas que Maomao escolheu eram brancas.

"O que diabos você fez?" Jinshi perguntou ao voltar depois de apresentar as flores. Havia um sulco profundo em sua testa e Gaoshun, atrás dele, parecia igualmente intrigado.

Yinghua foi embora, dispensada por Jinshi. Embora Maomao fosse publicamente a dama de companhia da consorte Gyokuyou, Jinshi ainda era tecnicamente seu empregador direto.

“Eu as pintei.”

“Tingiu-as? Mas não há nada nelas”, disse Jinshi, arrancando uma pétala.

“Não do lado de fora”, disse Maomao. **“Eu as pintei por dentro.”** Ela pegou uma das rosas azuis e apontou para onde o caule foi cortado. Gotículas de líquido azul grudaram nele.

Ela colocou as rosas brancas em água colorida. Foi tão simples assim. As flores absorveram a água, a cor e tudo, através de seus caules, tingindo as pétalas de todo um arco-íris de matizes. No entanto, quando eram dispostas juntas num vaso, todas as flores, exceto as brancas, tinham que ser tratadas de maneira especial, para que as cores não se misturassem e tornassem as flores de um preto desagradável.

Assim, embora as rosas parecessem dispostas todas num único vaso, a base de cada haste foi forrada com um pedaço de algodão impregnado de cor e fixada com papel oleado. Maomao deixou o papel ali até o momento da entrega das flores.

Isso realmente era tudo o que havia para fazer.

Sendo o artifício tão simples, era concebível que alguém descobrisse e dissesse alguma coisa, mas Maomao também tinha um jeito de lidar com isso. Na noite anterior ao banquete, quando Sua Majestade visitou o Palácio de Jade, ela lhe contou exatamente o que havia feito. Todo mundo gosta de ser o primeiro a saber um segredo e, com o prazer de ter participado do jogo, Sua Majestade parecia capaz de permanecer de bom humor, independentemente do que alguém lhe dissesse.

Parecia que Jinshi havia se retirado antes que o imperador tivesse a chance de lhe contar a história.

“Em outras palavras, a última vez que houve rosas azuis por aqui foi porque alguém teve tempo suficiente para passar todos os dias infundindo as rosas com água azul”, disse Maomao, olhando para o jardim de rosas.

“Mas por que diabos alguém se daria a todo esse trabalho?”

"Quem sabe? Queria impressionar uma mulher, talvez”, disse Maomao categoricamente. Então ela tirou uma caixa estreita e longa de madeira de paulownia das dobras de seu

manto. Parecia a caixa onde ela guardava o fungo da lagarta, mas era algo que ela havia enviado quando solicitou os livros "especiais".

"Isso é incomum", disse Jinshi, olhando para a caixa. **"Você pinta as unhas?"**

"Sim, embora não possa dizer que combina comigo." Ser exposta a tantas drogas e venenos e esfregar e lavar tanto deixou suas mãos em um estado lamentável. O dedo mínimo da mão esquerda estava ligeiramente deformado. Pintá-lo de vermelho não mudaria a forma pouco natural, mas ajudou.

Jinshi parecia um pouco interessado demais, então ela o olhou do jeito que sempre fazia: como se ele fosse um peixe olhando boquiaberto para a superfície da água.

Ops, não posso estar fazendo isso, ela lembrou a si mesma, balançando a cabeça. Se uma pequena espiada fosse suficiente para irritá-la, ela nunca duraria com ele. De qualquer forma, ela ainda tinha trabalho a fazer.

"Mestre Gaoshun. Você tem o que eu pedi?"

"Sim. Exatamente como você pediu."

"Muito obrigada."

O cenário estava montado. Ela daria àquele bastardo o maior susto de sua vida.

Capítulo 19: Unhas Vermelhas

As rosas repugnantemente multicoloridas roubaram a cena na festa no jardim. Lakan olhou para elas vagamente. A apresentação musical praticamente o embalou para dormir; ele estava segurando o boné de alguém com uma bola de penugem presa na mão e nem sabia onde o havia conseguido.

Tudo bem, pensou Lakan, e colocou o chapéu ao lado dele na mesa. O oficial ao lado dele pegou-o avidamente e arrumou-o na cabeça. Ele parecia olhar com reprovação para Lakan, mas o estrategista não sabia realmente por quê. Resolveu tirar o monóculo, polir com um lenço e depois colocá-lo de volta no outro olho.

As rosas foram posicionadas bem no centro do banquete, como que para mostrar o mau gosto de quem as arranjou.

Ele estava num banquete; ele se lembrava disso. A música enrolava-se à sua volta e serpentinas de seda agitavam-se. Ele foi presenteado com uma refeição que era claramente o máximo do luxo, e ele podia sentir o cheiro de vinho por toda parte.

Acontece que Lakan nunca foi muito bom em lembrar coisas que não lhe interessavam. Ele se lembrou do que havia acontecido, mas não das emoções que o acompanharam; ele se sentia completamente divorciado delas.

Antes que ele percebesse, os procedimentos terminaram e duas consortes, uma vestida de preto e a outra de azul, estavam recebendo do imperador rosas combinando com as cores que usavam. Lakan ouviu sussurros ao seu redor indicando o quão lindas as mulheres eram, mas ele não sabia. Se os rostos das pessoas eram bonitos ou feios era outra coisa com a qual ele nunca teve uma conexão.

Deus, isso era chato. Não era *ele* ali? Por que se dar ao trabalho de provocá-lo se ele nem iria gozar?

Ele não teve escolha a não ser encontrar outra pessoa para provocar. Ele poderia pelo menos desabafar um pouco. Ele olhou em volta: ainda havia muita gente ali.

Ele odiava multidões.

Os rostos da maioria das pessoas pareciam pedras de Go para ele. Ele sabia diferenciar entre homens e mulheres, pois os rostos dos homens pareciam pedras pretas, e os das mulheres, como brancos, mas todos tinham caricaturas de rostos indefinidos e inexpressivos. Algumas das pessoas que ele conhecia particularmente bem no serviço militar haviam se tornado parecidas com peças de Shogi, mas isso era tudo. Todos os grunhidos parecem peões e, à medida que suas fileiras subiam, começaram a parecer lanças ou cavaleiros, as peças mais poderosas do jogo.

O trabalho de um comandante militar era simples: organizar as peças onde cada uma fosse mais adequada. Um lugar para tudo e tudo no seu lugar; foi isso que venceu a maioria das batalhas. Não foi difícil! Isso foi tudo que Lakan teve que fazer e seu trabalho estava concluído. Ele próprio poderia ser um soldado sem talento, mas se conseguisse distribuir suas peças corretamente, as pessoas ao seu redor cuidariam de seu trabalho. De qualquer forma, era assim que Lakan se sentia a respeito do assunto.

Mesmo aquele homem que todos diziam ser tão lindo quanto uma ninfa celestial – Lakan teve que acreditar na palavra deles. Ele não sabia dizer. Tudo o que ele sabia era que precisava encontrar um general de ouro com uma prata promovida a reboque.

E encontrar pessoas era algo a que ele estava acostumado.

Argh, mas seus olhos doíam mais do que o normal hoje. O vermelho ficou preso neles. Todas tinham pigmento vermelho nas pontas dos dedos.

Esse chamado "polonês vermelho" deveria estar na moda entre as mulheres do palácio atualmente. O esmalte vermelho que ele lembrava, flutuando em suas memórias, nunca foi tão berrante. Era mais fino, mais leve. O vermelho do bálsamo.

A palavra tocou seu coração, lembrando-lhe o nome de uma cortesã. Enquanto o pensamento flutuava em sua mente, uma diminuta mulher do palácio apareceu diretamente em sua linha de visão. Ela parecia pequena e frágil, mas determinada, como a azeda.

Ela virou os olhos vazios para ele. Quando ela viu que ele estava olhando para ela, ela se virou como se dissesse: Venha comigo.

Além do jardim de peônias, uma prancha de Shogi havia sido instalada em um pequeno pavilhão ao ar livre. Em cima do tabuleiro havia uma caixa de madeira de paulownia, dentro da qual repousava algo que parecia os restos murchos de uma rosa.

"Posso te pedir um jogo?", disse a garota, mas sua voz era monótona, sem emoção, enquanto ela juntava os cacos.

Perto estava o general dourado, com sua prata promovida à mão.

Que possível razão ele poderia ter para recusar? Como ele poderia recusar um pedido desta querida garotinha; sua querida garotinha?

Lakan sorriu astuciosamente.

○●○

O que diabos ela esperava alcançar?

Maomao pediu a Jinshi que fosse para casa, se fosse possível; ele, por sua vez, a ignorou. Ela parecia profundamente descontente, mas aceitou com a condição de que ele ficasse quieto.

Então ela fez seu convite tácito ao comandante, após o qual começou a alinhar as peças do Shogi.

Seu rosto estava totalmente desprovido de emoção; até mesmo sua habitual reticência fria parecia calorosa e humana em comparação. Ela coçava as costas da mão de vez em quando; talvez ela tenha sido picada por um inseto.

“Então, quem vai primeiro?” Lakan perguntou. Seus olhos, um deles atrás de um monóculo, brilhavam de alegria genuína. Isso só mostrou o quão obcecado ele estava por este jogo.

“Antes de decidirmos isso, vamos definir as regras – e a aposta”, disse Maomao.

“Isso deve ser bastante fácil.”

Jinshi olhou por cima do ombro de Maomao para o tabuleiro. Lakan lançou-lhe um sorriso perturbador, mas esta era uma disputa que ele não iria perder. Ele derramou cada vez mais mel em seu próprio sorriso.

Seria uma disputa padrão de três jogos em cinco. Jinshi simplesmente não entendeu. O comandante nunca havia sido derrotado em Shogi. A própria escolha de jogo de Maomao foi uma loucura. Pela forma como a testa de Gaoshun estava franzida, parecia que ele compartilhava da opinião de Jinshi. O que poderia estar passando pela cabeça de Maomao?

“Que peças você quer para o seu *handicap[1]? Uma torre, talvez? Ou um bispo?”** Lakan disse.

“Não preciso de ajuda”, respondeu Maomao. Jinshi, porém, achou que Lakan foi muito brincalhão ao oferecer uma, e que Maomao deveria ter aceitado educadamente.

"Muito bem. Se eu ganhar, você se tornará minha filha”

Jinshi quase se opôs em voz alta a isso, mas Gaoshun o deteve. Eles haviam prometido não falar.

“Atualmente estou empregada, então você teria que esperar até que meu período de serviço expire.”

"Empregada?" Os olhos de raposa olharam na direção de Jinshi. Ele nunca deixou escapar o sorriso, embora tivesse que resistir a um tremor nas bochechas. **"Você está mesmo?"**

“Sim, e a papelada diz isso.”

E assim aconteceu – pelo menos era o que dizia o papel que Maomao vira. Mas suponhamos que tenha sido a velha madame — sua guardiã, de certo modo — quem realmente o assinou? O homem que era na verdade o pai adotivo de Maomao tomou o pincel da mão de Maomao.

“Bem, espero que esteja tudo em ordem. Mas o mais importante...” Lakan a estudou. **"O que você irá pedir?"**

“Sim, a aposta que solicito.” Maomao fechou os olhos. **“Talvez eu possa pedir que você compre uma cortesã da Casa Verdigris?”**

Lakan acariciou seu queixo. **“Devo dizer que de tudo que pensei que você poderia pedir, eu não esperava isso.”**

Maomao permaneceu completamente impassível. **“A senhora está tentando expulsar aqueles que estão envelhecendo. Não vou estipular quem você deve comprar.”**

“Então chegou a esse ponto.” Lakan parecia absolutamente exasperado de alguma forma. E então ele sorriu. **“Mas se é isso que você pede, então é isso que devo aceitar. Isso é tudo que você pede?”**

Maomao olhou para Lakan com frieza. **“Talvez eu também pudesse estipular duas regras adicionais.”**

"Fale-as."

"Tudo bem." Maomao pegou uma garrafa de vinho que ela pediu a Gaoshun para preparar. Ela despejou quantidades iguais em cinco xícaras separadas. O cheiro sugeria que era uma coisa distintamente potente.

Então Maomao tirou alguns pacotes de remédios de sua manga e espalhou um em três dos copos. Cada um deles continha um pó de aparência semelhante. Ela inclinou suavemente cada xícara, dissolvendo o pó, depois embaralhou rapidamente as cinco xícaras até que fosse impossível dizer quais eram quais.

“Após cada jogo, o vencedor escolherá um desses copos e o perdedor deverá beber dele. O perdedor não precisa esvaziar o copo inteiro; um bocado bastará.”

Jinshi estava com um pressentimento muito, muito ruim sobre isso. Ele passou diretamente por trás de Maomao para o lado. Ele teve a impressão de que o rosto dela estava levemente corado. Anteriormente tão sem emoção, seus lábios agora flertavam com um sorriso.

Ele sabia o que levou Maomao a fazer aquela cara. Ele queria saber o que era o pó, mas não ousou perguntar. Ele estava com raiva de si mesmo por não poder perguntar.

Em vez disso, Lakan expressou a pergunta. **“O que foi aquele pó que você colocou neles?”**

"Uma droga. Medicinal, em pequenas quantidades.” Mas, acrescentou Maomao, todas as três xícaras juntas seriam tremendamente venenosas. Ela conseguiu dizer isso com um sorriso no rosto, garota estranha que era. **“A outra regra que peço”**, disse ela, **“é que se uma pessoa abandonar um jogo por qualquer motivo, isso será considerado uma perda. Essas são minhas duas regras.”**

Ela balançou suavemente as xícaras que poderiam ou não estar envenenadas. Sua mão estava manchada de vermelho e nessa mão o dedo mínimo estava deformado.

Lakan olhou atentamente para aquele dedo.

Maomao pensou nas coisas mais terríveis, refletiu Jinshi. Mesmo sabendo que tudo ficaria bem, desde que não se bebessem as três xícaras, ela parecia arrogante. Ela estava tentando obter uma vantagem psicológica? É verdade que qualquer adversário comum poderia ter ficado abalado pela pressão extra. Mas este não era um adversário comum; foi o próprio estrategista mestre, amplamente considerado um jogador superlativo. Seria necessário mais do que uma tática assustadora para deixá-lo fora de forma.

Como qualquer um poderia ter previsto, Maomao perdeu os dois primeiros jogos consecutivos.

Jinshi pensou que talvez ela pelo menos conhecesse os meandros do jogo, mas ficou claro que ela conhecia, na melhor das hipóteses, as regras e não tinha experiência real de jogo real. Ela já havia bebido duas xícaras; com bastante ansiedade, na verdade.

Pela enésima vez, Jinshi se perguntou o que ela poderia estar pensando.

O terceiro jogo estava apenas começando, mas o resultado já parecia aparente. Quando Maomao bebesse a terceira xícara, ela poderia se envenenar. As chances de pegar um dos copos drogados eram de três em cinco na primeira vez, e depois do segundo jogo, de duas

em quatro. Depois deste último jogo, a chance seria de uma em três. Em outras palavras, havia uma chance em dez de ela estar prestes a se envenenar horrivelmente.

Jinshi não tinha certeza do que era mais assustador: a ideia de que Maomao poderia se envenenar ou a percepção de que ele sabia que ela poderia beber o veneno e ficar bem. Ele não tinha certeza se Lakan sabia o quão resiliente Maomao era quando se tratava de substâncias tóxicas.

Ele olhou para Gaoshun, imaginando o que fariam quando o vencedor fosse decidido. Naquele momento, ouviu-se uma voz: **"Cheque".** Mas a voz não pertencia a Lakan; era de Maomao.

Jinshi e Gaoshun olharam para o tabuleiro e descobriram que o general dourado de Maomao se aproximava do rei de Lakan. A maneira como ela usou suas peças foi patética e amadora — mas não havia como negar que o rei estava preso sem saída.

"Bem, diabos. Eu me rendo." Lakan ergueu as mãos.

"Uma vitória é uma vitória, mesmo que você tenha dado para mim, certo?" Maomao disse.

"Então é. Deus sabe que não posso envenenar minha própria filha, mesmo que faça isso por engano."

A expressão de Maomao não mudou enquanto ela bebia as duas xícaras; era impossível saber se continham drogas ou não. Lakan olhou para sua filha inexpressiva com um sorriso um tanto intimidado. **"Essa droga que você usou tem algum gosto?"** ele perguntou.

"É bastante salgado. Você saberá no primeiro gole."

"Tudo bem então. Qual você escolherá para mim?"

"Pegue o que você quiser."

Então era isso: Lakan podia se dar ao luxo de perder dois jogos. Se alguma das bebidas que tomasse tivesse sabor salgado, ele saberia que Maomao estava fora de perigo. As porcentagens eram as mesmas, mas esse era um método muito mais seguro. Nada escapou deste homem.

Lakan pegou a xícara do centro e levou-a aos lábios.

“Ufa. Salgado."

Jinshi baixou a cabeça. Aos seus ouvidos, as palavras sinalizavam que tudo acabaria no próximo jogo. Ele se perguntou o que faria agora...

"E quente." Ele olhou para cima quando ouviu isso. O rosto de Lakan estava vermelho brilhante e ele balançava de forma instável. Então o sangue sumiu de seu rosto e de repente ele caiu, pálido como um lençol.

Gaoshun correu e apoiou Lakan.

"Que diabos está errado com você?" Jinshi exigiu. **“Você disse que uma dose daquela droga era segura!”** Não importa o quanto ela odiasse Lakan, ele não conseguia acreditar que ela realmente o envenenaria.

"Eu sei. E é”, respondeu Maomao, parecendo completamente irritada. Ela pegou uma jarra de água próxima e levou-a para Gaoshun e Lakan. Ela abriu os olhos de Lakan para ter certeza de que ele não estava em coma, depois jogou água em sua boca, forçando-o a beber. Ela não era exatamente gentil.

“Mestre Jinshi”, disse Gaoshun, perplexo. **“Ele parece estar... bêbado.”**

“O álcool é o rei de todas as drogas”, comentou Maomao. Ela disse que simplesmente adicionou um pouco de sal e açúcar para ajudar o corpo a absorvê-los. Ela estava atendendo Lakan, embora com um mínimo de entusiasmo. Apesar de sua aversão por ele, ela evidentemente faria justiça à sua vocação como apotecária. **“E esse homem não bebe”,** disse ela.

Com isso, Jinshi finalmente entendeu o que ela estava tramando o tempo todo. Ele percebeu que só tinha visto Lakan beber suco, nunca álcool.

“Tudo bem”, disse Maomao, coçando a nuca e olhando para Jinshi. **“Vamos arrastá-lo para o bordel para que ele possa colher uma flor.”**

Ela parecia praticamente desinteressada. Jinshi só pôde oferecer um atordoado **“Certo”.**

[1] Handicap: O handicap é uma técnica usada nas apostas esportivas para nivelar as chances entre duas equipes ou jogadores. Ele é aplicado quando há uma grande diferença de habilidade entre os competidores, tornando a competição mais justa e as apostas mais atraentes.

Capítulo 20: Bálsamo e Oxalis

Uma lembrança antiga voltou para ele. Tantas cenas em preto e branco – só essa ostentava um leve vermelho. Parecia que ele tinha dificuldade em ver coisas que os outros viam facilmente, mas isso por si só brilhava e era claro.

Vermelho. Vermelhos eram os dedos que seguravam as pedras de Go ou as peças de Shogi.

Seus músculos tonificados e ondulantes teriam causado inveja a qualquer um. Apenas uma pessoa não pareceu impressionada com eles: aquela grande dama, a estimada cortesã Fengxian.

Às vezes ele era obrigado a visitar bordéis quando saía socialmente com outras pessoas, mas, para ser franco, eles pouco lhe interessavam. Ele não podia beber álcool e dançar ou fazer apresentações de *erhu* não o entusiasmava. Não importa o quão lindamente uma mulher estivesse vestida, ela parecia nada mais do que uma simples pedra de Go branca para ele.

Ele já era assim há muito tempo: não conseguia distinguir um rosto humano do outro. Mas mesmo isso foi uma melhoria. Já era ruim o suficiente confundir a mãe com a ama de leite, mas ele não conseguia nem distinguir os homens das mulheres.

Seu pai, sentindo que não havia nada que pudesse fazer pelo filho, começou a sair com uma jovem amante. Sua mãe imediatamente começou a conspirar para recuperar o marido – embora ele tivesse abandonado o filho porque o menino não conseguia identificar o rosto do próprio pai!

Assim, apesar de ter nascido como filho mais velho de uma família proeminente, Lakan viveu a sua vida com uma liberdade incomum – uma bênção, no que lhe dizia respeito. Ele se perdeu em Go e Shogi, que aprendeu jogando jogo após jogo; ele ficava atento aos rumores e de vez em quando fazia uma pequena pegadinha.

Aquela vez que ele fez florescer rosas azuis no palácio? Isso foi algo que ele tentou depois de ouvir seu tio falar sobre isso. Seu tio nem sempre foi a pessoa mais agradável, mas era, segundo o jovem, o único que o entendia. Foi o seu tio quem lhe disse para se concentrar não nos rostos das pessoas, mas nas suas vozes, na sua linguagem corporal, nas suas silhuetas. A vida ficou um pouco mais fácil quando ele começou a atribuir peças de Shogi às pessoas de quem era mais próximo; com o tempo, ele chegou a um ponto em que apenas

aquelas pelas quais ele não tinha interesse eram pedras de Go, enquanto aquelas com as quais ele estava começando a se tornar mais íntimo apareciam como peças de Shogi.

Quando seu tio começou a aparecer como um rei dragão – uma torre promovida – o jovem tinha certeza de que seu tio era uma pessoa de grande realização.

Para ele, Go e Shogi eram simplesmente jogos, extensões de seu lazer. Ele nunca imaginou que eles revelariam suas verdadeiras aptidões. Sua origem familiar proporcionou-lhe outro golpe de sorte: embora não tivesse talentos marciais especiais, foi prontamente nomeado capitão. Ele sabia que não precisava ser forte e poderoso; se ele usasse seus subordinados com sabedoria, o lucro viria. Shogi com peças humanas foi o jogo mais interessante de todos.

Ele continuou invicto tanto nos jogos quanto no trabalho, até que um colega rancoroso o apresentou à famosa cortesã. Fengxian nunca perdeu para ninguém em seu bordel e nunca perdeu para ninguém no exército. Qualquer um deles que tivesse sua sequência quebrada neste jogo, os espectadores iriam se divertir.

Ele descobriu então que era como um sapo vivendo no fundo de um poço. Fengxian quase o quebrou no joelho. Embora ela segurasse as pedras brancas, o que significava que tinha a desvantagem de jogar em segundo lugar, ela acumulou uma quantidade esmagadora de território. Ela pegou as pedras com seus dedos delicadamente pintados e sistematicamente cortou-as no tamanho certo.

Ele mal conseguia se lembrar da última vez que havia perdido um jogo. Ele não sentiu raiva, mas uma espécie de admiração pela ferida implacável que ela lhe infligiu. Fengxian ressentia-se por ele a ter tratado levianamente: presumiu isso pela forma como ela nunca dizia uma palavra, pela forma como até os seus movimentos eram desdenhosos, como se o jogo dificilmente merecesse a sua atenção.

Inteiramente sem querer, ele começou a rir, com tanta força que apertou as laterais do corpo. Os espectadores murmuraram; eles pensaram que ele tinha enlouquecido. Ele riu tanto que seus olhos ficaram turvos pelas lágrimas, mas quando olhou para a impiedosa cortesã, não viu a pedra Go branca de sempre, mas o rosto de uma mulher de mau humor. A expressão em seus olhos não deixaria ninguém se aproximar dela. Assim como seu homônimo, o bálsamo, Fengxian parecia prestes a explodir ao menor toque.

Era assim que os rostos humanos se pareciam?

Foi a primeira vez que ele experimentou algo que outras pessoas consideravam natural.

Fengxian sussurrou algo para um aprendiz que a atendia. A garotinha saiu andando e voltou com uma prancha de Shogi. A cortesã, tão altiva que nem sequer permitia que um homem ouvisse a sua voz no primeiro encontro, desafiava-o para outro jogo.

Desta vez, ele não perderia.

Ele arregaçou as mangas e começou a organizar suas peças.

A mulher chamada Fengxian tinha orgulho de ser cortesã, pelo menos. Talvez fosse porque ela nasceu em um bordel. Ela às vezes dizia que não tinha mãe, apenas uma mulher que a deu à luz — pois no distrito do prazer as cortesãs não podiam ser mães.

O relacionamento deles continuou por anos e anos, e durante as reuniões eles se concentravam em apenas uma coisa: jogar Go ou Shogi. Gradualmente, porém, eles se viram com menos frequência. À medida que cortesãs talentosas se tornaram mais populares, elas também se tornaram mais relutantes em aceitar clientes, e Fengxian não foi exceção.

Fengxian era inteligente, mas dura e severa; isso pode não ter agradado a maioria das pessoas, mas havia um pequeno grupo de obstinados que engoliram tudo. Talvez não haja explicação para o gosto.

O preço dela continuou subindo, até que tudo o que ele podia fazer era vê-la uma vez a cada poucos meses.

Uma vez, quando ele foi ao bordel vê-la depois de uma longa ausência, encontrou-a pintando as unhas, parecendo tão desinteressada como sempre. Flores de bálsamo vermelho e um pouco de grama fina estavam em um prato à sua frente. Quando ele perguntou qual era o último, ela respondeu: "É pata de gato". Uma planta com propriedades medicinais, evidentemente, útil para combater picadas de insetos e alguns venenos.

Curiosamente, o bálsamo e a pata de gato compartilhavam uma característica incomum: se você tocasse nas vagens maduras, elas estourariam e enviariam sementes para todos os lados. Ele pegou uma das flores amarelas, pensando que talvez tentasse tocar em uma na próxima vez que tivesse chance, só para ver o que acontecia – quando Fengxian disse: **"Quando você virá de novo?"**

Que estranho – isso vindo da mulher que só enviava os avisos mais impessoais para lembrá-lo de que seus serviços estavam disponíveis.

"Mais três meses."

"Muito bem."

Fengxian disse a uma aprendiz para limpar seus materiais de manicure e depois começou a preparar um jogo de Shogi.

Foi nessa época que ele ouviu falar pela primeira vez sobre a compra do contrato de Fengxian. Às vezes, o preço tinha pouco a ver com o valor percebido pela cortesã: algumas pessoas aumentavam o valor simplesmente porque não gostavam de um dos outros licitantes.

Ele conseguiu algumas promoções nas forças armadas, mas, enquanto isso, sua posição como herdeiro da fortuna de sua família foi usurpada por um meio-irmão mais novo, e a licitação acabou se tornando impossível para ele acompanhar.

Então o que fazer?

Uma ideia horrível passou pela sua cabeça, mas ele imediatamente a apagou.

Teria sido inimaginável realmente fazer isso.

Mais três meses, outra ida ao bordel, e agora Fengxian estava sentado diante dele com dois tabuleiros de jogo prontos para jogar, um de Go, um de Shogi.

As primeiras palavras que saíram de sua boca foram: **“Talvez uma aposta hoje?”**

Se você ganhar, eu lhe darei o que quiser. E se eu ganhar, pegarei algo que quero.

“Escolha o seu jogo.”

Foi no Shogi que ele teve a vantagem - mas quando ele se sentou, foi na frente do tabuleiro Go.

Fengxian dispensou sua aprendiz, dizendo que queria se concentrar no jogo.

Ele não sabia qual deles havia sido vitorioso, mas a próxima coisa que percebeu foi que suas mãos estavam entrelaçadas. Não houve palavras doces de Fengxian. Ele também não se sentiu obrigado a oferecer palavras insípidas de sentimento. Nesse aspecto, talvez, eles fossem parecidos.

Ele ouviu Fengxian, embalado em seus braços, sussurrar: **“Eu quero jogar Go”.**

Pessoalmente, ele estava pensando em Shogi.

O infortúnio começou depois disso. O tio de quem ele era tão próximo foi demitido do cargo. O homem nunca soube jogar e o pai de Lakan declarou o tio uma vergonha para a família. A desventura do tio não causara nenhum dano à família, mas Lakan agora se encontrava como *persona non grata**[1] por ter estado muito perto dele; disseram-lhe para fazer uma longa viagem e não voltar por um tempo.

Ele poderia ter ignorado isso, mas só teria sido uma dor de cabeça mais tarde. Seu pai também era militar, o que o tornava não apenas um pai, mas um oficial superior. Por fim, ele escreveu ao bordel dizendo que voltaria dentro de meio ano. Isso foi depois que ele recebeu uma carta dizendo que o contrato de compra havia fracassado.

Assim, por um tempo, ele teve a impressão de que tudo ficaria bem.

Ele mal imaginava que levaria cerca de três anos até que ele voltasse.

Quando finalmente voltou para casa, descobriu que uma montanha de cartas havia sido jogada descuidadamente em seu quarto empoeirado. Os galhos amarrados a eles estavam secos, tornando a passagem do tempo dolorosamente evidente.

Seu olhar caiu sobre uma carta que dava sinais de ter sido aberta. Estava cheio de todas as banalidades familiares – mas no canto da carta havia uma mancha vermelho-escura. Ele olhou para a bolsa entreaberta ao lado da carta. Também estava manchada.

Ele abriu a bolsa e descobriu o que pareciam ser dois pequenos galhos, ou talvez pedaços de argila. Um deles era minúsculo; parecia delicado o suficiente para ser esmagado em sua mão.

Ele percebeu tarde demais o que eram: ele próprio tinha dez deles. Isso deu um novo significado ao termo “juramento de mindinho”.

Ele embrulhou novamente os dois gravetos e os colocou de volta na bolsa, depois correu para o distrito de prazeres tão rápido quanto seu cavalo o carregava.

Quando chegou ao bordel, que encontrou parecendo substancialmente mais dilapidado do que quando o viu pela última vez, só havia pedras de Go lá. Não havia ninguém que se parecesse com bálsamo, embora uma mulher o atacasse com uma vassoura. Era a velha senhora; ele percebeu pela voz dela.

Fengxian não estava mais lá: foi a única coisa que a senhora lhe disse. Uma cortesã que foi abandonada por dois prospectos importantes, arrastou o nome de seu estabelecimento na lama e não era mais confiável para ninguém, não teve escolha a não ser fazer truques como uma prostituta comum. Ele não entendeu o que aconteceu com essas mulheres?

Uma pequena reflexão poderia ter revelado a resposta, mas sua cabeça estava cheia de Go e Shogi e nada mais, e ele não foi capaz de chegar à verdade. Jogar-se no chão e chorar, sem se importar com os curiosos, não faria voltar no tempo.

Foi tudo culpa dele por ser tão impulsivo. Tudo isso.

Lakan sentou-se abruptamente na cama, segurando a cabeça ainda latejante. Ele reconheceu o quarto em que estava. Em algum lugar com um incenso perfumado, mas não insuportável.

"Você está acordado agora, senhor?", alguém disse gentilmente. Um rosto parecido com uma pedra Go branca apareceu diante dele. Ele a reconheceu pela voz.

“O que estou fazendo aqui, Meimei?”

Sim, ele conhecia essa cortesã da Casa Verdigris. Ela era aprendiz de Fengxian há muito tempo; aquele que Fengxian havia ordenado que saísse da sala, na verdade, se ele se lembrava corretamente. Ele a via como uma aprendiz, brincando com pedras de Go de vez em quando, e por isso a divertia com jogos ocasionais. Ela sempre ficava envergonhada quando ele dizia que ela era uma jogadora muito boa.

“Um mensageiro de algum nobre trouxe você aqui e deixou você. Sem brincadeira, mas você estava uma bagunça. Não sei se seu rosto estava mais vermelho ou azul!”

Meimei era mais ou menos a única cortesã da Casa Verdigris que o recebia. Era sempre o quarto dela que ele era levado em suas visitas.

“Eu certamente não pensei que terminaria assim.” Ele presumiu que, se sua filha estivesse bebendo, o álcool não poderia ser tão forte. Por outro lado, Lakan nunca esteve muito familiarizado com diferentes tipos de bebidas alcoólicas. Apenas um gole dessa coisa foi suficiente para colocar fogo em sua garganta. Ele pegou uma jarra de água ao lado da cama e bebeu vigorosamente.

Um sabor amargo se espalhou por sua boca e ele cuspiu a água antes de saber o que estava fazendo. **“O-o que é isso?!”**

“Maomao preparou”, disse Meimei. Ele presumiu que ela estava sorrindo, pois cobriu a boca com a manga. A bebida provavelmente pretendia curar a ressaca, mas a forma como foi administrada implicava um toque de malícia. Era estranho que, mesmo assim, ele não conseguisse evitar um sorriso no rosto?

Ao lado da jarra havia uma caixa de paulownia.

“Bem, você poderia dar uma olhada...”

Ele a havia enviado junto com uma carta há muito tempo, de brincadeira, como se fosse um saque. Ele abriu e encontrou uma única rosa seca. Ele não tinha percebido que manteria sua forma tão bem, apesar de ter secado. Ele pensou na filha, que lhe lembrava a azeda – pata de gato.

Depois daqueles acontecimentos de muito tempo atrás, ele bateu na porta da Casa Verdigris repetidas vezes, sempre se deparando com as recriminações da senhora. ***Não tem***

bebê aqui, vai para casa, gritava ela enquanto o espancava com a vassoura. Ela poderia ser realmente assustadora.

Certa vez, enquanto estava sentado, exausto, com sangue escorrendo pela lateral da cabeça, ele notou uma criança fuçando por perto. Havia grama com algum tipo de flor amarela crescendo perto do prédio. Quando ele perguntou à criança o que ela estava fazendo, ela disse que iria transformar a grama em remédio. Em vez da pedra de Go que esperava ver, ele percebeu um rosto sem emoção.

A menina saiu correndo com dois punhados de grama. Ela estava indo em direção a alguém que mancava como um velho. E o rosto dele, que se poderia esperar que se parecesse com uma pedra Go, em vez disso parecia uma peça Shogi. E não simplesmente um peão ou um cavalo, mas um rei dragão, uma peça poderosa e importante.

Ele sabia agora quem havia aberto a única carta dentre todas as que recebera, e a bolsa suja. Pois aqui estava seu tio Luomen, que havia desaparecido após ser banido do palácio interno. A garota com a pata de gato trotava atrás dele; ele a chamou de Maomao.

Lakan tirou a bolsa suja. Estava ainda mais desgastado do que antes, pois ele sempre a carregava consigo. Ele sabia que os dois objetos parecidos com galhos ainda estariam lá dentro, embrulhados em papel.

A mão de Maomao parecia instável enquanto ela movia as peças. Em parte, isso pode ter acontecido porque ela não jogava muito. Mas em parte era porque ela estava brincando com a mão esquerda. Quando ele olhou para as pontas dos dedos vermelhos, notou que o dedo mínimo daquela mão estava deformado.

Ele não podia culpá-la por odiá-lo. Sem considerar tudo o que ele tinha feito. Mas mesmo assim, ele queria ficar perto dela. Ele estava cansado de uma vida feita apenas de pedras Go e telhas Shogi. Isso lhe deu o incentivo que precisava para recuperar seu direito de primogenitura, expulsar seu meio-irmão e adotar seu sobrinho como seu. Então, no decorrer de muitas negociações com a velha senhora e ao longo de cerca de dez anos, ele pagou com sucesso uma quantia em dinheiro equivalente a duas vezes os danos.

Deve ter sido nessa época que ele finalmente teve permissão para voltar aos quartos. Meimei naturalmente assumiu o papel. Talvez ela estivesse retribuindo por ter lhe ensinado Shogi todos aqueles anos antes.

Lakan continuou a visitá-la repetidas vezes, porque a única coisa que ele queria era estar com sua filha. Infelizmente, um talento que faltava decididamente a Lakan era a capacidade

de compreender como as outras pessoas se sentiam, e repetidamente as coisas que ele fazia pareciam sair pela culatra.

Ele enfiou a bolsa de volta entre as dobras do manto. Talvez fosse hora de desistir, pelo menos desta vez. De alguma forma, porém — chame isso de teimosia —, ele não conseguia deixar o assunto de lado completamente.

Além disso, ele não gostava do homem na companhia dela. Ele ficou muito perto dela e, durante a partida, tocou seus ombros pelo menos três vezes. Lakan ficou irritadamente satisfeito ao ver sua filha afastar a mão todas as vezes.

Tudo bem, como fazer para se sentir um pouco melhor? Lakan pegou a jarra e bebeu o remédio de gosto desagradável. Por mais nojento que fosse, foi sua filha que fez isso sozinha.

Talvez ele passasse algum tempo decidindo como tirar o inseto da flor. Seus pensamentos foram interrompidos quando a porta se abriu com uma batida.

"Finalmente dormiu o suficiente, não é?" uma pedra de Go gritou com voz rouca. Ele percebeu pela voz que era a velha senhora. **"Então você está querendo comprar uma das minhas garotas, não é? Você já deve saber que algumas milhares de prata não vão bastar."**

Ainda mesquinha, como sempre. Lakan segurou a cabeça latejante, mas um sorriso irônico apareceu em seu rosto. Ele colocou o monóculo (que ele usava apenas para causar efeito). **"Tente dez mil. E se isso não bastasse, que tal vinte ou trinta? É certo que cem pode ser um pouco exagerado."** Lakan estremeceu interiormente enquanto falava. Não eram quantias pequenas, mesmo na posição dele. Ele teria que implorar ao sobrinho por um tempo; o menino tinha alguns negócios paralelos que dirigia.

"Bem, tudo bem. Venha por aqui e seja rápido. Vou até deixar você escolher o que você quiser." Ele deixou que a madame o conduzisse até a sala principal do bordel, onde havia uma fileira inteira de pedras de Go vistosamente vestidas. Até Meimei estava misturado entre elas.

"Oh, eu poderia até escolher uma das Três Princesas?"

"Eu disse, o que você gostar e falei sério", a senhora cuspiu na verdade. **"Mas você pode esperar pagar por isso."**

Mesmo com essa dispensa de escolha livre, Lakan enfrentou um problema único. Por mais elegantes que fossem os vestidos das meninas, para ele todas pareciam nada mais do que pedras de Go. Ele praticamente podia ouvir as mulheres sorrindo. Ele podia sentir o cheiro de suas doces fragrâncias. E o caleidoscópio de cores que compunha suas roupas quase o cegou. Mas isso foi tudo. Ele não sentiu nada mais do que isso. Nenhuma delas comoveu o coração de Lakan.

Disseram-lhe para escolher, então ele deve escolher. Depois de comprar a garota, ele poderia fazer o que quisesse com ela. Ele tinha dinheiro suficiente para sustentar uma dama e, se ela estivesse insatisfeita com isso, ele lhe daria algum dinheiro e a deixaria livre para fazer o que quisesse. *Hum, certamente isso seria bom.*

Com isso em mente, ele se virou para Meimei. Ele supôs que foi a culpa que a induziu a ser tão gentil com ele. Se ela não os tivesse deixado naquele dia, talvez nada disso tivesse acontecido. *Seria muito bom*, pensou ele, recompensar a decência dela.

Naquele momento, Meimei falou. **“Mestre Lakan.”** Ele podia ouvir um pequeno sorriso em sua voz. **“Você deve saber que tenho meu orgulho de cortesã. Se eu for o seu desejo, então não hesitarei.”** Dizendo isso, ela foi até a grande janela que dava para o pátio e a abriu. A cortina tremulou e algumas pétalas de flores perdidas entraram na sala. **“Mas se você vai escolher, escolha com os olhos abertos.”**

“Meimei, eu não te dei permissão para abrir aquela janela!”, exclamou a senhora, apressando-se a fechá-la novamente.

Mas Lakan já tinha ouvido, de longe. Risada. Como a risada de uma cortesã, mas de alguma forma mais inocente. Ele pensou ter captado a letra de uma canção infantil.

Seus olhos se arregalaram.

"**O que foi?**" a senhora perguntou desconfiada. Lakan olhou pela janela ornamentada. O canto chegou até eles em pedaços. "**O que você está fazendo?!**" Ficando cada vez mais agitada, ela tentou agarrar a mão dele.

Mas ela chegou tarde demais. Ele pulou pela janela e caiu no chão correndo, correndo obstinadamente em direção à fonte da voz. Ele nunca se arrependeu mais amargamente de não ter se exercitado do que naquele momento. Mesmo assim, ele continuou correndo, mesmo com as pernas ameaçando ceder debaixo dele.

Apesar de todas as vezes que esteve na Casa Verdigris, nunca esteve nesta parte específica dela: um pequeno prédio, quase um galpão de armazenamento, distante da casa principal. Ele podia ouvir a música vindo de dentro.

Tentando impedir que seu coração batesse forte no peito, Lakan abriu a porta. Ele sentiu um odor característico de remédio.

Dentro havia uma mulher emaciada. Seu cabelo circundava sua cabeça, mas não tinha brilho, e seus braços repousavam sobre ela como galhos secos. Ela cheirava a doença. E havia outra coisa: o dedo anelar esquerdo dela estava deformado. Lakan só conseguiu olhar com espanto. Ele percebeu então que sentiu algo em suas bochechas.

A senhora correu. **"O que você está fazendo? Esse é um quarto de doente!"** Ela agarrou a mão dele e tentou arrastá-lo, mas Lakan não se mexeu. Ele estava olhando, fixado na mulher emaciada. **"Vamos, saia daqui. Venha escolher uma das minhas garotas."**

"Sim. Certo. Devo fazer uma escolha." Lakan sentou-se lentamente, sem fazer nenhum esforço para limpar as gotas que transbordavam. A mulher não pareceu notá-lo; ela apenas sorriu e cantou sua musiquinha. Não havia mais nenhum vestígio do porte imperioso ou do olhar zombeteiro. Seu coração voltou a ser o de uma criança inocente. No entanto, apesar de seu estado devastado, para Lakan ela parecia mais bonita do que qualquer pessoa no mundo.

"Essa mulher, senhora. Eu quero essa mulher."

"Não seja estúpido. Volte lá e escolha."

Lakan, porém, enfiou a mão nas dobras de seu manto, tateando até encontrar uma bolsa pesada. Ele puxou-o e colocou-o na mão da mulher. Pareceu despertar seu interesse; ela abriu e olhou para dentro com movimentos rígidos e afetados. Com dedos trêmulos, ela puxou uma pedra de Go.

Talvez tenha sido apenas a sua imaginação que o fez pensar ter visto um rubor momentâneo no rosto dela. Lakan sorriu. **"Esta é a mulher que vou comprar e não me importo quanto custa. Dez mil, vinte, não importa."**

Não havia nada que a velha senhora pudesse dizer sobre isso. Meimei apareceu por trás dela, com o vestido arrastando no chão quando ela entrou na sala para se sentar em frente à mulher doente. Ela pegou a mão ossuda da mulher**. "Se ao menos você tivesse dito o que queria para começar, mana. Por que você não falou antes?"** Meimei parecia estar

chorando; ele percebeu quando ouviu o soluço. **“Por que não deixar isso acabar antes de eu começar a ter esperança?”**

Lakan não entendeu o motivo de Meimei estar chorando. Ele estava ocupado estudando a mulher, que olhava afavelmente para a pedra Go.

Ela era tão linda quanto um bálsamo.

○●○

Eu estou tão cansada...

Maomao lembrou como era cansativo lidar com pessoas com quem ela não estava acostumada. Ela ajudou a levar o homem bêbado com olhos de raposa para um quarto de dormir e agora estava quase tropeçando em casa. Ela já havia se separado de Jinshi e Gaoshun, que tinham seus próprios negócios para resolver. Eles a deixaram com outro funcionário – aquele que a acompanhou durante a investigação de intoxicação alimentar.

Basen, esse era o nome dele. Ela só precisou encontrá-lo várias vezes para começar a se lembrar disso. Era fácil trabalhar com ele: não era efusivo, mas fazia o seu trabalho com atenção e minuciosidade. Foi uma boa combinação para Maomao, que raramente se sentia obrigada a iniciar uma conversa se outra pessoa não o fizesse primeiro.

Vendo ele mais uma vez, porém, lembrou a Maomao que às vezes havia pessoas com quem você simplesmente não se dava bem. Coisas que você simplesmente não conseguia aceitar. Mesmo que a outra pessoa nunca tivesse tido qualquer malícia.

Enquanto ela avançava, Maomao avistou uma comitiva brilhante. No centro, acompanhada por uma mulher do palácio segurando uma sombrinha para ela, estava uma mulher com um vestido luxuoso – Consorte Loulan.

Maomao ouviu alguém estalar a língua. Ela percebeu que Basen estava ao lado dela, observando o grupo com os olhos semicerrados. Ele não pareceu gostar muito. Maomao perguntou-se brevemente porquê, mas depois viu um corpulento oficial da corte parado à espera de Loulan. Ele estava flanqueado por homens que pareciam ajudantes, e havia um grupo de pessoas atrás dele.

Quando Loulan viu o homem corpulento, ela escondeu a boca com um leque e começou a falar com ele de uma maneira obviamente amigável. Apesar de todas as damas de

companhia presentes, Maomao questionou a si mesma se seria realmente correto que qualquer consorte falasse tão intimamente com um homem que não fosse Sua Majestade.

Um sussurro venenoso de Basen, entretanto, respondeu à sua pergunta. **"Malditos conspiradores, pai e filha."**

Então esse deve ser o pai de Loulan, aquele que pressionou para que ela fosse admitida no palácio interno. Maomao tinha ouvido rumores de que o homem tinha sido um conselheiro influente do antigo imperador, mas que o atual governante, que preferia promover pessoas com base no mérito demonstrado, considerava-o tão favoravelmente como um olho roxo.

Mesmo assim, Maomao lançou um olhar a Basen. Ela desejou que ele não falasse mal de um alto funcionário em voz alta, mesmo que ela fosse a única por perto. Se alguém os ouvisse, poderia pensar que ela estava disposta a participar da conversa.

Ele ainda é jovem, eu acho. Olhando para ele, ocorreu-lhe que ele não era muito mais velho que ela.

Foi decidido que Maomao não voltaria para o palácio interno naquela noite, mas sim ficaria na residência de Jinshi.

"E aqui estava eu, com a impressão de que você o desprezava", disse Jinshi lentamente, com os braços cruzados. Ele chegou lá antes dela e estava esperando por ela.

Maomao estava tomando um mingau que Suiren havia preparado. Era falta de educação conversar enquanto se comia, mas ela estava mais interessada em colocar em dia a nutrição que havia perdido durante seu tempo no Palácio de Cristal. Suiren, chocada ao ver Maomao tão magra quando ela reapareceu após seu período longe da residência de Jinshi, não parou no mingau, mas estava produzindo um prato após o outro. Também nisso ela era como as mulheres do Palácio de Jade, não relutando em nenhuma tarefa porque era uma dama de companhia.

"Eu não o desprezo. É precisamente porque ele fez o que fez — e à quem fez — que estou aqui."

"À quem...?", Jinshi parecia estar se perguntando se não haveria uma maneira mais delicada de colocar isso.

Não tenho certeza do que ele quer que eu diga, pensou Maomao. Ela estava apenas dizendo a verdade.

“Não sei como você imagina que funciona o distrito do prazer, mas nenhuma cortesã tem um filho a menos que queira.”

Todas as cortesãs tomavam rotineiramente medicamentos anticoncepcionais ou abortivos. Mesmo que uma criança fosse concebida, havia inúmeras maneiras de interromper a gravidez precocemente. Se dessem à luz, significava que queriam.

“Na verdade, quase se poderia pensar que foi planejado.”

Ao prestar atenção em quando uma mulher teve seu fluxo sanguíneo, foi bastante simples adivinhar quando ela provavelmente engravidaria. Uma cortesã só precisa enviar uma carta alterando a visita do seu parceiro para um dia conveniente.

“Pelo comandante?” Jinshi perguntou enquanto dava uma mordida no lanche que Suiren trouxe para ele.

“As mulheres são criaturas astutas”, respondeu Maomao. Assim, quando sua mira deu errado, ela perdeu o controle de si mesma. Ela estava tão perdida que até estava disposta a se machucar, e pior...

Esse sonho outro dia.

Realmente aconteceu. Não satisfeita em apenas cortar o próprio dedo, a cortesã que dera à luz Maomao também pegou o de sua filha para acrescentar à sua carta.

Ninguém no bordel jamais falou com Maomao sobre a cortesã que a deu à luz. Ela sabia muito bem que a velha senhora havia ordenado que todos permanecessem em silêncio sobre o assunto. Mas apenas a atmosfera do lugar, juntamente com um mínimo de curiosidade, foi suficiente para deixar a verdade clara.

Maomao foi a razão pela qual a Casa Verdigris quase faliu.

Ela também aprendeu que seu pai era um homem excêntrico que amava Go e Shogi - e que tudo o que aconteceu poderia ser atribuído a uma cortesã teimosa e egoísta.

Ela também descobriu outra coisa: a identidade dessa mulher, de quem Maomao sempre soube, não existia mais. A identidade da mulher que, até a humilhação da falta do nariz a deixar louca, sempre se recusou a chegar perto de Maomao.

Aquele idiota de homem. Havia cortesãs melhores! Por que ele simplesmente não comprou uma delas? Isso é o que ele deveria ter feito...

“Mestre Jinshi, aquele homem fala com você em qualquer lugar que não seja no seu escritório?”

Jinshi pensou por um segundo. **“Agora que você mencionou, não.”** O máximo que ele fez, disse Jinshi, foi acenar rapidamente com a cabeça quando eles se cruzaram no corredor. A única vez que o homem o encurralou com conversa foi quando ele apareceu no escritório de Jinshi.

“De vez em quando”, disse Maomao, **“Você encontra alguém que não consegue discernir o rosto das pessoas. Esse homem é um deles.”**

Isso foi algo que o velho de Maomao lhe contou. Ela mesma só acreditou parcialmente, mas quando ele lhe disse que era assim, de alguma forma pareceu fazer sentido.

“Não consegue discernir?” Jinshi disse. **"O que você quer dizer?"**

“Simplesmente o que eu disse. Eles não conseguem juntar rostos. Eles sabem o que é um olho, ou uma boca, e podem perceber essas diferentes partes, mas não as registram de forma agregada como faces distintas.”

Seu velho foi solene ao lhe contar isso. Ele estava comunicando que até ele merecia simpatia, pois havia sofrido muito em sua vida por causa daquilo que não conseguia controlar. No entanto, embora o pai dela fosse compassivo, ele compreendia a situação mais ampla e nunca tentou impedir a velha senhora de expulsar o outro homem do bordel com a vassoura. Ele sabia que o errado era errado.

“Por alguma razão, ele parece reconhecer a mim e ao meu pai adotivo. Acho que é daí que vem essa obsessão teimosa dele.”

Um dia, do nada, um homem estranho apareceu e tentou levá-la embora. A senhora apareceu pouco depois e espancou-o com uma vassoura, e a visão do homem machucado e ensanguentado inspirou medo em seu jovem coração. Qualquer um ficaria assustado com um homem que se aproximasse deles sorrindo enquanto o sangue escorria de seu rosto.

Ele aparecia periodicamente depois disso, sempre fazendo algo inesperado antes de ser mandado para casa em uma bagunça sangrenta. Ensinou-a a não se surpreender com nada, ou pelo menos com muito poucas coisas. O homem continuou se autodenominando pai

dela, mas, no que dizia respeito a Maomao, o pai dela era o "velho" dela, não aquele excêntrico delirante. Ele era, na melhor das hipóteses, o garanhão que a gerou.

Ele estava tentando substituir o velho de Maomao, Luomen, e ser o pai dela, mas Maomao não aceitou. Este era um ponto sobre o qual ela não se curvaria. Todos no bordel disseram a ela que a mulher que a deu à luz havia morrido – assim seria menos problemático. E mesmo que ela estivesse viva, com o que Maomao se importava? Maomao estava com o pai dela; ela era filha de Luomen. E ela estava perfeitamente feliz assim.

Aquele homem não era o único responsável por ela. Na verdade, ela estava grata a ele por esse motivo. Ela não tinha lembranças de sua *mãe*– apenas de um demônio aterrorizante.

Quanto ao que Maomao sentia por Lakan, ela poderia odiá-lo, mas não se ressentia dele. Ele era desajeitado em algumas coisas, mas não era malicioso; mesmo que às vezes ele fosse um pouco dramático demais em suas reações. Se havia uma questão de perdão a ser respondida, bem, havia pelo menos uma pessoa que tinha mais motivos para se ressentir dele do que Maomao.

Talvez a senhora já o tenha perdoado, ela pensou.

Ela se perguntou se o homem teria notado a carta na caixa com a rosa. Foi a maior concessão que Maomao foi capaz de fazer ao seu pai. Bem, se ele não percebeu, tudo bem. Deixe-o comprar a sua simpática irmã cortesã. Isso pode ser o mais feliz possível.

"Não posso deixar de pensar que certamente parecia que você o odiava."

"Isso é simplesmente porque você ainda não o conhece muito bem, Mestre Jinshi."

Quando Maomao tentou entrar na cerimônia, foi Lakan quem a ajudou. Ela suspeitava que ele teve a intuição de que algo iria acontecer. Ele nunca precisou olhar as cenas e reunir evidências como Maomao fez para prever eventos iminentes. Ele parecia simplesmente ter faro para eles. E suas suposições raramente estavam erradas.

"Ele nunca convenceu você a investigar um assunto que de outra forma não faria?" Maomao perguntou.

Jinshi ficou quieto com isso, mas pela maneira como ele sussurrou: **"Então foi isso"**, ela presumiu ter adivinhado corretamente. Talvez ele também tenha sido a razão pela qual Lihaku foi tão rápido em investigar Suirei, e que o Conselho de Justiça respondeu de forma tão eficiente a ela.

O único problema com aquele homem era que, por mais problemas que ele colocasse todo mundo, ele nunca parecia querer levantar um dedo. Imagine o que poderia acontecer se ele estivesse disposto a assumir uma posição pública de vez em quando.

Talvez aquela droga da ressurreição já estivesse ao seu alcance. O pensamento doeu imensamente.

Ele não entendia com que gênio ele foi abençoado. Todo este país tinha poucas pessoas que o seu velho elogiasse tão abertamente e com tanto fervor. Maomao reconheceu esse sentimento: era ciúme.

“Pode ser impossível fazer dele um amigo, mas sugiro que você também não faça dele um inimigo.” Ela quase cuspiu as palavras, então ergueu a mão esquerda e olhou para o dedo mínimo. **“Mestre Jinshi, você sabe de uma coisa?”**

"O que é?"

“Se você cortar a ponta de um dedo, ele crescerá novamente.”

“Você precisa dizer isso enquanto estou comendo?” Ele lançou-lhe um olhar atípico, suas posições habituais invertidas.

“Mais uma coisa, então.”

"Sim, o que?"

“Se aquele homem com seu monóculo alguma vez lhe dissesse para ‘me chamar de papai’, como você se sentiria?”

Jinshi parou por um momento e pareceu profundamente perturbado: outra expressão incomum para ele.

“Meu Deus”, disse Suiren, colocando a mão na boca.

“Suponho que eu gostaria de arrancar aquele monóculo estúpido do rosto dele e quebrá-lo.”

“Espero que sim.”

Jinshi parecia entender o que Maomao queria dizer. Ele sussurrou uma pergunta, algo sobre se era difícil ser pai. Ao lado dele, uma pontada de tristeza passou pelo rosto de Gaoshun. Talvez algo na conversa tenha atingido um nervo.

“Há algum problema?” Maomao perguntou, e Gaoshun olhou para o teto.

"Não. Apenas tenha em mente que nenhum pai no mundo deseja ser insultado”, ele disse suavemente.

Bem agora[*2], Maomao pensou, mas ela apenas levou a colher à boca, determinada a terminar o último mingau.

[1] Persona Non Grata: uma pessoa que não é apreciada e, portanto, indesejável ou inaceitável.
[2] Well now = Bem agora: Pretende transmitir que algo é estranho. Ou simplesmente não ter certeza de como responder a algo que alguém lhe disse.

Epílogo

Vários dias depois de Maomao retornar ao palácio interno chegou uma carta de Meimei, junto com um pacote. A carta explicava exatamente de quem era o contrato e por quem. Devia estar chovendo ou algo assim quando ela escreveu, pois a página estava manchada de gotas.

No pequeno estojo que acompanhava a carta havia um lindo lenço, do tipo que as cortesãs usavam em ocasiões comemorativas. Maomao estava prestes a encerrar o caso novamente, mas pensou melhor. Em vez disso, foi até uma cômoda, um dos móveis de seu pequeno quarto, e começou a procurar algo bem no fundo.

As luzes do bairro do prazer brilhavam à distância. Maomao achou que elas pareciam ainda mais brilhantes e numerosas do que o normal. De seu lugar no topo da parede externa do palácio interno, ela podia ouvir o tilintar dos sinos – cortesãs dançando com seus lenços, ela imaginou. Eles usavam suas roupas mais bonitas, agitavam tecidos longos e esvoaçantes e espalhavam pétalas de flores.

Ser comprado por contrato foi motivo de comemoração. Quando toda a cidade florescia para uma mulher sozinha, as outras flores dançavam para se despedir dela. Haveria vinho e festa, canto e dança. O distrito do prazer nunca dormia, então a farra durava a noite toda.

Quanto a Maomao, ela estava com o lenço fino que Meimei lhe enviara enrolado nos ombros. Ela agarrou-o com os dedos. Sua perna esquerda ainda não estava no seu melhor,

mas ela achou que conseguiria. Ela tirou o roupão e passou um toque de rouge nos lábios. Isso também ela recebeu de Meimei.

Parece algum tipo de piada. Maomao pensou na princesa Fuyou, que no ano anterior fora dada em casamento a um oficial militar, um velho amigo dela. Ela já havia esquecido completamente seus dias no palácio interno? Ou será que ela às vezes se lembrava de como uma vez dançou naquelas paredes, noite após noite?

Agora Maomao faria a mesma coisa que a princesa. Vestida com o lindo vestido que suas irmãs lhe impingiram, ela se lembrou dos primeiros passos da dança que lhe ensinaram há tanto tempo. O rouge que ela recebeu de sua irmã Meimei estava em seus lábios. Pequenos sinos estavam presos às mangas, então ela tilintava a cada movimento. Pequenas pedras foram costuradas na saia longa para que ela ondulasse cada vez que Maomao girasse.

Sua saia circulava ao redor dela, seu cachecol traçava um arco e suas mangas deslizavam pelo ar. Ela deixaria o cabelo solto esta noite, decorando-o com uma única rosa, uma pequena flor tingida de azul.

O lenço dançou; a saia subiu com o tempo; mangas e cabelos esvoaçavam juntos.

Não pensei que isso voltaria para mim tão facilmente, ela refletiu, surpresa ao descobrir que a dança que a velha lhe ensinara ainda estava dentro de si.

Seu cachecol ondulou novamente e então Maomao se viu olhando diretamente para uma companhia muito indesejável. Foi quando ela tropeçou na saia.

Ela caiu de cara e, ao tentar se proteger para não bater com o nariz no chão, caiu direto para a beira da parede. Ela apenas conseguiu se encolher e alguém a puxou para cima.

“O que-O que você está fazendo aqui?”, perguntou o visitante inesperado, respirando com dificuldade. Seu cabelo, cuidadosamente preso, estava uma bagunça agora.

“Eu deveria fazer a mesma pergunta, Mestre Jinshi”, disse Maomao, afastando o vestido. **"Por que você está aqui?"**

Ele a encarou com um olhar exasperado. Ela estava seguramente longe da borda da parede agora, mas por algum motivo ele ainda segurava sua mão. **“Onde mais eu deveria estar? Quando soube que uma mulher estranha estava dançando na parede novamente, tive que resolver o assunto.”**

Huh, e eu pensei que tinha me mantido discreta. Agora que Maomao pensou sobre isso, talvez não devesse ser tão surpreendente que ela tenha sido notada. Ainda assim, isso significava que os guardas ainda acreditavam em fantasmas?

"Agradeço por não aumentar minha carga de trabalho", disse Jinshi, colocando a mão na cabeça de Maomao.

"Certamente você não precisava vir, Mestre Jinshi. Você não poderia ter enviado outra pessoa?". Ela deslizou a cabeça para o lado, longe da mão dele.

"Um guarda muito gentil reconheceu seu rosto e me contatou diretamente", disse Jinshi. Maomao tocou seu rosto. **"Você pode pensar que o que está fazendo é inócuo, mas lembre-se de que não parecerá assim para quem a vê."**

"Como você diz", respondeu Maomao. Um tanto envergonhada, ela coçou a bochecha. Todo esse esforço foi mais difícil do que ela pensava.

"Essa é a minha história", disse Jinshi. **"Agora é sua vez. O que você está fazendo aqui?"**

Depois de um momento, Maomao respondeu: **"No bairro do prazer, dançamos para despedir uma cortesã que foi rescindida de seu contrato. Minha roupa comemorativa chegou hoje mesmo."**

Na verdade, ela queria despedir-se da cortesã que lhe deu as roupas. Meimei manteve-se fiel a Maomao enquanto ela lutava para aprender a dançar. ***"Quero que você consiga dançar direito quando eu partir"***, sempre dizia sua irmã.

Jinshi estava olhando para ela atentamente. **"O que foi, senhor?"** ela perguntou.

"Eu só não sabia que você sabia dançar."

"É uma disciplina básica da educação onde cresci. Eu não poderia deixar de aprender. Embora, admito, nunca tenha sido bom o suficiente para atuar para um cliente pagante."

Mesmo assim, ela disse a ele, às vezes, ao comemorar a partida de uma mulher, o que importava era mais o número de dançarinos do que a qualidade. Quando ela disse isso, Jinshi olhou para as luzes brilhantes do distrito do prazer. **"Os rumores já estão começando além destas paredes. As histórias de como aquele excêntrico comprou uma cortesã."**

"Imagino que sim."

“Além do mais, ele está em licença. Ele planeja se ausentar por dez dias seguidos.”

“Ele sabe como causar problemas.”

Maomao suspeitava que amanhã outro novo boato também começaria. Ela não sabia quanto o velho maluco havia gasto neste banquete, mas a julgar pelo número de lanternas que ela podia ver de seu poleiro na parede, superava em muito o que qualquer um gastaria com uma cortesã comum. A carta de Meimei fazia parecer que haveria banquetes e comemorações suficientes para uma semana inteira. Então as línguas se abanavam: quem diria que não eram só as Três Princesas na Casa Verdigris? Que havia outra cortesã assim lá?

Eu ainda acho que ele deveria ter levado Meimei, Maomao pensou. A doente, devastada pela doença, certamente não tinha muito tempo. Ela certamente não tinha as lembranças daqueles dias longínquos; tudo o que ela sabia era cantar canções infantis e colocar pedras de Go uma ao lado da outra.

Mas aquele homem a encontrou, depois que a velha senhora a escondeu durante todos esses anos.

Eu gostaria que ele não tivesse, Maomao pensou. Então ele poderia ter escolhido sua irmã maravilhosa. Meimei transbordava de talento e ainda era linda; ela teria sido uma excelente esposa. Mas ela é estranha à sua maneira.

Foi Meimei quem primeiro deixou o homem que a madame tanto insultava entrar em seu quarto. Talvez ela pensasse que era a única coisa a ver com a pessoa estranha que continuamente perseguia Maomao. Uma vez que esteve com Meimei, ele não fez nada, apenas falou sem parar sobre Maomao e a mulher que a deu à luz. Às vezes ele se sentava em frente a um tabuleiro de Go, mas eles nunca jogavam juntos. Em vez disso, o homem jogava de memória um jogo atrás do outro.

Pelo menos foi isso que Meimei lhe contou. Maomao não tinha certeza. Talvez Meimei estivesse apenas sendo atenciosa com ela. Mas isso realmente não importava para Maomao. Ela teria ficado feliz o suficiente em ver Meimei ir até aquele homem. Deixando de lado sua personalidade, pelo menos ele tinha muito dinheiro; sua irmã não teria desejado nada em sua vida. Maomao queria saber o que havia para não gostar em sua irmã.

“Não posso deixar de me perguntar quem ele comprou”, disse Jinshi. Ele sabia da aposta, mas evidentemente não imaginava que as comemorações seriam tão importantes. Ele ficou surpreso ao descobrir que o homem era ainda mais excêntrico do que imaginava.

“Sim, eu me pergunto quem poderia ser.”

"Você sabe?"

Em resposta, Maomao apenas fechou os olhos.

“Você sabe, não é?”

“Nenhuma mulher que ele escolheu poderia ser mais linda do que você, Mestre Jinshi.”

"Não foi isso que perguntei."

Ele não nega, porém, ela pensou. Ela suspeitava que Jinshi não era o único que estava se perguntando. Todo o palácio – provavelmente toda a capital – estaria fazendo a mesma pergunta. A cortesã por quem toda aquela agitação estava sendo feita deveria estar vestida de maneira resplandecente, mas ela nunca apareceria em público. Haveria apenas rumores, e eles só cresceriam. As pessoas se perguntavam que mulher poderia ter chamado tanto a atenção de um homem como ele, quão bonita ela deveria ser.

E a velha bruxa não ficará satisfeita, Maomao pensou. As pessoas ainda estariam falando sobre a Casa Verdigris por um bom tempo. Não eram poucos os funcionários que batiam à porta — puramente por curiosidade, é claro.

Todo o corpo de Maomao estava quente. Talvez fosse porque ela não dançava há muito tempo. Seus pés, em particular, formigavam e, quando ela olhou para baixo, viu que sua saia estava tingida de vermelho.

“Oh, merda,” ela disse e agarrou a saia.

“O-o que você está fazendo?!” Jinshi gritou, sua voz arranhando.

Maomao olhou para a perna dela e fez uma careta. O calor se tornou dor. Suas experiências com medicamentos embotaram sua percepção de tais sensações. Ela estava convencida de que o ferimento em sua perna havia cicatrizado completamente, mas sua dança o abriu novamente.

“Huh, acho que abriu de novo...”

“Você age como se tivesse feito isso sozinha!”

“Não se preocupe, vou costurar de volta.” Maomao vasculhou as roupas descartadas e encontrou um pouco de álcool desinfetante e uma agulha e linha.

“Por que você está tão preparada para essa situação exata?!”

"Nunca se sabe." Maomao estava prestes a fazer o primeiro ponto quando Jinshi agarrou a agulha. **“Você não sabe costurar, senhor”,** disse ela.

“Não faça isso aqui!” Assim que ele falou, pegou Maomao nos braços e desceu habilmente pela parede, sem sequer uma escada. Maomao ficou tão atordoada que nem pensou em lutar. Quando chegaram ao chão, ela presumiu que ele a colocaria no chão, mas em vez disso ele continuou a carregá-la, embora a deslocasse um pouco nos braços.

“Por que você está fazendo isso?” ela perguntou.

“Estava ficando difícil segurar você.”

"Então me coloque no chão."

"E deixar você piorar as coisas?" Jinshi franziu os lábios. Ele estava com os braços em volta de Maomao, e ela achou muito desconfortável o quão perto seu rosto estava do dele.

Como faço para acabar nessas situações? ela pensou, mas disse: **“E se alguém nos ver, senhor?”**

“Ninguém nos verá. Está muito escuro. Além disso...” Ele a levantou ligeiramente e ajustou seu aperto para que ela não caísse. **“Essa é a segunda vez que te seguro assim.”**

A *segunda vez*?, ela pensou. *Oh!*

Deve ter sido o dia em que ela machucou a perna. Ela estava inconsciente; alguém a levou para longe do local. Faria muito sentido se fosse Jinshi. O que significaria que ele a pegou na frente de uma multidão inteira de pessoas para uma cerimônia...

Porém, havia algo mais importante, algo que ela estava esquecendo. Ela pretendia dizer isso há muito tempo e se arrependeu profundamente de não ter dito isso antes. Ela pressionou um lenço no sangue que escorria por sua panturrilha.

“Mestre Jinshi”, ela começou. **“Sei que este não é o momento ideal, mas, se me permite, há algo que venho querendo dizer a você há muito tempo.”**

“Por que tão formal de repente?” Jinshi perguntou, um tanto perplexo.

“Senhor, eu simplesmente devo dizer isso.”

"Bem, então, pare com isso!" Jinshi respondeu.

“Muito bem”, disse Maomao, olhando Jinshi bem de frente. **“Senhor... Por favor, me dê meu bezoar de boi.”**

A cabeça de Jinshi bateu na de Maomao com um golpe e ela viu estrelas.

Uma cabeçada! Do nada! Passou pela sua cabeça que talvez ele só a estivesse enganando o tempo todo.

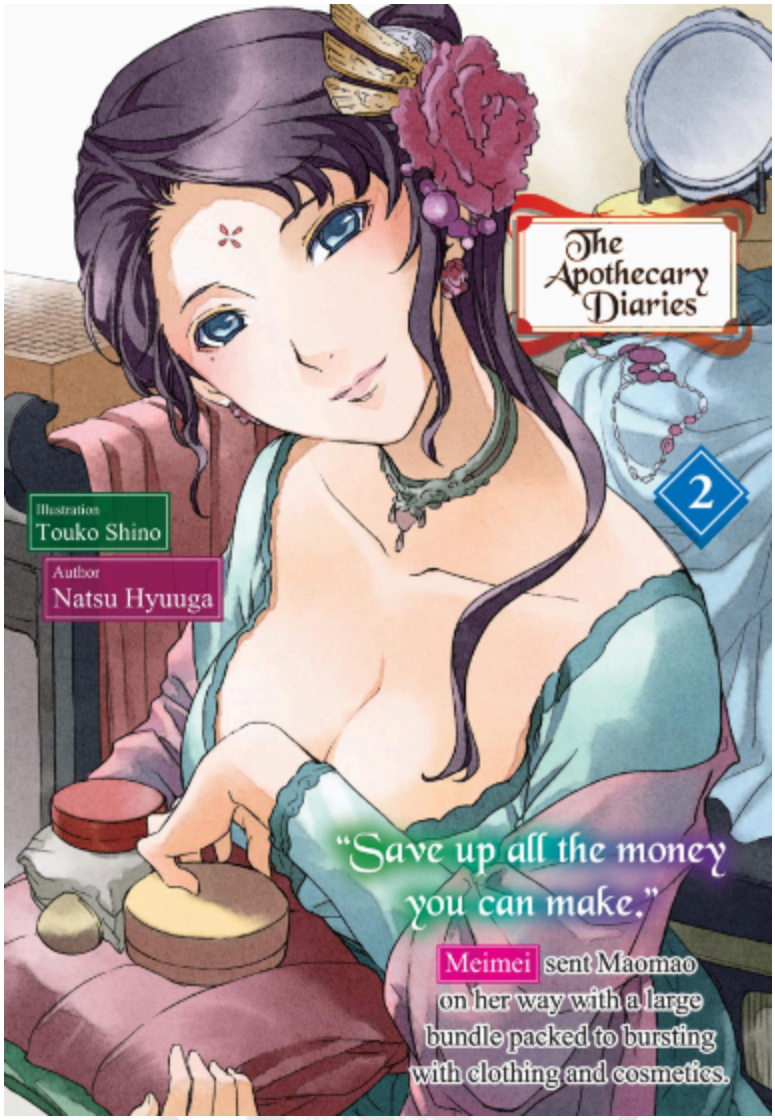
"Senhor, não me diga... Você não tem?"

"Por favor. Certamente você tem um pouco mais de respeito por mim do que isso.” Enquanto Maomao olhava para ele interrogativamente, um leve sorriso cruzou o rosto de Jinshi.

A rápida mudança na expressão do eunuco, de aborrecimento para diversão, lembrou-lhe o quão imaturo ele poderia parecer. Mas, novamente, ela achou mais fácil conversar com ele dessa maneira, ela pensou, enquanto balançava em seus braços.

Ninguém sabia exatamente onde o boato havia começado - mas corria o boato de que algum nobre perdulário do grande país que ocupava o local no meio do continente estava comprando todo tipo de medicamento raro e incomum que conseguia encontrar. Foi durante um chá da tarde que Maomao ouviu pela primeira vez que o escritório de Jinshi estava tão cheio de flores de boas-vindas que ele mal conseguia entrar. Ela apenas deu uma mordida em seu pão de pêssego e comentou: **“Huh”**.

Ilustrações coloridas


The Apothecary Diaries
2
Illustration
Touko Shino
Author
Natsu Hyuuga
"Save up all the money you can make."
Meimei sent Maomao on her way with a large bundle packed to bursting with clothing and cosmetics.

"Western clothing is so cool, though, isn't it?"
said Guiyuan in a mild tone.
When the ladies-in-waiting didn't have much to do, they found themselves chatting in the kitchen.
"I couldn't believe that outfit, could you?"
Yinghua, one of the Jade Pavilion's ladies-in-waiting, said around a mouthful of candy.
"Clothes like that choose their own wearers,"
the lanky Ailan observed.
"Yeah, sure," Maomao said, nodding and privately thinking how she hated to get involved in these spats.